

Manuel de Sa'

Sermões Varios

Libros 1710 - Cont. - oval. es
seguintes sermões pregados na Índia:

- I - Da Conceição de Nossa Senhora.
- II - Do Mandato
- III - De S. Luiz Gonzaga -
- IV - No anniversario de D. Rodrigo da Costa Governador da Índia -
- V - De S.^{to} Allexpo
- VI - De N. Senhora da Ajuda
- VII - " " "
- VIII - Do Apóstolo S. Pedro -
- IX - De N. Senhora do Livramento
- X - De S. Francisco Xavier -
- XI - Do Santo Crucifixo
- XII - Do Apóstolo S. Paulo -
- XIII - De N. Senhora das boas Novas
- XIV - De N. Senhora da Conceição
- XV - De S. Caetano -

C.C.

VII + 354 + III R. (ult. or.)

Este libro noz nesta livraria do Sr. Dr.
M. de S.ª Anna Confeitor e sendo J.º
anno de 1766.

9⁵

BX

3744

.14

52

1710

Two lines out 5 - p. 100 -
J. C. ...

DEC 17 1931
2/27/1904

SERMÕES VARIOS,

Prègados na India a diversos assumptos, & offercidos no primeyro Sermaõ

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

CAYETANO DE MELLO
DE CASTRO,

Viso-Rey, & Capitaõ Géral da India.

PELO PADRE

MANOEL DE SA',

Da Companhia de JESUS, eleyto Patriarca de Ethiopia por S. Magestade, que Deos guarde.



LISBOA,

Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAÕ.
Com todas as licenças necessarias. Anno de 1710.

MEMÓIAS
DE

DE
M. A. DE S. A.

DE S. A.

DE S. A.

DE S. A.



DE S. A.



EXCELLENTISSIMO SENHOR:



Ffereço a V. Excellencia este parto das minhas ignorãcias, já que a desgraça dos tempos nos reduzio a termos, que chegou V. Excellencia a ser assumpto dellas. Havia de ser este Sermaõ rudamente ideado todo panyrico em louvor da Protectora, & Defensora de Portugal, a purissima, & immaculada Senhora da Conceyçaõ; mas obrigado das circunstancias acabou apologetico. Antigamente este era o modo mais recebido, & mais ordinario de prègar deste mysterio; & senaõ foy desagrado de hũa luz sem sombras ser deste modo defendida por seus Oradores, naõ deyxarà agora de ser obsequio, que quando se pertenderaõ escurecer os resplandores de V. Excellencia, ouvesse hũ Capellaõ devoto, & obrigado, que lhe defendesse os luzimentos. Mas quando sem fundamento se opinou mal da Mãe de Deos, grande consolação para os mayores homẽs serem contra toda a razão mal avaliados. Porém qual foy o grande homẽ, que naõ padeceffe este mal? E ter taõ honrados companbeyros mais be felicidade, que desgraça. Os ma-

yores Heroes, só porque o forão, pagàrão este tributo à inveja, & por esta razão ninguem mais justamente lhe devia ser tributario do que V. Excellencia, quem igualou os mayores no merecimento devia correr parellas com elles nas pensoes. E que grande alivio na pena de huma censura mal merecida, poder dizer com o grande Albuquerque: Mal com o Rey por amor dos homens; mal com os homens por amor do Rey! Mas que grande gloria para quem só deseja servir ao Rey, que se descontente o Rey tam bem servido, como mal informado, porque se não contentão os homẽs! A' vista destes descontentes, & em presença delles narrey, o que vay escrito neste papel, porque entrey seguro que nenhum me podia desmentir, & que todos se deviaõ convencer. Confesso que foy com rude estylo, mas como a verdade entãõ se deixa ver com melhor gala, quando apparece mais nua, para que o estylo no que disse se parecesse com o que disse, não era conveniente mais ornato: & quando a minha verdade necessitasse de algum adorno, de todo cederia, para deixar este subsidio aos mentirosos, que tanto necessitãõ de enfeites para vestir o que dizem. Deos os não castigue por semelhantes falsidades, & guarde a pessoa de V. Excellencia, & a prospere com todas as felicidades de que se faz acreedora por taõ heroycas acções, como tem obrado. Hospital Real 9. de Dezembro de 1706.

Beyja os pès a V. Excellencia

O Padre Manoel de Sà.



PROLOGO

A O LEYTOR.



Migo, & benevolo Leytor, offereço ao teu juizo, juntamente á tua censura estes Sermões prègados na India, para que te desenganes, que já tudo nella he pobreza; pois não acharás cousa no que leres, que seja digna de preço. Sey, que muytos se desculpaõ de não imprimirem obras deste genero, porque delle andaõ muytas impressas: mas se comferem continuos os Sermões, que se prègaõ, nem por isso se deyxá de prègar; porque não correrá na impressa a mesma regra? Se os que aqui apresento te contentarem, pois os lanço para amostra, iraõ sahindo outros, advertindo, que não são melhores os que prometto; porque não corto outro pano mais q̃ este grosseyro, mas sempre do mesmo fio. Alguns dos que aqui vam, andaõ por fóra manu-escritos, porque al-

guns amigos me fizeraõ contra minha vontade esta honra ; & porque estarãõ adulterados, lhe torno aqui a dar a propria fórma. Acharás repetidas algũas cousas : se julgares , que foy por me achar com pouco cabedal , já eu disse que tudo era pobreza ; mas porque entendi que era menos mal soffrer a censura, do que fugir á propriedade, por isso não reparey na repetiçaõ. Para dizer algũa coisa com acerto , alguma verás aqui do grande Antonio Vieyra , a quem desejey seguir ; aindaque sempre foy de muyto longe : & se he credito dos Prégadores illustrar os seus Sermões com o que disseraõ outros ; não poderá ser desdouro em mim seguir o que disse o mayor homem, que nos seculos passados conheçeram os pulpitos. Não puz nesta pequena obra Indice de cousas notaveis, porque nenhuma vay aqui, q̃ o seja: não reduzi no fim os textos da Sagrada Escritura, por não tresladar o que já estava escrito. Não digo mais , porque quero ouvir o que me differes ; & com isto me determinarey a dar , ou não dar à estampa os mais Sermões , que me restaõ.

Vale.



EU o Padre Manoel Carvalho da
Companhia de JESUS, Provin-
cial da Provincia de Goa, por especial
concessão que para isso tenho de N. R.
P. Miguel Angelo Tamborino, Pre-
posito Géral, dou licença para que se
imprima este livro, que contém quinze
Sermões prégados, & compostos pe-
lo Padre Manoel de Sá da mesma Cõ-
panhia, os quaes foraõ examinados, &
approvedos por pessoas doutas da mes-
ma Companhia, & por verdade dey
esta assinada com o meu sinal, sellada
com o sello do meu officio. Goa aos 6.
de Julho de 1707.

Manoel Carvalho.

T A B O A

DOS SERMOENS QUE SE CONTEM
neſte Livro.

- S**ermaõ I. de Noſſa Senhora da Conceyçaõ,
pag. 1.
Sermaõ II. do Mandato, pag. 28.
Sermaõ III. do B. Luis Gonzaga, pag. 60.
Sermaõ IV. no Anniverſario de D. Rodrigo da
Coſta, Governador da India, pag. 84.
Sermaõ V. de Santo Aleyxo, pag. 113.
Sermaõ VI. de N. Senhora da Ajuda, pag. 137.
Sermaõ VII. da meſma Senhora, pag. 161.
Sermaõ VIII. do Apoſtolo S. Pedro, pag. 184.
Sermaõ IX. de Noſſa Senhora do Livramento,
pag. 210.
Sermaõ X. de S. Francisco Xavier quando ſe to-
mou por Defenſor da India, pag. 236.
Sermaõ XI. do Santo Crucifixo, pag. 261.
Sermaõ XII. do Apoſtolo S. Paulo, pag. 282.
Sermaõ XIII. de N. Senhora das Boas Novas,
pag. 305.
Sermaõ XIV. de N. Senhora da Conceyçaõ de-
bayxo do titulo do Livramento, pag. 325.
Sermaõ XV. de S. Cayetano, pag. 346.



SERMAM

DE
NOSSA SENHORA

DA
CONCEYÇAM

Padroeyra do Reyno de Portugal na Capella
Real de Goa, governando o Estado da In-
dia o Excellentissimo Senhor Vifo-Rey
Caetano de Mello de Castro.

Anno 1706.

*Judas autem genuit Phares, & Zaram de Tba-
mar. Matth. 1.*

 CONCEY ÇAM
de Maria Santissi-
ma, não como my-
sterio, mas como
obrigação, he a que hoje re-
ligiosa, & piamente vene-

ra o nosso agradecimento.
Digo como obrigação, &
não como mysterio; porque
nesta solemnidade, & nest-
te lugar vay muyta diversi-
dade do nosso obsequio ao

A nos-

nosso reconhecimento. A Conceyção de Maria, como mysterio, he aquelle soberano privilegio, que nenhuma outra pura creatura mereceo mais do que ella, de ser concebida sem a macula do peccado original. Esta excellência he a que hoje reconhece toda a Igreja: esta prerogativa, a que applaude a piedade Catholica, que se não chega ainda a ser de Fé, he para ter nella mayor merecimento a nossa devoção: mas prerogativa, & excellência, que por ser universal pertence a todos.

A Conceyção como obrigação determinada a este lugar, & ao motivo desta solemnidade como proprio assumpto della, he aquelle favor da protecção, com que a Monarchia Portugueza se vê tributaria á sua Padroeyra, & defensora Maria Santissima, a qual com o mesmo privilegio de ser concebida em graça attende á nossa defesa, para ser mayor o empenho da nossa divida, & mais prompto o desempenho do nosso

agradecimento; equivocando tanto esta Senhora na nossa defesa o seu privilegio, que faz muyto parecidas entre si a protecção da nossa Monarchia, & a excellencia com que foy preservada na sua Conceyção.

Em que esteve o privilegio da Conceyção? Esteve em ser Maria Santissima concebida em graça contra todas as leys da natureza, que estava fugeyta ao peccado: & em que está o mayor empenho de nossa obrigação pela nossa defesa? Está em que contra todas as leys da fortuna, ou da desgraça prevaleça sempre Portugal debayxo do patrocinio da Conceyção de Maria. Na Conceyção de Maria prevaleceo a graça á natureza; na conservação de Portugal prevalece o beneficio de huma defesa segura contra a desgraça de hũa fortuna inflavel: a ley havia de incluir a Maria para que contraísse a culpa, se a graça se não oppuzesse á ley; porque como a natureza pelo primeyro peccado

ficou

ficou sem forças , seria tem
duvida vencida , se não ti-
vesse os alentos da graça: a
debilidade de hum Reyno
taõ pequeno como Portu-
gal sem duvida cederia ás
leys do mayor poder , se
por graça da Conceyção de
Maria não ficasse fortaleci-
da a sua pouca força : para-
que daqui entendessemos,
que assim como na geraçõ
de Maria obrou a graça cõ-
tra a ley do peccado ; assim
na nossa conservação obra
o favor desta Senhora con-
tra todas as leys da fortu-
na.

Vamos ao nosso thema,
porque nelle em poucas pa-
lavras se cifra tudo o que
temos dito. *Judas autem
genuit Phares , & Zaram
de Thamar.* Na luta daquel-
les dous irmãos , a quẽ pu-
deramos chamar o signo de
Geminis, Phares, & Zaraõ,
por serem as duas constel-
lações, que com as mais dos
Progenitores de Maria cõ-
corrẽão nella prodigiosa
Conceyção , foy advertir
S. Joã Chrysofomo, que a
contenda , que entre siti-

veram antes de nacerem,
fora symbolo da contenda,
que a graça teve com a ley
na Conceyção de Maria:
*Per geminorum mysterium
gemina describitur vita , al-
tera secundum legem , altera
secundum gratiam ; ideoty-
pus gratie manũ ante præ-
misit , quia altus gratie an-
te præcessit.*

Contendia Phares , &
contendia Zaraõ , diz Sam
Chrysofomo , sobre quem
havia de levar a primoge-
nitura : as leys da natureza
prometiaõ o morgado a hũ;
o privilegio , ou a graça o
prometia , & o procurava
para outro ; & nesta contẽ-
da quem vëceo a ley da na-
tureza , ou o privilegio da
graça? Venceo o privilegio
da graça contra todas as
leys da natureza ; porque
como nesta contenda idea-
va já Deos aquella grande
pendencia, que havia ter o
peccado confôrme a ley, ou
a graça confôrme o privi-
legio na Conceyção de
Maria Santissima ; quiz que
já de antemão se visse que
em Maria se haviaõ de en-

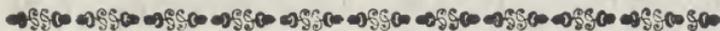
contrar todas as leys para realçarem os seus privilegios.

Dizia a ley, que toda a pura creatura, que descende de Adão, fosse concedida em peccado: este era aquelle rigoroso decreto, que contra todos firmou a Divina Justiça: esta aquella sentença universal, de que ninguem teve izeñção: porém como em Maria Santissima não havia, nem era conveniente que ouvesse ley, que pudesse prevalecer contra a graça; contendeo esta tão vigorosamente, combatco com tam alentados bríos, que triunfando de toda a culpa, tudo na Conceyção desta Senhora foraõ trofeos da graça, o que em todos os mais erão despojos do peccado.

Affim, & desta maneyra com tantas excellencias da graça, cifradas naquellas duas constellações Phares, & Zaráõ, se empregáraõ em Maria Santissima aquellas influencias, que promettiaõ os que como Progenitores côcorreraõ para a sua Con-

ceyção: *Genuit Phares, & Zaram de Thamar*: & affim vemos se tẽ executado em Portugal vivendo, & nascido debaixo da protecção de Maria: porque affim como Maria contra todas as leys sempre permanceo em graça pelo privilegio, com que Deos a defendeo izenta de toda a culpa; affim Portugal pela singular protecção desta Senhora contra todas as leys se conserva, & ha de conservar livre de toda a fugeyção: a graça de Deos em Maria vecendo as leys para a preservar sem peccado; a graça, & protecção de Maria com Portugal vencendo todas as leys, que se podem oppor à nossa conservaço; para que nem a fortuna, nem a desgraça prevaleça contra o favor que nos assiste. Isto mostrará o discurso, nam nos faltando a graça.

Ave Maria.



*Judas autem genuit Phares , & Zaram de
Thamar.*

A Quelle grande prognostico, que nos dous Irmãos Phares , & Zaram prometia, que havia de prevalecer o privilegio da graça contra as leys da culpa em Maria, foy o que venturosamente a assegurava izenta do peccado; & que muyto, que tendo Portugal logo de seu principio outro melhor presagio para a sua conservação, segure as suas melhoras na protecção de Maria concebida sem peccado original, se a mesma purissima Senhora, quando se concebe, ou nace Portugal, he a que logo lhe promete esta grãde ventura?

A occasião, & o tempo em que se concebeo, & naceo o Reyno de Portugal, foy aquella prodigiosa noite, ou venturosa madrugada, quando no Campo de Ourique se firmou, & estabeleceo a Monarchia Lu-

fitana por decreto do mesmo Christo. *Volo in te, & in semine tuo imperium mihi stabilire*, disse o Redemptor do mundo ao nosso primeyro Monarcha D. Affonso Henriques. Mas quem diria considerando as leys da razão, do poder, & da fortuna, & todas as mais q̃ concorriaõ naquellas circumstancias, que Portugal seria Reyno, & que seria Monarchia, quando contra todas as leys se devia entender?

Que he o que se via naquelle Campo? De hũa parte se via o limitado poder dos Portuguezes, & da outra o formidavel exercito de nossos contrarios. Os que menos dizem do numero daquelles barbaros, he que para cada hũ dos poucos Portuguezes haveria cem naquella grande multidão dos Mouros. Agora pergunto: quem á vista des-

te immenso ; & vastissimo corpo de batalha não cõsidera a desigualdade do poder contra aquella pequena porção mais desproporcionada ainda que a pequenez de hum David à vista da grandeza de hum Gigante? E quem estando por aquellas leys , que nas batalhas firmão as sentenças , que são os mais soldados , não daria por condenado a Portugal?

Nas batalhas, que são aquella temeroso jogo da fortuna, assim como sempre se busca o melhor partido, sendo quasi regra infalivel, que quem tem mais braços, tem melhores pulsos ; assim para segurar o partido , a multidão dos combatentes já por si leva a mão no jogo ; & por isso nesta occasião não ha duvida , que pelas leys da razão no numero, pelas do poder na multidão, & pelas da fortuna na segurança , que era a desigualdade do partido, não podia Portugal prevalecer: assim he , se não olharmos para o modo, & para a con-

junção , em que nacia Portugal, pois nascendo debaixo da protecção de Maria concebida sem peccado original , não podiaõ todas aquellas leys prevalecer cõtra o seu favor.

Antes de se chegar a cõtender , que he o que se vio para segurança do nosso Reyno q̃ então nacia ? Apareceo , diz o nosso Invisibilissimo Monarcha no seu testemunho, appareceo hũa luz da parte do Oriente. Não ha figura mais expressa de Maria que a luz, com estes caracteres a vemos escrita , & explicada em todas as escrituras , & nesta com particularidade significava a Maria Santissima em sua Conceyção ; por ser luz da parte do Oriente ; porque não houve instante, em q̃ esta Senhora se pudesse considerar, no qual logo do primeiro da sua Conceyção não fosse luz sem sombra ; em fim luz no Oriente, porque sem macula logo no primcyro instante de seu ser, & taõ revestida dos resplandorès da graça em sua Con-

Da Conceyção de N. Senhora.

Conceyção purissima, quãta era, a que se devia a que tinha Deos escolhido para Mãe sua. E Portugal em seu nascimento, & quando começa a ser Reyno, tem por fiador dos seus augmentos, & por segurança da sua fortuna aquella luz sem sombras, aquelle resplendor sem mancha: pois não tem que recear as leys do poder; porque contra todas essas leys ha de prevalecer o favor, com que accode ao seu amparo, & o toma debayxo da sua protecção Maria Santissima, q̃ não he o seu pequeno numero, o que ha de ser vencido pelas leys da multidão.

Pareceme neste caso, que pôde dizer Portugal, o que em circumstancia muyto semelhante dizia David. Considerando David a especial protecção, com que Deos lhe assistia nas suas batalhas, & contendas, que todas eraõ muyto parecidas ás nossas, sempre desiguas no poder, & iguaes na fortuna: rompo nestas

palavras: *Quoniam non cognovi literaturam, introibo in potentias Domini.* Eu por que não conheci letras, por isso tenho por mim a protecção de Deos. O que na Vulgata he *literaturam*, no texto Original he *numerationem, & computum*. Donde vem a dizer David, que por não olhar para o numero, & para os computos da arismetica, por isso era admitido debayxo da Divina protecção; a qual entam mostrava melhor o seu favor, quando menos reparava no computo, & nos numeros.

E que razão havia aqui de protecção, quando se não reparava, ou se não computava o numero? A mesma razão que no nosso caso. David fallava aqui como Capitão de seu exercito, & do seu povo, que era hum povo escolhido, e assim como o he tambem o Reyno de Portugal: & era aquelle hū exercito, & hum povo favorecido por Deos contra todas aquellas razoens, & leys, que por si pôde allegar

o numero, & ainda a defconfiança bem fundada dos que olhaõ para os poucos na preferença dos muytos.

Por ley certa de arifmetica, & por regra quasi infallivel da milicia o mayor numero vence sempre ao menor: os tres vencem aos dous, os quatro aos tres, & os cinco aos quatro: esta he a ley da natureza nos numeros, esta a regra da milicia no poder, em que o mayor tem conhecidas vantagens; porèm quando Deos ampara, quando Deos favorece, que valem todos effes numeros? O mesmo David o dirá com a sua experiencia ajudada sempre de favor Divino nas batalhas, que teve contra os Filisteos, contra os Moabitas, contra os Siros, & contra os Idumeos, nas quaes sempre com muyto pouco numero de combatentes desbaratou a immensa multidãõ de seus inimigos, naõ fiado no numero de seus soldados, mas confiado na singular protecçaõ, com que Deos o ajudava.

A protecçaõ mais singular de Deos, & por onde sempre acode ao nosso remedio, he aquella, que toda se dispensa, & toda se menea por sua Mãy Sãtissima, como disse a grande luz da Igreja S. Agostinho: *Omnia per manus Mariae*. E tẽdo Portugal por si aquella soberana luz no seu Oriente, & na sua Conceyçaõ, como havia de prevalecer contra elle o numero: ou como naõ havia de ceder o mayor numero ao menor, se necessariamente contra as leys do poder, & contra os decretos do computo, & contra a mayoria do numero estava o favor, & amparo, & a protecçaõ de Maria Santissima concebida sem peccado original?

Mas porque esta luz parece que teve aquella mesma correspondencia, que costumaõ ter os dias na cõta de David: *Dies diei eruetat verbum*: que hum dia he o que dá luz a outro dia, por ser hum a explicaçam do outro; vejamos, para melhor confirmaçaõ do nosso caso,

Da Conceyção de N. Senhora. 9

Apocal.
12.

caso, que nos diz desta luz, outra luz, que vio S. João no seu Apocalypse. Diz S. João, que vio hum grande final: este final era hũa luz grande, porque era huma mulher vestida do Sol, coroadada de Estrellas, & calçada da Lua: *Mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona Stellarum duodecim.* Mas o mayor prodigio, que aqui se vio, he, que tinha hum filho pequeno, que havia de governar o mundo todo: *Qui venturus erat omnes gentes.* Mas logo em nascendo se vio no mayor perigo, porque hum dragaõ terriuel, & espantoso o pertendia tragar: *Draco stetit ante mulierem, ut cum peperisset, filium ejus devoraret.*

Esta luz, que toda era hũ mysterioso enigma do que havia de succeder em Portugal, sem outro commento mais que a sua explicaçam, he tudo o que vamos dizendo. Primeiramente aquella prodigiosa mulher com todas as luzes do Ceo, que são Sol, Lua, & Estrellas, he

Maria Santissima em sua Conceyção, porque foy tal a luz da graça, que resplandecio naquella purissima alma, que excedeo incomparavelmente a luz de todos os mais Santos, porque ou sejaõ taõ puros como o Sol, ou taõ resplandecentes como as Estrellas, ou taõ claros como a Lua, com toda aquella graça que tiveraõ, ou infusa liberalmente por Deos, ou adquirida por seus merecimentos, toda ficava muyto atraz daquelle primeyro instante.

E isto he o que nos advertio o Profeta, considerando o primeyro ser de Maria Santissima a respeito dos mais Santos constituídos já no mayor auge de sua santidade, affirmando que mais estimava Deos a esta Senhora logo nos seus principios, do que todos os mais Santos nos seus augmentos: *Diligit Dominus portas Sion super omnia tabernacula Jacob.* Porque ou tomemos todos os Anjos em todas suas Hierarchias, ou os Patriarchas, & os Profetas,

Psalms
86.

fetas, ou os Apostolos, & os Martyres, ou os Confessores, & as Virgens, que são todas as luzes da graça, que resplandecem diante de Deos, a todas excede, a todas vence, & a todas se adianta Maria em sua Conceyção.

O Filho que havia de reynar em todas as gentes, he aquelle pequeno Reyno Portugal, que logo naceo para Senhor do mundo, estendendo tanto o seu dominio, que em todas as quatro partes se vio, & se vê reconhecido, na Europa, na America, na Africa, & na Asia. O dragaõ que o queria tragar, qual ha de ser, fenaõ aquelle formidavel monstro da seyta, & sequazes de Mafoma, que unidos contra este pequeno filho, como se fo' a hũ pequeno bocado o pertendia engulir, temeroso das ruinas, que de semelhante parto se lhe haviaõ de seguir? Mas oh prodigio do favor, & protecção de Maria, que assim como appareceo como luz, assim soube guiar a este pe-

queno parto do seu amor! & para onde? *Ad Deum, & ad thronum ejus.* Para Deos, & para o seu trono: para Deos, que no mesmo tempo estava traçando a nossa Monarchia; & para o seu trono, que era a sua Cruz, em q̃ se vio pendente nos ares: para Deos, que queria estabelecer hum Reyno; & para o seu trono, que por meyo deste mesmo Reyno havia de ser exaltado, & venerado em todo o mundo: para Deos, que escolhia a Portugal entre todos os mais, como cousa da sua mão; & para o seu trono, cuja magestade, & soberania havia de fazer Portugal reconhecer a todas as gentes.

Estes são os prodigiosos favores da protecção de Maria com Portugal contra todas as leys: que se cõsiderarmos estas, ou seja em quanto favorecem o numero, ou a grandeza, todas davaõ definitiva sentença contra a nossa conservaçoão: quanto ao numero, por sermos taõ poucos: & quanto

á gran-

á grandeza, por ser hũ Rey-
no taõ pequeno; & com me-
nos comparaçãõ ainda da
que pòde ter hum menino
com hum Gigante; ou hũa
tenra creatura com hũ dra-
gaõ horrendo, & temero-
so: mas como o favor de
Maria foy sempre o nosso
mayor poder: *Introibo in
potentias Domini*: como o
seu amparo foy sempre a
nossa mayor defenfa: *Rap-
tus est ad Deum, & ad thro-
num ejus*; por isso contra
todas essas leys, nem o pou-
co numero nos diminuhio
a valia: *Quoniam non cog-
novi literaturam*; nem a pe-
quena estatura nos quebrou
as forças para naõ vencer-
mos debaixo de taõ valero-
sa protecçãõ; porque pre-
valeceo a graça, & triun-
fou o favor.

Mas porque naõ foy es-
ta só a occasiãõ, em que res-
plandeceraõ estes milagres
da graça, deyxando o estylo
de Prégador, havia de seguir
agora os periodos da histo-
ria, para mostrar o que de-
vemos a quem affim nos am-
para. Este dragaõ, que co-

mo outra hydra renovava
as suas forças nos nossos
golpes, naõ só nesta occa-
siãõ quiz tragar este peque-
no parto, & devorar esta
pequena porçaõ; lá tornou
outra vez a produzir huma
nova cabeça, que foy Mira-
molim, q̃ trilhando o Rey-
no todo com quatrocentos
mil cavallos, & quinhentos
mil Infantes, já naõ deyxava
esperança ao nosso re-
medio, mais que a bom li-
vrar a sugeyçãõ de hum ty-
ranno cativeyro: mas entãõ
resplãdeceo de novo a nos-
sa luz, que tirandolhe das
mãos a preza, nos salvou a
liberdade, & as vidas com
hũa prodigiosa vitoria, de
quem foraõ successivos ou-
tros milagrosos triunfos
dos Reys de Sevilha, & de
Jaem, a recuperaçãõ do Al-
garve, & finalmente a to-
tal expulsaõ de nossos con-
trarios: sendo porẽm sem-
pre taõ pouco o nosso po-
der como costumava: mas
como Maria Santissima nos
tinha já tomado debaixo da
sua protecçãõ, essa mesma
era a razaõ para ser o nosso

pouco poder o melhor fiador da nossa felicidade.

O que o Profeta David disse antigamente não só como Profeta dos mysterios, mas como historiador dos successos fallando desta Senhora, & não em outro mysterio, senão no mysterio da Conceyção, foy, que não só havia de pizar o dragão, senão também o leão: *Conculcabis leonem, & draconem*. E isto mesmo he o que dizem os nossos successos: porque vencido, & destruido o dragão, também o Leão experimentou, & padeceo a mesma ruina: quantas vezes o Leão coroadado das Hespanhas desembainhando as garras contra nós, quiz fazer preza em Portugal, outras tantas se vio sem unhas.

Confórme ao computo das nossas historias vinte, & duas foraõ as batalhas, que até o presente se tem dado entre Portugal, & Castella, entrando aqui a porfiada, & antecedente guerra que tivemos vinte, & oito annos cõtinuos, (que não fallo na

presente;) & he cousa admiravel, que sendo sempre desigual o nosso poder, & tendo nós quasi entre os braços este Leão, pois quasi como em cerco nos poz a natureza a respeyto da Hespanha, nunca nos pudeffe levar nas unhas: & qual pôde ser disto a causa, senão aquella occulta, & manifesta influencia, que nos assiste? occulta; porque não acabaõ de entender nossos contrarios, qual he o esforço superior a toda a credulidade que nos assiste: & manifesta; porque a experiencia de tão continuos, & repetidos successos não deyxá duvida a tão patente verdade: porèm o q' elles não entendem, disse já David em tres palavras: *Conculcabis leonem, & draconem*. Que aquella mesma força, aquella mesma protecção, finalmente Maria Santissima da Conceyção Padroeira nossa, q' destruhio o Dragão Africano, essa he a que faz tremer maleitas ao Leão, Hespanhol, tão rompente, & tão generoso em toda Europa,

ropa, mas só com Portugal tão tímido, & tão covarde, não porque eu lhe queira negar o seu valor natural, mas porque contra a sua natureza se oppõe a graça, com que Maria Santissima nos assiste.

Bem sey que me dirão os vistos nas historias, que já este Leão sugeytou a Portugal, & que nesta occasião parece se descuidou de nós a nossa Padroeyra: a q̄ respondendo, que a uniaõ de Portugal a Castella de nenhum modo foy sugeyção: porque esta uniaõ foy por falta de successão, & não foi por força de conquista: donde ficamos em Castella, mas não ficamos de Castella. E que diversidade vay de ficarmos em Castella, & não de Castella? Vay, que ficamos em deposito para nos restituirmos depois a quem pertenciamos: & não ficamos como propriedade para ter em nós dominio: o deposito, ainda que esteja em mão alheya, sempre he de seu dono, & nunca pertence ao depositario: & desta sorte

esteve Portugal em Castella, não como cousa que lhe pertencesse, mas como cousa que devia restituir, & entregar a cujo era: dõde não faltou Maria Santissima no cuydado, que de nós tem: nem deyxou de nos conservar sempre como Reyno seu, & muyto seu.

E para que do mesmo argumento se tire a confirmação, pergunto: quanto durou a uniam de Castella cõ Portugal? Durou em quanto, sem lhe offender os privilegios da Regalia, o conservou Reyno. Quando foy a separação? Quando Hespanha, ou mal atenta à fidelidade com que queria fazer propriedade o que era deposito; ou faltando á sua obrigação, quiz reduzir a Provincia o que era Reyno separado, firmado, & estabelecido por Christo, & defendido por aquella luz, q̄ assistio á sua estabilidade. Não foy logo descuydo da nossa Protectora, antes muyto singular providencia, pois se bem consentio no deposito até ser tempo

de

de se restituir, repugnou á
sugeyção, porque esta nun-
ca ha de succeder; & quãdo
o Leão Hespanhol assim o
cuydou, entãõ he que se vio
pizado, & vencido, & nõs
gloriosos, & triunfantes:
*Conculcabis leonem, & dra-
conem.*

Sendo as historias passa-
das a melhor profecia dos
successos futuros: sendo as
experiencias succedidas o
melhor fiador do que de-
vemos esperar na semelhã-
ça dos mesmos aconteci-
mentos, o mayor escandalo
que tenho contra a nossa
pouca fé he, que vacille, & q̃
desmaye tendo por si tantas
seguranças. Vejo hoje tan-
tas duvidas, vejo hoje tan-
tos reçeyos fundados no
nosso pouco poder, & no
muyto dos nossos contra-
rios, que me venho a per-
suadir, que naõ só obramos
como faltos de Fé, senãõ
tambem como faltos de en-
tendimento: como faltos
de Fé; porque tendo a mes-
ma defensora, & com o
mesmo empenho com que
sempre nos acudio, divi-

damos dos seus auxilios:
como faltos de entendi-
mento; porq̃ sem discorrer-
mos em taõ certos antece-
dentes, tiramos hũa conse-
quencia muito alheya da ra-
zãõ.

Porque sãõ muytos nos-
sos inimigos: porque sam
poucos os nossos soldados;
porque he grande o seu po-
der: porque sãõ limitadas as
nossas forças; esta he a ra-
zãõ da nossa duvida, deven-
do ser o motivo da nossa es-
perança? Sãõ elles por ven-
tura agora mais, & fomos
nõs agora menos? He ago-
ra mayor a sua grandeza, &
a nossa força mais limitada
do que foy sempre em to-
dos aquelles successos? Pois
se agora, como entãõ, temos
por nõs o mesmo patrci-
nio, qual he a razãõ do te-
mor? Eu me persuado que
agora o devemos ter me-
nor: porque agora naõ cõ-
corre só Maria Santissima,
com aquella força, & poder
superior, & occulto, mas a-
inda com outro natural es-
colhido por altissima pro-
videncia para o tempo pre-
sente

sente, para triunfarmos tão to mais gloriosamente, quanto mais nos virmos apertados. Antes de me explicar, quero contar hũa historia, a qual he do livro segundo do Paralipomenon.

Na mayor attenuação em que podia estar o povo Hebreo chegou Sennacherib Rey dos Assyrios para conquistar o Reyno de Israel: o poder dos inimigos era tão grande, que inundava os câpos; & o dos Hebreos tão pequeno, que por opprobrio lhe offerenciaõ os Assyrios dous mil cavallos, para ver se em todo o povo podia haver dous mil homens que os montassem. Que faria Ezechias neste aperto? recolhe-se á Cidade de David, & de novo mandou restaurar a fortaleza Mello, para com ella se defender de seus contrarios: *Instauravitque Mello in Civitate David.*

Duas cousas devemos suppor nesta historia, ambas certas, & verdadeyras: a primeyra, que aquella Cidade de David, a quem o

mesmo Deos por merecimentos do mesmo David tinha tomado debayxo de sua protecção: *Protegam urbem hanc propter David servum meum*, era symbolo de Maria Santissima: a segūda, que tudo o que obrou Ezechias como Rey Santo por quem pelejavaõ os Anjos, era por instinto superior de Deos, a quem recorreo nesta presēte afflicção.

Isto supposto, vay agora a duvida: Se Ezechias contra o poder formidavel de seus inimigos tinha por si a defesa da Cidade de David, por cujos merecimentos occultamente lhe assistia Deos, & o reparo firmissimo de Maria symbolizada na mesma Cidade; para que se ajunta a esta defesa outra exterior, q̄ era o Mello: *Instauravit Mello?* Quem tẽ por si a Maria Santissima, não está seguro, & segurissimo? Não ha duvida: pois para que ordena, & dispoem Deos, que para a segurança desta defesa concorra a Cidade de David, & concorra ja a fortaleza Mello.

Reg. 19.

lo? Nòs decretos livres de Deos não se busca razão: assim ordenou, porque assim era conveniente que fosse: & assim foy, porque os mesmos successos claramente mostráráo que por hũa, & outra defenfa se vio o povo livre, soccorrido, & vitorioso.

Mas se não he atrevimento do discurso humano o querer inquirir os altissimos fins da Divina Providencia, digo que nesta occasião quiz Deos que tivessem os do seu povo duas seguranças, & duas defensas, hũa occulta, que era a protecção superior da Cidade de David, & outra manifesta, que era a exterior assistência daquella forte muralha Mello; porque aindaq̃ Maria como Cidade fortissima por si só podia de fêder aos poucos Israelitas do immenso poder dos Assyrios; quiz Deos, que para a defenfa concorresse tambem outra causa natural disposta naquelle tempo por sua altissima providencia, & por isso com a Cidade de

David pelo que significava, que era Maria Santissima, favorecia, & defendia com a protecção occulta, & sobrenatural aos de seu povo; & com a fortaleza Mello segurava, & amparava o mesmo povo com presidio, & defenfa exterior, patente, & natural.

Assim obrava Deos naquelle tempo com o seu povo escolhido: & sendo nós tambem povo escolhido pelo mesmo Deos, porque não obrará assim? Bem sey que nos cingem nossos contrarios de todas as partes: bẽ sey que são muitos; mas que importa, se no mesmo tempo com defenfa occulta, & com defensor patente nos segura, & nos defende? Aquella Cidade de David não he hoje a que nos ampara? Aquella fortaleza Mello não he hoje o em que se estriba toda a nossa esperança? Não experimentamos hoje as mesmas disposições da Divina Providencia? Pois por que não experimentaremos os mesmos effeytos? Mas não digo bem, que outros
effey-

effeytos se experimentáraõ antigamente, que se não experimentem hoje? Quem contra o orgulho de nossos contrarios foy a nossa segurança, & a nossa defenfa, mais que aquella força occulta da poderosa protecção de Maria, & aquella constancia firme, & manifesta da fortaleza Mello?

Mas não quero deyxar sem reparo, o que entam succedeo, por ser caso muito semelhante ao que hoje vemos. He certo, como cõsta da mesma Escritura, que toda a força dos inimigos se dirigio, & ordenou contra aquelle firmissimo baluarte, a que a mesma Escritura chama Mello, & contra elle se dispuzeraõ as batarias, os assaltos, & todas as machinas militares, que a guerra injusta, & muyto mais o odio podiaõ inventar. E que faria o Rey neste caso? A Escritura o diz: *Agens industriè*: que obrou com grande industria: & qual foy? *Instauravit Mello*: que forneceo, & confervou sempre a sua fortaleza

Mello; como quem sabia q̃ nella depois da fortaleza de David figura de Maria tinha a mayor segurança para vencer, & para triunfar de seus inimigos: assim foy, assim he, & assim serà. Quantas destrezas se não inventáraõ, quantos estratagemas se não fingiraõ, & quantas ciladas se não armáraõ contra esta firmissima torre bastantes a derrubar os bronzes? eu as não especifico, porque ha coufas, que ainda sendo publicas se não devem individuar; mas foy mercè de Deos, que a industria Real tiveffe tanta attenção a esta sua fabrica, & tanto concceyto desta eleyção unica do seu bom discurso, para não consentir que fosse desmantelada, posto que fosse vigorosamente combatida; para que assim se vissem bêlogradas todas as Reaes ideas & disposições, & bem afortunados os successos de todos seus vassallos.

Combinando porem têpos com tempos, acho hũa grande diversidade dos pas-

fados aos presentes : porque lá no governo de Ezechias não houve discrepância nos votos , em que se fizesse toda a hostilidade aos inimigos , & depois de declarada a guerra , ninguém censurou a resolução ; nos nossos , em quanto a guerra se não declarou , tudo eraõ queyxas , avaliando por remissaõ a diffimulaçaõ de tantos insultos feytos por hũ levantado , que não tinha mais grandeza que aquella com q̄ crecco a nossa sombra ; mas tanto que se deu expediente a se castigarem , como castigáraõ , estas demasias com tanta gloria , q̄ anaõ pode desluzir , nem a cavilaçaõ , nem a inveja , tudo foraõ censuras do que se obrava ; tudo temores da nossa ruina , & com tanto assombro , que lá chegáram a meter medo em Portugal ; & com taõ pouca atençaõ , que pertendéraõ defender , a quem nos offendia . Fallo com esta clareza contra o q̄ sempre costumey fazer deste lugar , porque quando a semrazaõ he taõ publica ,

ninguem deve estranhar que seja o desfagravo manifesto , & prouvera a Deos que não houvera taõ qualificadas razões para taõ justa queyxa .

Eu não condeno que tivesse Padrinhos Queymafanto : deyxeyme nomear o afilhado : não condeno , digo , que tivesse Padrinhos , escandalizame porèm , que o não soubessem ser : se o querem bautizar por innocente , eu lho concedo ; mas não posso levar em paciencia , que ponham impedimentos a ser crismado : se o tomam por afilhado , não he justo que lhe neguem ambos os Sacramentos , em q̄ costuma haver Padrinhos : seja innocente pela graça q̄ lhe fazem , & lá o bautizem como quizerem ; mas seja também crismado como merece : porque só desta forte ficará confirmado na vassalagem que deve ao Dominio Portuguez .

O que eu com tudo desejára summamente he , que fossem vérdades todas aquellas imposturas , que se ef-

escreverão nesta materia, & supposto que nenhũ dos presentes as ignora, eu as repito: & quaes são? Que estava a India ameaçada com a mayor ruina, que se podia temer; a qual infallivelmente se havia de experimentar; porque fazer guerra a nossos inimigos era des-pertalos, para que medindo as suas forças com as nossas conhecessem melhor as suas vantagens: que o inimigo que tinhamos por vizinho nos cingia por todas as partes: & que o Mogor por causa das prezas decia com poderosissimos exercitos: que já as terras do Norte sentiam o peso da guerra; porque estavam assoladas, & destruidas: & q̃ o mesmo Queymasanto es-perava huma poderosa armada dos Arabios, que introduzida nos seus portos rinha passagem franca, & sem impedimento para as nossas terras, & como era formidavel o poder, era tambem infallivel ficarmos todos victimas do seu odio, & da tua vingança.

He isto o que se praticou, meus Senhores: que nam allego testemunhas mortas. Acrecento algũa coufa á expressam com que se propoz esta materia? He certo que não, & todos o sabem; pois isto he o que eu desejava fosse verdade, estes exercitos poderosos, mas fingidos, este poder formidavel, mas sonhado, estas grandes armadas, mas no ar: & para que? Para termos mais que agradecer áquella firmissima defenſa da Cidade de David a nossa Protectora Maria Santissima, & áquelle inexpugnavel forte Mello restaurado, ou escolhido com summa industria, & acerto nestes tempos para grãde fortuna de todo este Estado.

Digo com grande fortuna; porque a não he pequena, que o Mogor em lugar das prezas que havia de procurar, solícite, & compre a nossa amizade com franquezas, que nos concede nos seus portos. Os Arabios tam temerosos, que quando correm as nos-

las Costas , mais o fazem
 como ladrões furtivos, que
 comõ soldados resolutos:
 furtão, se podem; & se os
 buscão, fogem a mais não
 poder: finalmente o inimi-
 go que nos cingia já o te-
 mos sem braços , porque
 lhos cortamos , & tantas
 fortalezas como se lhe tem
 arrazado: & sendo a guer-
 ra humanal, que se sus-
 tenta de corpos mortos, ou
 hum jogo, em que se perdẽ
 homẽs vivos, foy a nossa
 com tanta ventura, que nẽ
 como animal nos comeo
 gente, nem como jogo nos
 ganhou vidas: & sendo es-
 ta verdade tam patente, co-
 mo vista com os olhos, será
 desgraça, que haja, quẽ não
 podendo negar o que vê,
 queyra diminuir a gloria de
 tão felices successos, & o
 procedimento de quem os
 obra. Lembrame aqui o que
 nos deyxou advertido o S.
 Job da nossa India: *Tinẽtis*
Indiæ coloribus: que na In-
 dia não ha cousa com a sua
 propria cor, porque sobre
 a cor das cousas se davam
 tintas; & com taes tintas,

Job 28.

como se ha de conhecer o
 zelo da Justiça, se o pintaõ
 como vingança? Como se
 ha de conhecer o desinte-
 resse, a limpeza de mãos, a
 attenção aos benemeritos,
 a rectidão, & tantas acções
 heroycas, como vemos ho-
 je executadas, se tudo vay
 tingido de outra cor, & taõ
 desmentido da verdade, que
 nem por sombras se achou
 a verdade nestes pintores?
 Mas desengane se quem isto
 pertende, que não ha de
 permittir Deos, que o con-
 figa, & que ha de ser conhe-
 cido pela pinta, & se pintar
 como deve, logo verá que
 não são hoje as proezas, q̃
 se obram, & Deos nos con-
 cede de bayxo de hũa, & ou-
 tra defenõ, & protecção de
 que fallamos: de baixo, digo,
 da protecção da Fortaleza
 Maria Santissima, & da de-
 fensã do forte Mello desi-
 guaes daquellas proezas
 antigas, que por tantos cla-
 rins de gloria publicão as
 trombetas da fama.

Parece me que nenhũ dos
 presentes deixa de ter ple-
 na noticia das Chronicas

Por-

Portuguezas, & por isto serão as melhores testemunhas de que não digo couza, que não esteja comprovada com fé publica nos annaes das nossas historias. Como grangearão nome aquelles Heroes, que cõquistáraõ este Oriente? Que outro Rodes era Goa, que o não fosse Amoná? Que mais bronzes se viraõ naquellas torres, que se não vissem nestas ameas? Que Castello de Milão havia em Malaca, em Ceylaõ, em Cochim, em Dio? Que Arrochelas eraõ as praças de Ternate, de Amboyno, de Moçambique, de Mombaça, & de todas as mais, que com gloria incomparavel ganháraõ aquelles primogenitos do Marte Indiano, que lhes não fossem iguaes Bicholim, Pondà, & o inacessivel outeyro de Chandinato? Pois se nos admira o passado, de que não temos mais noticia, que a fama; porque não estimamos, & agradecemos a Deos o presente q̃ vemos com nossos olhos? Se como Catholicos confessa-

mos, & devemos confessar que todas aquellas vitorias devemos á nossa poderosissima defensora, & Padroeira a Virgem immaculada; porque o não confessaremos agora na semelhança de iguaes fortunas? Ella foy a que nos deu os triunfos, de que se honráram os nossos passados: ella a que nos concede semelhante gloria, de que muyto se deviam honrar todos os presentes.

Vejo com tudo que me instão formando argumento do mesmo que acabo de dizer. Se as nossas fortunas dependem da protecção da Virgem immaculada, ella só bastava para as conseguir, & não era necessaria outra força, ou disposiçam externa: mas dado caso, q̃ houvesse de obrar na nossa defensta por algum instrumento; porque ha de ser mais este, do que outro, quando de todos pòde usar igualmente a Providencia Divina? Respondo que não basta serem as vitorias dadas por Deos, para que se

naõ firva nellas das suas creaturas: elle he o que vêce, elle he o que triunfa, mas sempre busca os homês para instrumentos: este he o modo ordinario, com que Deos dispoem ainda aquellas materias, em que procede como Author muyto particular, quaes sam as suas batalhas: & isto o q̃ nos ensinão todas as historias sagradas com os exemplos de Abrahão, Moysés, Josuè, Gedeão, David, & outros Generaes, & Governadores do povo, a quem o mesmo Deos escolheo para gloriosos instrumêtos dos seus triũfos: & sendo Deos o Author de todos, não quiz que sem estes grandes homês, & outros semelhantes a elles, se conseguissem: & proseguindo na mesma fórma, quando por intercessãõ da nossa Protectora immaculada nos concede as vitorias, tambem estas sam por instrumentos humanos; mas não por todos, senão por aquelles, que a Divina Providencia destinou para semelhantes em-

prezas, como sempre se vio, & se vê agora; porque nisto de homens, ainda que sejão grandes homês, nam sey que Deos tem com hũs mais, que com outros, para os successos, que sam proprios da sua Providencia, & da sua disposiçãõ.

Eu me explico. Quando Judas Macabeo Capitão General do povo assombrou o mundo com vitorias, & successos quasi sempre milagrosos, quizerão outros Capitães, em que nam faltava o valor, seguindo tam gloriosos exemplos, & esperando semelhante fortuna, continuar os mesmos successos, & consta da mesma Escritura, que os animosos eram Joseph, & Azarias, homês resolutos, prudentes, amigos da honra, & da fama, & o que he mais, zelosos da honra de Deos, & que julgavam de si, que nam farião menos do que vião fazer a quem actualmente governava: & quando de todas estas prendas, & talentos se podiam esperar grandes progressos, q̃ he

1. Ma-
cb. 5.

he o que succedeo? *Fugati sunt Josephus, & Azarias usque ad fines Judææ, & ceciderunt die illo ad duo milia, & facta est fuga magna in populo.* O que succedeo foy perderse a batalha, arriscarse o Estado, ficando vencido o exercito, mortos os melhores soldados; que sempre os melhores são os que morrem: em fim tudo perdido.

Oh valhame Deos! E q̄ segredos são estes da Divina Providencia? Não era esta guerra a mesma na causa, que a guerra de Judas, hũa, & outra em honra do mesmo Deos, & em defensão do mesmo povo? Nos que aspiravaõ ao governo nem faltava o valor, & o desejo da honra, nem tampouco a prudencia, porque vendo a consternaçam dos inimigos á vista dos successos de Judas, com boa illação os podiaõ esperar muito felices: que motivo logo pôde haver, para q̄ governando Judas vença o povo, & governando Azarias seja vencido, sendo a

guerra feyta por causa do mesmo Deos, & por Generaes de conhecido zelo, & valor com soldados da mesma nação? *Ipsi autem non erant de semine virorum illorum, per quos salus facta est in Israel.* A disparidade, Senhores; de huns a outros successos diz a Escritura, q̄ toda esteve na diversidade do governo: governar que Deos tinha escolhido, ou não tinha escolhido para vencer: & para fallar mais arrimado ao texto, & mais conforme á frase da terra: porque os vencidos nam eraõ da casta daquelles, que Deos tinha escolhido para vencedores: *Non erant de semine illorum.* Os triunfos são hũa gloria, a mayor que se pôde lograr neste mundo; & assim como Deos tem predestinados para a Bemaventurança, assim tẽ eleytos para as vitorias, & por isso nem todos são para vencer: ha casta que vence, & ha casta q̄ não vence; porque ainda que Deos seja o que triunfa, como obra pelas suas creaturas, poden-

Ibid.

do usar de todas igualmente, foy vontade sua fazer entre ellas esta differença, que huns nas batalhas colheſſem as palmas, & outros os cocos: & aqui não ha mais que fazer, ſenaõ ter paciencia, & persuadirſe, que não pôde hũ fazer o meſmo que outros, por mais conceyto que de ſi tenha.

O que até agora nos diſſe a Eſcritura, he o meſmo que vemos no noſſo caſo. Maria Santiffima, & immaculada foy, he, & ſerá ſempre a noſſa Protecçõra, como eſperamos da ſua piedade; mas como obra por instrumentos com a meſma alternativa de ſucceſſos, q̄ na ſucceſſaõ dos tempos ſe tem experimentado, vemos em huns vitorias, & felicidades, em outros perdas, & infortunios, não porque faltasse nos instrumentos a capacidade, mas porq̄ lhes faltou a eleyçãõ: ſeria negar as luzes ao Sol, o reſplendor ás Eſtrellas, nam conceder a todos os q̄ empunhãrãõ o baſtam deſte

governo do ſeu principio até agora, & os que daqui por diãte o podem menear, o valor, o zelo, a reſoluçãõ, & todos aquelles attributos, que fazem hum Heroe a todas as luzes grãde: mas que havemos de dizer, ſendo a noſſa Protecçõra, & Padroeyra a meſma em tanta variedade de ſucceſſos, triunfando agora, & não triunfando em outros tempos, militando todos debayxo do meſmo patrocínio, & pela meſma cauſa, que he a honra de Deos, ſenão: *Ipsi autem non erant de semine virorum illorum, per quos salus facta est in Israel?* Que hũs naceraõ para vencer, & outros não, & dè graças a Deos quem naceo com eſta dita, que lha nam ha de tirar a inveja: tenha paciencia quem naceo ſem ella, porque iſto lhe não ha de ſervir de deſdouro, pois he mercè que Deos concede a hũs, & não concede a outros: & persuadaſe què cuyda que pôde fazer o meſmo, que ſe engana, ſe não tiver certeza que he dos

dos escolhidos para estas grandes emprezas, como são as que hoje logramos: & saibão todos os que este instrumento virem, que não pôde haver mayor escandalo da razam, que desestimarmos a ventura, q̄ Deos nos concedeo no estado presente, pois nisto obramos de forte, que nós mesmos nos não entendemos no que queremos, & não queremos.

Considero tal a implicancia da nossa vontade nestas circumstancias, que de nenhũ modo lhe posso conciliar os affectos. Se perguntar aos mais, & aos menos zelosos, que he o que desejão; não ha duvida que responderão, que desejão triunfos gloriosos, successos prosperos, & felices: isto he certo: & não he tambem certo, que não concede Deos estas felicidades, senão por meynos humanos, & não por todos, senão por aquelles, que destinou para as nossas melhoras? Pois suspiramos pelas vitorias, & conspiramos contra o

instrumento dellas? Queremos os fins, & não queremos os meynos? E querer fim sem meynos não he implicancia, & tão grande, & tão impossivel, que toda a omnipotencia a não vence? Oh se olhassemos para o q̄ nos convem despendo outro qualquer affecto, ou da emulaçãõ, ou da inveja, que diversos seriam os nossos desejos, & que concordés as nossas vontades! Quantas graças dariamos a Deos, & a sua Mãe immaculada, & Protectora nossa por nos chegar a tempo, em que para tanto bem usa de hũ instrumento tão capaz, & de hum varaõ daquella casta, que traz a fortuna a soldo!

E supposto que tudo isto seja verdadeiramente admiravel, a mim me não causa admiraçãõ, porque sey que toda esta ventura nos estava já prognosticada logo que Maria se fez a nossa defensora. Figura propria, & muyto propria da Conceyçãõ foy aquella fortissima torre de David, & não só da Conceyçãõ, senão

com

com muyta especialidade da Conceyção defensora: porque assim como significava a Conceyção, por ser Torre que nunca se rendeo ao inimigo; assim significava a Conceyção defensora: porque ella era a que defendia os que se recolhiam no seu recinto: *Sicut turris David...que edificata est cum propugnaculis.*

Cant.
4.

He Maria como Torre de David, diz o Espirito S. invencivel em si pelo que tem de forte, & defensora dos mais pelo que tem de amparo. Mas como defendia esta Torre aos que buscavao o seu abrigo? O mesmo Espirito Santo o diz: *Mille clypei pendent ex ea, omnis armatura fortium.* O modo era defender com escudos. E que cousa são os escudos, senam as aroelas, que com gloria immortal fervem de braço illustre a quem nos defende? Deste esclarecido braço, & destas nobilissimas armas he que se ajuda hoje a nossa defensora: destes escudos, ou destas roelas para as eter-

nizar nos bronzes immortaes da fama, he que fórma a nossa defensão. E com quãta razaõ podiam as roelas dos Castros gravar por timbre hũa Torre, que topeasse nas Estrellas, já que a Torre de David, a mayor maravilha que Deos creou, se serve dellas, não só conseguindo vitorias, mas alcançando triunfos sem sangue, que he cortar palmas sem ciprestes; ouvir repiques sem sinaes! E quẽ vio mayor felicidade?

E contra quem assim obra são as censuras taõ injustas como falsas. Oh não permitta a misericordia Divina, que execute a Divina Justiça o rigor, que merece esta sem-razão, que sendo taõ patente, está clamando ao Ceo huma severa vingança! E vòs immaculada Protectora nossa, que até agora nos defendestes de nossos inimigos, defendeynos agora de nós mesmos, pois nós mesmos fomos os nossos mayores contrarios. Bem merecia o nosso pouco agradecimen-

to que não continuaffeis a nossa protecção , pois tam pouco reconhecemos o beneficio, que nos fizestes, em nos dar sugeyto, que externamente promovesse o vosso patrocínio; mas tambem fey que o vosso coração não he de vinganças, & por isso espero na vossa piedade, que nos haveis de conservar este beneficio, até que succeda outro igual; (que se nos não cegar a payxão , he o mayor bem , que podemos desejar) para que em quanto aqui vivermos, experimentemos a vossa protecção cõ felicissimos successos na vida, & na morte achemos a vossa intercessão com muyta graça, penhora gloria, &c.





SERMAM

DO

MANDATO

Prègado na Igreja da Casa Professa de Goa,
Anno de 1687.

Sciens JESUS quia venit hora ejus, cùm dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos. Joan. 13.

I **D**epois que Deos teve tempo, tã-bem o seu amor teve horas, mas horas tam crecidas, que sempre tive-raõ em augmento as finezas. De ter amado tomou motivo para amar: *Cùm dilexisset, dilexit*; & de amar para amar foy toda a conjugação deste Divino Verbo, & do tempo da sua hora.

Em si buscou o motivo, quando em nõs só havia razão para sermos aborrecidos; & como o motivo era tam grande, chegou seu amor ao summo. Quem pintou o amor menino, pintou o amor humano, porque o amor humano sempre foy amor pequeno: ninguemo vio amor, que o visse muy crecido. O amor mais crecido,

eido , que lemos nas Eſcrituras, foy o amor de Jacob, & o mayor encarecimento que nellas tem he chegar a ſete annos; mas por mais idade que tiueſſe, nunca havia de chegar a ter eſtatura perfeita. A eſtatura perfeita he aquella, que não pôde crescer mais, & nunca o amor dos homens chegou a ter tal eſtatura; porque não houve até agora quẽ amaſſe tanto, que nam pudeſſe crescer mais o ſeu amor.

2 Todo o amor dos homẽs pôde augmentarſe, & crescer; & amor, que pôde augmentarſe, he pequeno; amor que pôde crescer, he menino. Mas não havia de ſer aſſim para ſer perfeito. O amor para ſer perfeito, nem ſe ha de poder augmentar, nem ha de poder diminuirſe: ſe ſe pôde diminuir, não he firme; ſe pôde augmentarſe, não he grãde; ſer pequeno, & inconfitante, he o mayor deſar do amor: & para os ſabios nos advertirem, que não ha no mundo amor ſemſdeſeytos, pintarão o amor menino,

para que na idade viſſemos a inconftancia, na eſtatura a pequenez, & em hũa, & outra a imperfeyçã do amor profano.

3 Amor grande, & amor firme he ſó aquelle, que não pôde ter augmentos, nem padecer diminuiçoens; o tal he o amor de Chriſto: diſſe o S. Joã em poucas palavras: *Cum dilexiſſet ſuos, in finem dilexit eos.* Como amaſſe os ſeus, amou-os até o fim. Aquella palavra (*in finem*) cuydava eu que queria dizer, até o fim da vida; mas deſenganou-me Santo Thomàs, que tem por menoscabo das grandes finezas de Chriſto darlhes taõ curtas medidas:

Absit ut dilectionem morte ſ. Tho
ſnuerit, qui non eſt morte fi. in Cate-
nitus. Quem não acabou cõ na hic.

a morte, não pôde chegar ao fim de ſeu amor com o fim da vida: mas aquelle fim, diz S. Joã Chryſoſtomo, não ſignifica o fim da vida, ſenaõ o fim do amor: *Dile-*

xit in finem, ideſt, in finem a- Chryſ.
moris. Amou-nos Chriſto, apud
diz hum, & outro S. Joã, c Alap.
hic.

Evan-

Evangelista, & o Chryfotomo; porèm de tal sorte nos amou, que chegou cõ seu amor ao fim, & este he o mayor encarecimento do amor.

4. Amar atè o fim da vida ainda he pouco, porque depois da morte ainda pòde haver amor, & a razão he; porque como o amor seja propriedade da alma, & a alma ainda depois da morte dura, em quanto houver alma, pòde haver amor: mas amar atè o fim do amor, he amar perfeitamente, porque atè o fim he aonde pòde chegar o amor: este he o ponto fixo; porque atè aqui pòde haver augmentos, daqui por diante não se pòde passar. Depois do fim não se pòde ir adiante, assim como no principio se não pòde começar atraz: se começastes no principio, não pòde ser menos; se chegastes atè o fim, não pòde ser mais: só cõ esta differença, q̃ no principio se não podeis começar atraz, podeis ir adiante atè o fim; porèm no fim,

nem para traz, nem para diante podeis ir. Voltar atraz he imperfeição, ou pela mudança que argue, ou pela inconstancia que suppoem: continuar adiante depois do fim he impossivel; porque atè aqui, & não mais; & atè aqui, & não mais o amor de Christo; este o non plus ultra de suas finezas, este o fim de seu querer, & este será também o fim a que ha de caminhar o discursor.

5. Bem sey, meu amoroso Deos, que indo no alcance de vosso amor sempre hey de ficar muytos passos atraz, mas consolome, Senhor, que não ferey eu o primeyro. Lá quiz correr parelhas com vosco huma alma, a quem vós amaistes: *Trabe me, post te curremus*; mas por mais agigantados que deu os passos, por mais q̃ o teu affecto corria: *curremus*, o mais a que se adiantou foy ficar atraz: *post te*; & se quem corria nas azas de seu amor vos não podia dar alcance, como pòde presumir igualarvos quem

Cant. I.

quem só vem a discorrer tibiamente? Donde daqui protesto, meu Deos, que por mais que diga de vosso amor, sempre direy o menos de vossas finezas, porque tudo o que disser he pouco em comparaçã do muyto que nos amastes: mas já que vosso amor cortou hoje a gala da paciencia, & fez garbo do sofrimento, tende Senhor paciencia para sofrer a tibieza de meus affectos, o limitado de meus discursos, & a rudeza de minhas palavras, em que só

poderá haver aquella graça, que vòs lhe cõunicardes; esta vos peço por intercessã de vossa Mãy Santissima, & creyo que ma nam podeis negar hoje com esta valia, porque se algũ tempo vos escusastes a hũa petiçã sua, por não ser chegada a vossa hora: *Nondũ Joan. venit hora mea*; hoje não tẽ lugar esta desculpa, porque hoje he o dia da vossa hora: *Quia venit hora ejus*, para me concederdes esta graça.

Ave Maria.



Sciens JESUS quia venit hora ejus, &c.

6 **A**mar até não mais, ou pôde ser por excessõ de quem ama, ou por defeyto de quem he amado: & temos os dous extremos deste amor excessivo, que chegou a fazer os mayores extremos por nos amar: o primeyro extremo, amar até não mais por excessõ da parte de Deos: o segundo extremo, amar até

naõ mais por defeyto da parte dos homẽs. Ambos estes extremos fundaremos no nosso thema, tornemos a repetillo, que he muyto para o trazermos na lembrança, & gravarmos nos corações. *Sciens Jesus quia venit hora ejus*. Sabendo o Senhor Jesus, que era chegada a sua hora. *Cum dilexisset suos, qui erãt in mundo.*

Zia
Chryf.
Theoph.
Euthym
August.
Mald.
ALap.
Sylv.
Vieyra,
Ormaç.

do. Como amasse aos seus, que estavaõ no mundo. *In finem dilexit eos.* Amou-os atè o fim. Aquellas palavras, *Qui erant in mundo*, no sentir de muytos Expositores, ou se podem entender pelos que estavaõ no mundo, ou pelos que amavaõ o mundo, ou pelos que ficavaõ no mundo: & a todos amou Christo taõ perfeytamente, & chegou com elles tanto ao fim do seu amor, & atè o não mais de suas finezas, que não podia haver amor mais perfeyto, nem amando aos que estavaõ no mundo, nem amando aos que amavaõ o mundo, nem amando aos que ficavaõ no mundo. Temos o assumpto dividido: vamos por partes.

7 Primeyramente foy o amor de Christo em tudo perfeyto, em tudo consummado, & chegou ao mais a que podia chegar, amando aos que estavaõ no mundo, disse já Guerrico Abbade:

Guer.
Serm.
Ascens. *Hinc illud est cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos: tunc enim*

omnem vim amoris effudit. Amou atè o fim aos que estavaõ no mundo, porque atè o fim chegou com o ultimo esforço de seu amor. E em que esteve aqui este fim taõ grande do amor, & estes alentos tam esforçados de suas finezas? O nosso thema o diz: *Sciens Jesus in finem dilexit*: esteve na complicação do *sciens cõ o dilexit*; avinculou no fim as luzes de sabio com os ardores de amante, & ficou amor consumado, ou amor perfeyto, como lhe chamou Theofilato: *Perfectam charitatem ostendit.*

Theoph.
in Ca-
ren. D.
Thom.

8 Juizo houve já, & o mais applaudido dos Pulpitos, o Padre Vieyra digo, que julgou não haver amor, aonde não heuvesse sciencia; & a razão aponta elle; porque em quem ama, quantas partes houver de ignorancia, tantas lhe faltarám de amor, & assim como a ignorancia na offensa diminue o delito, assim a ignorancia no amor diminue o mercimento. Quem ignorando offendeo, em ri-
gor

Cant.
2.

gor nam he delinquente; qu em ignorando amou, em rigor não he amante; logo para o amor estar em seu auge, ha de estar a sciencia em seu ponto. Lá enfermou a Esposa dos Cantares: *Amore languet*, & o Divino Esposo, que lhe conhecia o achaque, acudiolhe com o remedio á cabeça: *Læva ejus sub capite meo*. Sendo a doença do peyto, o remedio se applicou á cabeça; porque para esforçar o amor, he necessario confortar a sciencia: & como o Divino Esposo tinha tanto conhecimento do achaque, achou, que só confortando a sciencia, lhe esforçaria as finezas; porque era força que fraqueassem os affectos, se vacillava o juizo.

9 Com tudo isto parecer assim, eu acho tanta força na parte contraria, que me persuado, que o entendimento junto com a vontade, amor juto com saber, são duas cousas incompativeis, & as mais repugnantes entre si. A venda nos olhos he a consequencia do

amor no peyto; porque que teve o peyto mais patente ao amor, esse teve os olhos mais tapados ao saber. O amor será doçura, será cezaõ, será crescimento no peyto; mas quem periga nesta doença, neste crescimento, & nesta cezaõ, não he o peyto, he a cabeça. Das labaredas, em que arde o coração, sente o juizo os fumos, que o perturbam; porque quanto mais se accende o amor, tanto mais se apaga a luz da razão; & para que isto não pareça dito sem fundamêto, do mesmo exemplo nos havemos de valer para o desempenho.

10 Enfermou, he verdade, a Alma Santa de hum crescimento de seu amor: *Amore languet*, & acudiolhe o Esposo a sustentar a cabeça: *Læva ejus sub capite meo*. Pois se a doença está no peyto, as dores como são da cabeça? E se o achaque he mal do coração; porque se applica o remedio á cabeça? Oh que ahi he o perigo nas doenças do

C

amor

amor: aquella febre do peito foy a causa deste frenesi da cabeça: & era impossivel não haver delirios no juizo, havendo deliquios na vontade; porque quem corre perigo nas doenças do amor, he o entendimento. Em quanto a Esposa não teve os affectos no peyto, não sentio taes effeytos na cabeça, porque até alli não tinha nada contra si o juizo; logo as faltas do juizo provieraõ das sobras do amor. No peyto se atea a causa, mas na cabeça rebenta o mal; porque estar firme no amor, & não andar com a cabeça ás voltas, he impossivel: sempre foy antecedente de tresviar nos discursos, o não variar nos affectos.

II E se quando hum amor achaca de languido: *Amore languero*, assim offende a sciencia; que ferà hũ amor grande, hum amor perfeyto, & hum amor esforçado: *Omnē vim amoris*? parece que, ou se ha de dar amor, ou ha de haver sciencia; pois ambos não po-

dem estar juntos. Quem quizer ser sabio, condene-se a não amar: quem quizer amar, condene-se a enlouquer: & que sendo isto assim: que não podendo Christo deyxar de saber, & podendo, & tendo muytas razoës para deyxar de amar, fosse tam grande a força de seu amor, que por não deyxar de amar venceffe esta repugnancia! Bravo affecto, porfiado empenho, excessivo amor!

12 Mas para particularizarmos mais este excessivo, vamos seguindo a sciencia, & o amor de Christo. A sciencia, & mais o amor ambos caminháraõ ao mesmo fim: *Sciens in finem dilexit*. Ambos se occupáram com os que estavaõ no mundo: *Qui erant in mundo*; a sciencia comprehendendo, & o amor prendendo-se: & que se prenda o amor de Christo com agrados, quando a sciencia lhe mostra tãtos aggravos, até aqui amor; porque até aqui houve a mayor repugnancia entre o amar, & o saber. Pa-

ra amar, & mais saber, hase de saber amar, & saber amar he conhecer as razões que movem a vontade, & seguir os affectos, que regula o entendimento; & aqui todas as razoes, que conhecia o entendimento, eraõ contrarias á vontade, todos os affectos, que se seguião á vontade, eraõ contrarios á razam. Nos que estavam no mundo: *Qui erant in mundo*, o que o entendimento conhecia, era o odio, & era a ingravidam; o odio accefo, a ingravidam picada; o odio preparando hũa Cruz para o Calvario, a ingravidão tecendo huma coroa de espinhos para o pretorio; o odio contando cinco milagoutes, a ingravidão apontando tres cravos; o odio gizando huma purpura para o ludibrio, a ingravidão brandindo hũa lança ao peyto; em fim ambos cortando cordeis para as mãos, ajustando a venda para os olhos, & refinando o fél para a bocca; & que á vista de tudo isto, & conhecendo a sciencia es-

tes excessos da crueldade, obre a vontade os extremos da ternura, & se deliberem a sciencia, & o amor a chegar até o fim: *Sciens in finem dilexit!* este he o fim a que só Deos podia chegar; porque este he o prodigio do mayor excessõ do seu amor.

13 *Wadam, & Videbo Exod. visionem hanc magnam. Von cap. 3.* ver este prodigio, disse lá Moysés no monte Oreb vêdo abrazar se hũa Çarça. Perguntemos agora a Moysés em que esteve aqui o prodigio. *Apparuit Dominus in flamma ignis de medio rubi, & videbat quòd rubus arderet.* Esteve o prodigio em ver ao Senhor cheyo de luzes, & q̄ em hũa Çarça de espinhos se abraçava? Sim: mas qual he aqui o espanto, as luzes em que Deos está: *In flamma ignis;* ou os ardores em que se abraza: *Quòd rubus arderet?* Nada d'isto separado, diz Moysés; mas tudo junto: he estar Deos em hũa Çarça de espinhos com tanta luz, & tantos ardores; he

Ibid.

encontrarse a luz da sciencia com os ardores do amor na Çarça, em que se estava descobrindo claramente os espinhos, & em q̄ se não divisavam mais que os abrolhos; & que á vista de tantos espinhos se apure a sciencia em chammas: *Inflamma ignis*, & se despique o amor em ardores: *Quòd rubus arderet*; encõtre a sciencia espinhos, padeça a vontade incendios! grande prodigio: *Visionem banc magnam*.

14 Muyto o encareceo Moysés, mas muyto mais o encareceo a noffo intento o mesmo Deos. *Ne appropies huc*. Moysés, diz Deos da Çarça, Moysés não chegues aqui: & porque Senhor até alli pôde chegar Moysés, & até aqui porque não pôde chegar? Porque até aqui só Deos chega; amar, & saber á vista de tantos espinhos, tantas resistencias, tantos desvios, tantas esquivanças, tantos aggravos, tantas ingratições, he só para Deos, & a taes extremos só elle pôde

chegar, & outro não. Pafemos agora do monte Oreb para o Olivete, da Çarça para o Cenaculo: que grande visaõ, que grande prodigio, que excessivo amor! Com que espinhos não picava o odio? com q̄ finezas se não despicava o amor? com que aggravos se não armava a ingratição? com que agrados se não reparava o amor? com que rigores não resistia o odio? com que ternuras não conquistava o amor? com que asperezas não batalhava a ingratição? com que brandura não combatia o amor? que lanças não brandia o odio? que lanços não usava o amor? de que prisoes não cuydava a ingratição? & de que laços se não prendia o amor? Antes quanto mais se refinava o odio, mais se afinava o amor: quanto era a crueldade mais féra, era a brandura mais humana: & haverá quem chegue até aqui, senão fosse hum Deos tão defamado como amoroso?

15 O mayor amor sem

controversia que lemos na Escritura, foy o daquella Alma Santa, que como foy a que mais se esmerou nestes affectos, não he muyto que nos sirva muytas vezes para estes extremos: mas em que estiverão os excessos deste amor? Ella o dirá em varias vezes que o encarece: *Dilectus meus mi-*

Cant. 2. *hi, & ego illi.* Meu Divino Esposo ama-me a mim, & eu a elle, & porque me ama, o amo: *Ego dilecto meo, & dilectus meus mihi.* Eu tenho

Cant. 6. tal correspondencia com meu Esposo, que lhe não fico a dever nada, porque se me corresponde a meus agradados, tambem lhe respondo a suas finezas, & porque me não falta nas finezas, tambem lhe não falta nos agradados: *Ego dilecto meo, & ad me conversio ejus.*

Cant. 7. Sabeis quam grande he o meu amor? pois adverti, q̄ qualquer excesso de meu Esposo tem de minha parte hum extremo: & as nossas competencias são não ficar nenhum de nós atraz nos affectos, porque são iguaes

as correspondencias. Onde se bem advertimos, todas estas vezes, que sam todas as que encareceo a Esposa seus empenhos, não fez outra cousa mais, que declarar-nos seu grãde amor, & o mais qualificado de suas finezas, que chegáraõ a não haver em seu Esposo razãõ para o amar, que ella não tomasse por motivo para o querer; & este foy o mayor extremo a que na sua opiniaõ se podia chegar, amar por todas as razoes, que havia para amar, & por tal o encareceo a Esposa taõ repetidas vezes.

16 Mas que tibia andou nestes incendios, que pouco fervorosa nestes ardores, quando o amor nestes casos mais era pagar obrigaçoens, do que encarecer finezas! Verse amada, & corresponder, he divida, porque he pagar ao amor, o que se lhe deve; que amor com amor se paga. Quem ganhou por mão em amar, esse invidou os restos ao amor, & lhe ganhou os invites, disse Santo Agostinho:

August.
apud
Vieyr.
tom. 4.
Ser. 3.

*N*ulla maior ad amorē invidiatio, quā amore prævenire. Quereis fazer hum invite ao amor: *ad amorem invitatio?* pois amay primeyro: *amore prævenire*, & q̄ se seguirá daqui: hũa obrigação de que vos paguem na mesma moeda a ganancia, com que vos anticipastes; porque não pôde haver quē se não perca por vós, pois assim lhe soubestes com tanto lucro invidar os restos: *Et nimis durus est, qui si dilectionem nolebat impendere, nolit rependere.*

Ibidem.

17 Ora cotejemos agora este amor da Esposa como o amor de Christo: o amar quando me amão, & amar quando me aborrecē: amar pelas razoēs, que ha para amar, & amar pelas razoens, que ha para aborrecer. Amar sendo amado he obrigação da vôtade; amar sendo aborrecido he excesso da fineza: amar quando me amão, he pagar hũa divida a que estou obrigado; amar quando me aborrecem, he obrigarme a mim mesmo a pagar duas dividas:

porque he pagar hũa divida a meu amor pela parte de quem amo para satisfazer ao aggravo, & he pagar outra divida da minha parte para satisfazer á queyxa. Quando amo a quem me aborrece, está o amor aggravado, & queyxofo: aggravado da parte do objecto, porque nam corresponde; queyxofo da minha parte, porque ainda amo; & todas estas dividas satisfaz quem ama sendo aborrecido: satisfaz ao aggravo da parte de quem o aborrece, para que o amor se não queyxe; satisfaz á queyxa de sua parte, para que o amor se não aggrave: & a tudo isto, se obrigou a satisfazer, & a tudo satisfez Christo: porque satisfez aos aggravos de seu amor pela parte dos homēs, que o aborreciam; & satisfez á queixa do mesmo amor pela sua parte, porque ainda os amava.

18 Grande reparo fiz sempre no modo, com que nos encareceo 'o Evangelista o amor de Christo. *Cum dilexisset, dilexit:* Como a-

masse

masse, amou. E para que são estas duas repetições? Para mostrar a vehemencia, diga que amou com excesso; para mostrar a fineza, diga que amou com extremo; & para mostrar a perfeição, diga que amou até o fim: mas como amasse, amou? Sim, & com grande energia, como quem tanto conhecimento tinha do peyto de Christo. Se Christo amasse sendo amado, bastava que o Evangelista nos dissesse q̄ amou, & quando amasse muito, para nos mostrar a vehemencia; acreditaria o excesso; para nos mostrar a fineza, qualificaria o extremo; & para nos mostrar a perfeição, explicaria o fim: mas como Christo amou sendo aborrecido, repetio a fineza para nos declarar a satisfação do amor.

19 Estava o amor de Christo aggravado, & quixoso; aggravado da parte dos homẽs, & queyoso da parte de Christo; & era necessario q̄ lhe satisfizessem estas duas dividas, & como Christo as satisfazia ambas

por isso o Evangelista disse, que como amasse, amou: *Cum dilexisset, dilexit*; porque no *dilexisset* satisfazia hũa, no *dilexit* pagava outra: no *dilexisset* pagava a correspondencia, no *dilexit* satisfazia á queyxa: no *dilexisset* acodia ao desempenho, no *dilexit* vencida a repugnancia: no *dilexisset* recompensava o aggravado, no *dilexit* moderava o sentimento: no *dilexisset* aliviava a dor de mal correspondido, no *dilexit* esforçava os affectos de amante: no *dilexisset* empenhava as finezas, no *dilexit* acreditava a resolução: no *dilexisset* acabava a resistencia, no *dilexit* saboreava a violencia: no *dilexisset*, & no *dilexit* pagava por si, & por nós: por nós a ingratitude, com que o aborreciamos; por si a continuação com q̄ amava; & haverá quem chegue a este *dilexisset*, & a este *dilexit*: a este amar aggravado, a este amar queyoso, a este amar aborrecido, a este amar sem nenhũa razão de amar? Vejaõ como

fica longe a Esposa: *Ne appropies huc*. Vejaõ como fica muyto ao principio deste fim no cabo de tantas finezas: *In finem dilexit*; porque saber amar nestas circumstancias só he para hũa vontade tam amorosa de Christo, que poem o ultimo termo de seu amor em termos tam contrarios á sua razãõ, em extremos taõ distantes do saber, & do amar: *Sciens dilexit in finem*.

20 Eu não sey nestas circumstancias quem chegou mais depressa ao fim, se a sciencia, se o amor. O entendimento, & mais a vontade ambos caminhavaõ ao mesmo fim, a vontade corria em seus affectos, o entendimento discorria em seus dictames, mas ambos com diverso successo; porque o entendimento acabou de discorrer em nõs, & a vontade continuou em correr com nõsco: o entendimento já não achava motivos para amar, & por isso acabou de discorrer; a vontade ainda tinha alento para querer, & por isso

continuou em correr: & que fez a vontade para que o entendimento não parasse? Levou apos si o entendimento. Porque o entendimento não achava razões, havia a vontade de inclinar-se á razãõ, & seguir o entendimento, mas a inclinação da vontade em amar fez que o entendimento se inclinasse tambem, & a seguisse.

21 Na Cruz, que foy a balança, em que mais fielmente se pezou este amor, se deu tambem o pezo a esta inclinação. Morre Christo na Cruz, & diz o texto, que inclinára a cabeça para o peyto: *Inclinato capite*: que Christo tivesse inclinado o coraçãõ, bem o temos visto; mas que incline a cabeça para o peyto, que mysterio pôde ter? Muyto, & muyto grande. O peyto he o lugar do amor, o centro dos affectos, o manancial das finezas: a cabeça he o trono do entendimento, o deposito da sciencia, & o archivo da razãõ; & foy tal o pezo do amor, com que

fe inclinou o coração, & vontade de Christo: *Amor meus, pondus meū*, que chegou a obrar aquella inclinação da cabeça, & da sciencia. Na Cruz juntamente sabia Christo, & juntamente amava; mas com esta differença, que a sciencia não achava já razão para amar, porque nos homens tudo eraõ ingratidões; & o coração ainda tinha inclinação para querer, porque nelle tudo eraõ affectos; & foy tal a inclinação do peito, que fez inclinar a cabeça. Mudáraõ aqui os officios o entendimento, & a vontade: a vontade para amar ha de seguir os dictames da razão; mas como era tam pouca a razão, & era tanta a vontade de amar, chegou a razão a seguir os impulsos da vontade. Hey de amar, dizia a vontade: não ha motivo affirmava o entendimento: ha em mim inclinação, replicava a vontade: não reconheço razão, contendia o entendimento: eu a tenho, instava a vontade. E qual he? perguntava o en-

tendimento. He o mesmo aborrecimento dos homens, respondia a vontade, o qual me faz mayor pezo, & por isso me inclino a elles. A este pezo se não pode ter o entendimento, & aqui abayxou Christo a cabeça, aqui a inclinou para o peyto, seguindo a sciencia a inclinação da vontade; sugeytando os discursos á força dos affectos, & a razão á valentia do amor: *Inclinato capite*.

22 He tão grande a repugnancia, que ha em amar hum objecto, em quem o entendimento não vê razão para o amar, que os Filosophos julgão que he impossivel á vontade vencer esta repugnancia; porém depois que o amor de Christo venceu este impossivel, ainda se esforçou a vencer outro mayor nesta inclinação que fez, que foy amar pelas mesmas razões, que tinha para aborrecer. Amar sem razão nem motivo para o amor, he impossivel; mas muyto mais impossivel he amar pelas mesmas razões

zões de aborrecer, & fazer que os incentivos do odio sejaõ motivos para o amor. Isto não só he amar até o fim, mas cõtra o fim do mesmo amor. Mas que muyto que não soffresse a força do amor de Christo deyxarse vencer do nosso odio, & quizesse chegar o seu amor para com-nosco até onde chegou o nosso odio para com elle?

23 O amor, & mais o odio com nunca se correrẽ bem, hoje correraõ parellhas; & correraõ tanto ambos, que não só correraõ até o fim, mas contra o mesmo fim correraõ. O fim do amor he amar pelas razões que ha para amar: o fim do odio he aborrecer pelas razões que ha para aborrecer, & aqui cada hum foy contra o seu fim; porque o odio aborreceo pelas razões que havia para amar; & o amor amou pelas razões, que havia para aborrecer: & ambos foraõ contra o seu fim; porque ambos foram contra a razam. Os homens aborreceram a

Christo até o fim; porque chegou seu odio ao mais a que podia chegar; mas não parando aqui, contra o mesmo fim o aborreceraõ, porque lhe quizerãõ mal pelas mesmas razoens que havia para lhe quererem bem: & Christo depois de ter amado os homẽs até o fim, pois os amou com todo o amor, tambem contra o fim os amou; porque os amou pelos mesmos motivos, que havia para os aborrecer. Os homẽs, diz Christo, aborrecem-me contra o fim do mesmo odio, que he aborrecer pelas razões, que ha para amar: pois hey de a-mallos cõtra o fim do mesmo amor, q he quererlhes bem pelas razoens, que ha para lhes querer mal. De sorte, que chegou a oppor hũ fim a outro fim; hũ *infinem* de amar, a hum *in finem* de odio.

24 *Ab Deum non natura, sed & emulatione benefici-* Theoph.
cum! Ah Deos, disse aqui apud
 por encarcimento Theo- Ormaq.
 filato: ah Deos não só por cap. 1.
 natureza, mas por emula §. 17.

ção amoroso! Isto he amor, ou porfia? Meu JESUS, isto he amar, ou competir? isto he affecção, ou teyma? isto tão finezas, ou emulação? He amor, meu Deos, mas tão grande que parece porfia; he amor, mas tam excessivo, que parece teyma; he amor, mas tam forte, que parece emulação; he amor, mas tam valente, que parece competencia; he amor, mas tão apostado, tão valente, tão forte, tão excessivo, & tão grande, que he necessario usar de vocabulos, de competencia, de emulação, de teyma, & de porfia para explicar a grandeza, o excesso, a valentia, & o não mais deste amor: *Hinc illud est: Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in fine dilexit eos: tunc enim omnem vim amoris effudit.*

25 O segundo excesso com que o amor de Christo chegou ao fim, & até o não mais de amar: *In finem dilexit*, foy, porque amou aos que amavaõ o mundo: *qui erant in mundo*. Grande fineza, crescido empenho, &

excesso sobre excesso! Não se contentou o amor Divino em competir com nosso odio, tambem os seus excessos quizeram competir com nossos defeytos. Eram da nossa parte os defeytos sobre os defeytos, & foraõ da parte de Christo os excessos sobre os excessos. Não podia haver amor com mayores defeytos, que o amor dos homens empregado no mundo: *qui erant in mundo*; nem excesso mayor do amor de Christo, que empregar-se em fugeytos tam divertidos com cuydados tão mal empregados. Não ha mayor secura de affectos, que amar a hum mundo tão esteril de bẽs, & deixar de amar a hum Deos tão fecundo de beneficios. Não ha mayor resistencia, que contrapor o amor do mundo ao amor de Deos; mas naquellas securas crescerãõ mais os incendios; nestas resistencias se esforçãõ mais os ardores Divinos, para dos nossos defeytos se acreditarem mais os seus excessos.

26 Do seu amor disse Christo que era fogo : *Ignē veni mittere in terram.* E bem , meu Deos, o vosso amor he fogo , & nõs somos barro , & quereis que nos a-brandemos a vossos incendios, & que nõ resistamos a vossos ardores ? Isso nõ: porque isso he ir contra a nossa natureza; porque o barro quanto mais se abraza, mais se endurece; & assim que quanto mais nos quizerdes abraçar em vossas chãmas, mais duros nos haveis de achar em nosso barro, grosseyro alsim por natureza inflexivel por condiçaõ ; põde quebrar o barro com o fogo , mas a-brandarse nõ: quebrados sim nos vereis , & muy quebrados sempre com vosco; mas brandos nõ: & já que nos fizestes de barro, tende santa paciencia, que nos haveis de achar sempre grosseyros.

27 Mas porque razaõ comparou Christo o seu amor ao elemento do fogo? O mesmo Christo o disse: *E: quid volonisi ut accenda-*

tur? Porque quero que se accenda, & cresça. Mas agora cresce mais a duvida: & os outros elementos nõ crescem tambem? nõ cresce a agua com as correntes, & o vento com os impulsos? deyxemos a terra , que he muyto rasteyra para cõparaçaõ taõ levantada. Assim he que tambem os outros elementos crescem; mas nam crescem como o fogo. A agua cresce com as correntes , & o vento com os impulsos; mas com as securas amaynaõ as correntes da agua ; com as resistências quebram os impulsos do vento. O vento, se houver quem o mova, veloeis forte ; se houver quem lhe resista, veloeis quebrado. A agua se tiver correntes, velaeis crescida; se lhe faltarem as correntes , velaeis parada. Nãõ he assim o fogo, porque nas mayores securas mais aceso ; nas mayores resistencias mais activo. A lenha mais seca he a materia mais disposta para o fogo : a torre mais firme , a mayor lisonja para o rayo.

rayo. E tal he o amor de Christo para os homens: quando os homẽs estavam mais secos a suas finezas, entãõ se accẽdia mais o seu amor: quando os homens mais resistiaõ a seus agradados, entãõ se esforçavam mais os seus affectos. Nam esperava que da nossa parte houvesse razaõ que o moveesse para ter impulsos; nõ quebrou com-nosco, porque lhe resistiamos: nõ esperava que nos corresse-mos bem com elle, para elle correr bem com-nosco: nem parou, porque nõs nõ corremos, que isto seria amor tibio, & frio como agua, ou mudavel, & inconstante como vento. Era activo como fogo, alentavase em nossas resistencias, accendia-se em nossas securas, & dos nossos aggravos formava as suas finezas, dos nossos defeitos os seus excessos, & dos nossos desprimores os seus augmentos.

28 Porẽm todos estes augmentos eram necessarios para nõ declinarem

os crescimentos em que ardia aquelle coraçãõ amoroso, dandolhe nõs tanta causa para que remittisse os incendios. Em Christo ver q os homẽs amavaõ o mundo, via que antepunham o amor do mundo a seu amor; & ver seu amor posposto ao amor do mundo, argumento era de pouca estimaçaõ, que delle faziamos: & no amor o ver-se posposto a outros cuydados, he a mais certa consequencia de acabar.

29 Lá pedio o Esposo dos Cantares aquella Alma tam querida sua, que lhe desse hũa palavra, ou, como querem algũs, que lhe cantasse hũa letra: *Quae habitas in hortis, amici auscultant: fac me audire vocem tuam.* Dizey algũa cousa, que nos entretenha, porque tenho aqui huns amigos, que nos ouvem. E que responderia a Esposa? *Fuge dilectem mi.* Ay, ide-vos embora Esposo meu. Como assim, Esposa Santa? este he o descante, que dais a vosso Esposo, quando affectuoso

Cant. 8.

vos

vos roga? Este he o contraponto das finezas, contrapor vossas esquivanças a seus agrados, vossos devios a sua ternura? elle vos roga que entoeis, & vòs desconcordais? Ay, idevos. Não sabeis, que na musica do amor se não admittem estas falsas; & que são muyto asperas estas vozes para a sua Solfa? Assim he: mas tambem he certo, que não pode neste caso fazer outra cousa a Esposa: & porque? *Amici auscultant*; porque vio que o Esposo confessava outros cuidados, & vendo que seu Esposo antepunha outro amor ao seu, deu o ultimo vale a seus empenhos. E bem, Esposo meu, não sabeis, que o amor he hũ respeyto, que só na correspondencia se guarda; & vòs dizeyse, que outrem vos leva os cuydados, *amici auscultant*? pois a Deos: *Fuge*; porque já se acabou o nosso amor.

30 Assim o disse, & cõ estes ultimos accentos se acabáraõ os Cantares, que são o livro dos amores;

porque não ha amor; que não acabe em vendo a outro preferido. Em todos estes cantares tinha a Esposa na consonancia das vozes entoado a concordia dos corações; mas vendo, que hum amor tão fino chegava hoje a desafinar, & que perdia o compasso, que até alli guardára na igualdade, cõ que lhe correspondia seu Esposo, com o ultimo suspiro, em que espirou o amor, coma cithara já destemperada entoou com voz desfalecida hum Ay, & hũ I levos: Ay idevos. O ay foy o sentimento do peyto, o idevos, a defuniaõ dos coraçõens: o ay foy a dor, o idevos o apartamento: o ay foy a queyxa, o idevos a resolução: o ay foy a lastima, o idevos, o nunca mais: o ay foy a violencia, o idevos, o acabouse: o ay foy a pena com que se tocou a cithara, o idevos, o golpe que quebrou as cordas, ou que fez as quebras dos coraçõens. Ay idevos, suspirou a Esposa, & espirou o amor: desfaleceo o peyto, & faleceo

Ecce a affeyção. Este foy o fim, que teve hum amor tão forte, como a morte: *Fortis est ut mors dilectio*; que não pode ter mais vida, vendo que se lhe preferia outro amor: *Amici auscultant.*

31 Mas não foy este o fim, que teve o amor de Christo mais forte que a mesma morte, pois teve novos alentos donde qualquer outro amor, que não fosse seu, havia de acabar. Fim teve tambem, não porque acabasse, mas porque chegou á mayor perfeição a que podia chegar: não porque parasse donde tanta razão havia para não ir adiante; mas porque chegou até o não mais. O amor da Esposa acabou vendo outro amor preferido; o amor de Christo esforçou mais os alentos vendose desprezado, & sendo tam diversos no fim hum, & outro amor, o amor da Esposa, & o amor de Christo, ainda nesta grande diversidade houve outra mayor; porque o amor da Esposa acabou por ver outro pre-

ferido, o qual a podia igualar nas prendas; mas o amor de Christo não acabou vendose desprezado, nam por outro que o pudesse igualar, porque isto era impossível; mas por hum tam desigual, qual era o mundo: *Qui erant in mundo*: & que por hum mundo tão disforme, tam torpe, & tam vil deyxem os homēs a Christo, & não deixe Christo aos homēs! que amor ha q̄ possa aqui chegar, quando o mais encarecido, que foy o da Esposa, acabou tanto atraz? Que morra Christo pelos homens, quando os homēs morrem pelo mundo; isto nam só he amor grande, mas parece, & he nimiedade de amor.

32 São Paulo fallando do amor de Christo chama-lhe nimio: *Propter nimiam charitatem qua dilexit nos.* E em que esteve aqui a nimiedade do amor: O mesmo Apostolo o diz: *Cum essemus mortui peccatis, convivificavit nos.* Esteve em vir morrer pelos homēs, quando os homēs morrião pelo pec-

Ad E²
phes. 2^o

peccado. Morrer por quem morre por mim, isso he amor; porém morrer por quem morre por outrem, isso he nimiedade. Vir Deos morrer pelos homês, quando os homês morrião pelo peccado, isso he excessõ do amor: *Propter nimiam charitatem*. Mas elle será nimiedade, elle será excessõ, mas o certo he, que he o mayor amor a que se podia chegar.

33 Lá dizia eu, que fora grande fineza amarnos Christo sabendo que o aborreciamos; & se houvermos de estimar esta fineza a respeyto dos sujeitos por quem se obrava, he certo, q̄ amar sendo aborrecido he o mais qualificado da affeyção: porém comparando amor com amor: amar a ingratos, ou amar a quẽ ama a outro: amar aborrecido, ou amar desprezado; pôde ser problema: qual he mais, amar a quem por outro me deyxã; ou amar a quem me aborrece? E que sente mais o amor, ver-se desprezado, ou ver-se abor-

recido? Eu digo, que mais he amar a quem por outro me deyxã, do que amar a quem me quer mal: amar desprezado, do que amar aborrecido. Ora dem-me atençaõ, que pôde ser, que nunca ouvissẽ excitar a questaõ nestes termos, & daqui se poderá collegir de algum modo quam grande foy o amor de Christo amando aos que amavaõ ao mundo. Digo pois, q̄ mais he amar a quem por outro me deixa, do que amar a quẽ me aborrece: ou amar desprezado, do que amar aborrecido, que he o mesmo. Ora vejaõ.

34 O aborrecimento com que o inimigo me offende, he tiro que me faz ao coração, o desprezo he golpe, que se dà no affecto; & mais sente o amor os golpes do affecto, do que as feridas do peyto: razão: porque as feridas do peyto opoem-se á vida, & sem vida pôde-se amar; porque se pôde amar depois da morte: os golpes do affecto mataõ a vontade, & quem tira
a vi-

a vida á vontade, tambem tira a vida ao amor. Mais: o negar a correspondencia ao amor, he negarlhe huma divida; o preferirlhe outros cuydados, he fazerlhe hũa injuria; & mais sente o amor a injuria, que se lhe faz, do que a divida, que se lhe nega: razão: porque como o amor nada tenha de interesseyro, facilmente pôde perdoar huma divida, mas como tenha muyto de nobre, não pôde sofrer hũa injuria. Mais: amar a quẽ me aborrece, he ser humano com quem o não he comigo; amar a quem me despreza, he ser cruel para mim, porque he fomentar incentivos a meus pezares: & o ser humano, he ser homem; o ser cruel, he ser féra; & menos he fazerme humano com outro, que fazerme féra comigo: razão: porque para ser humano com outro basta seguir a propensão, ou inclinação natural de homem; & para ser féra comigo, hey de vencer a repugnancia da mesma natureza.

35 Mais: amar a quem me aborrece he acto de generosidade; amar a quem me despreza he avaliar em pouco as finezas; & quam facil he ao amor ser generoso, tam difficultoso lhe he o ser em pouco avaliado: razão: porque para ser generoso segue o amor o seu timbre, que ainda que se fugeyte nos obsequios da vontade, sempre affecta a ventajarse nas demonstrações da fineza, & para sofrer os desprezos vence a repugnancia; & seguir a inclinação he natural, vencer a repugnancia he violento. A que se acrescenta, que quem sofre aggravos de quem o aborrece, acredita o valor: quem passa pelas esquivanças de quem o despreza, descredita as finezas; porque sofre preferidas outras correspondencias, & o amor quanto preza o valor, tanto estima o credito, & se por valeroso pôde amar aborrecido, por nobre não pôde querer desprezado. Mais: quem ama aborrecido, ainda vive na

lembrança de quem o aborrece: quem ama desprezado, morre na memoria de quem lhe prefere outros cuydados, & mais difficuloso he continuar amando a quem mata com o desprezo, do que a quem dá vida ao menos com a lembrança: razão: porque quem dá vida, ainda deyxá alentos: quem mata, não deyxá affectos; & com alentos pòde-se amar, sem affectos nam se pòde querer.

36 Mais, & he fortemás: quem ama aborrecido ainda concebe a esperança de alguma correspondencia; porque quem conquista hū aborrecimento conhecido, cultiva hum agradecimento esperado: quem ama desprezado, nenhū lugar deyxá á esperança, ou ao agradecimento, porque não ha que esperar agradecimento do que se não estima por favor; & ninguem paga obrigaçoens pelo que não tem por obsequio; & menos he amar com aquella esperança, do que com aquella defengano: razão: porque a

esperança facilita a pertença, o defengano impossibilita a empreza, & menos he emprender hūa pertençaõ facil, do que cõmetter huma empreza impossivel. Tiremos agora a consequencia de todos estes antecedentes, em que, se me não engano, provey o que prometti. Logo menos he amar a quem me aborrece, do que amar a quẽ por outrem me deyxá: & seja a ultima razãõ da consequencia: porque cõ o odio ainda pòde estar a estimaçaõ; na preferencia he certissimo o desprezo: no odio padece o amor a fortuna de mal correspondido; mas na preferencia perde o amor a estimaçaõ, & mais a correspondencia, & tudo perde.

37 E que perdendo tudo Christo, ainda por nós se perca! que morra, & nam deyxé de amar! que por não deyxar de querer soffra ser em pouco avaliado! que seja cruel consigo, por ser humano com-nosco! que vença em si a repugnancia, para
pòr

pòr em nòs a inclinaçam! que ainda desprezado nos preze! que perca a esperança de correspondido, & não nos perca a affeyção! & que sem estimaçam nos estime tanto! que mayor fineza? que mayor excessõ, & que mayor amor? Querem prova da Escritura? pois nam ha, & em nenhũ lugar della se achará prova com exemplo semelhante: para outro qualquer excessõ poderá haver muytas, para este nem hũa só: & esta he hũa das mayores provas deste amor, porque fcy o amor sem semelhança, foy fineza sem exemplo, fcy excessõ, que excedeo todo o excessõ que elle não fosse, & por isso só elle nos pòde servir de prova.

38 Quiz Christo nesta sua hora reduzir a Pedro a que se deyxasse lavar os pès, & disse: *Quod ego facio, tu nescis modo, scies autem postea.* Pedro, o que eu faço, vòs não o sabeis até agora, mas sabelo-heis depois. Pois Pedro, que tanto conhecimento tinha da

Divindade de Christo, tanta noticia das Escrituras, & tantas revelações do Eterno Padre, até agora não conhece o que Christo obra, conhecendo o que Christo he: *Quod ego facio, tu nescis modo?* E se o nam conhece até agora, ha de conhecello depois: *Scies autem postea?* Sim. E para darmos a razaõ, havemos de suppor com a mais certa Philosophia, que só de duas sortes se pòde conhecer hũa cousa; ou se pòde conhecer em si mesma, ou se pòde conhecer por outra semelhante: se existe, pòde se conhecer em si; se não existe, & tem semelhante, pòde se conhecer por semelhança; & se não existe, nem tem semelhãte, nem em si, nem por semelhança se pòde conhecer. Este he todo o modo de conhecer, & esta he a razam porque Pedro até alli não conhecia o que Christo obrava. Christo obrava nesta hora hũa fineza sem exemplo, & como tal não podia Pedro conhecella por semelhança, & como até

alli a não tinha Christo o brado, não podia Pedro conhecella em si mesma, porque nam existia, & de nenhũa forte a podia conhecer, nem em si, porque não existia, nem por semelhança, porque a não tinha. Só depois de obrada a conheceria Pedro, porque só então se podia conhecer.

39 Era cousa tão grande, tam rara, & tam nova chegar a fazer tantas finezas por homens, que tam pouco caso faziaõ deste amor, que lhe antepunhaõ o do mundo, que não havendo quem amasse, sendo desta forte desprezado, não havia por onde se podesse medir esta fineza, & como era a primeyra que se obra-va, só depois de obrada se podia conhecer: *Quod ego facio, tu nescis modò, scies autem postea.*

40 E senão, pergunto: Que entendimêto haveria, que chegasse a rastejar o excessõ que por nos amar havia de obrar Deos? Quem diria que havia de ser tam grande o pezo de seu amor,

que ainda desprezado o havia de inclinar a se lançar aos pés dos homẽs, ou para lhes pedir que fossẽ menos ingratos, ou para lhes rogar que fossẽ mais primorosos? E se ninguem diria isto, que ainda não he o mais, quem se persuadiria, que a hum traydor, a hum ingrato, a hũ rebelde, qual era Judas, havia Christo de buscar rendido, & como se elle fosse o interessado por se de joelhos diante deste escandaloda natureza, para lhe lavar os pés mais com as lagrimas de seus olhos, que com a agua, q̃ para isso tinha preparada, por ver se podia abrandar aquella pedra?

41 Aqui lhe diria o Senhor mais com gemidos, q̃ com vozes, mais com soluços, que com palavras: Atẽ quando Judas, atẽ quando has de malograr meus desejos? Atẽ quando te ha de experimentar minha brandura penhasco, & minha ternura de bronze? Compadecete destas lagrimas, já que te não rendes a minhas fine-

finezas : bem ves que por ti desatado meu coração em amorosas correntes , ou fahe a acompanhar os olhos em seus sentimentos , ou a padecer os sentimentos em meus olhos , para que compassivo os acompanhe nas penas , já que lhe desatou as correntes de suas amarguras ; & ambicioso de magoas não se contenta só cõ as que dentro no peyto por ti padece ; mas com penosa usura dá a cambio estas lagrimas , para tornar a recolher com lucro de pezares amargosas ganancias de afflicçoens , vendo que nenhum excesso basta para te render.

42 Ah Judas , & quanto me custas ! & que pouco caso fazes do q̄ por ti derramo ! Ah Judas , & quanto te amo ! & que mal correspondeste ao muyto q̄ te quero ! Eu todo grato em tuas esquivanças ; tu todo ingrato a minhas finezas . Da minha parte tudo agrados quando mais te retiras ; da tua tudo agravos quando mais te busco . Em mim tu-

do abatimentos de rendido para ver se posso render tua dureza ; em ti tudo desprezos a meus rendimentos , para que perca as esperanças de poder vencer tuas resistencias . Que queyxas não podia eu formar vendome ultrajado ? que rigores não podia usar vendome offendido ? & que castigo vendote rebelde ? Mas he tanto o amor , que te tenho , que offendido busco , ultrajado amo , & queyxoso te rogo , que não malogres este amor .

43 Não me diras por que razão amas ao mundo , & me desprezas a mim ? Se te levá a cubiça , aqui tês estas mãos a teus pès , que meneaõ toda a omnipotencia : *Omnia dedit ei Pater in manus* ; & para ter tudo nelas só me falta o teu coração , que he o meu todo . Se te leva o dinheyro , eis-aqui tens a teus pès os thesouros do Eterno Pay : *In quo sunt omnes thesauri* . Olha q̄ te dou mais por tua alma , do que te ham de dar por minha vida . Por minha vi-

Joan:
13.

Ad Co:
loff. 2.

da te ham de dar trinta dinheyros; eu por tua alma offerço infinitos thesouros: & se no thesourò anda o coração de cada hum, neste thesouro do Pay te entrego o coração do Filho; haja troca de corações, & já que eu te rendo o meu, dame filho o teu coração. Se finalmente tês o gofsto tam perdido, que devendo o mundo andar debayxo dos pès pelo desprezo, tu o estimas tanto que lhe dás, & entregas o coração; eu, para que o mundo me não leve esta ventagem, me ponho tambem a teus pès, para que faças de mim a devida estimação. Isto diria o Bom J E S U S; mas á nada disto se rendeo Judas, nem se movêrao os homens; & por tudo isto passava o amoroso Senhor, que nesta demonstração sem igual de feu amor, nam sey se foy igual a inveja que teve ao mundo, ao amor que teve aos homês.

44 Diz Santiago que o Espírito Santo tambem tem sua inveja: *Ad invidiam*

concupiscit Spiritus, qui habitat in vobis. E explicando 4.

Cayetano este texto, diz q se entende da inveja, que Deos tem ao mundo, que lhe leva as almas, que são suas, & que elle tanto estima: *Significans quòd Deus more Zelotypi invidet mundo trabenti ad se animas sibi fide desponsatas.* Mas se em alguma hora esta inveja, a nosso modo de explicar, teve lugar em Deos, foy nesta hora de seu mayor amor. Via Christo ao mundo, que sendo a cousa mais vil, & mais disforme, & que devia andar debayxo dos pès pelo desprezo, os homês faziao tanto caso delle, que lhe entregavao os corações, o amavao, & o estimavam; & quiz tambem provar ventura, & lançouse aos pès dos homês, para ver se escolhendo o lugar do mundo, achava lugar no coração deffes homês. He possível, diria Christo, que estimao os homês o abatimento do mundo? pois quero-me abater, para ver se me estimao. He possível, que fa-

Caiet.
hic.

zem

zem os homẽs caso do que devia ser desprezado? pois quero ser desprezado, para ver se fazem caso de mim. He possivel que amaõ os homens hũa cousa taõ vil? pois querome aviltar, para ver se me amaõ. He possivel que prezãõ os homẽs huma cousa, que pizaõ? pois quero que me pizem, para ver se me prezãõ.

45 Ah meu Deos, isto he amor, ou he inveja? Tudo he, he amor, & he inveja: he amor que tẽdes aos homẽs, & he inveja que tendes ao mundo: *Significans quòd Deus more Zelotypi invidet mundo.* He amor q̄ tendes aos homẽs, por quẽ morreis; & he inveja, que tendes ao mundo por quem elles morrem. He amor que tendes aos homẽs, que conquistais; & he inveja que tendes ao mundo, que vos despoja. He amor que tendes aos homens por quem dais tanto; & he inveja que tendes ao mundo, que tanto vos rouba. He amor que tendes aos homẽs que quereis ganhar para vòs, para

que se naõ percam com o mundo; & he inveja que tẽdes ao mundo, que para os ganhar para si os perde para vòs. He amor que tendes aos homens para os atrahirdes; & he inveja que tendes ao mundo, que os distrahe. He amor que tendes aos homẽs, que amais ainda desprezado; & he inveja que tendes ao mundo, que desprezando-os ainda o amaõ. He amor, & he inveja, he excessso, & extremo, he o mais a que se podia chegar, & he o naõ mais de vossas finezas: *Hinc illud est: Cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos: tunc enim omnem vim amoris effudit.*

46 Estes saõ, almas Catholicas, os dous grandes excessos do amor de Christo, & já que o tempo me não dá lugar para proseguir o terceyro, que na minha estimaçãõ era o mayor, não quizera eu que me faltasse, para por ultimo remate vos fazer hũa pergunta. Haverá por ventura, ou, para melhor dizer, haverá

por desgraça neste auditorio algum coração tão duro, algũa alma tam rebelde, que á vista destas finezas ainda viva obstinada em seus vicios? Que me dizeis Catholicos? Haverá entre vós este monstro da natureza, este escandalo da graça? Que me respondeis? Estará dentro do sagrado desta Igreja, & entre o devoto deste concurso este tíção do inferno, este morgado de Satanás? Praza a Magestade Divina, que assim não seja; mas se por sua desgraça, o que Deos não permitta, ainda me ouve algum, que aborrece a Christo por amar seus vicios, & torpezas; que despreza a este Senhor por fazer caso do mundo, & de seus enganos; com este quero eu agora arrezoar brevemente, sendo que era materia para se chorar muytos annos.

47 Vem cá féra, qualquer que me ouves, se he que queres ouvir minhas palavras, quando tam pouco caso fazes das obras de teu Redemptor. Vem cá fé.

ra; mas não digo bem, porque a féra mais indomita se doméstica com a brandura, & a ti não ha brandura que te amanse. Vem cá tronco; mas não digo bem, que o tronco mais rustico se dobra com o obsequio: *Flectitur obsequio curvatus ab arbore ramus*; & a ti não ha obsequio que te dobre. Vem cá penhasco; mas não digo bem, porque o penhasco mais firme com o fogo se desfaz, & a ti não ha fogo que te penetre. Vem cá brôze; mas não digo bem, porque o bronze mais forte com os incendios se derrete, & a ti nam ha incendio que te derreta. Vem cá ferro; mas ainda não digo bem, porque o ferro mais duro com os ardores se abrandam, & a ti nenhûs ardores te abrandam. Vem cá coraçam de barro; agora sim, que te acertey com o teu apellido, que tambem he a tua diffinição. Vem cá coraçam de barro grosseiro a tanta brandura, & obsequio; mas endurecido sempre com tanto fogo, com tantos incendios,

dios, & com tantos ardores, que de ti despede aquelle Ethna do amoroso coração do Senhor J E S U S: até quando has de ser barro? até quando has de ser grofeyro? até quando has de ser rebelde? quando ha de ser o tempo, em que te rendas, se ainda nesta hora resistes?

48 Sey eu que quando me ouviste ponderar a ingratitude de Judas, estavas abominando sua cubiça, execrando sua resistencia, & condenando sua dureza, pois por tão pouco vendia a feu Divino Mestre, & tam inflexivel se mostrava a todas as demonstraçoens de feu amor, & a todos os excessos, com que lo pertendia reduzir: & como não abominas em ti semelhante, & mayor cubiça? semelhante, & mayor resistencia? semelhante, & mayor dureza? Dizeme, quantas vezes desprezaste a Deos por seguir tuas torpezas? pois outras tantas o vendeste pelo vil preço de teus appetites. Vendeste-o pela sen-

ualidade, a que te entregaste; vèdeste o pelos roubos, que fizeste; vendeste-o pela vingança, que tomaste; vendeste-o pela injustiça, que cometeste; vendeste-o, & ainda agora o estás vendendo pela occasião em que andas, & de que te não queres apartar, fazendo gala da immundicia de teus vicios, da torpeza de teus costumes, da abominação de tua má, perversa, & licenciosa vida.

49 Pois a resistencia, & dureza não sey qual he mayor, se a tua, se a de Judas. A resistencia de Judas não lemos q̄ fosse de muytas horas: a tua não só he de muytas horas, mas de muytos dias, de muytas semanas, de muytos mezes, & de muytos annos: pois em todo este tempo tão dilatado não houve vocaçam Divina a que não estiveffes furdo, não houve inspiração a que não estiveffes rebelde, & não houve auxilio a que não resistiffes.

50 Ah Judas traydor, & peyor que o mesmo Judas,

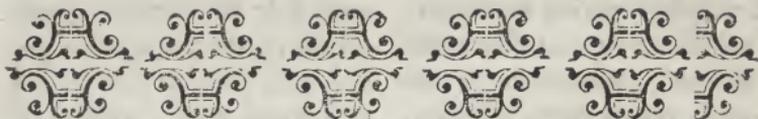
das , quanto foste , & es mayor traydor, quanto foste , & es mais rebelde. Es Christão , ou es gentio? tês fé, ou não tês fé? se es gentio, & não tês fé, pouco tenho já que fazer contigo; mas se tens fé, & es Christão , como desacreditas a fé, que professas , com as obras, que fazes? Se cres o que Christo por ti obrou, & o quanto te ama , como lhe pagas com tantas ingraticos, basta? basta já de maldades, & de vida tam dissoluta, comece agora a emenda, que te não ha de faltar lugar para o perdaõ, se deres lugar ao arrependimẽto , & se ha de ser algũ dia, seja nesta hora , em que está a misericordia com as portas abertas para te receber. Isto te peço peccador pelo amor com que Christo nos amou, pela humildade com que por nós se abateo , pelo sangue que derramou , pelas agonias em que se vio, pelas dores que padeceo , pelas cinco chagas , pela sua morte , &

Payxaõ , & por esta sagrada hora; & se queres que me lance a teus pès , para te fazer esta petiçaõ de tanto proveyto teu , eu me lançarey , & de joelhos humar , & mil vezes te pedirey o mesmo como o mayor affecto do meu coraçãõ , com tanto que me dês palavra de não offenderes mais a este Senhor , & de dares de maõ a todas as cousas da terra , & do mundo que te impedem amar a Deos. Oh maldita terra , oh maldito mundo , que tanto nos impedes o Ceo, que tanto nos apartas de Deos!

51 Meu JESUS, já que vosso amor chegou hoje a obrar tanto, que fez o mais que podia fazer chegando ao forçoso fim de suas finezas, não permitais Senhor, que haja quem mais vos ofenda , fazey meu Deos, que este amor , que chegou hoje ao fim , acabe tambem em nós os excessos da nossa ingraticam , exercite tambem em nós a sua força , & valentia , triunfe de nossos corações, conquiste nossas

vontades, cative nossos af-
fectos, vença nossas resis-
tencias, abrande nossa du-
reza, renda nossa obstina-
ção, avassalle nossa rebel-
dia, & com seu fogo purifi-
que nossas almas, para que
daqui em diante só a vós
amem, só a vós queyraõ, só
a vós desejem, só por vós
suspirem, só em vós vivaõ.
Assim o promettemos Se-
nhor daqui em diante, & se
atè agora não foy assim, pe-
zanos de todo nosso cora-
ção, & quanto nos pôde pe-
zar nos peza, por serdes
vòs quem sois, digno de
serdes amado com hũ amor
infinito; mas já que não te-
mos este, vos offerecemos
a vosso mesmo amor, & por
elle vos pedimos o perdaõ
de nossas culpas, que espe-
ramos alcançar mediante
vossa Divina graça, penhor
certo da eterna gloria: *Quã
mibi, &c.*





SERMAM

DO BEATO

LUIS GONZAGA

No Collegio de Sam Paulo de Goa,
Anno de 1688.

Sint lumbi vestri praeincti... Et vos similes hominibus expectantibus. Luc. 12.



Admiravel he Deos em seus Santos; mas no Santo, que hoje celebra a Igreja, singularmente admiravel: assim o disse o mayor dos Pregadores no dia de Santo Ignacio; eu o digo no dia do B. Luis: elle o disse do Pay, eu com igual razao o digo agora do Filho. A todos os Santos manda Christo neste Evangelho que se apar-

tem, & que esperem: *Sint lumbi vestri praeincti... Et vos similes hominibus expectantibus.* E quanto vay de apertar a nam apertar, & de esperar a fugir, tanto he Deos mais admiravel na santidade de Luis, do que na santidade dos mais Santos: porque os mais Santos chegárao á santidade pelo caminho da perfeiçao; Luis foy perfeito por caminho, que

que senão foy muyto apartado da santidade, não ha duvida que o parece. A todos os outros Santos meo Christo este Evangelho nas mãos, & disselhes: Se quereis ser Santos, cingivos, & esperay: o cingir lãõ os apertos da penitencia, como entendem todos os Expositores: o esperar he aguardar a Deos, quando bate á porta para o receberem, como explica S. Gregorio: pelas esperanças, & pelos apertos caminhãram os mais Santos para serem Santos; porẽm o B. Luis effeteve tam longe de seguir este caminho, que em lugar de se apertar com os rigores, com as penitencias, & com a mortificação, largava a mortificação, as penitencias, & os rigores; em lugar de esperar a Deos, q̃ o buscava, fugia. Os mais Santos apertandose com as penitencias, & esperando a Deos, foraõ Santos; o Beato Luis foy Santo fugindo de Deos, & largando os apertos. Foy o caso.

Era o Beato Luis; mas

não digo bem: era D. Luis Gonzaga Principe de Castelhõne; mas que Principe? hum Principe perfeyto, & ajustado com as leys Evangelicas: hum Principe, que debayxo das olandas apertava rijamente o cilicio: hũ Principe, que entre as larguezas do estado coartava as demasias do poder: hum Principe, que entre os regalos da mesa mortificava o gofsto com perpetuas abstinencias: hum Principe, que entre os divertimentos do mundo, a que o levava a idade, que lhe ensinava o exemplo de muytos, & lhe permittia a grandeza, vivia taõ dentro de si, & só com Deos, que a presença, & a Oração era nelle continua: finalmente hũ Principe taõ penitente, & de tanta contemplação, que a contemplação o trazia absorto, & a penitencia consumido.

Este era D. Luis o Marquez de Castelhõne. E qual seria Luis Religioso, Luis perfeyto, & Luis Santo? Quem medisse hum estado com outro estado; o estado

de

de Secular com o estado de Religioso, diria que quem Secular se apertava tanto, Religioso se havia de apertar mais; que havia de dobrar os rigores, multiplicar as penitencias, & largar as redeas áquelle fervoroso espirito, que solto já das prisões do mundo, ficava mais livre para se unir com Deos. Porém nada disto succedeo assim. Entra | Luis Religioso, & porque a penitencia continua, & a continua lembrança de Deos lhe hiam acabando a vida, hũa pelo rigor com que se cingia, outra pelos desmayos, que lhe causava, mandão lhe os Superiores, que deyxes as penitencias, & que se aparte da Oraçãõ. Obedeceo Luis tanto á risca, q̃ totalmente largou os apertos, & de tal sorte se ouve com Deos, que fugia de se lembrar de Deos, como se fosse tentaçãõ.

E bem, meu Santo, isto he o que vistes buscar á Religiaõ? Esta he a perfeçãõ a que caminhaes? Para caminhar á perfeçãõ bem sa-

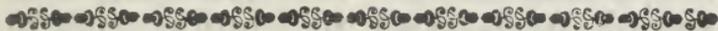
beis, que o roteyro mais certo he, o que Christo vos ensina, & o que Christo vos manda: Christo vos ensina os apertos: *Sint lumbi vestri præcincti*; Christo vos manda esperar: *Et vos similes hominibus*; & vòs em lugar de esperar fugis; em lugar de vos cingir desapertais-vos. Se o mundo vos mandasse esperar, & vòs fugissemos, terieis razãõ; porque a eternidade das suas esperanças não he para atuar; mas Deos que vem tão depressa, que chega quando menos se cuyda: *Qua hora non putatis?* Se o mundo vos mãdasse cingir, & vòs nam estivesseis por isso, terieis desculpa, porque os seus apertos são infofríveis; mas Deos, que vos não poem preceyto, que não seja suave? Que havemos de dizer a isto, senão que no seculo vivieis como Religioso, na Religiaõ vivestes como secular? no mundo apertado, na Religiaõ sem apertos: recolhido no mundo, distraido na Religiaõ: na Religiaõ,

giaõ , & no mundo de boa vida : no mundo , porque a fizestes ; na Religiaõ , porque a levastes : no mundo esperando a Deos com tanta ancia , quanta tinheis de lhe abrir quando vos batesse ; na Religiaõ fugindo de Deos com tantas esquivaças , que da mesma lembrança de Deos vos apartaveis.

Tudo isto cuydava eu , & me persuado o cuydariam todos olhando para a resolução , & para as acções de Luis : porém olhando para as razões , que o moviam , acho , que nunca mais se cingio , que quando menos se apertou ; nunca melhor

esperou , que quando mais fugio. Tam admiravel foy Deos em Luis , taes os poderes de sua graça , & tal a capacidade da natureza para vencer estas repugnancias : & para eu satisfazer a todas ellas , não quero mais materia que o caso , nã mais Sermaõ , que dous discursos , em que veremos a Luis que largando , ou alargando os apertos , se apertou mais ; fugindo , & retirandose de Deos , esperou melhor. Mais breve: veremos a Luis o fugeyto dos maiores apertos , & das melhores esperanças : este o assumpto , peçamos a graça.

Ave Maria.



Sint lumbi vestri praecincti, &c.

TEMOS a Luis sem apertos , porque lhe tirarão os rigores com que se cingia : & cuidará alguém que foy grande alivio para Luis tirarem-lhe os seus apertos. Mas não he esta a condição da santidade ; por-

que a santidade avalia os apertos com diversa estimação , do que cuidamos ; & se ha aperto que mais cinja , se ha trabalho que moleste , se ha tormento , & se ha pena , que apure a paciencia de hũ Santo , he ver-se hum Santo

sem

Sap.
cap. 5.

sem penas, sem tormentos, sem apertos, & sem trabalhos. *Stabunt iusti in magna constantia aduersus eos, qui se angustiauerunt, & abstulerunt labores eorum.* Estaraõ os Justos, diz o Espirito Santo por Salamaõ, estaraõ os Justos com grande constancia diante dos que os atormentáraõ, & lhes tiraõ seus trabalhos. Notavel modo de fallar! & mais notavel modo de padecer! Constancia para soffrer os que atormentaõ, & tiraõ os trabalhos? angustias por naõ ter que padecer? Que constancia fosse necessaria para soffrer os trabalhos, que davaõ os tyrannos, isso ensina a experiencia, & a razaõ; mas que tambem nos diga Salamaõ que he necessaria a constancia para soffrer os que tiraõ os trabalhos? Sim; que fallava Salamaõ dos Justos, & dos Santos: *Stabunt Iusti;* & a hum Santo a angustia que mais o aperta, o mayor aperto que padece, he naõ ter trabalhos, que padecer, este he o destillado da pe-

na, & a quinta essencia do tormento; & por isso o Espirito Santo naõ só diz que he necessaria a constancia, mas grande constãcia: *Magna constantia*: para mostrar quanto mayor trabalho he soffrer o trabalho, que se tira, do que o trabalho, que se dá: para'o trabalho, que se dá, qualquer constancia basta a hum Santo; para o trabalho que se tira, se naõ for a constancia grande, corre perigo a paciência dos Santos, por ser tam grande esta pena, que require grãde sofrimento.

E que constancia naõ seria necessaria a Luis para soffrer o tormento, a pena, a ancia, & angustia de se ver sem os seus apertos? ou que aperto mayor, que ver-se sem poder para se apertar? Em todos os Santos he grãde este aperto; em Luis era muyto mais crecido pelas circunstancias, que nelle concorriaõ. Tres terriueis circunstancias concorriaõ em Luis, que faziaõ este aperto de se naõ apertar, mais rigoroso, & mais estre-

estreyto : porque em Luis se apertar a si, seguia o primeyro desejo de sua vontade ; obrava conforme a hũa bem fundada esperança de agradar a Deos , & finalmente cingia-se elle , & não o cingiaõ : porêm quando lhe tiravaõ os apertos, & lhe mandavaõ que se não apertasse, isto era cingirẽno , era fazerlhe cortar a esperãça de agradar a Deos, & era obrigallo a sacrificar nos altares da obediencia o seu primeyro desejo, ou o primogenito da sua vontade. Vamos por partes.

Estava tam bem Luis cõ os seus apertos, que com elles tinha nacido, & com elles se tinha creado : apertado no parto difficultoso , apertado com as esporas, que trazia em lugar de cilicio, & apertado com os madeyros , sobre que dormia , & com outras mil industrias, que usava para se mortificar. O primeyro desejo, que teve Luis , foy o desejo de se cingir; isso mostraõ os apertos em que se vio, quando naceo ; isso os apertos,

em que sempre continuou; & para deyxar de se apertar , como lhe mandavam, havia de cortar este seu primeyro desejo, que como tal, era o primogenito de sua vontade ; & a que apertos o não reduzia este golpe, ou este sacrificio, que a obediencia lhe mandava fazer?

A mayor façanha, que se obrou por Deos neste mundo , foy o sacrificio de Abrahão, taõ encarecido nas sagradas letras. Mãda Deos a Abrahão , que lhe sacrifique seu filho Isaac , & ponderando o texto esta famosa acção diz assim : *Credidit Abraham Deo , & reputatũ est illi ad justitiam.* Creo Abrahão a Deos resolvendo-se a sacrificar a seu Primogenito , & ficou por isso com grande reputação de Santo. Tanto custa cortar por hum Primogenito, que he a mayor prova de huma grande santidade ? Pela obra que mais custa se mede o valor da santidade, & como quem chegava a cortar por hũ Primogenito obre o

Genes.
15.

que mais custa, & a mayor custo, por isso Abrahaõ ficou com opiniaõ do mayor Santo.

Quando o pay, & o filho; quando Abrahaõ, & Isaac hiaõ caminhando para o sacrificio, diz a Escritura, que Abrahão levava em hũa mão a espada, & em outra o fogo: *Ipse verò portabat in manibus ignem, & gladium*. Elle era, o que levava o ferro, & mais o fogo: *portabat*; porque elle era, o que suportava o golpe, & mais os incendios. Com nenhuma figura se podiaõ exprimir melhor os apertos, em que Abrahão se viu nesta occasiaõ, que com nos mostrar o texto a Abrahão cercado de ferro, & cercado de fogo, porque a ferro, & a fogo ameaçava o Ceo a Abrahão, quando lhe tirava o seu Primogenito. Se Abrahão o'hava para a mão direyta, & se olhava para a esquerda, por huma parte o apertava o rigor do ferro, por outra os incendios do fogo, porque havia de cortar sem reme-

dio aquella vida, havia de sacrificar aquella filho. Em tam grandes apertos se vê quem não perdoa a hũ Primogenito; assim como tambem Luis não perdoou ao primogenito de sua vontade; com esta differença, que o rigor do ferro era, o que molestava a Abrahão, a voracidade do fogo era, a que o consumia: a Luis apertava o nam se molestar com rigores, não se consumir com penitencias. Se olhava para a mão direyta, a via defarmada das cadeas de ferro com que se disciplinava; se para a esquerda, impedida do exercicio da mortificação, & por hũa, & outra parte, se via nos mayores apertos, por se não poder apertar, mortificar, & cingir.

Porém qual destes apertos seria mayor? o aperto de Abrahão, ou o aperto de Luis? o de Abrahão era cortar pelo filho, o de Luis era cortar pelo desejo. Não ha duvida que mayor foy o aperto de Luis, do que o aperto de Abrahão; porque mais

mais he cortar pelo desejo, do que cortar pelo filho: o filho, a que Abrahão nam perdoou, era filho de sua carne: o filho a que Luis não perdoou, era filho de sua vontade: o que se tirava a Abrahão, era hũ filho; o que se tirava a Luis era hum desejo. Tirar hum filho, ainda que he grande sentimento para hum pay, com tudo a mayor parte da pena he, a que abrange ao filho, & não a que molesta ao pay: por isso Deos quando impedio o sacrificio de Abrahão disse: *Non extendas manum tuam super puerum, neque facias illi quidquam.* Não descarregues Abrahão o golpe, nem faças mal a Isaac. De sorte que o golpe, o mal, a pena, & o tormento não cahia tão to sobre Abrahão, quanto cahia sobre Isaac. Isaac era o filho, que se tirava: Isaac era tambem, o que padecia: Abrahão era, o que apertava, mas Isaac era, o que sofia os apertos: *Cumque alligasset Isaac filium suum.* E quanto vay do a-

pertrar a ser apertado, tantovay de se tirar o filho, a se tirar o desejo; porque tirar hum desejo, he tormento, que passa mais a dentro, he golpe mais fundo, & he pena, que chega a pôr em apertos a mesma alma.

Abstulisti quasi ventus desiderium meum: nunc autem marcescit in memetipso anima mea, disse Job. Senhor, vòs me tirastes o meu desejo, & agora se me está secando esta alma dentro em mim mesmo. Se lemos a Escritura, acharemos que o desejo, de que falla Job, era o desejo de continuar Job o sacrificio, que de si fazia, & de suas cousas; & impedirem lhe este sacrificio, tirarem-lhe este desejo, atè a alma lhe apertava com a pena, com a molestia, & com o tormento: & a alma, que se apertava, era a alma, não fóra de Job, mas dentro nelle mesmo: *In memetipso,* para que nada de Job t. casse livre da pena; nem a alma, porque a ella se tirava o primeiro golpe, quando se lhe tirava o seu dese-

Job
30.

Genes.
22.

Genes.
22.

jo; nem o corpo, porque nelle se exercitava o rigor, quando se lhe impedia sacrificar-se a si mesmo. E quanto mayores são os sentimētos proprios, que os alheios; quanto mais penetrātes sã as penas da alma, que as do corpo, os golpes sofridos, ou os golpes dados, tanto mayor foy o aperto de Luis, do que o aperto de Abrahão; porque o que ouve de aperto no sacrificio de Abrahão, (tomado em quanto sacrificio; porque abayxo avemos de ponderar com outro respecto) o que ouve de pena, & o que ouve de sofrimento, foy da parte de Isaac: elle era o que esperava o golpe: *Ne extendas manum tuam super puerum*; elle o que sentia os apertos: *Cumque alligasset Isaac*. E se Abrahão tambem padecia, padecia muyto menos que o filho; porque o filho sentia o golpe do ferro, & a pena de perder a vida; ao pay só atormentava o sentimento da execuçãõ: põrẽm Luis era, o que em si,

& em si mesmo experimentava todos estes rigores; na alma, por não poder exercitar o seu desejo; no corpo, por não poder continuar o seu sacrificio: a alma se lhe secava, por se ver privada do seu desejo; o corpo se consumia, por se achar sem os seus apertos: *Nũc autem marcescit in me metipso anima mea*. De sorte que em nada ficava aliviado, porque na alma, & no corpo sentia a falta dos seus apertos.

Mas vamos á segunda circumstancia; porque ainda aqui não esteve o mayor aperto de Luis, assim como em Abrahão na morte de Isaac não esteve o mayor acto do sacrificio. O mayor aperto de Luis esteve em aver de cortar pela esperança de agradar a Deos com os seus apertos; & isto com que? Com outra esperança de lhe agradar sem apertos. Quando Luis se apertava, vivia na esperança de agradar a Deos pelos apertos, porque por este caminho o chamava Deos: *Sint lum-*

lumbi vestri praecinēti, quando a obediencia lhe mandava largar os apertos, tambem concebia hũa certa esperança de agradar a Deos sem elles; com esta differença, que a primeyra esperança levava o desejo; a segunda esperança o obrigava á obediencia; & aver de cortar a esperança a que o levava o desejo, pela esperança a que o obrigava a obediencia, era o rigor, que mais o cingia, era a dor que mais o apertava.

Quando a Escriitura encarece o sacrificio de Abrahão, não diz que foy grande, porque sacrificou; mas que foy grande, porq̃ creio: *Credidit Abraham Deo, & reputatum est illi ad justitiam*. E em que esteve aqui a maioria de fé do grande Patriarca Abrahão? Abrahão não creio a Deos quando o mandou sahir de sua patria? não creio a Deos quando o mandou deyxar o pay, os amigos, & os parentes? não creio a Deos quando o mandou peregrinar por terras estranhas

entre gente nova, & para elle desconhecida? Tudo isto creio Abrahão: pois porque senão louva a sua fé por todas estas acções tam heroycas, tam grandes, & taõ abalizadas? & só se louva pelo sacrificio de Isaac? S. Paulo deo a razão taõ alta como sua: porque aqui venceo a fé de Abrahão a mayor repugnancia: & qual foy? *In spem contra spem credidit*. Foy crer Abrahão hũa esperança contra outra esperança. Duas esperanças havia em Abrahão; huma esperança de agradar a Deos pelo sacrificio de Isaac; outra esperança da descendência, que Deos no mesmo Isaac lhe tinha promettido: a esperança da descendência fundavase na vida do filho; a esperança de agradar a Deos fundavase na morte de Isaac: a esperança da descendência na vida de Isaac levava o desejo; a esperança de agradar a Deos na morte do filho obrigava a obediencia: *Quia obedisti voci meae*: & cortar a esperança do desejo pela es-

Ad
Rom. 4.

Genes.
15.

perança da obediencia, grã-de fineza, & mayor aperto; porque esta esperança não só lhe tirava a esperança da descendência; mas ainda lhe tirava o fruto do que até alli tinha obrado.

Tudó o que Abrahão até alli tinha obrado era deyxar o pay, a patria, os amigos, & fazer tantas peregrinaçoens; mas tudo isto, como consta da Escritura, era pelo desejo da descendencia; & no cabo de tantos trabalhos acabar selhe este desejo naquelle sacrificio, depois delhe ter custado tanto? duro sacrificio! & para melhor dizer, duros sacrificios! porque se bem repararmos, dous sacrificios se fazião aqui: hum sacrificio se fazia fóra, de grã-de lastima; outro sacrificio se fazia dentro, de mayor rigor: porque fóra sacrificava Abrahão a Isaac; dentro sacrificava as suas potencias: fóra sacrificava seu filho; dentro sacrificava sua vontade: dentro cortava por si, & fóra pelo seu. Aqui se tornou a ver o

bom velho entre o fogo, & a espada: entre o fogo do amor, & do desejo; & entre a espada do rigor, & da obediencia; porque se vio entre o mais apertado dilema: se concedia, ou condescendia com o desejo, negava, & negava se á obediencia; se cõcedia, & cedia á obediencia, negava, & contradizia ao desejo: se negava, & se negava á obediência, a obediencia mostravalhe o fogo, em q̄ havia de arder: se negava, & cõtradizia ao desejo, o amor afiava a espada, cõ que o havia de degolar. He possível pay, dizia o seu desejo, q̄ me has de cortar, & te has de cortar com o mesmo golpe, com que determinas degolar a Isaac, & que com a vida, que lhe tiras, havemos ambos de acabar? Não seja assim; que tambem Deos se agrada cõ a vida deste filho, pois to deu para crescer tua descendencia. Não seja possível Santo, dizia a sua obediencia, que o desejo de tua propagação te exponha a arderes eternamente em hum

fogo,

fogo, se te impedir a mayor fineza, que até agora se obrou por Deos, a quem agrada mais esta só morte, que a vida de muytos, que hão de nascer deste tronco. Nestes apertos se via Abrahão: o argumento do desejo lhe embotava o ferro; o argumento da obediencia dava novos fios á espada: & que fez Abrahão nestes apertos: Escolheo o mayor aperto, & o primeyro golpe, que deu, foy no desejo, por não cortar a obediencia: este foy o mayor acto de justiça, que fez Abrahão: *Reputatum est illi ad justitiam*. E esta a mayor justiça, que se fez de Luis; & este o lanço mais apertado em que se podia ver.

Grande aperto foy crer Luis a Deos, que o mandava deyxar o pay, que o amava, os parentes, os amigos, & os vassallos, que o estimavam, a casa, a patria, & o estado de que era senhor: grande aperto ir peregrinando até Roma, para viver entre gente até alli nova, & ainda desco-

nhecia no mundo, quaes eram os da Companhia naquelle tempo: porèm tudo isto lhe parecia suave, porque tudo lhe facilitava o desejo, & a esperança, que tinha de agradar a Deos pelo caminho dos apertos, por onde elle o chamava: *Sint lumbi vestri pracincti*, & pouco louvor merecia a sua fé, em quanto obrava; por conseguir o seu desejo; mas haver de sacrificar este seu desejo por quem tinha trabalhado tanto; haver de cortar a esperança, a que levava o desejo, pela esperança, a que o levava a obediencia, grande sacrificio, grande aperto! Não era menor este aperto, que o aperto, em que se vio Abrahão: em Abrahão oppunhase o desejo á obediencia, a obediencia ao desejo, & a esperança á esperança: aqui tambem se oppunha a esperança á esperança, a obediencia ao desejo, & o desejo á obediencia: o desejo de se apertar allegava por si, que os apertos agradavão a Deos, pois

era doutrina, que Christo tinha ensinado: a obediencia tambem tinha que allegar, que o deyxar effes apertos era o sacrificio mais illustre; porque era para elle o mais difficultoso: a esperãça de agradar a Deos pelos apertos tinha de sua parte o desejo; a esperança de lhe agradar sem apertos tinha da sua a obediencia: se Luis se apertava, seguia a esperança do seu desejo; se largava os apertos, seguia a esperança da obediencia: seguir a obediência, era cortar o desejo: não cortar o desejo, era faltar á obediencia, & por não faltar á obediencia corta Luis pelo desejo, para dar o golpe no mais sensível, & vencer hũ aperto a outro aperto: o aperto de se não apertar, ao aperto de se apertar, por mais difficultoso, & mais estreyto: *Sint lumbi vestri praecinēti.*

E haverá ainda mayor aperto do que este? Ainda; porque ainda aperta mais a terccyra, & ultima circumstancia de se cingir Luis a

si, & de se apertar, ou de o apertarē a elle, & de o cingirem. Luis em quanto se apertava, elle era, o que se cingia a si; quando lhe tiravaõ os apertos, outros eraõ os que o cingiaõ a elle: o mortificar-se, & apertarse era cingirse; o deyxar de se mortificar, & cingir, era apertarem-no. Isto tem os apertos tomados, ou os apertos tirados: quando os Santos se cingem a si, apertãõ se; quando lhe tiraõ os apertos, outros saõ os que os cingem. Quando a Sabe-doria falla dos apertos, & dos trabalhos, que os Santos padeciaõ, & dos trabalhos, & apertos, que lhes tiravaõ, falla com hũa notavel differença; porque aos trabalhos, que elles padeciaõ, chamalhes seus; chamalhes trabalhos dos mesmos Santos: *Abstulerunt labores eorum.* Aos trabalhos que lhes tiravam, chamalhes apertos, q̄ lhes davaõ os tyrannos: *Qui se angustia verunt.* Huns, & outros apertos todos eraõ dos Santos em quanto padeci-

dos;

dos; porque os Santos eraõ os que padeciaõ os apertos: porèm com esta diversidade, que hũs eraõ tomados, outros eraõ tirados: os trabalhos, que tomavam os Santos, eraõ os apertos, em que elles se punham; os trabalhos, que lhes tiravaõ, eraõ os apertos, em que os punhaõ: com os trabalhos, q̄ elles tomavaõ, elles mesmos se apertavaõ, & por isso eraõ seus: *Labores eorum: cõ os trabalhos q̄ lhes tiravaõ, outros os punhaõ em apertos, & outros os apertavaõ: Qui se angustia verunt.* Isto he, o que he tomar apertos, & tirar apertos: tomar apertos, he cingirdes-vos, se fois Santo; & tirar apertos, se fois São, he cingirem-vos; & estes eraõ os apertos, em que o B. Luis se via: quando tomava os apertos, elle se cingia a si; quãdo lhe tiravaõ os apertos, outros o cingiaõ a elle: & he taõ grande este aperto, que juntamente aperta, & juntamente aparta; porque não só he aperto que aperta, como mortifi-

cação; mas tambem he aperto que aparta, como morte: cingirse hum Santo a si, quando muyto, chega a ser mortificação; porèm cingirem-no, passa de ser mortificação a ser morte. Ainda não disse bem: quando hũ Santo se cinge, he verdade, que se mortifica, & se aperta; mas he este hum aperto muyto largo, porque ainda que se aperte, anda muyto á sua vontade: mas se o cingirẽ, passa de ser mortificação, & aperto, a ser apartamento, & a ser morte.

Cum esses junior, disse Christo a S. Pedro, cum esses junior, cingebas te, & ambulabas, ubi volebas: cum autem senueris, extends manus tuas, & alius te cinget, & ducet quò tu non vis. Pedro, quando vòs ereis mais moço, vòs vos cingieis, & apertaveis, & andaveis por onde querieis: porèm como fordes mais velho, outro vos ha de cingir, & levar por onde não quereis: & logo acrescenta o Evangelista, que Christo lhe disse-

Joan.
21.

ra isto , para lhe declarar a morte de que havia de morrer : *Significans qua morte clarificaturus esset Deum.* Taõ grande aperto he chegarem-vos a cingir, que em chegando a estes termos haveis-vos de ver em apertos de morte. Em quanto S. Pedro se cingia a si, padecia o seu aperto, porém este aperto ainda tinha suas largas : cingia-se , & apertava-se , he verdade ; mas nam deyxava de andar á sua vôtadê : *Ambulabas ubi volebas.* Porém tanto que o cingirão, foy tanto de hũ aperto a outro, q̃ o que atêli foy aperto voluntario , depois foy violento : *Ducet quò tu non vis* : o que atê alli foy só mortificação á vontade, depois foy martyrio rigoroso , & morte illustre ; porque soffrer S. Pedro que outrem o apertasse , que cutrem o cingisse, que corresse por conta alhea o mandar, & pela sua obedecer, & dar as mãos : *Extendas manum tuam* ; isto era morrer, isto era acabar , atê aqui rigor, atê aqui aperto , atê a-

qui mortificação, & atê aqui morte : *Significans qua morte clarificaturus esset Deum.*

Pouca necessidade tem de accommodaçam o passo, quando vem tão proprio ao nosso intento. Sò daqui acabo de entender huma cousa, que atê agora não alcançava. Cuydava eu atê agora , que a morte tam anticipada de Luis , & sua vida taõ breve fora por causa da debilidade de sua natureza, & fraqueza de compleyção ; mas agora acho, que não foy isto pela fraqueza da compleyção , mas pela força do rigor , & estreyteza dos seus apertos. Cuydavão os Superiores, que lhe dilatavaõ os dias, & que lhe alargavaõ a vida cõ lhe mandarê largar os seus apertos ; mas como nisto o cingiam mais , & mais o apertavaõ , foy tal o aperto que morreo : *Significans qua morte clarificaturus esset Deum* ; & em o cingirem esteve a sua morte ; porque em não se apertar esteve o seu mayor aperto : *Sint lûbi vestri præcincti.*

Estes

Estes são, ou elles foraõ os apertos de Luis: & quaes foraõ, ou quaes seriam as suas esperanças: *Expectantibus Dominum suum?* Que Luis fosse de grandes esperanças, bem o mostráram suas prendas, & seus talentos; a difficuldade com que o largáram seus vassallos; & as resistencias do Marquez seu pay; mas que quando Deos lhe mãda que espere, fuja Luis; isto he, o que faz duvidosa a sua esperança. Quem espera, ha de obrigar com desejos, ha de solicitar com ancias, ha de penetrar com suspiros, & ha se de enternecer com saudades. A quem foge nem o enternecem saudades, nem o penetraõ os suspiros, nem o solicitaõ as ancias, nem o obrigãõ os desejos; porque quem deseja, busca, & nam foge; quem solicita, agrada, não se ausenta; quem suspira, pertende, não se aparta; quem padece saudades chega-se, não se retira; pois no retiro se augmentãõ as saudades, no apartamento os suspiros, na ausencia as an-

cias, & na fugida os desejos. E como podia esperar Luis, se Luis fugia? Por isso mesmo esperava: porque em quanto espera, ha de haver desejos que obriguem, ancias q̄ folicitem, suspiros q̄ penetrem, & saudades que enterneçaõ; por isso fugia Luis para poder esperar.

E senão, vejamos o que havia em Luis: & que coufa he a esperança. O que havia em Luis era hũa continua presença de Deos, em que andava todo absorto, & enlevado: & a esperança he hum affecto, que suspirando sempre pela presença, vive com a falta da presença, & com a presença morre: assim definiõ a esperança o mayor Theologo S. Paulo: *Spes, quæ videtur, non est spes, nam quod videt, quis quid sperat.* A esperança que chegou a lograr a presença do bem esperado, já não he esperança; porque quem espera, não logra as presenças, & quem logra as presenças já não espera. E a razão ultima de tudo isto he; porque o bem que

Ad Rom. 8.

Vieyra tom. 3. Ser. 1.

for

for objecto da esperança ha de ter duas condiçoens; ha de ser possível, & ha de ser futuro; possível, porque o impossível não se deseja; futuro, porque o presente não se espera: & em faltado qualquer destas duas condições, já não ha esperança: & por isso não ha esperança no Ceo, nem no Inferno: não ha esperança no Inferno, porque no Inferno o objecto da esperança não he possível: no Ceo tambem não ha esperança, porque o seu objecto no Ceo não he futuro: & como Luis andava tanto na presença de Deos, o ter a Deos presente tirava o objecto de sua esperança a condição de ser futuro, & para ser futuro havia de deyxar de ser presente, & para isso havia Luis de apartarse, & para ser elle o fugeyto, que esperasse, havia de ser o fugeyto, que fugisse.

Cant. 8.

Hug.
hic.

Quæ habitas in hortis, amici auscultant, fac me audire vocem tuam; ou como lê Hugo Cardeal: *Amici expectant.* Vinde Espoza mi-

inha, disse lá o Esposo dos Cantares áquella Alma Santa, vinde Espoza minha, porque estou aqui esperando com hús amigos, & vos queremos ouvir. E que responderia a Espoza a esta petição tão justa, tam terna, & ainda de tanto gosto para seu coração, & de tanto alivio para seu amor? *Fuge dilecte mi.* Ay, ide-vos embora, fugi Esposo meu: & com estas palavras acabou a Espoza o livro dos Cantares, que he o livro do amor. Pois com esta esquivaça se acaba hú amor tão grande, & tão encarecido em todo este livro? quando mais se deviaõ unir os corações, agora he o apartamento, a defuniaõ, o retiro, & a fugida: *Fuge?* Mas não foy isto acabar com o amor, foy acudir com o remedio á esperança. O Esposo dizia que esperava com huns amigos: *Amici expectant;* & como o esperar se não compadece com a presença, se o Esposo esperava, havia de fugir. Sempre a Espoza se mostrou muyto

cor:

correspondente a seu Esposo; quando o Esposo dizia que a amava, acudialhe com a fineza, que era a correspondencia do amor; agora que dizia que esperava, acudialhe com a fugida, que era o remedio da esperança.

E para que isto não pareça só consideração minha, cotejemos estas ultimas palavras como as mais de todo este livro. Em todo este livro não fez outra cousa o Esposo mais que encarecer seu amor, & só aqui declarou sua esperança. Em quanto o Esposo encarecia seu amor, & por esta causa buscava a Esposa por montes,

Cant. 2. & valles: *Ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles, tambem a Esposa por valles, & por montes o buscava:*

Cant. 1. *Indica mihi ubi cubes, ubi pascas in meridie.*

As suas finezas eram sempre a seu Esposo comigo, & nunca se apartar del-

Cant. 3. *le: Inveni quem diligit anima mea, tenui eum, nec dimittam, & por isso ella era a que pertendia as assisten-*

cias: Trabe me post te; ella a que não podia sofrer as ausencias: Quæram quem

diligit anima mea; ella a que sollicitava as presenças: Ve-

niat dilectus meus in hortum suum; ella a que desejava as

ocasiões das vistas: Quis det mihi te fratrem meum...

ut inveniam te foris: Porém como aqui, & só aqui lhe dizia o Esposo q̄ esperava; aqui, & só aqui lhe disse q̄ fugisse: Fuge.

Como se disse: Se esperais, Esposo meu, & viveis de esperanças, fugi, porque este he o remedio para viver esperando: não queyrais verme, que se não compadece o desejo cõ a posse, & com a presença a esperança, & se fois sugeyto que esperais, o fugirdes he preciso: *Heu fuge.*

He verdade, que nesta ausencia sentio o amor o golpe, & por isso se queyrou a Esposa: *Heu, ay;* mas como aqui havia a esperança de prevalecer ao amor, foy necessario fugir: *Fuge.* Suspirou o amor na ausencia; mas para respirar a esperança no apartamento:

Heu

Heu fuge. Na presença de Deos andava Luis, & tanto na presença de Deos, que nunca o perdia da vista; porém o mayor contrario de sua esperança era esta continua presença. O amor queria que se detivesse; mas por outra parte era obrigado a esperar: *Expectantibus Dominum suum*; & como não podia satisfazer a obrigação de quem espera com os privilegios de quem logra, deyx a presença, & foge. He verdade, que o amor de Luis padecia o golpe no apartamento; mas a esperança achava o remedio na fugida, & como era forçoso esperar, foy necessario fugir: *Fuge. Expectantibus Dominum suum.*

Tenho provado, se me não engano, que para Luis esperar, havia Luis de fugir, & deixar a presença de Deos: porém não he isto só, o que ao principio prometti. Não só disse que Luis havia de fugir, para esperar; mas q̄ em fugir, em se ausentar, & em deyxar a presença de Deos fora o fugeyto das

melhores esperanças; & não me arrependo de o ter dito, porque assim o foy. As duas esperanças se reduzem todas as esperanças dos Santos; a hũa esperança que he meyo, a outra que he fim; a hũa que he caminho, a outra que he termo; a hũa esperança, que he bemaventurada, & a outra esperança, que não he bemaventurada. Estas duas esperanças são, as que se achão na Escritura; estas, as que nos ensina S. Paulo: *Expectantes beatam spem.* Vivamos justamente, diz o Apostolo, & esperemos a esperança bemaventurada. Pergunto agora: Destas duas esperanças; da esperança que he fim, que he termo, que he bemaventurada; da esperança que he meyo, que he caminho, & que não he bemaventurada, qual diremos que he a melhor? He certo; que todos havemos de dizer, que a esperança bemaventurada he a melhor esperança; porque esta he o termo de nossos desejos, o fim de nossos cuydados, o def-

descanso de nossas ancias, & o alivio de nossas faudades; & que o fugeyto que tiver esta esperança, he o fugeyto, que tem a esperança melhor: pois isto he, o que foy Luis; porque esta he a esperança, que teve. Quantas vezes batia Deos ás portas de sua alma, quantas lhe fazia presente sua lembrança, outras tantas se retirava Luis, & outras tantas fugia, porque a presença lhe impedia a esperança: & como sempre depois de Deos o buscar, fugia para esperar, nisto tinha a melhor esperança; porque tinha a esperança bemaventurada.

Quando Sam Mattheos falla dos mesmos servos, de que falla S. Lucas: dos servos digo, que esperaõ, diz assim: *Beatus ille servus, quem cum venerit Dominus, invenerit sic facientem.* Bemaventurado he aquelle servo, que ainda quando vier o Senhor, & depois de vir; que toda esta força tem o *Cum venerit.* Bemaventurado he aquelle servo, que

ainda quando vier o Senhor, & depois de vir, o achar esperando: *Sic facientem.* E qual será o servo, que depois de vir Deos, & depois de estar presente ainda esperar? Não pôde ser outro senão, o que deixar a Deos para esperar. O que tiver a Deos presente, não pôde esperar; porque senão compadece a esperança com a presença; & só o que deyxar a presença pela esperança, he o que pôde esperar, depois de vir Deos: *Cum venerit, invenerit sic facientem;* & a este he, que se promete a bemaventurança no esperar, ou a esperança bemaventurada: *Beatus ille servus.* Pois este foy Luis, fugeyto, que ainda depois de vir Deos, esperava, porque sempre Deos o achava fugindo, & retirandose, para conservar a esperança. Entre Luis, & os mais Santos ouve esta grande diversidade: todos os outros Santos depois de vir Deos acabaõ a sua esperança; porque até vir Deos he o termo, que tem para esperar:

porém Luis não acabava a sua esperança com a vinda de Deos; Deos o buscava, Deos se lhe fazia presente; mas como o seu ponto era esperar, a sua these era fugir; & como fugia sempre, sempre Deos o achava esperando: *Sic facientem*, & por isso era Luis o Beato, ou o Beato Luis em esperar: *Beatus ille*.

Parecerá que tenho encarecido muyto a esperança de Luis em lhe chamar bemaventurada, ou a Luis Bemaventurado na sua esperança; mas ainda a não encareci o mais, porque ainda nos falta o melhor, & o mais subido desta esperança, que não só foy bemaventurada por conseguir o que conseguem os mais Santos quando tem a Deos presente; mas porque o conseguio com hũ modo muyto extraordinario, & muyto singular. Os mais Santos esperão para terem a Deos presente; Luis deyxava de ter a Deos presente, para esperar: o que conseguem os Santos com a sua espe-

rança he ter a Deos, mas a Deos em parte, & a nosso modo de fallar, a Deos partido; o que Luis alcançava com deyxar a Deos, era ter a Deos não em parte, não a Deos partido, mas a Deos todo. Esta diversidade vay entre quem espera para ter a Deos, & entre quem deyxava a Deos para esperar: quẽ espera para ter a Deos presente, depois de muyto esperar chega a ter a Deos, mas a Deos em parte: quem deyxava de ter a Deos presente para esperar, tem a Deos, não a Deos em parte, mas a Deos todo.

O sugeyto mais singular na esperança foy David; assim o disse elle de si mesmo: *Psal. 4. Singulariter in spe constitui me.* Vòs Senhor me constituistes, & me puzestes em huma esperança muyto singular. E em que esteve esta singularidade da sua esperança? Por ventura em quẽ sendo tam valente, mais confiava no poder Divino, do que na força de seu braço? Em que sendo taõ Santo, mais esperava na miseri-

cordia

cordia de Deos, do que em seus merecimentos: em que sendo perseguido dos proprios, & dos estranhos, nunca duvidou do socorro do Ceo? em se anticipar tanto a esperar, que bebeo com o leyte as esperanças? finalmente em esperar tanto, q̄ ainda depois de acabar a vida não acabava de esperar? Em nada disto estive, porque estes graos tam finos de esperança ainda que os não achemos todos juntos em alguns fugeytos, os havemos de achar divididos; já em Judas Machabeo; já em Ezechias; já em Daniel; já em Moysés; & finalmente em Job. Pois em que estive esta sua esperança singular? Antes que elle o diga, o direy eu: Esteve esta sua esperança em deyxar a Deos por esperar a Deos: agora o diga David: *Singulariter in spe constituisti me. Quid mihi est in Celo, & à te quid volui super terram?* Senhor, a minha esperança he muito singular, & para ser em tudo unica, & esperança, em que estou constituido,

& permanente, nam quero nada de vòs, nem na terra, nem no Ceo.

E porque toma David esta resolução tão nova, tão estranha, & tão extraordinaria? Aqui he agora que está o ponto mais alto, mais subido, & mais singular da sua esperança. *Deus cordis mei, & pars mea Deus in eternum.* Porque diz David, porque o Deos do meu coração he o meu Deos, & o Deos da eternidade he a minha parte? E qual he o Deos do coração, & o Deos da eternidade? O Deos da eternidade he Deos visto, he Deos gozado; he Deos presente, porque só na eternidade está presente, só na eternidade se goza, & só na eternidade se vê: o Deos do coração he Deos desejado, he Deos appetecido, he Deos esperado, porque com o coração se espera, com o coração se appetite, & com o coração se deseja; mas Deos visto, Deos gozado, & Deos presente he Deos partido: *Pars mea Deus in eternum.* Deos de-

F fejado,

*Psal. 21
vers. 20*

*Psal. 15
vers. 9.*

*Psal. 71
vers. 25*

sejado, Deos appetecido, Deos esperado, não he Deos partido, he Deos todo: *Deus cordis mei*: & como David tinha a Deos todo quando esperava; por isso não queria ver, porque quãdo visse, só teria a Deos em parte. Eu não disputo agora, se Deos presente he Deos em parte: se Deos esperado he Deos todo; mas suppondo-o, como David parece que o suppoem; & como parece, que o affirma.

Fez David comsigo estas contas: eu depois de muyto esperar, se Deos se me communicar, terey a Deos; mas a Deos em parte. Se continuo a minha esperança, tenho a Deos todo: pois a Deos Senhor: *Quid mihi est in Cælo, & à te quid volui super terram?* Nem na terra, nem no Ceo vos quero ter presente, que me não está bem trocar o todo pela parte: querovos todo, & como vos não posso ter todo se não em quãto espero: *Deus cordis mei*, por isso me acho muyto bem com a minha esperança singular: *Singula-*

riter in spe. Atè alli teria David o privilegio de ser singular na sua esperança; por ter a Deos todo em quanto esperava; porèm já agora achou semelhante em Luis: & se David tirou a Luis o ser primeyro, Luis tirou a David o ser unico nesta esperança. Presente tinha Luis a Deos; mas achava, que gozava pouco de Deos com a esperança, porque Deos presente era Deos em parte: *Pars mea Deus in æternum*; & para que nada de Deos lhe faltasse por gozar, deyx a Deos, & espera: *Expectantibus Dominum suum*, porque só esperando teria a Deos todo: *Deus cordis mei*.

E podia haver esperança mais bemaventurada que aquella esperança, que tinha a Deos todo, & que nunca com Deos se perdia? A esperança de todos com a presença de Deos se perde, porque com a presença de Deos acaba: a esperança de Luis não era assim: todas as vezes que Deos se lhe fazia

fazia presente, tinha Luis novo motivo para fugir, & nova razão para esperar; & estava tam longe de se lhe acabar, ou perder a sua esperança com a presença de Deos, que a presença de Deos lhe ajudava mais a sua esperança, pois lhe dava novo motivo para esperar.

Psalm.
93.

Ainda nisto se assemelhou mais a esperança de David. *Factus est mihi Dominus in refugium, & Deus in adiutorium spei meæ.* Deos, diz David, he o que ajuda a minha esperança. E Deos não he tambem, o que ajuda a esperança dos mais? Nam; porque a todos os mais, quando Deos se lhes faz presente, lhes destroe a sua esperança. He tal a ventura da alma, & tal a desgraça da esperança em todos, que quando á alma se lhe abrem as portas do Ceo, á esperança fecham se: a alma entra, a esperança fica de fóra: a alma salvasse, a esperança perde-se: a alma he predef-

tinada, mas a esperança não pôde ver a Deos. Em David não era assim; porque como não queria ter a Deos presente para melhor esperar, o querer se lhe Deos comunicar era obrigarlo a retirar se, para que a sua esperança se não perdesse, & acabasse com aquella presença. Isto mesmo corria em Luis; para que a sua esperança não ficasse condenada a se perder pela presença de Deos, deyxava a presença de Deos, & ficava salva, & sem se perder a sua esperança. Deos o buscava, & em o buscar o fazia fugir; & como o buscallo era causa para elle fugir, o buscallo Deos dava novos alentos á sua esperança, & tão longe estava Deos de lhe acabar, & fazer perder a sua esperança, que era motivo para sempre ficar salva, firme, & bema Ventura da, ou hũa perfeita bema venturança: *Ad quam nos, &c.*



SERMAM

NO ANNIVERSARIO DE D.RODRIGO
da Costa, Governador, & Capitaõ Géral da
India, o qual lhe fez seu Irmaõ Dom Vasco
Luis Coutinho, por occasiaõ de lhe pòr hũa
pedra sobre a lua sepultura, que se não poz
no dia de seu enterro.

*Prègado na Casa Professa de Goa aos 23. de Ju-
nho de 1691.*

*Quid tu hic, aut quasi quis hic? Quia excidisti hic
sepulchrum, excidisti in excelso memoriale
diligenter, in petra tabernaculum
tibi. Isai. 22.*



A M bastam pe-
quenos sentimẽ-
tos para o desa-
fogo da queyxa
em grandes perdas : a mais
que a hũa demonstraõ o-

briga a dor, que tem moti-
vos para ser eterna, & que
que tem causas para naõ ter
limite. Hum anno ha, que
neste lugar chc rámos sen-
tidamente o golpe de huma
mor-

morte , que nos cortou a melhor vida, & hoje se bem com diverso motivo , mas não com pena diversa , nas saudosas lembranças , que renovamos, tornamos a re-suscitar aquellas lagrimas, que então chorou a nossa lastima enternecida , & hoje consagra a nossa saudade magoada. Digo com diverso motivo, & não com pena diversa , porque entam a desgraça presente na morte daquelle grande Governador, & illustre Principe (todos sabem de quem fallo) então a desgraça presente chorava a perda de tantas prendas ; hoje em hũa pedra , que se consagra a tuas memorias, sente de novo, o que nunca deyxou de sentir. A dor de então corria por conta dos olhos ; a dor de hoje corre por conta da memoria. Então no despojo daquelle vida sentiamos a saudade futura, que se seguia áquelle morte presente; hoje nas lembranças daquelle morte passada padecemos a saudade presente, que nos deyxou aquella vi-

da. A dor de então nascia de hum corpo morto, que na mesma sepultura nos enterrava ; a dor de hoje renasce de hũa pedra, que em quanto se poem naquella sepultura, nos aviva os sentimentos. Eu me explico.

Morreo o nosso grande Governador ; & todos vimos em hũa sepultura raza aquelle corpo , que era merecedor dos Mausolèos mais sumptuosos : não sou freco semelhantes desattençoens o coração amante de hum irmão, que igualmente affectuoso, & magoado, todas as vezes , que considerava em urna tão vulgar aquellas cinzas tão soberanas, se queixava com o nosso Thema : *Quid tu hic, aut quasi quis hic ?* He possivel irmão meu , que a este abatimento se vê reduzida a vossa grandeza ? Vivo em tudo grande , morto como se em nada fosseis do muyto que fostes ? Aqui nos ensina a evidencia , que estais occulto ; mas com o *Quid tu hic*, reduzido ao quasi nada, *quasi quis hic ?* Sem vida,

porque a levou a morte; sem nome, porque o não publica o lugar. Que a morte não respeite as soberanias, isso he timbre do despeyto com que trata as mayores Magestades; mas que haja morte, & não haja lembrança; que a morte tire a vida, o esquecimento sepulte o nome, he sem-razaõ do descuydo.

Para memoria de fugeytos illustres levantou a veneração as pedras, os Mausoléos, as Piramides, os Obeliscos, as colunas, & os sepulchros: assim o fez Jacob com a sua Rachel, Artemisa com o seu Mausolo, os Egepcios com os seus Ptolomeos, os Romanos com os seus Capitaens, Simão Machabeo com seus irmãos, & todas as naçoens mais politicas com os seus Heroes: porèm em vòs sobejando causas para vos eternizardes em semelhantes memorias, faltáraõ em nõs as execuções para lembranças semelhantes; sendo que nos não mereciẽs nem menos amor, que Ra-

chel a Jacob; nem menos estimação, que Mausolo a Artemisa; nem menos veneração, que Ptolomeo aos Egepcios; nem menos credito, que os Capitaens aos Romanos; nem menos agrado, que os Machabeos a Simão; nem menores lembranças, que os mais abalizados Heroes ás naçoẽs, que acreditáram com suas proezas. Perèm hoje chegou o dia, em que ha de vingar o meu amor este descuido, & já que não posso trocar as sortes, & com os dispendios da propria vida restaurar as perdas de vossa morte; nesta pedra, q̃ faudofo vos dedica o meu affecto, aceitay hum elogio a vosso nome, já que nella cortou o vosso merecimento o seu sepulchro: *Excidisti tibi hic sepulchrum*; a vossa grandeza as suas memorias: *In excelso memoriale diligenter*; & vòs mesmo o vosso tabernaculo, & habitação: *In petra tabernaculum tibi*.

Esta pedra pois, que hoje se colloca, he a que nos traz

traz a este lugar, & a que me obriga a mim a romper o silencio nesta Oraçãõ, para a qual pondo de parte as queyxas do *Quid tu hic, aut quasi quis hic*, por estarem já satisfeytas, nam quero mais materia, que as mais claufulas do nosso Thema, nem mais discursos, que a explicaçam de todas ellas. Sè tomára que o meu talento fosse igual ás minhas obrigações, para em nada faltar ao desempenho; mas nesta falta, que em mim considero, me anima haver de ponderar as memorias de hum sugeyto, que avultou tanto com suas acções, que a insufficiencia do Orador ha de ser o mayor credito da materia.

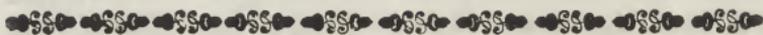
Todos os homens diz David que são imagēs: *In imagine pertransit homo*; mas ha tanta diversidade de homēs a homēs, como ha de imagēs a imagēs. Entre as imagēs que abre o cinzel, & que o pincel debuxa; quero dizer, entre as imagens de vulto, & as imagēs de pintura, ha esta notavel diffe-

rença, que as imagens de vulto lavram-se tirando, as imagēs de pintura formaõ-se pôdo. O pintor para formar a sua imagē lança as linhas, accõmoda as sombras, descobre, & aviva as feyções; mas sempre crescendo tintas, & dando cores. O escultor para lavar a sua estatua toma o cinzel, & começa a cortar rasgando os olhos, afilando o nariz, avultando as faces, estendendo os braços, espalhando as mãos, & proporcionando os mais membros; mas isto sempre tirado partes: de sorte que a imagem pintada com o que se lhe põe apparece; a imagem de vulto com o que se lhe tira realça. Isto me fmo passa nas imagens animadas, os homēs: sugeytos que são imagēs pintadas por não terem mais que apparencias, necessario he por lhes muyto para os louvar, já lançando muytas sombras para encobrir os seus defeytos; já dando tintas, & mais tintas, cores, & mais cores, para corar o que não he pa-

ra apparecer; mas quando os fugeytos sam de tanto corpo, que avultaõ em suas acçoens com grandeza, as partes que se deyxão, ou q̄ se tiraõ, são as que mais acreditão a obra; & por isso nesta occasiaõ não tenho que temer no que a minha insufficiencia não alcançar, porque como o nosso Prin-

cipe, cujas memorias hoje renovamos, foy de tanto vulto, pelo muito que avultou em suas obras, cõ o que tirar de suas acções, por não poder dignamente louvar taõ grandes merecimentos, acrecentarey os seus realces, não me faltando a graça para o fazer com acerto.

Ave Maria.



Quid tu hic, aut quasi quis hic, &c.

Que o nosso Governador cortou nesta pedra o seu sepulchro: *Excidisti tibi hic sepulchrum*, he a primeira clausula, que devemos ponderar do nosso Thema, & he tambem a primeyra causa de duvidarmos. Como he possivel, que hum fugeyto, que choramos enterrado ha tempo, tenha ainda agora impulsos para cortar a sua sepultura? A sepultura he a que tudo acaba, & tudo confome: alli desfaya o valor, & enfraquece a valentia: alli se abate a grandeza, & se reduz

a nada, o que he muyto: alli nem vivem os alentos, porque os levou a morte; nem obraõ as forças, porque lhes faltou a vida: pois como pôde ser, que se haja de dizer do nosso Principe defunto, que os seus golpes são hoje os artifices do seu sepulchro? Mais: Quem hoje dedica esta pedra, he o amor de hum irmão vivo ás memorias de hũ irmão defunto: pois porque se ha de dizer do defunto, q̄ a corta, se o amor do vivo he o que a lavra? Em outra occasiaõ seria a soluçãõ difficul-

culposa; na presente he muito facil, se olharmos para as causas desta obra. He verdade que morreo 'o nosso Principe; mas morreo para a vida, não morreo para o amor: morto ficou naquella sepultura; mas vivo pelo amor no coração de hum irmão, & como o amor he hoje o official mayor desta obra, tambem he o artifice desta mudança, fazendo que as obras, que a evidencia nos mostra serem de hum, a razão as haja de attribuir a outro.

Math. 20. *Dic ut sedeant hi duo filij mei, unus ad dexteram tuam, & alius ad sinistram in Regno tuo.* Senhor, dizia Salomé em hũa petição que fez a Christo: Senhor, estes dous filhos meus desemparrarão a minha velhice por seguirem a vossa doutrina; lá deyxarão o pay em Tiberiades, & as suas redes naquellas prayas; lanço, & desapego he este para merecerem o vosso agrado; por tanto fazcy que sejam os dous primeyros Ministros em vosso Reyno, & recebe-

rão mercè. Esta foy a petição de Salomé; & qual seria o despacho de Christo? *Nescitis quid petatis.* Nam sabeis o que pedis. A petição foy feyta pela mãy, o despacho foy dado aos filhos. Agora pergütara eu: pois se a mãy he a que pede, & a que allega: se a mãy he a valia, & a intercessora, porque não dá Christo o despacho á mesma mãy, & porque dá o despacho aos filhos? Porque Christo dá o despacho a quem pede, & os que naquella petição pedião erão os filhos, & não era a mãy. Ora notem. Christo naquella memoria, que lia no papel, confriuía a vontade da mãy, & via que o amor da mãy era, o que negociava os lugares para accommodar os filhos; elle o que ditava as razões, o que allegava as causas, o que metia o memorial, o que solicitava o despacho, & o que pretendia o provimento, & neste caso o negar, que era a resposta, & o despacho da petição: *Dic*, havia de ser aos filhos, porque quando a mãy

a mãy movida do amor dos filhos pedia, não pedia a mãy, pedia os filhos; que estas mudanças de fugeytos sabe fazer o amor, de sorte, que quando o amor he o que obra, não se ha de attribuir a execucao a que ama: & obra, senão áquelle por quem se obra, & se ama; seja muyto embora Salomè, a que mete a peticao; que Joaõ, & Diogo haõ de fer, os que pedem: *Nescitis, &c.* Parece que está provado o intento; mas ainda não está dada a razam da prova. A razão he a força, & o poder, que o amor tem para fazer estas mudanças.

A força, a valentia, & o poder do amor comparou Salamaõ ao poder, á valentia, & á força da morte: *Fortis est, ut mors, dilectio.* O amor he tão forte como a morte; & qual he o poder da morte, para por elle medirmos o poder do amor? O mesmo Salamaõ o disse: *Quid defraudat vitam?* *Mors.* Sabeis que cousa he a morte, & que poderes te? pois a morte he hum ladraõ

da vida; & não tem a vida riquezas, que não estejam fugeytas aos latrocinios da morte. Hum fugeyto vivo logra as mayores riquezas, que lhe pòde dar a natureza; porque a obra mais perfeyta da natureza he a vida.

Vejamos em hum fugeyto vivo o ornato de todas aquellas operações nobilissimas: se he sabio, tudo sciencias: se he Filosofo, tudo discursos: se he discreto, tudo pensamentos: se he artifice, tudo desenhos: se he soldado, tudo alentos: se he Capitaõ, tudo brios: se he General, tudo disposições: & se he Principe, tudo soberanias: mas deyxemos chegar a morte, deyxemos lhe fazer o roubo, que coituma nas vidas, & veremos como já no sabio nam ha sciencias, nem discursos no Filosofo, nem pensamentos no discreto, nem desenhos no artifice, nem alentos no soldado, nem brios no Capitaõ, nem disposições no General, nem soberanias no Principe; porque os roubou a morte, &

todas

todas estas riquezas trasla-
dou para a sepultura, to-
dos estes titulos gravou
naquelles marmores, & to-
dos estes talentos enterrou
naquellas covas, que são o
lugar aonde a morte habi-
ta, & lá na sua habitação he
que depositou a morte tu-
do o que tirou daquelles
fugeytos vivos; que taes
mudanças sabe fazer o po-
der, & valentia da morte;
pois isto mesmo he, o que
faz o amor com o seu poder
semelhante ao poder da
morte.

O amor, diz o grande
Padre S. Agostinho, não afi-
siste, nem habita donde a-
nima, senão donde ama: *A-*
mor non ubi animat, sed ubi
amat. E como a sua habita-
ção he no fugeyto amado,
tambem para lá he que tras-
lada, lá he que deposita as
acções de quem ama. Obra-
rá hũ fugeyto impossiveis;
porfcha nos mayores em-
penhos; mas se ama, nada
disto ha de ser seu, tudo o
que obrar, aquellas finezas,
aquelles agrados, aquelles
desvelos, aquellas diligen-

cias, aquellas demonstra-
ções, aquelles cuydados, a-
quellas correspondencias,
aquellas pertençações, vigi-
lancias, empenhos, & im-
possiveis, tudo isto ha de ser
do fugeyto, a quem ama;
porque tudo isto lhe rou-
bou o amor, para o pôr no
termo de seus cuydados; lá
he que deposita todas as o-
bras, que executa para que
o nome nas execuções seja
do objecto que ama, & elle
só tenha o nome nos empe-
nhos, como causa, sendo
motivo das finezas como
fim: & esta he tambem a ra-
zão para dizermos com o
nosso Thema, que a obra, q̃
vemos hoje naquella pedra,
ha de ser effeyto do nosso
Governador defunto, &
que elle he, o que lavra a
sua sepultura: *Excidisti ti-*
bi hic sepulchrum; porque o
amor, que lhe tributa estes
obsequios, tem força para
lhe attribuir esta obra, mu-
dando as execuções de hũ
fugeyto vivo em effeytos
de hũ fugeyto morto: *Fortis*
est, ut mors, dilectio.

Mas quando não bastas-
se

se esta razão taõ forte, bastava, que esta obra fosse para a lembrança de hũ irmão defunto executada por hũ irmão vivo, para que toda se attribuisse ao defunto, & não ao vivo. Se bem repararmos, dous irmãos concorrem hoje á fabrica desta pedra, hum vivo, & hum morto, o vivo como causa, o morto como motivo: o vivo como causa na execução acode a restaurar as lembranças do morto, para que não acabem com o descuydo; o morto com o motivo faz adiantar a obra, que se executa em seu nome; & nestas circumstancias a obra necessariamente ha de ser do morto, & não do vivo.

Mandava Deos antigamente, que todas as vezes, que hũ irmão morresse sem ter filhos, o irmão, que ficasse vivo, celebrasse novos desposorios com a cunhada, para se não acabar a successam: em comprimento desta ley ordena Judas a seu filho Ona, que tome por mulher a Thamar viuva de Her filho mais velho: *In-*

gredere ad uxorem fratris tui, & sociare illi, ut suscites semen fratris tui. Vosso irmão Her, dizia Judas, acabou a vida, & com a vida acabará tambem a sua memoria, se a vossa diligencia não restaurar as suas lembranças com a successão da casa. E que faria Ona neste caso? Ainda que no exterior obedeceo á ordem, com tudo nem guardou a ley, nem o preceyto: & porque? Porque sabia que não havia de ter filhos para si, diz o texto: *Ille sciens non sibi nasci filios*; mas que todos haviaõ de ser do irmaõ defunto: *Ne filij fratris nomine nascerentur.* Que esta he a consequencia que se segue nas obras, que faz hũ irmão vivo para restaurar as memorias de hum irmão defunto, que nada do que faz he seu, mas tudo o que obra, he do irmão.

Os filhos são imagẽs vivas dos pays pela natural semelhança que tem com elles, & em quanto a geração se vay propagando, não morre de todo o progenitor;

tor, porque na successam deyxá a sua lembrança continuada; mas isto se entende, quando o pay não he irmão vivo, que resuscita as memorias do irmão defunto; porque em semelhante caso he tal a ley da irmandade, que tira o nome ao vivo nas execuções, para o dar ao defunto nas lembranças: *Filij fratris nomine nascerentur*. Para esta successão, q̄ toda era para as memorias de Her, haviam de concorrer as execuções de Ona, que estava vivo; porém motivadas pelas lembranças de Her, que estava defunto; mas eraõ tão activas as lembranças, que deixavaõ frustradas as execuções, & nunca se diria, que os filhos erã de Ona vivo, mas de Her defunto: *Filij fratris nomine nascerentur*. Isto he o que havia de succeder antigamente entre dous irmãos, hum vivo, & outro defunto: & isto vemos executado naquella pedra, effeyto de outros dous irmãos, hũ defunto, & outro vivo. O cuyda-

do com que se procurou collocar naquelle lugar, a ancia com que se pertendeo, a instancia com que se venceraõ todas as difficuldades, tudo foram execuções de hũ irmão vivo; não se deu alli golpe, não se aplanou parte, não se cortou indivisivel, não se lavrou relevo, nem se imprimio caracter, que tudo não fosse effeito de sua actividade, & parto de sua diligencia; mas como toda esta diligencia, & actividade era em ordem ás lembranças, em ordem a restaurar as memorias de hũ irmão defunto; o defunto he, o que ha dê ter o nome desta obra; porque o defunto he o motivo de todos estes effeytos: *Excidisti tibi hic sepulchrum*.

Assim cortou o nosso Governador naquella pedra o seu sepulchro, & assim gravou tambem as suas memorias: *In excelso memoriale diligenter*. E assim havia de succeder a quem soube viver com tantas prendas, que mereceraõ ser tam largas

gas na duraçam, como haõ de ser eternas na nõssa faudade. Isto nos promette aquella pedra, que ha de ser a melhor lingua de sua fama, & o melhor fiador de sua memoria. Eu não duvido que lançar hũa pedra em cima he de ordinario o melhor meyo para sepultar hũ sugeyto no esquecimento: queyxa univèrsal de muytos vivos, que ainda antes de morrer andam enterrados, por não terem quem se lembre delles; mas he necessario distinguir pedras de pedras, porque vay muyta differença de mortos a mortos.

Todos os que nascem neste mundo, nascem com a pensão de morrer; mas nem todos os que morrem acabaõ com pagar á morte a sua pensão: porque ainda que todos com a morte acabaõ a vida, nem todos com a morte acabaõ a fama. Hũs acabaõ, & morrem; outros morrem, mas não acabam: acabão huns, & morrem, porque nem lhes fica vida, que a vida levo a morte;

nem lhes fica nome, que o nome não lho merecêraõ as acçoens: outros morrem, mas não acabão, porque ainda que a morte lhes levou a vida, os seus merecimentos lhes eternizaraõ o nome. Para os primeyros seja muyto embora a pedra, que se lhe põe na sepultura, bafese, em que assente o descuydo; porque têm as qualidades daquella pedra de quem falla Christo, que cahindo sobre semelhâtes sugeytos os ha de desfazer: *Super quem ceciderit commi-*

Luc. 10

nuet eum. E a razão disto he; porque a morte só tem poder na vida, mas não tẽ poder no nome, & como quem vive sem nome, não tem mais que a vida, a pedra, que pela morte cahio sobre a vida, desfez tudo, em quanto executou o poder univèrsal, & de potico que sobre a vida tem a morte: porém os segundos, que por suas prendas souberaõ agradecer o nome, & adquirir a fama, sobre quem a morte não tem poder, ficaraõ sem vida debayxo dessa pedra;

mas

mas essa pedra ha de ser o melhor titulo de suas memorias.

Lá morreo Rachel fugeyto de tantas prendas, que todo o encarcimento he pouco para seu abono: *Mortua est ergo Rachel*, & diz o texto que Jacob levãtára sobre suas cinzas hũa pedra por titulo: *Exiitque Jacob lapidem in tuulum super sepulchrum eius*. E sabem qual foy o titulo, que se entalhou naquelle marmore: *Memoriale in futurum*? E este titulo diz Nicolao de Lira que era hũa memoria eterna de Rachel; que fugeyto de tantas prendas, pôde morrer, mas não pôde acabar, & ainda depois de morta tem Rachel muytos titulos, para se eternizar nas memorias. Dous titulos se haviaõ de ler naquella pedra, hum titulo da morte, outro titulo do merecimento: o titulo da morte dizia: *Aqui acabou Rachel a vida: Mortua est*. O titulo do merecimento dizia: *Aqui eterniza Rachel o nome, & aqui vive para a memoria: Me-*

morale in futurum. Em quanto durar o mundo se lerá com lastima neste titulo hũa vida cortada nos melhores annos, huns annos dotados das melhores prendas: a lastima lerá hũa censura perpetua dos rigores da morte, que não soube ter piedade com tal vida: as prendas seirão hum eterno despertador das memorias de Rachel, que não acabou de todo com tal morte, & ficando sem vida debaixo daquella pedra: *Mortua est*, fica sem acabar naquelle titulo: *Memoriale in futurum*.

Ah illustre Governador! & com que ventagens vejo nesta vossa pedra outros dous titulos! o titulo da morte, & o titulo do merecimento: o titulo da morte, que vos tirou a vida; o titulo do merecimento, que vos eterniza a fama. No titulo da morte todos lemos com sentimento a injuria, que fez a vossos annos: no titulo do merecimento todos lemos com admiracãm as eternidades de vosso nome.

Genes.
35.

Glos. ib.

me. A vida cortada foy def-
troço daquella fouce; de
que a morte se arma contra
as vidas: o nome eterniza-
do foy poder do voffo me-
recimento, que foubé dar
vida á fama contra os def-
troços da morte. Para vos
tirar a vida no mais robufto
teve poder a morte: que
he indispensavel ley da na-
tureza fer despojo do me-
nor accidente da morte, o
mais alentado brio da vida;
mas não tem a morte for-
ças para vos tirar de nossas
memorias, que são as for-
ças da morte muyto fracas
para resistirem ao valor de
vossos merecimentos! Essa
pedra será sepultura de voffo
corpo; mas será padram
de voffo nome: em quanto
sepultura encobrirá voffas
cinzas; em quanto padraõ
publicará voffas proezas,
& será finalmente eterna
memoria de voffas obras: *In
excelfo memoriale diligen-
ter.*

Nem cuyde alguém, que
por ver aquella pedra em
lugar taõ razo, deyxão de
ficar naquellas memorias

muyto levãtadas, como diz
o nosso Thema: *in excelfo*;
porque para tomarmos a al-
tura ao lugar daquella pe-
dra, não havemos de tomar
as medidas ao nivel da ma-
teria senão pela correspon-
dencia da obra. Se quere-
mos saber senhores as emi-
nencias daquelle lugar, &
lhemos para aquella sepul-
tura, & levantemos os ol-
hos para aquelle sepul-
chro. Vejamos de hũa par-
te a Xavier, aquelle Cori-
fêo da Igreja, aquelle Gi-
gante da santidade, & a-
quella mais que grande ef-
tatua da virtude; & da ou-
tra vejamos ao nosso Gô-
vernador aos pés de Xa-
vier, lugar que escolheo,
quando a morte com o gol-
pe, com que lhe cortou a vi-
da, o derrubou; & logo co-
nheceremos, que caindo a
taes pés cresce, não se aba-
te, levanta-se, não se humi-
lha, & que os pés de hũ su-
geyto tam grande são os
mayores augmentos.

Do mais alto de hum
monté vio Nabuco, que fo-
ra cortada huma pedra sem

mãos:

O lugar
da se-
pultura
he juto
do se-
pulcro
de Sam
Fran-
cisco
Xavier.

nãos: *Abscissus est lapis de monte sine manibus*, & o lugar acende cahio foy aos pés daquella grande estatua, & logo adverte o texto, que a pedra crescêra com tanta demasia, que se fizera hum monte, que encheo o mundo todo: *Lapis autem factus est mons magnus, & implevit unversam terram.* Ha tal crescer? ha tal subir? ainda agora pedra, & já agora monte? pouco antes pedra cortada, & pouco depois monte inteyro? não ha muyto pedra, que estava sobre hum monte, & logo monte, que enche a terra toda? Sim: que cahio esta pedra aos pés de hũa estatua tão grande, que comprehendia o mundo todo; & estes milagres fez aquella queda, estes augmentos deram aquelles pés. No monte teve a pedra o precipicio, & a queda que lhe occasionou o golpe: *Abscissus est*; mas aos pés onde cahio, achou os augmentos, que lhe communicou a grandeza daquella estatua: *Factus est mons magnus.*

No monte, quero dizer, no alto posto que occupava estava tãtẽ o nosso Governador: dallio vimos cortado sem mãos, porque as escondeo a morte tanto, que sem se prever o golpe, se chorou a ruina: ainda o achaque se não tinha declarado, & já o mai tinha prostrada aquella vida, & sem se saber donde vinha o impulso choramos a queda: tal foy a cautela da morte, que vimos a queda, & não vimos o golpe: *Abscissus est de monte sine manibus*; mas como a queda foy aos pés de Xavier sugeyto tão grãde, que he mayor que o mesmo mundo, não foy a queda ruina, foy augmento: *Factus est mons magnus.* No governo, que era monte alto em que estava, tinha o q̃ tem todos os que estão em lugar alto, que he o poder cair; mas na queda aos pés de Xavier tem, o que poucos conseguem, que he a grandeza mais segura: *Factus est magnus.* A que se acrescenta, que a queda que deu a morte a hum Governador

nador tão inteiro na justiça, tão recto em premiar merecimentos, tam igual no distribuir das mercês, & que imitou tanto o governo de Deos, de que todos os Principes são substitutos, a queda digo de tal Governador nunca podia ser queda, que o abatesse, sempre havia de ser queda que o levantasse: perder a vida aos impulsos da morte, como os mais, que acabão a vida, isso sim; mas ficar abatido na queda, com que a morte o derribasse, isso não.

Horat.

Para todos he igual a morte: *Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas, regumque turres*: morrem os grandes, & morrem os pequenos; morrem os Principes, & morrem os vassallos: morrem os nobres, & outros morrẽ tambem do vulgo vil sem nome, & he tal a igualdade da morte, que com o mesmo impulso do pè, cõ que derriba: *Pulsat pede*, piza os cetros, & os cajados: os palacios, & as cabanas: as

purpuras, & os bureis: porẽm com ser o impulso para derribar tam igual da parte da morte, as quedas são muyto desiguaes da parte dos fugeytos: todos igualmente morrem; mas nem todos ficaõ pela morte igual, iguaes na queda: esta desigualdade no cahir, que Horacio não conheceo, declarou Deos por David.

Falla Deos por David dos Governadores, que poz em seu lugar, & que imitirão as maximas do seu governo, & diz assim: *Ego, P^{sal. 81.} dixi: Dij estis, & filij Excelsi omnes*. Eu vos fiz deuses da terra, & filhos meus muyto grandes, em quanto vos cometti o governo: porẽm adverti que todos haveis de morrer, como homens: *Vos omnes sicut homines moriemini*; mas nesta morte haveis de cahir como Principes: *Et sicut unus de Principibus cadet is*. E que tem morrer como homens, & cair como Principes? Tẽ a igualdade, & desigualdade: a igualdade no morrer, & a desigualdade no cair.

Quem

Quem governa como Deos, será igual aos mais homẽs no morrer; mas na queda ha de ficar semelhante aos Principes; porque esta queda não lhe ha de abater a soberania, nem diminuir a grandeza: o lugar que occupa sobre os mais homẽs não poderá izentallo das leys, cõ que a morte iguala a todos, & por isso na morte ficará como os mais homẽs: *Sicut homines*; mas a inteyreza no governo saberà levantar na queda, a quẽ governou como Deos, & por isso na queda ficará tão grande como hũ Principe: *Sicut unus, &c.*

Como homẽ podia morrer o nosso Governador, ou ser igual aos mais homẽs em quanto perdem a vida; mas quem soube medir o seu governo pela regra do governo de Deos, não havendo para elle outra valia no provimento dos lugares mais que o merecimẽto dos fugeyros, nem outra intercessão mais que o serviço de benemeritos; finalmente quem teve a balança

da justiça tanto no fiel da igualdade, que soube dar a cada hum o que era seu, que he o timbre do governo de Deos: *Reddet unicuique secundum opera ejus*; quem assim soube governar, ainda que com a morte caya como homem, sempre ha de ficar Principe na queda, sempre grande, & sempre soberano: *Sicut unus de Principibus*; & quando hoje as suas memorias se collocaõ em lugar tão alto; quando aquella pedra tem os alicerces tão levantados, ainda que a sepultura pareça raza, tudo alli são soberanias, tudo grandezas; & tudo eminencias: *In excelsis.*

Porẽm quando a força destas razões não baste para convencer qualquer evidencia em contrario, baste ser aquelle lugar na casa do Senhor, ou do Bom JESU, junto daquelle Santuario illustre, que Deos conserva ha tantos annos, pedido repetidas vezes pelo nosso Governador antes de morrer, para nelle com aquella

pedra ficarem engrandecidas, & levantadas as suas memorias. Hũ Pſalmo com
 Pſal. 26 por David, que intitula: *Pſalmus David priusquam liniretur.* Pſalmo de David antes de ser unguido: & no contexto delle na verſão Caldayca, & Hebræa diz affim: *Unam rem petivi à conſpectu Domini, hanc requiram.* Huma couſa tenho pedida diante da preſença do Senhor, a qual tornarey a pedir repetidas vezes, q̃ he hũ lugar na caſa do meſmo Senhor junto do ſeu Santuario: *Ut inhabitem in domo Sanctuarij Domini.* Por quanto neſte lugar he que me ha de eſconder, & retirar, quando eſte mal ſe acabar: *Quoniam abscondet me in tabernaculo ſuo, in die, in quo imminuerit malum.* Mas ainda affim, ainda que eſte lugar ſeja retirado, ainda que eſte lugar ſeja eſcondido, & o mais humilde de ſua caſa: *Latere me faciet in abdito tabernaculi ſui;* em hũa pedra me ha de ſubir a mayor altura, & me ha de levantar a mayor grande-

za: *In petra exaltabit me.* Taes ſão as prerogativas de huma pedra na caſa de Deos: taes as excellencias de hũa pedra junto do Santuario, ou Arca do Teſtamento, que o meſmo Deos conſervava entam em ſeu Templo, & em ſua caſa, para haver de levantar, & fazer grande a David, ainda no lugar mais retirado, & humilde: *In petra exaltabit me.*

Em tam grande ſemelhança de ſucceſſos, naõ temos mais que mudar os ſugeytos, & o que antigamente ſe accommodou ao Governador do povo de Iſrael em Judea, accommodallo ao Governador dos Portuguezes na India eſcondido, & ſepultado na caſa do Senhor junto daquelle Santuario de Xavier: mas tornemos a conſtruir o meſmo Pſalmo, para ficar mais clara a accommodaçã. A morte, & antes de ſer unguido: *Priusquam liniretur,* eſtava tambem o noſſo Governador, & quando lhe trouxeraõ o Santo Viatico, ou-

ve quem lhe advertio, que fizeise hum voto ao Santo Xavier, para lhe alcançar de Deos mais dilatados annos. E que diria aquelle espirito generoso, & intrepido: ou que diria diante da real presença daquelle Senhor sacramentado: *à conspectu Domini?* Pedio o que já tinha pedido: *Unam rem petivi à conspectu Domini, hanc requiram.* Vida não; mas hũ lugar, em que descansasse diante daquelle Santuario da sua Casa Professa: *Ut inhabitem in domo Sanctuarij Domini;* porque depois que o rigor daquelle enfermidade acabasse, & desfizesse os alentados espiritos daquelle vida, só queria estar escondido, & humilhado diante daquelle tabernaculo: *Quoniam absconlet me in tabernaculo suo, in die, in quo imminerit malum.*

Mas que se havia de seguir deste lugar retirado, deste lugar escondido, & deste lugar humilde: *Late-re me faciet in abdito tabernaculi sui,* senão a exalta-

ção de seu nome nesta pedra: *In petra exaltabit me,* & a mayor grandeza, ou o lugar mais alto, & levantado de suas memorias: *In excelso memoriale?* Não me detenho a ponderar a diligencia, com que soube eternizar as suas memorias: *diligenter;* porque todos sabemos, que em poucos annos de idade contou muytos seculos de merccimento. Assim o testemunha a pressa com que se entregou ao serviço delRey, & bem da patria, continuãdo sempre na Europa, na Africa, & na Asia em tantas empresas gloriosas, que se contarmos bem o pouco, que viveo, & repararmos no muyto, que obrou, acharemos, que foraõ mais os triumphos, q̃ os meses, as proezas, que as somanas, as façanhas, que os dias, & que as horas as acçoens heroycas de sua pessoa.

Por em passamos adiante, que temos á vista o tabernaculo, & edificio levantado sobre aquella pedra: *In*

Mach.
1. 13.

petra tabernaculum tibi. Sobre o sepulchro daquelles valerosos Governadores os Machabeos levantou Simão hum edificio de huma pedra lavrada maravilhosamente: *Adificavit Simon super sepulchrum patris sui, & fratrum suorum edificiũ altum visu, lapide polito retro, & ante.* E o que fazia mais vistosa aquella soberba machina eraõ hũas grandes colunas, em que se penduravaõ as armas, & os despojos dos inimigos vencidos pelo valor daquelles Principes, & se gravavam huns emblemas, ou pinturas de suas vitorias: *Circumposuit columnas magnas, & super columnas arma ad memoriam eternam, & juxta arma naves sculptas, quæ viderentur ab omnibus navigantibus.* Mas com licença de tam grandes Governadores, não havemos de reconhecer ventagẽs na sua pedra, & no seu edificio, ao edificio, & á pedra do nosso Governador: se naquella houve colunas, & triunfos, nesta ha triunfos,

& colunas: se lá havia emblemas, & despojos, aqui ha despojos, & emblemas: he verdade, que aqui faltou a arte, que os havia de imprimir naquella materia; mas que importa, se o mercimento os tem debuxado ha muyto tempo, & assim os reconhece a razão? & se esta nos guiar, & mostrar aquelle vistossissimo tabernaculo, que no moral daquella pedra se levanta logo na primẽyra fachada, para credito da fabrica, & admiração do mundo veremos as duas colunas de Hercules: *Circumposuit columnas,* com o titulo do *Non plus ultra.* Atè aqui, & não mais: atè aqui poderá chegar a valẽtia; atè aqui a magnificencia; atè aqui a liberalidade; atè aqui o esforço; & atè aqui quem for em tudo grãde; mas daqui por diante não se pòde passar; que passou o nosso Principe tanto alem do encarecimento em suas obras, que poderá haver quem obre á sua imitação; mas não haverá quem passe alem do seu exemplo.

Non

Non plus ultra.

No interior do edificio não acharemos as tapeçarias ricas, os panos bordados de tres altos, as bayxellas lavradas, o ouro, & mais superfluidades da vaidade, porque a limpeza de mãos, a liberalidade, & desinteresse do nosso Principe não soube ajuntar cabedões para a vaidade, só soube adquirir virtudes para a estimação, que são as riquezas mais seguras; veremos porém os emblemas esculpidos, as pinturas finissimas, & paufagens com que soube adornar a sua habitação; & a primeyra figura, que podem ver não são navegantes: *Ut videntur ab omnibus navigantibus*, mas o mundo todo, he a imagẽ do valor. Pintase o valor hũ mancebo galhardo, & resolutivo, que armado de sua generosidade, sem esperar o beneficio dos annos se mostra intrepido nos mayores riscos, & animando nos alentos de seu brio as arterias de seu esforço, nos mayores peri-

gos tece a coroa de suas victorias, nas mayores resistencias imprime os elogios de seus applausos, & nos mayores empenhos corta a palma de seus triunfos: esta he a imagem do valor, que alli se vê, porque este mesmo he o valor de que foy dotado o nosso Principe, no qual assim se a dianteu aos annos, que se apostou a natureza a formar de repente hũ varaõ sem as pensoes de menino, equivocando nos annos mais tenros as acçoẽs dos mais robustos, pois não tinha mais que dezaseis, quando as campanhas do Alentejo o viram já governar hũa tropa: *Ante annos animamque gerens, curamque virilem.* Anticipando, digo, os frutos do tempo mais maduro ás esperanças da primavera mais florida, & fazendo jogo de sua infancia os empregos da valentia, que podemos dizer com aquelle grande Panegyrista sem nenhũ encarecimento: *Reptasti per scuta puer, Regumque feroces exuvie tibi nudus erant.*

Virgil.

Claud.

Nunca o seu valor soube temer mais que faltarlhe occasioens , em que pudesse luzir ; teve muytas , em que sempre trouxe os trofeos pendentes da vitoria : assim o pôde dizer a terra , & assim o pôde dizer o mar no tempo que militou , & no tempo que governou , já como soldado , já como Capitaõ , & já como Governador. Diga-o Portugal , quãdo em suas fronteiras o admirou esgrimindo a espada : diga-o Oran , quando em seu soccorro experimentou a melhor defesa : diga-o a Ilha de Santa Helena , aonde destrozado de temporaes , & salto de todo o necessario por hum accidente , que podia diffimular a conveniencia de muytos , mas não o seu valor , desafiou a sete náos , que não querendo aceytar o côffito lhe cederaõ a vitoria : diga-o Pate , quando o vio escalar seus muros , & sobre elles a meçar estragos , & fulminar ruinas : diga-o Pondâ , aonde a sua presença era terror de nossos ini-

migos : diga-o a Ilha de Santo Estevaõ , que não tem pedra , que não seja lingua de suas acçoens : & diga finalmente a India toda o temor com que todas as nações de todo este Oriente respeytavão as suas resoluções : & nõs vejamos o segũdo quadro que apparece , que he o da justiça com hũa balança na maõ , cujo fiel he a igualdade , pois guardou esta tanto , que nunca teve outra inclinação a sua justiça , mais que o merecimento dos sugeytos.

Mais adiante se vê a misericordia , que dos mayores agravos toma motivo para o perdaõ mais prompto. Aggravado , & mais que aggravado estava o nosso Governador de hum Idolatra , que lhe intentou tirar a vida , & em pago deste intento o livrou da morte a que estava condenado. Depois da misericordia se segue a piedade , que sem attentar ao proprio commodo , toda se desvela nos beneficios , cô que ha de remediar as necessidades alheas :

& quam grande fosse a sua piedade testemunha o pouco, q̄ se lhe achou na morte por causa do muyto que repartio na vida : assim o publicaõ , & confessaõ as Cõmunidades Religiosas desta Cidade , a quem acodia com tam largas esmolas , q̄ na sua mão achavão a mayor porçã do seu sustento : isto mesmo publicam tantos orfaõs , & viuvas , q̄ em taõ grande piedade aliviavão as suas faltas : & se nos lembra do dia de sua morte , ainda agora haõ de estar retumbando os ecos das lastimosas vozes , que entre soluços , & suspiros ouvimos a esses pobres pelas ruas , & em muytas casas particulares, que diriaõ não havia miseravel q̄ nelle não achasse amparo , defemparedo que não achasse abrigo , & perseguido que não achasse protector : & por abreviarmos tâta perspectiva, alli veremos a generosidade sem arrojõ , a valentia sem temeridade , & a prudencia sem reccyos , a fidelidade incorrupta, a Re-

ligiaõ observante , & a fortaleza segura , a grandeza sem presumpçaõ , a verdade sem refolho , & a gravidade sem enfado , a constancia nas adversidades , nas felicidades a temperança , a resoluçaõ nas emprezas , & o zelo do serviço delRey , & finalm̄te o retrato muyto ao vivo do Senhor Dom Rodrigo da Costa, saudoso emprego de nossas memorias , eterno desejo de nossos corações , o qual se vê copiado em todas estas imagẽs ; & sendo o centro de todas estas virtudes , he o melhor exemplar , & prototypo de todos estes retratos , nem para debuxar hum Heroe em tudo perfeyto tem hoje a pintura, que mendigar exemplares, ponha diante dos olhos a este varaõ , & vá copiando transuntos , em seus alentos achará o valor, em sua igualdade a justiça , em sua compayxaõ a misericordia, em sua benevolencia a piedade, em seus brios a constancia , em seu peyto a valentia , em sua capacidade a pru-

prudencia, em seu sangue a fidelidade, em sua Christandade a Religião, em sua fidalguia a grandeza, em sua communicação a verdade, em seu trato a gravidade, em seu animo a resolução, em seu desinteresse o mais qualificado zelo, em sua pessoa o modelo das mais relevâtes prêdas para a imitação dos mayores realces: & estas são as riquezas preciosissimas que soube ajuntar vivo para com ellas ennobrecer o lugar, em que descansa morto; & como estes bês não sejam de fortuna, por si mesmo os adquirio, comsigo os conserva, & para si os guarda naquelle tabernaculo: *Tibi.*

E com muyta razão para si; que á sepultura não se leva o que se possui, levase o que se obra; & como obrou muyto na vida, muyto tem agora na morte: na vida quanto á estimação do mundo valerá quem tem; na morte só tem valia quem sabe obrar, porque o ter bês acaba com a vida, o obrar bem permanece depois da

morte: assim o vemos hoje naquelle tabernaculo, que para si fabricou o nosso Principe: *Tibi*, nunca mais abundante de bês, que quando com o bem que obrou soube pôr em tam boa fórma, & disposição o edificio de sua sepultura. O' se bem advertissemos senhores neste *Tibi* gravado naquella pedra! se bẽ advertissimos, que de tudo o que podemos ter, só para nós nos fica a sepultura! que pouco caso fariamos das riquezas que o mundo nos promete, & quanto fariamos das que nós com nossas obras nós podemos grangear! pois achariamos que as do mundo, no mundo ficam, quando deyxamos o mundo, & se levamos algũa cousa, he arrependimento de as ter logrado; mas o que nossas obras merecem, he o q̃ temos para nós, *Tibi*; porque isso he o que levamos á sepultura: *Opera enim illorum sequuntur illos*, & que os bens deste mundo não são cousas de que hajamos fazer caso, & cabedal.

Apo. 14.

Todas

Todas as cousas deste mundo não tem mais valor, que o que nós falsamente lhe damos na nossa estimação. Lá diziaõ aquelles homẽs sem juizo, que refere Amẽs no Capitulo oitavo: *Augeamus siclum, & supponamus stateras dolosas.* Acrescentemos os bẽs, demos-lhe mayor valor, & para isso ponhamolos sobre balanças falsas, & enganadoras. Chama-lhe o Profeta siclo, que era a moeda de menor preço daquelle tempo, porque não ha cousa de tão pouco preço, & valia, como são os bẽs da terra, & se tem algũ valor, he o que nossa falsa estimação lhes dá em balanças sem fiel, & enganadoras: *Supponamus stateras dolosas.* E senão, fallando com os que me ouvem, vejamos que cousa he o que podem achar no mundo, de que possaõ fazer estimação.

O mais que qualquer dos presentes pôde achar no mundo será hum morgado para as rendas; hum cargo na milicia para a fama; hum

habito para o credito; hum posto levantado para o respeito; hum grande acrescentamento para a honra; hum titulo para o lustre; hũ valimẽto para a estimação: tudo isto na balança falsa de nosso engano, por valimento he de preço; por titulo he illustre; por acrescentamento he grandeza; por respeito he venerado; por credito he applaudo; por famoso he gloria, & por rendoso he feliz; porẽm se tudo isto se pezasse em balança verdadeyra, que nos diria a lingua daquelle balança, se assim como he fiel, fosse eloquente? Diria que hum morgado não he mais que hũa instituição voluntaria, mas sem liberdade; voluntaria em quem a institue, sem liberdade em quem a logra, por não ter direyto para a disposiçãõ livre, & absoluta: he hum cativityro da vontade, & hũa vontade cativa, & ligada á disposiçãõ alhea; ou, para melhor dizer, he huma prisãõ honrada, que herdais por nascimento. Morgado nas-

Genes.
38.

cco Zaraõ: *Iste egredietur prior*; mas para lograr o morgado foi necessario que o prendessem: *Unus protulit manum, in qua obstetrix ligavit coccinũ*. Nasce morgado? pois ha de viver preso, para que sayba que o que parece prenda, he prisam; o que parece ornato de sua nobreza, he cadea; o que parece primogenitura, he braga de seu cativeyro; & que se não engane com ser laço de sita: *Ligavit coccinum*; porque tambem em cada volta fórma hũa atadura, em cada fio hũa cadea, & em cada nõ hũa algema, & sayba que não ha rendas no mundo, que não sejam rendas de tremoya.

Diria que hum cargo na milicia não he mais que hũa fadiga sem descanço, & hũa molestia continua, aonde as venturas são incertas, & os riscos certos; porque se sois valente, arriscays a vida, & se sois fraco, arriscays a fama; & nunca tendes certeza, nem da vida, nem da fama. Para Job explicar os riscos, & incerteza desta

noſſa vida, definio a vida pela guerra: *Militia est vita hominis*. Pois se esta noſſa vida por arriscada, & por incerta he vida q̃ he guerra, que ha de ser esse voffo cargo taõ incerto, & arriscado senaõ hũa guerra viva? Quanto mais, que lhe bastava o ser cargo, para ser preso. Diria que hum habito, que a ambição humana tanto estima como venera, he hũa Cruz, ou hũa mortalha. Foy Christo achado em habito como homem, diz S. Paulo: *Habitu inventus ut homo*, & logo se fugeytou a hũa Cruz, & se dispoz para morrer: *Humiliavit semetipsum factus obediens usque ad mortem, mortem autem Crucis*. Tomay embora levar esse habito muyto a peyto; mas ponde os hombros á Cruz, & aparelhay-vos para morrer, que quem vos fez homem do habito, tambem vos fez cada ver amortalhado na honra, que o mesmo he habito, que mortalha.

Diria que he hum posto levantado, he hum despe-

nha-

nhadeyro erguido quanto mais alto em sua grandeza, tanto mais inclinado á vof. fa ruina. Hum posto se deu a Christo neste mudo: *Stattuit eum supra pinnaculum templi*; mas que havia de ser sendo posto, senão precipicio: *Mitte te deorsum?* Nem por ser no templo teve mais segurãça este posto levantado; porque, ou seja na Igreja, ou no Claustro, ou seja na Religiaõ, ou no Ecclesiastico, basta ser posto levantado, para se temerem nelle grandes ruinas; & tão to mayores, quanto o lugar he mais sagrado, porque ahi são as quedas mais arriscadas. Diria que o mais grãde acrescentamento, he hũ nome de acrescentamento, ou hũ acrescentamento de nome, q̃ não pòde ser grandeza propria sem diminuição alhea. Promette Deos a Abrahão, que o havia de acrescentar grandemente: *Faciam te crescere vehementissimè*. E que fez Deos neste acrescentamẽto? Acrescentoulhe o nome, & diminuío o nome a Sara: *Nec ul-*

tra vocabitur nomen tuum Abraham, sed vocaberis Abraham: Sarai uxorem tuam non vocabis Sarai, sed Saram. De sorte que não ouve outra diversidade entre Abrahão acrescentado, & Abrahão sem acrescentamento, mais que o acrescentamento do nome, ou o nome de acrescentamento: nem ouve Abrahão grande, & grandezas em Abrahão, sem haver Sara pequena, & diminuições em Sara.

Diria que hum titulo he hũa causa para vos crucificarem, & que quem vos firma o titulo, vos cõfirma os processos. Não achava Pilatos causa para crucificar a ^{Joan.} Christo: *Nullã invenio in eo* ^{18.} *causam*; mas logo lhe processou a causa, tanto q̃ lhe escreveu o titulo: *Scriptit autem titulum Pilatus*. E no ^{Març.} titulo da sua causa lhe deu a ^{15.} sua morte: *Erat titulus causa ejus*. Diria que hum valimento he a mais certa occasiã de vossa perda. Querião os Satrapas de Dario perder a Daniel pela inveja; que lhe tinham, & a occa-

siao

Matth.
4.

Genes.
17.

fião que esperavaõ para lograr seus intentos, era verem a Daniel valido, & do lado de seu Principe: *Querant occasionem ut inveni- rent Danielem ex latere Regis.* Sois do lado do Principe? pois cedo haveis de fer do lago dos Leões. Sois de grande valia? pois cedo haveis de fer de pouco preço: agora na mayor fortuna entre os homês; mas logo na mayor desgraça entre as fêras. Se lançardes as contas a esse valimento, vereis o pouco que monta, & que montais quando em taõ pouca distancia, quanta vay de lago a lado, diminuis tanto, que ninguem ha de fazer conta de vòs, quando vòs mesmõ nada haveis de dar por vossa vida: quanto mais, que quem vos deu essa valia, parece que já vos poz preço, & não está longe de ser vendido, quem estiver como vòs avaliado. Diria finalmente por conclusão do que tem dito, que se o preço de hũ valimento tanto abate, que não contrataffemos em drogas dõ-

de he mais certa a perda, que a ganancia: que se os titulos são causas criminaes, que corressemos folha, & nos livrassemos deffas causas: que se a mayor grandeza he só grandeza de nome, que declinassemos os casos desse nome, mas que não fizessemos caso delle: que se os postos levantados são precipicios, que não apetecessemos nossa ruina: que se os habitos são Cruzes, que não soffessemos Cruz tam pesada: que se os cargos da milicia tudo sam riscos, que nos não arriscassemos nesses cargos: que se os morgados são cadeas, que fugissemos da prisão.

E dado caso q̃ todos estes q̃ chamamos bês enganados de nossa falsa estimaçam, não sejaõ taõ máos como he verdade que são; com tudo he certo que são de tam pouca dura, que os que duraõ muyto, quando muyto chegaõ aonde chega a nossa vida; que os mais delles acabaõ antes de chegar a morte: & que caso have-

mos

mos de fazer de quem nos desempara , quando se fã bñs , entã he que nos haviaõ de acompanhar ? Pergũtay pelo ouro de Midas, pelas riquezas de Creffo, pelas delicias de Heliogabalo, pelas fortunas de Cesar, & a todos os mais que sepulta a terra, pelo muyto que logrãraõ neste mundo de bñs caducos, & achareis que a morte despojou a Midas de ouro , a Creffo das riquezas , a Heliogabalo das delicias , a Cesar das fortunas, & a todos os mais de tudo o que tiverãõ , & que depois da morte ninguem teve outras riquezas, tenãõ aquellas que lhe grãgeãraõ as boas obras : & se estas minhas razoens não acabam de persuadir esta verdade certa, & infallivel, vòs illustrissimo Governador a persuadi, pois morto o haveis de fazer com vozes mais vivas , porque a vossa morte ha de ser o melhor defengano de nossas vidas ; que não ha melhor espelho para reformar hũa alma , que hum corpo

desfeyto em cinzas , nem luzes mais claras para hum entendimento Catholico, que sombras escuras de huma sepultura: dizey, que vos importãraõ os mimos da fortuna , a estimação dos homens, o agrado das Magestades , os postos a que subistes , & o mais que o mundo liberalmente vos concedeo , que em nada do que vos podia dar foy effcasso ? Nada vos importou tudo isto, porque tudo acabou quando acabastes ; tudo acabou para vòs, quando vòs acabastes para o mundo. Dizey, que he o que conservais nesse tumulto , o que levastes para essa sepultura ? Nenhuma cousa da terra ; mas só a vossa piedade, & Religiaõ , a vossa justiça , & misericordia , & as mais virtudes que exercitastes , estas são as que hoje vos acreditaõ , porque estas são as que com vosco permanecem ; estas as que redundãraõ em vosso proveyto, *Tibi*, & estas as que vos tem conseguido , como todos piamente podemos

mos crer da disposiçãõ tam obrarmos como devemos,
Christãa com que morref- pois nos naõ ha de faltar
tes, os bẽs eternos da Bem- Deos com a graça , penhor
aventurança , & que todos certo da eterna gloria: *Ad*
consequiremos a mesma, se *quam nos, &c.*





SERMAM

D E

SANTO ALEYXO

Na sua Igreja em Goa, anno 1695.

Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te.

Matth. 19.



Quando a petição se furda no merecimento, até hum Apostolo tam desinteressado como S. Pedro não duvida de apresentar o seu memorial. Tinha S. Pedro deyxado o pouco, que tinha em poucas redes, & o muyto, que podia esperar de muytos lanços, & tinha deyxado tudo; porque este pouco, & este muyto era o seu todo: *Ecce nos reliquimus*

omnia. Tinha seguido a Christo com resolução, & com desapego: *Et secuti sumus te.* É como deyxar, & seguir sejaõ as duas partes, das quaes, como do corpo, & alma, se compoem toda a perfeição; sejaõ os dois polos, em que se esriba o mayor merecimento para com Deos: confiadamente pertende, quem com taõ apostada, & apostolica resolução soube merecer o seu

H def.

despacho; mas como S. Pedro começa logo por admiração a sua proposta, que isto significa aquella palavra *Ecce*; grande he também a minha admiração no modo, com q̄ Christo despacha a petição de S. Pedro, & no modo, com que responde ao seu memorial.

O que S. Pedro ~~dizia~~ ^{dizia} era, que tinha deyxado tudo por amor de Christo, & que por seu mesmo amor o tinha seguido; & quando Christo despacha a S. Pedro, só faz menção do seguir, sem fazer catô do deyxar: *Vos, qui secuti estis me, sedebitis super sedes duodecim judicantes.* Pois se Christo havia de fazer Juiz, & Julgador a S. Pedro de todos, os que passão deste mundo, tão pequena parte era o de interesse de S. Pedro para ser Juiz, aonde a recludam se não dobra por respeytos? tão pouco fazia em deyxar os lanços o Pescador de Galilea, para alcançar hũ lugar no desembargo do Ceo? O officio do pescador todo consiste em

saber armar as redes, tirar, & puxar para si, tomar a malha, para que nada lhe escape por ella, em não dar ponto sem nõ: no officio de Juiz não ha tirar, nem tomar, & muyto menos puxar as cousas para si, ou seus intentos; porque todo este officio consiste em dar a cada hum o que he seu com igualdade, & recludam: esta he a essencia, & diffinición da justiça. Pois porque não faz Christo menção do deyxar, & só faz menção do seguir, quando faz a S. Pedro seu ministro? S. Jeronymo, que fez já o mesmo reparo, diz, q̄ dar Christo o premio a S. Pedro, & aos mais Apostolos, porque seguirão, sem fazer menção do que deyxaram, foy, porque o timbre proprio, & prerogativa de hũ Apostolo consiste no seguir: *Nõ dixit, qui reliquistis omnia; sed qui secuti estis me, quod proprium est Apostolorum.* Não disse Christo, douvos o premio, porque deyxastes, senão, porque seguistes; porque este modo de seguir

S. Hier.
lib. 3. in
Matth.
cap. 19.

guir

seguir he só proprio dos Apostolos.

Sendo isto assim, agora he mayor a minha duvida: se o timbre, & prerogativa particular dos Apostolos he seguir, quem diremos, que teve por prerogativa, & por timbre particular o deyxar? Em outro dia, em outro lugar, em outra festa seria difficultosa a resposta: nesta festa, neste lugar, & neste dia he muyto facil: levantemos os olhos para aquelle altar, ponhamolos em Santo Aleyxo, & nelle veremos com assombro da natureza os mayores esforços da graça no desinteresse, & na resolução, com q̄ deyxou: deyxou os pays, deyxou a esposa, deyxou os amigos, deyxou as riquezas, & deyxou tudo.

Era Santo Aleyxo filho unico de Euphemiano Senador de Roma, nobre pelo sangue, abundante nos bens da fortuna, estimado pelos dotes da natureza, unico no amor dos pays, applaudido na estimacão dos amigos, sem contar de

catado mais que hum dia; que he contar felicidades sem descontos. E na mesma noyte dos desposorios sahindo occulto, & disfarçado de sua casa, deyxou tudo para seguir a Christo pobre, necessitado, & peregrino; mas não contente ainda com tão heroyca resolução de vencer o mundo dandolhe as costas, depois de dezasete annos de ausencia volta para casa de seus pays, aonde viveo outros dezasete estranho entre os proprios, peregrino entre os domesticos, desconhecido entre os seus necessitado na abudância, pobre nas riquezas; mas abundante de trabalhos, & misérias, & de opprobrios. E não he este modo de deyxar prerogativa muyto singular de Santo Aleyxo?

Eu não duvido, que muitos deyxáraõ muyto, ou no que tinhão, ou no que esperavaõ. Ouve Ceneracs, que deyxáraõ os bastoens, Ministros, que deyxáraõ as beccas, Prelados, que deyxáraõ os baculos, Reys,

que deyxáraõ os sceptros, Principes, que deyxáraõ as purpuras, & Pontifices, q̄ deyxáraõ as tiaras: mas considerando o que deyxou Santo Aleyxo, & as circumstancias, com que o deyxou; com haver muytos, q̄ deyxáraõ muyto, acho, que he Santo Aleyxo unico no deyxar, & que he muyto propria, & particular sua a prerogativa de ter deyxado; & por isso deyxando para os Apostolos o seguir

como excellencia propria; mostrarey, que a propria excellencia de Santo Aleyxo foy deyxar; & isto por duas razões: primeyra, porque em deyxar tudo o que tinha, fez muyto; segunda, porque em tornar ao q̄ tinha deyxado, fez muyto mais do que deyxar tudo. Temos o assumpto, & a divisaõ delle: peçamos a graça.

Ave Maria.



Ecce nos, &c.

Que deyxou tudo Santo Aleyxo, & que em deyxar tudo fizera muyto, dizia eu; mas ainda não disse, em que esteve o muyto de Santo Aleyxo em deyxar tudo. Cuydáraõ algũs, que esteve este muyto, que deyxou, na abundancia da casa, na comitiva dos criados, na multidaõ das riquezas, na cõversaçaõ dos amigos, na ausencia da patria, ou no amor dos pays; mas

não he esse o meu pensamento: em deyxar hũa só cousa esteve o seu muyto deyxar. E qual foy esta? Digo, que foy deyxar a esposa. Na primeyra noyte dos desposorios teve Santo Aleyxo hũa luz, & impulso superior, como diz a sua lenda, em que Deos lhe ordenava se sahisse logo de Roma, & largasse a esposa, com que se tinha recebido: & no mesmo ponto obedecio

ceo Aleyxo cortando pelo mais sensível, por não falar a Deos, que o chamava; & a isto chamo eu o muyto deyxar de Santo Aleyxo pela difficuldade, pela repugnancia, & quasi pela impossibilidade.

Naõ faltou quem advertisse, que quando Deos deu a esposa ao homem, naõ lha deu como bem movel, senaõ como bem de raiz; por isso diz o texto: *Edificavit Dominus Deus costam, quam tulerat de Adã, in mulierem.* Que edificou Deos a mulher a Adaõ: & porque ha de ser a mulher bem edificado? Porque o edificio naõ he bem movel; & quiz Deos, que fosse este bem taõ immovel, & taõ inseparavel, que a estimação desle só bem havia de propender sobre todos os mais bens. Assim o afirma o mesmo texto: *Quamobrem relinquet homo patrem suum, & matrem. & adhærebit uxori sue.* Nem o amor das riquezas, com ser o mais sensível, nem o amor do pay, com ser o mais racional;

nem o amor da mãy, com ser o mais affectuoso, se ha de antepor ao amor da esposa; mas pelo amor da esposa deyxará o homem tudo: deyxará o pay, a mãy, & a fazenda; mas naõ deyxará a esposa: para deyxar tudo tem resoluçam; mas naõ terá resoluçam para deyxar a esposa, quem a teve para deyxar tudo.

Hum dos fugeytos, que mais deyxáraõ neste mundo, por assim lho mandar Deos, foy Abrahaõ: deyxou a terra: *Egredere de terra tua.* Deyxou os parçes: *& de cognatione tua.* Deyxou a casa do pay, & ao mesmo pay: *& de domo patris tui.* Em fim rompeo Abrahaõ todas aquellas cadeas, com que o amor natural desde o dia do nascimento taõ forte como docemente nos prende: arrancouse não só daquella primeyra terra, & segunda mãy, que em seu regaço o recebera nascido, senaõ tambem daquelles primeyros ares, com que respiràra, & bebèra a vida; deyxou

Genes.
2.

Genes.
12.

xou o presente pelo futuro, o proprio pelo estranho, o possuido, & certo pelo que podia parecer duvidoso. E sendo esta obediencia por todas suas circūstancias difficultosa, & aspera; pois até as arvores quando se arrancam de huma terra para se transplantarem em outra se seccão, & murchaõ; a tudo obedeceo Abrahaõ com bom rosto, & tudo deyxou, mas nunca deyxou a Sara sua esposa: Sara foy sempre a companheyras de suas peregrinações, & o alivio de seus trabalhos.

Agora pergunto eu: Se Deos queria provar a Abrahaõ, & ver o que obra-va por seu respeyto, assim como lhe manda deixar todas as demais cousas, porque lhe não manda deyxar tambem a Sara? Porque a tanto deyxar se não entendia a resolução de hum homem tam desapegado dos bñs da terra. Mais. Em outra occasião mandou Deos a Abrahaõ, que lhe sacrificasse a Isaac filho unico, &

unica esperança de sua descendencia; & foy tal a obediencia de Abraham, que logo desembainhou a espada para executar o golpe naquella vida innocente; & tendo Abrahaõ valor para triunfar da mesma natureza na morte de hum filho com pasmo, & affombro do amor do pay, não achou Deos que tinha resolução para deyxar a Sara: para cortar pela vida tinha a espada fiosa, & o braço, pulso; mas para romper a uniaõ da esposa nam tinha valor o peyto, nem o coração alentos: ou porque este golpe era mais penetrante, mayor, & mais profundo que aquelle; ou porque esta excellencia, & prerogativa se guardava só para Santo Aleyxo.

Em todas estas acções se ouve Abrahaõ como Santo, & esta foy a reputaçam, que teve, diz Sam Paulo, pelo desapego, com que se ouve: *Reputatum est illi ad ju-*

Ad Rom. 4.

tan-

tanta excellencia como Aleyxo, por fertoã grande açção deyxar a esposa, que requiere mayor cabedal de santidade. Pelo matrimonio diz Deos que se fazem hũa só cousa os dous contra-

Genes. 2. hentes: *Erunt duo in carne una*; mas he este vinculo taõ estreito, & o nõ desta uniaõ tam apertado, que nõ basta muyto desapego, nam basta muyta resoluçãõ, nem santidade, ainda q̃ seja de muyta reputaçãõ, para a romper, ou quebrar.

A alma de mayor reputaçãõ de santidade foy aquella dos Cantares, por isto se chama por antonomasia a Alma Santa: a esta alma pois taõ reputada por Santa mandou seu Espoço, que se fosse, & se ausentasse; mas he notavel, & de notar o modo, com que lhe poz este preceyto: *Si ignoras te, egredere, & abi.* Se vos nam conheceis Espoça minha, ide vos, & deyxay-me. E que têm ignorarse, ou conhecerse a Alma Santa, quando se lhe põe o preceyto, que se ausente: Muy-

Cant. I.

to. A Espoça todo o seu intento no Livro dos Cantares, & na occasiãõ presente era acreditar o muyto, que tinha obrado por seu Divino Espoço, já fugindo do commodo da casa pelo buscar no aspero dos montes; já deyxando os braços da mãy para se unir mais com elle; já largando o cuydadõ de todas suas cousas por nõ perder hum instante a sua companhia; & deyxar a casa, deyxar a mãy, & todos os mais commodos da vida era na sua estimaçãõ a mayor perfeçãõ, a que se podia chegar; mas para que sayba, *Si ignoras te*, que ainda ha outro modo mais perfeyto de deyxar, & que a sua santidade nam chega ainda ao mayor auge, mandalhe o Espoço, que se ausente, que se vá, & que se aparte. Porém como este apartamento era mais partite, que apartarse; era mais dividirse, que ausentarse, nõ pode a Espoça obedecer ao preceyto; em bargoulhe o amor os passos, porque nõ tinha a sua

santidade tão grande resolução, com ser por antonomasia Santa.

O que não pode fazer aquella alma de tam grande santidade, pode fazer Aleyxo Santo de mayor coraçaõ, & de mayor alma; bastou que Deos o mandasse, para logo obedecer, & cortar os laços, pelos quaes justa, & santamente estava unido; para a esposa nam bastou hũ preceyto, & bastou para Aleyxo hũa inspiraçaõ: A Esposa depois de muytos annos de provecta não pode fazer o que fez Aleyxo noviço ainda na virtude: os primeyros impulsos de huma inspiraçaõ divina foraõ bastantes para começar a triunfar na infancia de sua santidade, começando por onde podem acabar os mais perfectos. Por lisonja do seu Stilicam disse Claudiano, que começára a obrar proezas por onde os mais heroes acabavaõ suas façanhas: *Cæpisti, quo finis erat*; mas o que em Stilicam foy lisonja, foy verdadeyro em San-

to Aleyxo. As difficuldades, que foraõ insuperaveis aos mais provectos, soube vencer Aleyxo no principio de sua perfeçaõ obrado o mais difficultoso para se singularizar por mais heroyco.

Mas se me perguntarem a razaõ, desta difficuldade tão grande, & tão insuperavel, digo que toda provem dos effeytos, que causa a uniaõ do matrimonio; não he qualquer uniaõ, mas he uniaõ, que chega a ser identidade: *Erunt duo in carne una*; & sair, deyxar, & partirse aonde ha identidade, não sey que o possa fazer, senão quẽ for de santidade mais q̃ grande, & quem for gigante na virtude. Do Verbo Divino diz David, que veyo a este mundo feito Gigante: *Exultavit ut Gigas ad currendam viam*; & como se compadece este dito de David com o que a Fé nos ensina? Deos veyo a este mundo Menino: pois se Deos nasceo Menino na lapinha de Belem; se assim o acháraõ os pastores: *In-*

Psalmi
18.

ve-

Luc. 2.

Matth.

2.

Venietis Infantem; se assim o enaxou a Mãy: *Pannis involutum*; se assim o adoráraõ os Magos: *Intrantes domum invenerunt puerum*; porque lhe chama David Gigante? O mesmo David dá logo a razaõ desta, que parece implicantia. *A summo Celo egressio ejus*. Sabem porque he Gigãte? He, porque sahio do Ceo: he, porque sahio do Seyo do Eterno Pay, que o mandava, & com o qual tem summa, & indivisivel identidade: *Exiit à Patre*; & veyo a viver a este mundo, como em desterro: *Et veni in mundum*; & desterrar-se o Divino Verbo do Ceo, fair, do modo que se pôde fair, daquella summa identidade, he obra tão grande, he santidade tão excessiva, que só hũ gigante na virtude, ou hũ fugcyto de virtude agigantada pôde ter semelhante resoluçãõ.

Esta foy a grandeza, cõ que obrou a santidade increada; & este nos limites da imitaçãõ foy o excessõ, com que obrou São Aley-

xo verdadeyro gigante da Santidade creada, identificado com sua Esposa pela uniaõ, & muyto mais pela unidade: *Erunt duo in carne una*: desterrar-se voluntario, porque Deos o manda que se aparte; mas por isso obra com tanto excessõ, que obra como gigante; & em deyxar hũa só cousa, deyxar todas suas cousas com taõ heroyca resoluçãõ, com taõ grande desapego, com taõ agigantados brios, que se não corre parellas com o Verbo, porque isto he impossivel a hũa creatura limitada, ao menos compete cõ generosa emulaçãõ os mayores excessõs do infinito. Disse, que em deyxar huma só cousa, deyxára todas as suas cousas; mas disse pouco: obra tam resolutõ no que deixa, obra taõ desapegado, que ainda faz mais, porque até a si mesmo se deyxar.

São Gregorio ponderando a difficuldade do deyxar, diz, que deyxar hum fugevto tudo, o que tem, não he o mais difficuloso; po-

porém que a difficuldade, & o muyto, que pôde fazer em deyxar, he deyxar tanto, que até a si mesmo se deyxre: *Et fortasse laboriosum non est homini relinquere sua; sed valde laboriosum est relinquere semetipsum.* E como Santo Aleyxo não só deyxava de qualquer forte, mas a sua excellencia era deyxar muyto, *valde*, a si mesmo se chegou a deyxar; & se me perguntarem como, & quando se deyxou a si mesmo Santo Aleyxo, respondo, que entãõ, & quando deyxou a esposa; porque receberse Santo Aleyxo, & ausentar-se; ficar pelo recebimento huma cousa com sua esposa, & partirse della, ou deyxalla, foy deyxarse.

Assim como Santo Aleyxo para romper a identidade não teve outro exemplo mais, que o do Verbo Divino; assim para se deyxar a si mesmo não tem outro exemplar mais, que o de Christo sacramentado. Despede se Christo de seus Discipulos, para se partir

para o Ceo, & as palavras, q̄ lhe disse por ultima despedida, foraõ estas: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem seculi.* Ficayvos embora meus Discipulos, que eu me deyxou ficar com-vosco. Notavel modo de despedida! Irse quem fica, ausentar-se quem se deyxou ficar? E como se deyxou Christo, se se ausenta? ou como se ausenta, se se deyxou? deyxarse, & partirse, como pôde ser? Tudo pôde ser no Sacramento; porque tudo pôde ser em que depois de recebido, & unido se parte. Christo quando se ausentava, já estava recebido pelos Discipulos no Sacramento: *Accipite, & comedite*; já se tinha unido, & identificado com elles com hũa identidade semelhante a aquella, que entre si tem o Pay, & o Filho: *Sicut tu Pater in me, & ego in te, ut & ipsi in nobis unum sint.* E partirse Christo dos Discipulos depois de estar recebido no Sacramento, & unido com elles na Communhaõ, não podia

Math.
28.

Math.
26.

Joan.
16.

fer

D Greg
Hom.
32. in
Evang.

fer senão deyxandose, & o mesino era deyxallos, que deyxarse.

Recebido, & unido estava tambem Santo Aleyxo; recebido no matrimonio, & unido pelo vinculo, que he o effeyto, que causa este Sacramento; mas que havia de succeder a hum sugeyto unido, & recebido, quando deyxava a parte, a que se unia, senão deixar-se, quando se ausentava, & ficar, quando partia? Esta he a maravilha, que admiramos em Christo sacramentado, compendio de todas suas maravilhas; & esta he a admiração, que veneramos em Aleyxo no seu sacramento. Christo depois de sacramentado lá hia para o Ceo; mas não hia para o Ceo, sem se deixar a si mesmo cá na terra: a uniaõ, que o atou, esta mesma 'o defunio; unio-se no Sacramento com os Discipulos, & defunio-se de si no apartamento: o Ceo o levava para triumpho, a terra o tinha para alivio das faudades. Lá hia tambem Santo Aleyxo despedido de tudo,

o que deyxava em Roma, & tambem despedido de si; porque a si mesmo se deyxava: unido á esposa, & defunido de si; atado pelo vinculo, & desfato pelo desapego: com si, & sem si: com si, porque partia; sem si, porque se partia: com si, porque se hia; sem si, porque se deyxava: com si, & sem mais nada, porque nada levava dos bñs da terra, de quem triumphava fugindo: sem si, & sem nada de si, porque até de si mesmo fugia, para mayor triumpho da graça: sem nada finalmente, & sem si, para mostrar o muyto, que deyxava, em deyxar tudo.

Sendo este em Santo Aleyxo o muyto de deyxar tudo, qual seria o seu muyto mais em tudo, o que deixou? Já eu o disse ao principio. O muyto mais de Santo Aleyxo em deyxar tudo, disse eu que fora em tornar outra vez ao que tinha deyxado. Depois de dezafete annos de ausencia, em que Santo Aleyxo padeceo o q̄ custa ser pobre, peregrino, &

& deſterrado de ſua patria, torna outra vez a Roma, & não ſó a Roma, mas outra vez á ſua meſma caſa. Quem viſſe eſta volta de Aleyxo, cuydaria que tornava atraz do muyto, que ſe tinha adi- antado no caminho da vir- tude; & que arrependido da primeyra reſoluçãõ, ti- bio daquelle fervor antigo, attrahido das delicias de Ro- ma, & muyto mais do amor dos pays, & ſaudades da eſ- poſa tornava outra vez á poſſe do que largára, & á eſtimaçãõ do que tinha deſ- prezado; mas outros eram os intentos de Santo Aley- xo; novas batalhas buſcava o ſeu eſforço, para ſe co- roar de novas vitorias. Quê melhor venceo o mundo, foy quem melhor ſeube ſair delle: & já Santo Aleyxo o tinha vencido na primei- ra ſaida, que fizera; mas não contente com eſta vitoria, torna ao lugar do conflicto, para alcançar outras mais glorioſas: nem era muyto que aſſim foſſe; pois o pri- meyro triumpho era progno- ſtico do ſegundo: iſto tem

quem ſahe vencedor a pri- meyra vez, que ſempre ſe lhe deobraõ as vitorias.

Daquelle Cavalleyro, que vio S. Joã no ſeu Apo- calypſe, diz que ſahio ven- cedor: *Exiit Vincens*; mas que vitoria foy eſta? Foy hũa vitoria, que era princi- pio de outra vitoria: *Ut Vinceret*; mas que muyto q̃ aſſim foſſe, ſe a primeyra vez, que ſahio o Cavalley- ro, logo vencco: *Vincens?* Quem aſſim ſabe vencer, bẽ pôde voltar; porque leva ſeguros os triumphos. Ven- cer hum illuſtre, & excel- lentiffimo Cavalleyro na primeyra ſahida, que fez, he ſemear triumphos para deſ- frutar vitorias: ſeguro vol- tará o ſeu valor a colher as palmas, pois as ſoube cor- tar na primeyra ſahida: ſe a primeyra vez ſahio com tanto luſtre, em todas, as que ſe ſeguirem, ſempre ſe- bre-ſahirá com applauſo. E ſe me diſſerem, que hũa ba- talha he jogo da fortuna; não me podem negar que he jogo, aonde não val a mão, que ſe dá, ſenaõ a mão, que

Aluſão
à vito-
ria do
Senhor
Conde
Viſo-
Rey o
Senhor
Conde
de Villa
Verde.

Apoc. 6.

que se affenta: & se a mão se affentou bem no primeyro encontro, melhor se affentará depois no segundo; porque quẽ tam bem a soube affentar, ha de pelejar com mão folgada, & o muito, que a fortuna tem de mudavel, terá o seu braço de constante. Deos, que affim ajudou a primeira victoria, he o mesmo, a causa a mesma, & o mesmo he tam bem o Cavalleyro; & quem duvida, que tudo isto he para continuar novas emprezas com continua felicidade? E senão, vejaõ como obrou Deos com Aleyxo, & como obrou Aleyxo na segunda investida: volta a Roma, volta ao que tinha deyxado, & pelo deyxar o tinha já vencido; mas volta para o tornar a vencer, & deyxar repetidas vezes.

Deyxar todas as cousas, com ser acção tam grande, he acção, que ainda tem hũ defeyto; porque he acção, que se não pôde tornar a fazer: quem deyxar tudo quanto tem, faz tudo, quanto pôde; porque como não

tem mais que possuir, tam bem não tem mais que deixar mas não pôde deyxar muytas vezes o que tem, supposto que huma vez o tem deixado; mas este impossivel soube vencer Santo Aleyxo; porque não só hũa, mas muytas vezes o deixou. Mas já vejo que me perguntaõ: & como deixou tudo outra vez Santo Aleyxo, se outra vez está com tudo, o que tinha deyxado? Respondo, que deixou outra vez o que tinha deixado, porque não usou de nada, do que tinha presente. Estar na casa do pay, & não ser filho, estar na abundancia necessitado, nas riquezas pobre, & mortificado nas delicias, que outra couza he, senão deixar pay, deixar abundancia, riquezas, & delicias?

Quando Christo estava de caminho para o Ceo, fallou desta sorte aos Discipulos: *Exivi à Patre, & veni in mundum*: Eu sahi do Ceo, & vim a este mundo: *Iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem*: agora tor-

no segunda vez a deixar o mundo, & vou para o Ceo. Segunda vez? & qual foy a primeyra? He certo, que Christo não tinha vindo duas vezes ao mundo; & assim como esta era a unica vez, que tinha vindo, tambem era a primeyra, que o deyxava. Não era esta a primeyra vez, que o deixava; porque havia trinta & tres annos, que o estava deixando. Todo o mundo por titulo hereditario, titulo de dominio, & dominação pertencia a Christo; & todo o creado lhe estava sugeyto com sugeyção despotica, & univereal; & viver Christo neste mundo, sendo Senhor delle, tão pobre, que nam tinha aonde reclinar a cabeça, tão necessitado, que se sustentava de esmolas; tam desconhecido, que os seus mesmos o não conhecêrao, era deyxar o mundo estando no mundo; & por isso quando se vay para o Ceo, com ser a primeyra partida, que faz, he a segunda vez, que deyxava; porque a primeyra era todo o

tempo, que tinha vivido na terra: na segunda vez deyxava ausentandose, na primeyra nam usando: na segunda deyxava com o retiro, na primeyra cõ o desprezo.

Em Roma, & dentro de sua mesma casa estava Aleyxo vivendo, mas como vivia desconhecido dos que eraõ seu sangue, ultrajado dos criados, ignorado dos patricios, & pedindo esmola para sustentar a vida, deixava a Roma em Roma, as delicias no meyo das delicias, & a casa com tudo o que tinha na mesma casa; em fim deyxava como Christo tinha deyxado, porque não usava do que era seu, assim como Christo não usava: só com esta differença, que Christo primeyro deyxou o mundo estando no mundo, depois partindose para o Ceo; Santo Aleyxo primeyro deixou ausentandose de sua casa, depois tornando, & estando nella: trocou a ordem do deyxar, mas imitou o exemplo de Christo continuando

do por muytos annos em deyxar o que já tinha deyxado. Digo , continuando por muytos annos ; porque esta continuacão he hũa das propriedades , que tem as obras , quando mais heroycas , & mais perfeytas : o que he perfeyto não pôde augmentarse , nem crescer , porque se pudesse crescer , & augmentarse , não seria perfeyto ; mas quanto he mais perfeyto , deve ser mais repetido , & mais continuo. As operações *ad intra* em Deos são por natureza eternas , & por perfeição infinitas : & que faz Deos nesta infinita perfeição de operações ? Repete o mesmo , que huma vez obrou : naquelle principio sem principio da eternidade gerou o Filho , & o que gerou na eternidade está agora , & continuamente gerando : o Pay , & o Filho como principio indivisivel produzirão o Espirito Santo , & o Espirito Santo , que entam produziram , estam produzindo ainda agora. Estas são as melhores ac-

ções , ou operaçoens , que Deos obrou , & as melhores , que pôde obrar ; & estas são as que mais se continuão , & repetem : o que não tem de augmento , tem de continuacão ; não tem , nem podem ter augmento , porque são infinitamente perfeytas , & porque tem perfeição infinita , tem repetição infinita , & eterna continuacão.

Tambem o Sacramento he prova de que dizemos. Antez de Christo morrer por nosso amor instituiu o Sacramento da Eucharistia : & se me pergantarem a razão porque instituiu o Sacramento , respondo com a Igreja , que para memoria , & repetição do que por nós tinha obrado em sua morte , & Payxão : *Recolitur memoria Passiois ejus* ; & sendo esta memoria repetição de tão grande favor , tambem quiz que fosse hum beneficio continuado : *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem seculi*. Christo em morrer por nós obrou a mayor fineza , que se

podia obrar ; & porque fineza tam perfeyta não podia ter augmentos, quer que se repita , & se continue na sua memoria.

Na Payxaõ foy vendido o infinito por preço limitada ; condenada a innocencia para se absolver a culpa ; acabou a vida immortal, para que resuscitasse o morto ; padeceo o Creador , para que não padeceffe a creatura ; & sendo esta obra tam grande, que por grande não podia ter augmentos , por isso teve a repetição , & continúaçam no Sacramento : alli está o preço infinito reduzido ao limitado de huma hostia ; alli está a innocencia em custodia para nos soltar da culpa , & augmentar na graça ; o impossivel com accidentes , & o que sempre vive , morto na representação ; & isto com tanta duraçaõ , quanta ha de ter o mundo ; & conforme alguns Authores , com duraçaõ ainda mais comprida ; porque depois de se acabar o mundo , dizem que se ha de tresladar para

o Ceo aquelle mystério, para continuar por toda a eternidade , & para que seja perpetua eternamente , & eternamente repetida hũa fineza , que por chegar ao mais perfeyto, já não pôde ter augmentos.

Em deyxar nam podia Santo Aleyxo fazer mais, porque tinha feyto tudo, & alem do tudo não ha mais: augmentar esta açcam era impossivel ; porque não he possivel deyxar mais quem deyxar tudo ; mas buscalhe como propria perfeçãõ o realce de continuada, & repetida : repete outra vezo mesmo, que tinha feyto, & continua a deyxar , o que tinha deyxado : repete o deyxar, porque não usa do que tem ; continua em deyxar , porque deyxar em quanto lhe dura a vida ; assim vai passando os annos, que lhe restaõ, sem mudar a fortuna de pobre , nem o habito de peregrino, continuando, & repetindo aquella açcam, que já não pôde crescer, nem ser mayor.

Supposto , & provado que

que estar entre os bens da terra, & nam usar delles, & deyxallos, ainda vejo me replicaõ, que não pôde ser este o muyto mais de Santo Aleyxo em deyxar tudo; porque muyto menos he deyxar o que se tem deyxado, do que deyxar o que se logra: deyxar a segunda vez, do que deyxar a primeyra. Deyxar a primeyra vez, he romper, ou quebrar aquellas cadeas, com que os bens nos prendem, as quaes, por estarem ainda novas, tem todo o seu vigor, & são mais fortes: he sair á batalha sem experiencia de guerra, & vencer hum inimigo experimentado, & sobre experimentado, guerreyro, & forte, qual he o mundo: he desprezar o que se estima, aborrecer o que se ama, & fugir do q̄ nos segue. Pelo contrario, quem deyxar, ou quem tem deyxado, tolta se dos grilhões, que já quebrou, pelega com quem já venceo: que he grande partido; despreza a quem já não estima, aborrece a quem já não a-

ma, foge de quem está longe; porque ter deyxado he meyo caminho andado para deixar: logo mais he deyxar a primeyra vez, do que deyxar a segunda: deyxar o que se logra, do que deyxar o que se tem deyxado. Assim parecerá a quem olhar para a apparencia destes fundamētos; mas o certo he, que muyto mais he sem comparaçam deyxar o que se tem deyxado, do que deyxar o que se logra; & não tenho tam pequeno abono desta verdade, que não tenha por mim a Escriitura, a experiencia, & a razão, que devem pezar mais, que semelhantes discursos apparentes.

Aquelles Anjos, que vierão livrar a Loth com toda sua familia das Cidades infames, que primeyro ardêram em seus vicios, do que se abrazassem em seus incendios, puzeram por preceyto aos que livráram, que nenhũ virasse os olhos para ver o que tinha deixado, sob pena de encorrer o mesmo perigo, de que es-

Gênes.
19.

capava: *Noli respicere post tergum, ne & tu simul per eas.* Desobedeceo a este preceito a mulher de Loth, & em castigo de sua desobediencia foy convertida em estatua de sal: *Respicens uxor ejus post se versa est in statuam salis.* O' valhame Deos! E quem levou os olhos a esta mulher? Nada, fenaõ os bês, que tinha deyxado, diz o Doutissimo A Lapide: *Respexit excita ex dolore rerum amissarum.* Sim; mas se esta mulher tirou os olhos do que deyxava quando possuía, porque lhos torna a pôr depois de o deyxar? Sabe deyxar o q̄ tempo salvar a vida, & não sabe tirar os olhos do que tinha deyxado correndo ainda o mesmo risco: *Ne & tu simul pereas?* Sim: porque então deyxava o que tinha na posse; agora deyxava o que tinha deyxado: & quam facil lhe foy deyxar o que tinha, tam difficultoso lhe foy largar o que deyxára: bastou o temor da morte; mas para não tornar a pôr

os olhos no que deyxára, não bastou a morte com todas as suas carrancas. Deyxando a casa por salvar a vida, deyxava o que possuía; não lhe tornando a pôr os olhos, deyxava o q̄ já tinha deyxado; & podendo deyxar o que possuía, ou por temor da morte, ou por amor da vida, não pode deyxar agora o que tinha deyxado, nem por amor da vida, nem por temor da morte; para que se veja, quanto mais he deyxar o que se deyxou, que deyxar o que se logra. Mas se este exemplo ainda nam convence, convença a experiencia do que succede muytas vezes.

Muytas vezes succede a muytos; (mas ponhamos o exemplo em hum só) succede, digo, que hum sujeito, com quem a fortuna não foy escassa, (mas dado que fosse) considerando o pouco, que pôde ter de permanencia o que lhe caduco, & quanta conveniencia ha em trocar o transitorio pelo eterno, a terra pelo Ceo, dando de mão a tudo o que tem

tem, & se o não tem, a tudo, o que pôde esperar, fazendo divorcio com o mundo se retira a sagrado, & se mete em huma clausura: aquellas primeiros fervores são de imitar em tudo a Christo; mas eis que passados os primeiros fervores, esquecido de si, & lembrado do que devia esquecerse para sempre, tendo largado os bês da terra por seguir a Christo, deyx a de seguir a Christo por tornar outra vez ás perseguições do mundo, que elle avalia por felicidades.

E donde veyo esta mudança? São outros os bês, que deyxou, ou são maiores? augmentárao-se, ou crescêrao? Não se augmentárao, nem crescêrao, nam são maiores, nem são outros: são os mesmos; mas são já deyxados; & basta isto para parecêrem maiores, augmentados, & crescidos, & para que seja mais difficultoso deyxar o que se deyxou, do que deyxar o q se possuía. Está muyto bem; mas não estavam as cadeas

ja quebradas? Sim estavao; mas soldárao-se: não estava já o inimigo vencido? Sim estava; mas refez-se: não estava desprezado o q se estimava? Sim estava; mas cresceo-lhe novo valor: não estava aborrecido o que se amava? Sim estava; mas achouelhe agora mais graça, & mayor galantaria: não se tinha já fugido do que se seguia? Sim tinha; mas correo mais, & deu alcance a quem fugia, obrigou-o a voltar atraz, ainda que se tinha adiãtado muyto; & por isso não pode deyxar o que já deyxára, quem pode deixar o que tinha.

E a razaõ disto he, (para acabarmos de confirmar esta verdade) porque os bens da terra nem tem outro valor, nem outra valia mais daquella, que lhes dá a nossa estimaçãõ: o ouro não he mais, que hũa terra de melhor cor; a nossa estimaçãõ lhe deu os quilates, & o fez ouro: a prata não he mais, que o chumbo purificado; a nossa estimaçãõ lhe tirou as fezes, & a fez prata: o dia-

mante não he mais , que hũ cristal mais duro ; a nossa estimação lhe deu os fundos , & o fez diamante : as perolas não são mais , que o orvalho mais condensado ; a nossa estimação lhe deu as aguas , & as fez perolas : sendo pois a valia , & o valor dos bês da terra o que lhes dá nossa estimação , como os bês deyxados se estimão mais , que os bês , que se lograõ ? Porque os bens , que se logram , estimam-se pelo que são ; os bês deyxados estimam-se pela falta que nos fazem ; por isso o deixado he mais , que o possuido , & dahi vem , q̃ muyto mais he deyxar o que se tem deyxado , do que deyxar o que se tem.

- Parece-me , se me não engano , que esta mesma razão he a que nos dá o nosso thema. *Ecce nos reliquimus omnia*. Propõem Sam Pedro a Christo o desinteresse , & o desapego , com que o tinha seguido , & diz que tem deixado todas as cousas : *Reliquimus omnia*. Sam Pedro deyxou hũas redes , & essas

já não eram novas ; porque muytas vezes se valia de sua diligencia , & trabalho para as refazer : deyxou hũa pobre barca , que quando muyto chegaria a ser do alto : deyxou hũa casa , que não passava de ser choupana : estes crão todos os seus bês , a sua riqueza , & as suas alfayas : pois se estas eram todas , & sendo todas eram tam poucas , como diz a Christo , que tinha já deyxado todas as cousas : *Reliquimus omnia*? Huma barca mal aparelhada , humas redes mal cozidas , & hũa casa mal acabada sam todas as cousas? Sam , & não sam.

Hũas redes , & hũa barca possuidas não são todas as cousas ; porèm hũa barca , & hũas redes deyxadas são todas as cousas : vay muyta differença da mesma cousa , em quanto se logra , a essa mesma cousa , em quanto se deixa ; o tella deixado , a faz mayor , o tella deyxado , a faz crescer , & o carcer della a faz augmentar de pouco a muyto , & de nada a tudo : & a razam he ;
por ;

porque o que se tem, he o que he; o que se deyx a, he o que falta: o pescador, que só tem humas redes, nam tem mais que hūas redes; mas ao pescador, que nam tendo mais que humas redes, já as não tem, faltam-lhe todas as cousas, & se lhe faltaō todas as cousas, porque deyxou hūas redes, ainda que não deixou mais que humas redes, deyxou todas as cousas: & como as cousas crescem á medida da falta, que nos fazem, se cō deyxar hūas redes se reduz São Pedro a que lhe faltem todas as cousas, com verdade diz que as deyxou todas; porque as mede pela falta, que lhe fazem depois de as ter deyxado: *Ecce nos reliquimus omnia*: & isto he o que vay de deyxar a ter deyxado.

Naō foraō humas redes, as que deyxou Santo Aleyxo; porque ainda que nada va em hum mar de riquezas toda sua casa, por outro estylo se faziaō alli os lanços: deyxou a casa; mas que casa? Casa rica, casa abundã-

te, casa com fausto, casa cō lustre, & casa, acnde continuamente se estavaō ouvindo os suspiros do pay, as ternuras da mãy, & as saudades da esposa; os quaes tambem não logravaō o que tinhaō, porque lhes faltava lo seu Aleyxo, que na sua estimaçaō, & no seu amor valia mais que tudo: & sendo tanto o que temos referido, tudo deyxou Santo Aleyxo naō a primeyra, fenaō a segunda; naō hūa, senão muytas vezes; naō só por breve tempo, mas por dilatados annos; naō só deixando, mas tornando a deyxar; naō só possuindo, mas depois de ter deyxado: & se hūas redes depois de deyxadas sobem no preço, & na estimaçam a ser todas as cousas, a que havia de subir tanta riqueza, tanta abundancia, tanto fausto, tanto lustre, & o que he mais, por serem de mayor valor, tantos suspiros, tantas ternuras, & tantas saudades? haviaō de subir, & haviaō de crescer a ser mais que todas as cousas, se fo-

bre todas as cousas pude-
se haver mais, & mais.

Temos visto como foy
singular Santo Aleyxo em
deyxar tudo; & á vista do
seu desinteresse, & do des-
prezo, que fez dos bens da
terra por estimar os do
Ceo, quizera eu, que fizés-
semos distincção de bês a
bês, para saber em que bês
havemos de pèr a estima-
ção. Os bês, ou são da na-
tureza, ou da fortuna, ou
da graça: os bens da natu-
reza acabão com o tempo;
os da fortuna não he neces-
sario muyto tempo para a-
cabarem; os da graça du-
ram em quanto nós quere-
mos; porque se nós nam
queremos, não se perdem: os
da natureza são caducos; os
da fortuna são instaveis; só
os da graça são permanen-
tes, & só destes he, que ha-
viamos de fazer caso; por-
que só estes são bens, & os
outros não tem mais que o
nome. Mas para que me não
digaõ, que he muyto haver-
mos de imitar logo a Santo
Aleyxo, por ser tão gran-
de Santo, que mais o deu

Deos para admiraçam, que
para exemplo: seja assim;
porèm se nos nam atreve-
mos a obrar como Santos,
que seguemos conselhos de
Christo, que desculpa te-
mos para não obrarmos co-
mo Christãos, que devem
guardar os Mandamentos?
E já que Santo Aleyxo se
descontentou tanto do seu,
que o deyxou, não nos con-
tentemos tanto do alheyo,
que o tomemos: já que San-
to Aleyxo largou o que ti-
nha, não haja quem lance
mão ao que não tem: já que
Santo Aleyxo foy tão des-
apegado dos bês da terra,
não haja quem se lhe pegue
tanto as mãos: finalmente
já que não obramos como
Santos na materia de dey-
xar os bês, obremos como
Christãos: os Santos para
serem Santos guardaráõ os
conselhos deyxando, como
se fossem preceytos; para
nós nem como conselhos
valem os preceytos: manda
Deos, que se não fure, &
não se faz outra cousa com
tanto excessõ, que não ha
modo, que se não excojite
para

para levar o alheyo. De cá da India escrevia São Francisco Xavier quando avisou ao Serenissimo Rey D. João o III. que o verbo *rapio* se conjugava aqui por todos os modos, como já ponderou o grande Antonio Vieyra, que se furtou, que se furta, & que se ha de furta: não se contenta aqui hum sugeyto com hum só tempo, com todos, & por todos mete a mão: foy ladraão, he ladraão, & ha de ser ladraão; eu neste ultimo he, que acho mayor dissonancia: ter furtado, he máo, já não tem remedio; poderá ser, que haja restituiçam: furta, he peyor; mas pôde ser, que haja emenda: mas estar sempre traçando o que se ha de furta, he maldade sobre maldade; porque aqui não ha que esperar emenda, nem restituição: com ser isto o que passa, acho, que ainda Sam Francisco não disse tudo, porque só disse, que o *rapio* se conjugava por todos os modos; eu acho, que tambem se conjuga por todas

as peffoas: furta-se ao Rey, & furta se aos vassallos: furta se ao grande, & furta-se ao pequeno; ao rico, & ao pobre; ao orfaão, á viuva, á donzella, & á casada; & para dizer tudo, furta-se a Deos, & furta-se aos homês: & depois de tanto furta, ha quem lhe occorra a restituição? Mas que importa a restituição?

Naõ ha muytos tempos, que hũ sugeyto, q̄ exercitava hũ officio, disse a hũ seu amigo: ao presente me acho com tantos mil xerafins, q̄ tirei; se em boa, ou má consciencia, isso agora: & calouse; isso agora. E que quer dizer, isso agora? Isso agora não importa: isso agora he uso: isso agora he costume: isso agora: tenha eu, ainda q̄ me condene com o que tenho; porque não vay nada, em que a alma se perca, cõ tanto, que o corpo tenha com que passar neste mundo. O pouco escrúpulo, que este fez, fazem os mais, que obrám como elle: & aonde se faz tam pouco escrúpulo de furta, que remedio

pòde haver ? Pelo menos eu não sey, que o haja; & só me fica hũa esperança, que he ver a Santo Aleyxo metido na Relação, & festejado por Ministro della com tanta devoção, & magnificencia; para que os Ministros da mesma Relação pe-

lo desinteresse, que professaõ, & pela limpeza, que usaõ, acudaõ a emendar estes erros tão nocivos á Republica, & fação por força, o que se não faz por vontade, que lhe não faltará Santo Aleyxo com o favor, nem Deos com a graça, &c.





SERMAM

DE

N. S. DA AJUDA

Padroeira da Junta do Commercio, com o Sacramento exposto, em Ribandar, no anno de 1695.

Beatus venter qui te portavit. Luc. II.

BEndito, & muytas vezes bendito seja o purissimo ventre, que vos trouxe encerrado nove mezes, desencerrado Senhor sacramentado. Estas são as vozes, que levantou antigamente hũa mulher no meyo das turbas, que seguiaõ a Christo; & estas mesmas, & pela mesma causa, são as que eu hoje repito entre a multidão, que religiosamente assiste nas veneraçoes do Filho aos obsequios da Mãe. Que estas sejam, & naõ outras as vozes que levantou aquella mulher, não ha duvida, porque sam a construiçam do mesmo texto; mas que agora sejam proferidas pela mesma causa, que entam se proferirão, he o que tem suspenso a todo este auditorio: mas para que narra-
zaõ

zaõ com que o digo fique satisfeyta a suspensam dos que me ouvem, advirtam bem no motivo, que entam ouve para se levantarem: *Extollens vocem*: & no motivo que agora ha para se repetirem, & verãõ, que este motivo, & mais aquelle, ambos procedem de semelhante causa, ambos caminhãõ para semelhante fim.

O fim que tanto tempo desejavãõ as idades para restaurar ao mundo, que na dilaçam do remedio se via cada dia mais descaido; & os meynos opportunos, & efficazes, que atè alli se não tinham applicado para sua restauração, era tudo o que entãõ se via executado na pessoa de Christo Redemptor, & Restaurador do genero humano. O fim que ha tanto tempo desejam as calamidades da India, & os meynos que atè agora se não applicãõ para remedio de tantas miserias, sãõ os que agora se vem postos em execução no corpo de hũa Junta como redemptora, &

reparadora deste Estado. Aquelle fim era a restauração do mundo perdido; & quaes seriaõ os meynos, que Christo buscou para este fim? Os meynos foram hum admiravel commercio, que se estabeleceo no purissimo ventre de Maria: assim o canta a Igreja, que nam só nos dá o Evangelho para a festa; mas tambem nos dá

o cõmento para o texto. *O Ex admirabile commercium*, diz *Ecclesi.*

a Igreja fallando do mesmo mysterio de que falla o Evangelho, que he a Encarnação do Verbo: *O admirabile commercium! Creator generis humani animatum corpus sumens de Virgine nasci dignatus est: ut salvum faceret genus humanum.* Quiz

Deos acudir ao mundo, q se perdia, & o meyo que buscou, foy fazer hũa Junta no purissimo ventre de Maria, de dous extremos tão distantes, quaes sam Deos, & homem; & na junta destes dous extremos estabelecer o mais admiravel cõmercio, com que se reparassem as perdas, & ruinas do

do mundo. Este foy aquelle fim, & aquelles meyo: & quaes são os meyo, & o fim de agora? O fim de agora he a restauração da India; & os meyo para este fim são outra Junta, & outro comércio, que debaixo do patrocínio da S. da Ajuda funda os seus interesses, para firmar as nossas esperanças: acode ao que padece a India, para lhe dar o que deseja.

Que he o que padece este Estado? Que he o que tão longamente deseja? O que padece, todos o sentimos: o que deseja, todos o suspiramos. Padece perdas, deseja melhora: padece desgraças, deseja fortunas: padece ruinas, deseja a sua restauração; & quando esta na continuação de tãtas infelicidades parecia a mais desesperada, & sem remedio; para alento da esperança, para prova do remedio, vemos já formado o corpo de hũa Junta, concorrendo á sua formação, ainda que por diverso modo, o mesmo ventre, em que se formou a Junta do contrato de Chri-

sto, que era o seu corpo, & por isso opportunamente tornamos hoje a repetir aquellas vozes: *Beatus Venter, qui te portavit*: para que na semelhança da causa, cõ que se repetem, venturosamente logremos a redempção, que esperamos por hũ comércio em tudo admiravel: *O admirabile commercium!*

Satisfeyta assim a suspensão, para conciliar todas as circunstancias da festa, que não he só da Senhora, mas da Senhora da Ajuda, ainda nos falta que satisfazer hũa duvida. *Beatus Venter, qui te portavit*: Que o corpo de Christo, que era todo o cabedal cõ que entrou no seu commercio, nasceo de Maria, diz o nosso texto: & por que ha de nascer de Maria este corpo? Eu bem sey que supposto o decreto de restaurar o mundo por modo passivel, necessariamente havia Deos de tomar corpo para nelle fazer o seu emprego, & grangear como grangeou as suas mercadorias, que todas craõ o pre-

ço de nossas almas, & a satisfação de nossas culpas. Em Belem grangeou a pobreza, as perseguições, & tyrannias de Herodes: no Egypto os desteros, & commodos de peregrino: em Nazareth a fugeção, & obediencia a hum official: na patria o aborrecimento, & desprezo dos naturaes: nas jornadas de Galilea, & Judea as fomes, & as sedes, as fadigas, & os fuores: no deserto as tentações, & jejum de quarenta dias: na Corte de Jerusaleem tudo o que pôde padecer a innocencia accusada por odio, condenada por respeyto, perseguida por vingança, & julgada pelos mesmos inimigos; mas que todo este emprego haja de ser no corpo que nalceo de Maria?

Enão poderia haver outro corpo? não podia Deos sem intervenção da Mãe formar hum composto humano em tudo perfeyto, & unir a si a nossa natureza? Se olharmos para o poder, digo que sim: se olharmos

para a conveniencia, que he, a que se deve respeytar no comércio, digo que não. Digo que sim, em quanto ao poder; porque assim como Deos por si mesmo formou a Adam organizado com toda a proporção, assim podia organizar outro corpo humano, o qual unisse a si hypostaticamente. Digo que não em quanto á conveniencia; porque o intento de Deos em se fazer homem era vir comerciar á terra, para restaurar o perdido, & remediar o arruinado: *O admirabile commercium, ut salvum faceret genus humanum*: mas como, & de que modo havia de fazer o seu comércio? O como, & o modo foy entrando tambem Maria com a sua ajuda, diz Hugo Cardeal: *Maria est adjutorium Altissimi, quia juvat eum ad salvandum genus humanum*: No commercio de Deos he Maria a melhor ajuda; & como esta ajuda, foy ajuda de custo, & cabedal, que era o corpo, por isso era conveniente, que este corpo se for-

formasse ajudando Maria com suas puríffimas entranhas a sua formação : para que entendamos que entãõ ferá o cõmercio admiravel, entãõ se logrará o fim , que se pertende, restaurando as perdas , & remediando os danos , quando a Senhora da Ajuda com a sua assistencia o fomenta , com a sua protecção o defende , com o seu amparo o favorece: pois atè o mesmo Deos naõ entra no seu cõmercio sem Maria entrar com a sua aju-

da. Esta foy a mayor conveniencia do cõmercio Divino; esta ha de ser a mayor do nosso; & esta, & naõ outra ferá toda a materia do meu discurso ; ainda que bẽ receyo que não baste hum só discurso para materia de taõ grande conveniencia, a mayor que eu tenho he, que a mesma Senhora exercitando os poderes de sua invocação nos ajude a pedir a graça.

Ave Maria.



Beatus venter, &c.

Aquella opulencia mais que grande , aquella immensa riqueza , & abundancia de todas as cousas que o Profeta Ezechiel vio na Cidade de Tyro, nenhũa outra coufa foraõ , mais q̃ avanços do grosso contrato , em que todos os daquella Cidade empregavaõ os seus cabedaes. Era Tyro, como a descreve o Profeta, Ilha junto da terra firme,

situada na entrada do mar, & naquelle tempo hũa fey-ra universal do mundo, para onde concorriam todas as nações : alli se via a pratta de Carthago com outros metaes da mesma terra , ainda que de menos estima, de mais uso , como eram o ferro, o chumbo, & mais o estanho : alli se via o bronze para as obras , & os escravos para o serviço da

Gre-

Grecia, & Capadocia : os cavallos, & os cavalleyros de Frigia para a defenſa : o marſim, & o évano de muitas, & diverſas Ilhas para a oſtentaçãõ : as purpuras, & as olandas, as ſedas, & os carbunculos da Siria para o adorno : o baſfamo, & mântimento de Paleſtina para remedio, & para ſuſtento : os panos, & ornamentos de Damasco para as armações : os tapetes, & alcatifas de Dan para os pavimentos : os alfanjes, & cimitarras de Moſel para o reſpeyto : os aromas, & cheyros de Sabá para a delicia : o incenſo, & myrrha de Arabia para os perfumes : as perolas, & mais pedras preciosas de Remâ para galantaria, & luzimento : tambem defendida, & municionada, quanto pedião tam groſſos cabe daes ; porque o aparato naval, alem de ſer grande, era dos mais peritos na nautica : os ſoldados para os exercitos da terra, eram dos mais guerreyros Perſas, Lydios, & Africanos : as guardas para os muros

erão dos mais conſtantes, & experimentados ; & para o conſelho erão os fugey-tos mais prudentes, entrados nos annos, maduros na idade, & muyto mais no juizo, porque eraõ enſinados pelo tempo, & pela experiencia.

Iſto he tudo, ou quaſi tudo, (que ainda a Eſcritura o encarece com mais particularidade) o que vio o Profeta Ezechiel em Tyro : & outro tanto me perſuado eu que eſtou vendo em Goa muytos Profetas ; porque a ſemelhança do ſitio junto da terra firme, & na entrada do mar lhe dá o fundamento ; o comércio já eſtabelecido lhe aſſegura a profecia ; & o que he mais, o deſejo lhe faz ver já na noſſa Ilha transplantadas em fardos as arvores de Ceylaõ, & Ternate ; da Banda, & de Geilolo ; de Maluco, & da Arabia : quero dizer, o cravo, & a canela ; a maſſa, & noz ; o incenſo, & a myrrha de todas aquellas terras : já lhe faz ver correr pelas noſſas portas os rios

de Sofala, & Pegû regando-as com ouro, & orvalhando-as com rubis: nefces outeiros os de Golocôdâ, & Borneo prenhes de diamantes: nos nossos mares as pescarias da Costa, & Barem: nas nossas costas todas as da Africa em naufragios de ambar; em todas essas cascas a China com os melhores artificios dos seus teares: tudo tam defendido, como abundante; porque havendo abundancia de cabedacs, não pôde haver falta de soldados, quando a falta de soldados toda provem da penuria, com que são assistidos, por estar o Estado tão exhausto, que parece milagre assistirse ainda como se assiste ao seu sustento. Alem de que, como diz o Espirito Santo, não ha melhor defenfa das riquezas, que ellas mesmas: *Substantia divitis urbs fortitudinis ejus.* O castello roqueyro que mais resiste, as armas que melhor pelesão em defenfa das riquezas são as mesmas riquezas, ao mesmo passo que são appe-

tecidas, se fazem respeytadas: Fortaleza lhe chamou Job: *Confortati que divitijs:* esforço lhe chamou Daniel: *Cum invaluerit divitijs:* & Salamaõ, que melhor defendeo o seu Reyno com escudos de ouro, do que seu pay com borqueis de aço, achou que os soldados mais alentados, & que sempre traziaõ os trofeos pendentes da vitoria, eraõ as riquezas: *Divitias ad defendendos Reges:* isto he o que se persuadem, & nos querem persuadir, que vem os Profetas do nosso tempo: provera a Deos que foram tão verdadeyros como Ezechiel.

Outros com tudo, que parece profetizam melhor os successos contingentes, medindo o que hade ser pelo que sempre foy, & olhãdo para o futuro depois de verẽ o preterito, achaõ tam pouco fundamẽto a tão largas profecias, q̃ se persuadẽ que só isto nos faltava para nos arruinar de todo, & que estas mentidas esperanças mais são sonhos, que discursos.

Job 21.

Daniel 11.

Prov. 31.

Prov.
10.

fos. Quem quizer medir os avanços de hum contrato, ha de medillos pelos cabe daes com que entra, & se os que entram com muyto avanço muytas vezes muyto pouco; os que entram com pouco, sempre ficarão sem nada: & já se os lucros forem da mesma especie da nossa mercãcia, sendo o nosso côtrato todo penuria, será o nosso interesse tudo miserio; & sendo isto assim como na verdade he, pois a todos consta a nossa pobreza, a que riscos não expomos este pouco que empregamos, com os ciumes que ha de despertar este nome especioso de Companhia, que não he mais que o nome, em outras já estabelecidas, & formadas, as quaes á custa de proprios dispendios, que para ellas importarão pouco, o mayor negocio, que farão, será impedir o nosso nos portos, a que imos?

E para que não pareça que neste discurso erram o alvo, tambem aponhaõ a Tyro: he verdade que foy Ty-

ro hũa das mais, ou a mais opulenta Cidade por causa do seu contrato; mas porque? Porque todas as nações a serviaõ no commercio, & todas entravaõ com seus interesses: entravaõ os de Carthago: *Carthaginenses negotiatores tui*: entravaõ os da Grecia, das Espanhas, & Capadocia: *Gracia, Thubal, & Mosach ipsi infitores tui*: entravaõ os de Siria, & Judea; os de Arabia, & Damasco; os de Dan, & Mosel; os de Ceder, & Sabá: *Ipsi negotiatores tui*; porèm nós sós, & sem mais ninguem: nós sós, & sem outros que nos ajudẽ; mas não digo bem: nós cõ nosco, & todos contra nós; nós com pouco para nosso remedio, elles com muyto para nossa destruiçam; como he possivel evitarmos nossa ruina? A mesma Tyro a não evitou com tantas ajudas; porque finalmente a sua mesma opulencia a destruiu: *Ad nihilum deducta es*. E para que ninguem diga que as riquezas defendem, não olhemos para o que

que havemos de ter , para nos persuadirmos , que já estamos defendidos com as riquezas; porque isto he fazer despeza antes da receita, que ninguem levará em conta: olhemos para o q̄ não temos, para termos muito q̄ temer; porq̄ se as riquezas, como diz o Espirito S. fortalecê a quẽ as logra: *Substantia divitis urbs fortitudinis ejus*: o mesmo Espirito Santo acrescenta logo, que a pobreza atemoriza a quem a padece: *Pavor pauperum egestas eorum*: & como nós não temos aquellas, & padecemos esta, não brazonemos como vencedores; temamos como rendidos: não nos alegremos como seguros; mas choremos como arriscados, & quasi quasi perdidos.

A' vista de todas estas razões, que parecem evidentes por huma, & outra parte, acho eu que nem hūs, nem outros a tem; & que hūs, & outros se enganaõ: os primeyros no que esperão, & os segundos no que desconfiaõ. Enganaõ-se os

primeyros, porque olham só para si, & cuidão que cõ o pouco que tem podem tudo quanto desejaõ, & quanto nos fingem: enganão-se os segundos; porque nam olhão para quem nos assiste, & para a Ajuda, com que fomos soccorridos: mas para que hūs, & outros se defenganem, saybaõ os primeyros, que ainda he pequeno o receyo dos segundos sem a Senhora da Ajuda: saybaõ os segundos, que com a sua Ajuda, & assistencia ainda esperão muyto pouco os primeyros: & para que os primeyros troquem as esperanças, & os segundos percão o receyo: em nome de nosso receyo eu mesmo proporey em particular as difficuldades, & para alento de nossa esperança mostrarcy que assistindo-nos a Senhora com a sua Ajuda, não ha difficuldade que temer.

Tudo o que basta, & tudo o que precisamente he necessario para hum contrato, são tres cousas, cabedal, industria, & ventu-

ra. O cabedal sem industria he arvore sem fruto; a industria sem ventura he trabalho sem lucro; & a ventura sem industria, & cabedal não podemos dizer o que he, porque sem cabedal, & industria não ha ventura; mas digamos, que he desgraça: & sendo estas tres cousas necessarias, pois sem ellas não ha contrato, ellas são as de que mais necessita o nosso, porque todas nos faltão; & começando pela primeyra, que he a primeyra difficuldade: allega o nosso receyo, que ou a nossa ignorancia nos cega, ou a nossa desgraça nos arroja para não computarmos os gastos, que nos são necessarios para o edificio, que temos principiado a levantar. Para levantar hum edificio ensina a prudencia, diz Christo por S. Lucas, que primeyro se ha de lançar a conta aos gastos da fabrica, do que se lance a primeira pedra do fundamento, para que não succeda que a obra, que começou a crescer para credito, fique im-

perfeyta para desdouro: *Incipiant illudere ei: quia hic homo cepit edificare, & non potuit consummare.*

Se lançarmos bem estas contas, ellas mesmas seram a prova real de como as nossas vão erradas: & quanto cabedal será necessario para o nosso edificio? para hũ edificio digo, com o qual tratamos de reedificar as ruinas da India? Se medirmos o cabedal, que nos falta, pelas ruinas, que nos sobejão, ha de cahir o mayor orgulho; ha de desmayar o mayor alento; cuydamos que com tam pouco se ha de levantar o descaido: com tão pouco se ha de refazer o arruinado? Muytos annos ha que se intentou fazer o mesmo, que de hum anno a esta parte temos feito; & a falta de cabedaes desvaneeo toda esta pertenção; & naquelle tempo eraõ muyto mais os cabedaes, do que são neste. Depois se mandou saber os q̃ a India podia dar de si, para que juntos com os de Portugal se formasse esta Junta:

ta: porém achárao-se tam poucos, que se julgou, que ainda todos juntos não bastavão para o que se pertendia; & agora diminuidos os antigos, excluidos os do Reyno, ficando só os da India, quantos são os que temos? Atrevome a dizer que são tão poucos, que na supposição que as outras nações nos dessem os portos francos, as Alfandegas livres, & as drogas de graça, não bastarião para o apresto dos barcos em que as haviamos de conduzir: esta verdade melhor conhecida no juizo dos que me ouvẽ, do que eu a sey ponderar, he a que póde allegar pela sua parte o nosso recçyo.

Mas que importa que assim allegue, se já não ha que temer das suas allegações? O que se podia temer era a falta de cabedaes; porém não ha que temer esta falta, porque os cabedaes soube buscar a nossa Junta em que só lhos podia dar seguros. No mesmo dia, em que amanheceo a resolução de se formar, amanheceo tam-

bem a resolução de buscar o patrocínio, & amparo da Senhora da Ajuda; & como a nossa Junta soube madregar nos obsequios de Maria, tambem mereceo achar a Ajuda de cabedal na sua protecção. *Qui mane vigilant ad me, invenient me:* Todos aquelles, diz esta Senhora por Salamão, todos aquelles que me buscarem com cuydado, & diligencia, me haõ de achar: o que mais nos póde consolar nestas palavras he a promessa tam liberal desta Senhora, que para se achar, não quer mais que ser buscada: não achamos muytas cousas por mais que as buscamos, porque depende mais que da nossa diligencia, & cuydado podermolas achar: não he assim Maria: em havendo da nossa parte a diligencia, seguro está da sua parte o ser achada: este foy o primeyro avanço que teve a nossa Junta nos seus interesses, buscar, & achar a Maria: *Invenient me.*

Mas de que sorte a achou? A mesma Senhora o diz nas

Prov. 8.

palavras que se seguẽ: *Me- cum sunt divitiae, & gloria, opes superbae*: Comigo estão os cabedaes, a gloria, & riquezas abundantes, & peregrinas: achou-a com as riquezas, com a gloria, & com os cabedaes; com os cabedaes para o contrato, com a gloria para o bõ successo, com as riquezas para o augmento; com os cabedaes, para que se alente na mayor penuria; com a gloria, para que se anime no mayor desalento; com as riquezas, para que se augmente na sua conservação, & para que saiba que as faltas, & a pobreza só se experimentão aonde faltão as assistencias de Maria; assim o diz o mesmo Salamaõ: *Ubi non est mulier, ingemiscit egens*. Sabem porque chora a pobreza, & porque sente as suas miserias? He porque falta hũa mulher: esta mulher, de quem falla aqui Salamaõ, he aquella mulher forte, de quem já tinha fallado, figura expressa da Mãy de Deos; pouco tem logo que temer o nosso re-

ccyo, se temos achado hũa mulher, que nos enxuga as lagrimas, que a nossa miseria nos faz verter, nem ha já razão que se allegue para não persistir no começado, & levar adiante hum contrato com tão boa ajuda de catedral; porque aonde assiste Maria com sua Ajuda, não nos fica lugar de temer faltas. Não provo esta verdade com o banquete de Galilea, porque não he necessaria a semelhança de successos, quando a mesma Senhora expressamẽte nos assegura que todas as riquezas, com que se acha, são determinadamente para promover, & enriquecer o nosso comércio pela necessidade, & pela causa tão justificada, com que se formou, & estabeleceo.

Nem todos os contratos tem o mesmo fim, porque nem todos tẽ o mesmo motivo; hũs move a vaidade, outros a cobiça; outros a justiça, & necessidade: os que move a vaidade tẽ por fim a ostentaçãõ; os que move a cobiça tem por fim o lu-

lucro; porèm os que move a justiça, & a necessidade, como são justificados, & necessarios na causa, tem por fim o remedio, & conservação, & tal he o nosso. Estebelecemos esta Junta por hũa causa tão justificada, & necessaria, qual he a nossa conservação, & defença; & sendo a causa tam justa, a mesma justiça da causa nos dá o melhor direyto para esta Senhora nos ajudar cõ os seus cabedaes, & isto he o que nos promete. *In vijs justitiae ambulo*: Eu ando nos caminhos da justiça, diz a Mãe de Deos: & porque razão, & para que fim faz a Mãe de Deos a sua assistencia nos caminhos da justiça? A razão he: para nos mostrar, & advertir, que só quem por vias muyto justas, & justificadas a buscar, se encontrará com ella: & o fim? O fim declaraõ as palavras que se seguem: *Ut ditem diligentes me, & thesauros eorum repleam*: O fim he para enriquecer, & encher os thesouros daquelles, que justamente invocaõ

a sua Ajuda: como se differa: Para nos animar, & tirar todo o receyo, a causa justa, & o motivo justificado, he o caminho por onde me haõ de buscar, os que quizerem achar no meu patrocinio a sua Ajuda, porque sendo a causa justa, naõ lhe poderão faltar os cabedaes; correrá por minha conta o seu negocio, & pela de minhas riquezas a felicidade de seu contrato: *Ut ditem diligentes me, & thesauros eorum repleam*.

Assim no-lo promete a Mãe de Deos, & com tal promessa pouco temos que recear o nosso pouco, porque esse pouco servirá de empenhar mais o poder de quem nos ajuda: bem sey q̃ a limitaçaõ do nosso cabedal he de tal sorte, que se o contarmos por milhoens, como era bem se contasse, naõ podemos reduzillo a numero, porque naõ chega a unidade; mas a mayor esperança que podemos ter de se empenhar com nosco o poder da Mãe de Deos, he naõ termos cabedaes,

Pfalm.
70.

que numerar, nem computar. Huma das cousas bem notaveis que disse David, foy aquella do Psalmo 70. *Quoniam non cognovi literaturam, introibo in potentias Domini.* O texto Hebreo, que he o original, em lugar de *literaturam*, tem *numerationem, & computum*. Porque não tive cabedães para usar dos numeros, & computos da aritmetica, por isso fuy ajudado do poder de Deos. Antes de fazer o reparo, supponho como certo q todo o poder de Deos está hoje depositado em Maria, como ella mesma affirma de si por Sam Lucas: *Fecit potentiam in brachio suo*, & he cõmum sentir dos Santos Padres. Agora pergunto: E que repugnãcia temos numeros, ou que opposiçãõ os computos da aritmetica para não ser ajudado David do poder Divino, senaõ quando não tem que numerar, & computar? A repugnancia toda está da parte de Deos, & da parte de David: da parte de Deos, porque elle

só era o que ajudava a David; & da parte de David, porque para os seus bens não queria outra ajuda mais que a de Deos; & quando Deos he o que ajuda, & o que he ajudado não quer mais que a Deos, o mayor cabedal que póde empregar para multiplicar a ganancia, he não ter cabedal que numerar, nem computar: sendo pois o poder da Senhora o mesmo que o poder de Deos, que nella está depositado por privilegio, & não querendo a nossa Jutta, nem buscando outra Ajuda mais que a de Maria, o pouco, ou nada, que tem que computar, & numerar, he o mayor cabedal que mette no seu contrato: crescerãõ os avanços á medida do poder que nos assiste, já que em tal poder puzemos toda a nossa confiança, para serẽ immensas as ganancias, sêdo o poder infinito: *Quoniam non cognovi numerationem, & computum, &c.*

Destá verdade, que para mim he infallivel, venho a conhecer a causa, porque
em

em tempos tão alcançados, & com tão limitado cabedal, se veyo a formar a nossa Junta. Cuidará alguma que não se fazer esta Junta em tempos mais prosperos, quando se podiaõ unir muitos cabedaes: cuydará que excluïrem-se os do Reyno, que podiaõ com os nossos fazer mayor numero, foy impossibilitarmos o fim que deseamos, & não foy senão facilitarnos o bom successo. Demos graças a Deos, & a sua Mãy Santissima depositadora de seus poderes, como lhe chamou Sam Bernardo; demoslhe graças de querer, & dispor cõ sua altissima providencia; & disposiçaõ, que nos achafemos com tão pouco, que esse pouco, quando nos ajuda poder tão superior, he o mais certo final de nossa restauraçã: diminuirse o muyto que tinhamos, & tratarmos de nossa restauraçã com o pouco que temos, he o que mais nos póde segurar para levarmos ao fim tão grande empreza.

Quando Gedeão quiz

restaurar as terras de Israel taladas, & destruidas pelos Madianitas ajuntou trinta & dous mil homẽs, & reconhecendo Gedeão que o numero da sua gente era desigual, porque os inimigos eraõ tantos como as areas: *Sicut arena, quae jacet in littore maris*; o que Deos lhe disse foy, que era muyto o seu poder, & que com tanto numero não poderia vencer os inimigos, nem restaurar o perdido: *Multus tecum est populus non tradetur Madian in manu tua.* Com este aviso manda Gedeão lançar bando, que quẽ se não achasse com animo de pelear sahisse logo do exercito. Foraõ os fracos, & desanimados, que sahiram do arrayal, vinte & dous mil, & só dez mil ficãram cõ Gedeão; mas ainda Deos achou que dez mil eram muytos: *Adbuc populus est multus*; em fim por direçãõ, & disposiçãõ Divina assim se foraõ diminuindo, que não ficãram mais que trezentos, & com sóz trezentos restaurou Gedeão

Jud. 7

as pedras de Israel : pois (valhame Deos!) são muitos trinta & dous mil, são muytos dez mil, & não são poucos trezentos ? Com dez mil, & com trinta & dous mil não pède vencer Gedeão, & pède vencer com os trezentos ? Sim : & a razão he; porque o que Gedeão tratava era a restauração de Israel, & isto não por forças proprias, mas ajudado por Deos: *Per manum meam liberabis Israel;* & quando o poder de Deos he o que ajuda, os muytos são embaraço, os poucos são vitoria; os muytos não podem vencer, os poucos podem triunfar; & a razão desta razão he; porque sendo muytos, podersehia cuidar que era poder da terra, o que só era favor do Ceo; sendo poucos, não havia a quê attribuir a vitoria, senão ao amparo de Deos; & por isso o grande cabedal de gente não pode levar ao cabo a restauração de Israel; mas pode restaurar a Israel o numero limitado de trezentos.

Naõ era o poder Divino mayor entãõ do que he hoje, antes hoje, depois que o poz Deos nas mãos de Maria, se mostra nos effeytos mais grãdiofo; & quem duvida que foy traça sua o que pareceo receyo? Contáraõ-se antigamente os cabedaes, & aquelles que os cõtáraõ, acháraõ que eraõ desiguaes para a empreza de restaurar a India, mas não eraõ desiguaes por poucos, senam por muytos, & por muytos não bastavaõ: *Multus est;* pois diminuase o cabedal, para que nos não embarace o bom successo. Ficaram ainda os do Reyno para se unirem em ordem ao mesmo fim; mas ainda era muito: *Ahuc multus est;* impedianos o fim: excluirãõ-se os do Reyno finalmente: ficáraõ só os da India taõ firmes, & constantes, como poucos, para cõ estes poucos segurarmos melhor o bom successo. Havia-se de formar a nossa Junta sem outra confiança mais que na Ajuda da Máy de Deos: se tivessem muyto que numerar,

merar, & computar, cuidaria alguem que era valor da terra, o que só era valia do Ceo: se tivessem pouco, ninguem poderia duvidar, que o poder desta Senhora nos ajuda: pois para que ninguem cuyde q̄ de outra parte nos vem as nossas melhoras; para q̄ todos saybaõ q̄ a sua Ajuda he o nosso lucro, va-se pouco a pouco diminuindo o cabedal, apartem-se os covardes, excluaõ-se receosos, fiquemos sós com a nossa limitaçam, para lograrmos nella a mayor ganancia, porque com Ajuda tam superior, & Divina o muyto corre risco de se perder, o pouco vay seguro para se multiplicar.

E se me perguntarem que proporçaõ tẽ este pouco com o muyto que prometto, eu naõ sey dizer a proporçaõ que tem; só sey dizer que estes costumam ser os avanços do cabedal, que a Senhora da Ajuda menca para nossa ganancia. Lá considerou Salamaõ a esta Senhora debayxo de

metafora de Náo, a qual trouxe por comércio o paõ de longe: *Facta est quasinas institoris de longe portans panem suum.* Assim como esta Náo he figura de Maria Santissima, assim o paõ vindo de longe he figura do Sacramento vindo do Ceo. Este foy o contrato, q̄ esta Náo, que com toda a propriedade podemos chamar nossa Senhora da Ajuda, trouxe para nosso remedio. O que eu reparo, & he digno de advertencia, he o modo com que veyo nella, & o modo com que veyo para nós: quero dizer, o modo com que Christo esteve no ventre de Maria, & o modo com que se nos dá no Sacramento: Christo no ventre de Maria, quanto ao vir foy hũa só vez; quanto ao tempo foram nove mezes; quanto á presença foy em poucos lugares da Palestina; quanto ao corpo foy em estatura de menino; quanto a conjunção estava o Filho na Mãe, mas desunido; quanto ao estado era de mortal, & passivel; quan-

Prov.
30.

to a nutrição elle era o que recebia à vida pelos alimentos naturaes. E Christo no Sacramento? quanto ao vir he todos os dias a nossas almas; quanto ao tempo da assistência já passa de mil & seiscentos annos, & durará até se acabar o mundo; quanto á presença he em todas as partes da terra, em que se consagra; quanto á estatura he de varaõ perfeito, q̃ já não pôde crescer, nem augmentar-se; quanto á conjunção he por verdadeyra uniaõ com que elle está em nós, & nós nelle; quanto ao estado he de immortal, & glorioso; quanto à nutrição elle he o que nos alimenta a vida da graça com o manjar sobrenatural, & Divino.

Naõ busquemos neste passo a proporção entre a ganancia com que se nos dá, & o cabedal que se metteo naquella Não; a proporção digo de vir hũa vez cõ muytas vezes; de nove mezes com muytos seculos, de hũa presença com innumeraveis assistências, de hũa

estatura pequena, & limitada, com hũa grande, & perfeyta; de hũa contiguidade com hũa uniaõ, de hũa vida mortal por alimentos naturaes, com a vida da graça por alimento sobrenatural, & Divino: naõ busquemos, torno a dizer, a proporção, porque a naõ ha entre tãta disparidade: mas saybamos que esta he a disparidade com que crescem os cabedaes, que se meneão pela Senhora da Ajuda. Todo este contrato era para nós, pois para nós veyo este paõ do Ceo: *Panem Angelorum manducavit homo*; mas para que o procedido fosse mayor nps effeytos, do q̃ era o proprio, a Senhora o fez multiplicar cõ tãta ganancia, como temos visto: hũa vez que Maria entrou com a sua Ajuda, nam podiaõ ser menores os nossos avanços; porq̃ sempre, que a Não ajuda a levar os nossos empregos, experimentaremos semelhante maravilha. Finjamos a mayor penuria, & esperemos a mayor abundancia: se o nosso

cabedal he pouco , ella fará que seja muyto : se he pequeno , que seja grande : se abrange a poucos , que enriqueça a muytos : se he de hũa só terra , q̄ se estenda a todas : se he diminuido nas contas , que se multiplique nas fomas ; & finalmente q̄ se agora estamos perdidos , nos vejamos cedo restaurados com este commercio todo seu , assim como ficou restaurado o mundo pelo commercio que se formou com sua Ajuda: *Beatus venter. O admirabile commercium! Maria est adjutorium Altissimi.*

Bastava o que tenho dito para me desempenhar do que prometti , se não visse que o nosso receyo ainda infla com a nossa pouca industria. Não se accomoda bem o orguiho Portuguez com a freima de mercantes , porque não nascêraõ os Portuguezes com essa inclinação ; nascêraõ os Portuguezes mais para a lança , que para a vara ; mais para a sella , que para o banco ; mais para a campanha , que

para o cambio ; mais para os exercitos de Marte , que para os exercicios de Mercurio : o fiel que conhecem he o da espada ; o pezo que trazem he o das armas ; o emprego que metem he o dos tiros ; & os avarços q̄ fazem he nas envestidas. Desta sorte nasceo o nosso Reyno nos Campos de Ourique ; desta sorte cresceo nas campinas de Africa ; desta sorte chegou à sua mayor grandeza nas dilatadas regiões da India , cantando vitorias nas batalhas , nos encontros , & nos assaltos com que vceco inimigos , destroçou exercitos , & escaçou fortalezas : & como a inclinação com que se nasce , seja a natureza com que se vive ; querelhe agora mudar a inclinação , será violentarlhe a natureza : pois se a nossa natureza he tão alhea dos côtratos , como teremos industria para os menear ? para esperar que suba a estimação das cousas & levantarlhe o preço ; que abatam as fazendas , & conduziilas
mais

mais baratas; para saber na dilaçam do lucro adiantar os avanços; ganhar em hũa droga, o que se perdeu em outra; para medir a mercadoria pela falta, a ganancia pelo risco, as correspondencias pelos effeytos, & os interesses pelos dispendios; & ainda o que se vende, pelo gosto de quem o compra?

Além disto o intento cõ que Deos estabeleceo em nòs o seu Imperio encontra em tudo ao nosso desígnio: Deos estabeleceo em nòs o seu Imperio, quando nos achou cõ as armas nas mãos; assim o intimou ao nosso invictissimo Rey Dõ Affonso Henriques naquela noite, em que Portugal se deytou Condado, & se levantou Reyno: & nesta fórma começáraõ nossos mayores, & acabáraõ gloriosamente as suas conquistas; & não falta quem diga, que por se perder esta fórma, nos perdemos; pois começáraõ as nossas ruinas, porque os nossos Capitães começáraõ a ter mais conta

dos fardos, que dos cartuchos; mais conta dos carretos, que das peças; mais cõta das cargas, que das balas; & mais do livro da razaõ, que da razaõ do seu officio. Sendo isto assim, melhor fora que esse pouco q̃ ajuntamos para o lançar no mar à cortesia dos perigos, o repartissemos em conduzir soldados, & animados cõ o exêplo da restauraçã do Brasil procurar a nossa pelas armas, já q̃ para o mais não temos industria.

Se contra receyo tam brioso não tivera a proteçã da Senhora da Ajuda, com as mesmas razões, de que se arma, o houvera de render; porque não he a droga de menor valia em hum contrato entrar nelle gente de valor: *Manus for-* Prov.
tium divitias parat, diz o 10. Espirito Santo: A mão que sabe empregar os golpes com' valor, tambem sabe menear os empregos com destreza: & se por contractarem se perdèram, & nos perdèraõ os Capitães, he porque estes primeyro se

cf-

esqueceram do valor; & a fraqueza não póde ter outro lucro senão perdas, diz o mesmo Espirito Santo: *Egestatem operata est manus remissa.* Quanto á vontade de Deos ainda que fosse aquella quando nos instituiu, bem póde agora ser outra sem se mudar; porque não he novo em Deos dos mesmos motivos tirar contrarias resoluções.

O unico motivo q̄ Deos teve para castigar o mundo com hũ diluvio universal, foy ver o coração humano inclinado, & propenso para o mal: *Quod cuncta cogitatio cordis humani intenta esset ad malum, delebo, inquit, hominem.* E porque o coração humano era inclinado, & propenso para o mal, foy o unico motivo q̄ Deos teve para nam castigar mais o mundo com diluvio: *Nequaquam maledicam terrae propter hominem, sensus enim, & cogitatio humani cordis in malum prona est.* Hey de destruir o mundo, diz Deos; & porque? Porque o coração hu-

mano he inclinado para o mal. Não hey de destruir o mundo, torna a dizer Deos; & porque? Porque o coração humano he inclinado para o mal. O motivo sempre fcy o mesmo, as resoluções foraõ diversas: destruir porque ha maldades; & porque ha maldades não destruir. E quem poderá afirmar que o mesmo Deos, que antigamente nos escolheu para gloria do seu nome alcançada pelas armas, não queyra agora o mesmo fim conseguido pelo commercio, ou por tudo junto: pelo commercio, & pelas armas? Digo por tudo junto, fundado naquella visãõ, que teve o Veneravel Irmaõ Pedro de Bastos, na qual lhe mostrou Deos aos Olandezes juntos com os Portuguezes debayxo do escudo de Portugal. A visãõ não se ha de explicar pela apparencia material do que se representa, senão pela intelligencia do que significa, & a verdadeyra intelligencia desta visãõ he, que entãõ se tornarãõ a levan-

Genes.6

Genes.8

tar as Quinas Portuguezas, quando ao manejo das armas ajuntarmos o manejo da mercancia, unindose o exercicio de Portugal com o exercicio de Olanda. O exercicio de Olanda he o commercio, o exercicio de Portugal he o valor, & junto o valor com o commercio triunfarão as armas Portuguezas; & porq̃ desta forte contratando, & pelejando se fizeraõ os Belgas senhores do nosso, quer o mesmo Deos mostrarnos, que contratando, & pelejando tornemos a restaurar o que nos usurpáraõ, & se vejaõ as nossas bandeyras tremolar sobre suas fortalezas, abrindo as armas o caminho para o commercio, & facilitando o commercio as expensas para as armas.

Mas porque eu me nam quero valer de outras armas contra o nosso receyo, mais que da Ajuda da Mãe de Deos; seja embora tam pouca, como elle diz, a nossa industria, que tendo da nossa parte a esta Senhora,

sem nenhuma industria havemos de ficar com a ganancia dos mais industriosos. A mayor ganancia que se lucrou neste mundo por fruto de hũa industria, foy a benção de Isaac no morgado q̃ dotou a Jacob, pois lhe naõ deu menos que a successão do Redemptor do mundo, a qual perdeu Esau, filho mais velho, senaõ na idade, no nascimento. E porque disse que esta benção fora fruto de hũa industria, qual seria a industria de Jacob, & qual a de Esau? A de Jacob, nenhuma; a de Esau, muyta: Jacob era hum mancebo taõ pouco industrioso como simplez: *Vir simplex*: taõ pouco cuidadoso do seu negocio, que naõ deu hum passo fóra do tabernaculo, que era a tenda de guerra daquelles tempos: *Habitabit in tabernaculis*: taõ descuidado da fazenda, que nam sabia agradar ao pay, para que ao menos lhe deixasse a sua terça, pois o morgado por ley da natureza estava vinculado ao primogenito.

Genes.
25.

E Esaù? Esaù era hum homem sagaz, & traciſta: *Vir gnarus*: hum homem que na agricultura ſabia fazer os lanços de mercador, arriſcando pouco em ſemente para recolher muyto em frutos: *Vir agricola*; & taõ attento ao ſeu negocio, que atè da caça, em que era deſtro, o ſabia fazer em grangear a vôtade do pay: *Isaac amabat Esaù, eò quòd de Venationibus Veſceretur.*

Pois ſe a bençaõ do morgado havia de ſer fruto da industria, como moſtrou o effeyto; da industria digo de quem ſoubefſe melhor agencear o goſto do pay cõ o emprego da caça, porque ha de levar a bençaõ Jacob deſcuydado, & ha de perder a bõçaõ Esaù induſtrioſo? Jacob nacido para o tabernaculo, & Esaù nacido para o manejo? Porque ainda que Esaù tinha de ſua parte a industria, Jacob tinha de ſua parte a Rebeca, & Rebeca, como todos ſabemos, he figura da Mãy de Deos. E Jacob tem da ſua parte a Mãy de Deos em fi-

gura? pois ainda que ſeja tam pouco induſtrioſo, nacido mais para o tabernaculo, & tenda de guerra, que para o telonio, & tenda de mercancia, tendo de ſua parte a Rebeca, ha de ganhar, aonde ha de perder Esaù com todas as ſuas traças, diligencias, cuydados, & natural industria. Nam nos dè cuydado que haja Esaù com industria, ſe temos da noſſa parte a Rebeca: ſejeõ elles muyto embora nascidos para o manejo, & nõs para os tabernaculos, & tendas de guerra; que todas as ſuas diligencias haõ de perder, aonde ha de ganhar o noſſo deſcuydo: elles ficarão ſem os avanços, a que os inclinou a ſua natureza; & nõs contra a inclinação da meſma natureza com tanta ganancia, que ſerá huma bençã de Deos, pois temos da noſſa parte a Mãy do verdadeiro Jacob: trabuquem elles o mundo, inquietem as terras, corram, & diſcorram por diverſas partes; que nõs muyto deſc ançados ha-

havemos de ficar como lucro: não nos são necessários effes cuydados, porque effes toccaõ á nossa Rebeca, & correm por sua conta.

E para que não fique por fatiszazer aquelle escrúpulo da vontade de Deos, vejamos o que succedeo neste mesmo passo a Jacob. Admirado Isaac, que cuydava ter diante de si a Esaù, de negociar tão depressa o que lhe encomendára, perguntou ao filho como pudera vir tão cedo: *Quomodo tam cito invenire potuisti?* E que responderia o filho? *Voluntas Dei fuit.* Isto foy vontade de Deos: & como, se tudo foy vontade de Rebeca, se tudo foy industria, & cuydado seu? se tirar do rebanho o que Esaù havia de trazer do mato, foy traça de Rebeca; como diz Jacob, que foy vontade de Deos? Por isso mesmo; por-

que tudo foy industria, & cuydado de Rebeca, por isso Jacob diz que foy vontade de Deos; porque quem da sua parte a Maria com a sua Ajuda, & com o seu cuydado, tambem tem da sua parte a vontade de Deos com a sua disposiçaõ, & com o seu beneplacito: para vermos que nunca falta Deos cõ a sua vontade, adonde assiste Maria com a sua Ajuda: & sendo a Ajuda da Senhora a melhor parte do nosso commercio, será a vontade de Deos a melhor disposiçaõ do nosso contrato, porque nos nam pôde faltar esta vontade assistindo-nos aquella Ajuda. Seguia-se agora a ultima difficuldade, porèm porque a paciencia dos meus ouvintes não está para tanto, dei-xo esta materia para a tarde, & como á tarde se ha de acabar o Sermaõ, á tarde pedirey as Ave Marias.

Genes.
27.

TERCEYRA PARTE,
&
SEGUNDO SERMAM

Prègado no mesmo dia de tarde.

BEM temia eu, como disse esta manhá, que tratando da grande conveniencia q̄ o nosso commercio tem na Senhora da Ajuda, nos nam havia de bastar hum só discurso, para o que se pôde dizer desta Senhora; mas nem por isso ficaõ menos vanteadas as suas excellências, por termos necessidade de outro, quando infinitos não bastão. Quizeram algũs que a retórica tivesse os privilegios da pintura, para no mesmo tempo, & na mesma lamina se mostrarẽ, & se perceberem muytas cousas juntas: mas ainda q̄ assim foise, & tivesse a retórica poder para nas suas figuras usar do pincel, quando trataste, ou retrataste os elogios da Mãe de Deos, seriaõ curtas todas as suas li-

nhas, escuros todos os seus claros, sem realce todas as suas sombras, mortas todas as suas cores, desigual toda a sua semetria, se em hũa só lamina quizesse comprehender tantas excellências, declarar tantas maravilhas, realçar tantos prodigios, avivar tantas perfeçoens, & igualar tanta grandeza.

Melhor artifice he Deos, & com tudo multiplicou os quadros, quando nos quiz pintar a esta Senhora. Em hum pintou hũa estrella sobre o mar, a cuja vista perdiaõ os ventos a furia, quebravaõ as tempestades a força; nem as ondas se encapelavaõ, nem se encruzavaõ as aguas, tudo estava pacifico, & sossegado; tudo manso, & quieto promettendo feliz viagem a

L quem

quem a tomasse por guia de sua navegação. Em outro hũa torre de admiravel architectura assim na fabrica, como na fortaleza; porque era alta, & vistosa, igual, & bem lavrada, compassada nas batarias, cuberta nas retiradas, cá paz na praça, & regular em tudo, de cujas ameias se viaõ pendurados milhares de escudos, q̃ eraõ as armas dos generosos: *Mille clypei pendent ex ea, omnis armatura fortium.* Em outro hũa Náo rica na carga, feliz na viagem, respeitada dos mares, favorecida dos ventos, que com todo o pano largo vinha fazendo sua derrota. Em outro huma arca cerrada, & dourada, a quem seguia em proporcionada distancia hũ exercito formado em batalha, não tanto para risco de contender pela vitoria, quanto para recolher os despojos dos vécidos, porque só com a vista da Arca se arruinavaõ os muros de hũa rica, & fermosa Cidade por triunfo do seu poder, & trofeo de suas mara-

vilhas. Em outro (deixando por brevidade os demais) hũa prodigiosa mulher coroadada de estrellas, vestida de Sol, & calçada de Lua; & para intelligencia de todas estas figuras, que parecem enigmaticas, poz sua letra que as explicasse. A primeyra dizia: *Stella maris*, Estrella do mar: a segunda: *Turris David*, Torre de David: a terceyra: *Navis institoris*, Náo do commercio: a quarta: *Arca Fœderis*; Arca do Testamento: a quinta: *Signum magnum*, Sinal, ou signo prodigioso.

Pareceme que sem me explicar me tenho já declarado: a ultima difficuldade, que contra si tem o nosso commercio, he faltarnos a ventura; mas quem poderá dizer, que nos falta tendo em nossa ajuda o amparo, & patrocínio da Mãe de Deos? Que mayor felicidade, que termos hũa Estrella para guia, hũa Torre para defenõsa, huma Náo para segurança, hũa Arca, que nos facilite as vitorias, & hum Signo taõ benevolo de-

debaixo de cujas influências nasceo o nosso commercio para esperarmos todo o bõ successo. Eu não quero provar a nossa pouca fortuna em taõ successivas calamidades; porque seria renovar o nosso sentimento nas perdas passadas; mas comprovadas todas á custa da nossa dor na experiencia de tantos annos, se estas foraõ muytas, & muytas mais se poderiaõ reccar, já nos não fica que temer, & só temos que esperar mayores felicidades, do que foraõ as desgraças que até agora nos affligiaõ.

O mais seguro penhor de hũa felicidade futura he o bom annuncio com que se nasce, & o bõ annuncio cõ que se nasce não he outro mais que o influxo dos planetas, que predominam ao nascimento; & tendo o nosso commercio tantos annuncios de felicidade em seu nascimento, bem podemos dar por seguro o bom successo. O dia do nascimento do nosso commercio foy o dia do seu principio, & ei-

te mesmo foy o dia em que o consagramos debayxo do patrocinio da Senhora da Ajuda; & combinando este nascimento com o Evangelho presente, em que solemnizamos o parto de Maria: *Beatus Venter, qui te portavit*; diante daquelle sagrado trono, em que Deos nos assiste encuberto a nossos olhos, & descuberto á nossa Fé, acho que o soberano Planeta, que aqui predominou, & influio, foy a Mãe de Deos representada naquelle prodigioso signo, que vio S. Joaõ no seu Apocalypse; & por isso digo que nasce com tantos annuncios de felicidade, que por mais q̃ as desgraças o queyraõ perseguir, ha de prevalecer o seu signo sempre benevolo em seus influxos: & para que huma, & outra cousa fique patente a nossos olhos, vamos lhe fazendo o calculo, para que vejamos a verdade do horoscopo na mesma figura, que vio Sam Joaõ.

A figura deste signo diz o Evangelista, que era hũa

Apoc.
12.

mulher com todo o ornato de luzes, com que se costuma descrever; porque na cabeça tinha a luz das estrellas: *In capite corona stellarum*: no vestido as luzes do Sol: *Amicta Sole*: debaixo dos pés tinha as luzes da Lua: *Luna sub pedibus ejus*. Diz mais, que esta mulher estava apertada de dores de parto: *In utero habens clamabat parturiens*; & que hum Dragão terrivel, & espantoso se puzera diante para tragar o filho que nascesse: *Draco stetit ante mulierem, ut, cum peperisset, filium ejus devoraret*: porém o filho livrou com melhor forte, & foy apresentado diante de Deos, & de seu trono: *Raptus est filius ejus ad Deum, & ad thronum ejus*. Este he todo o aspecção do planeta, que vio Sam João: esta toda a variedade da desgraça ameaçada pelo Dragão, & da fortuna conseguida pelo fugitivo que nasceo: nasceo entre luzes, humas benevolas, outras constantes, & outras mudaveis: as benevolas coroavam o

seu signo, as constantes o vestiaão, & as mudaveis lhe ficavaão debaixo dos pés. O Dragão ameaçavalhe ruinas; mas os clamores do planeta lhe serviraão de ajuda para escapar do perigo, & ser apresentado diante de Deos, & de seu trono: isto he tudo o que vio Sam João naquelle signo; porque tudo isto he o que succede a quem nasce debaixo do patrocínio da Mãy de Deos.

E se a Mãy de Deos assim livra dos perigos a quem nasce debaixo de seu patrocínio; que perigos podemos temer, que desgraças podemos recear ao nosso commercio, se a Mãy de Deos he o Planeta do seu nascimento? As estrellas de que se coroa, luzes benignas, & favoraveis, saõ o annuncio da boa dita, que esperamos: as luzes do Sol de que se veste sempre constantes, & permanentes, saõ o annuncio da continuação, com que haõ de luzir os nossos empregos: as luzes da Lua que piza, saõ o annuncio da

in-

inconstancia de nossa fortuna já vencida, & rendida a seus pés, para que a sua roda não corra mais em nosso dano. Pouco importa que o Dragaõ symbolo da infelicidade, que tudo consome, & tudo devora, tudo destroe, & tudo arruina como Dragaõ insaciavel, que se alimenta de perdas, se ponha diante, & se oponha, se aquellas ancias, & clamores: *Clamabat parturiens*, saõ o cuydado, & desvelo: saõ o socorro, & ajuda, que tem na Mãe de Deos o nosso commercio, para que livre de toda a infelicidade, se veja como se vê diante daquelle sagrado trono offerecido aos Divinos obsequios, para que a felicidade com que nasce, seja principio das muytas q̄ podemos esperar.

Mas porque não basta esta prova em gêral para segurar a nossa desconfiança, que he tanto mayor, quanto tem sido mais continuada a experiencia de nossos danos, he bem que desçamos ao particular, & veja-

mos os perigos, que pôde correr hum commercio. A cousa mais util para a vida humana, cutros dirão outra, eu digo que he 'o commercio; porque a vida humana, ou tomada pelo que he no homem, ou tomada pelo que nelle quer, tem no commercio o que he, & tem no commercio o que quer. A vida humana no homem he hũa sociedade com a mesma especie humana, como a definem os Filozofos: *Homo est animal sociabile*: O homem he hum animal sociavel: & a mesma vida no homem o que quer saõ os bens para passar os annos que dura. A sociedade pois, que o homem nam pôde ter pela distancia das terras, & abundancia que lhe falta; porque nem todas as terras taõ capazes de sustentar os que nellas nascem, facilita, & conduz o commercio: elle faz que o natural da Europa não seja estranho na Asia, porque a communicação o naturaliza: o nascido na Africa seja compatriota da America;

porque a habitação o faz patricio: elle faz que a amizade se conserve nas distâncias, a correspondencia nos longes: depois que se inventou, não se estranhão as nações por diversas, nem se admirão os estranhos por nunca vistos: finalmente com elle ficou o homem conseguindo o fim de sua natureza, & definição, que he a sociedade, & tambem o fim do seu desejo; porque com o commercio commutando as fazendas, que são de pouco preço, & estimação na mesma terra, com as peregrinas, que por desuzadas sobem na estimação, & nõ valor, não bastando as naturaes para sustentar a vida, por serem de pouca estima, são as peregrinas de tanta, que se lucra muyto em pouco, & todos vivẽ abastados, ricos, & abundantes.

Porẽm como neste mundo não ha bem tão puro, & sem mistura, que se veja izẽro de todo o mal, nem utilidade tam proveytosa, que não padeça seus decontos;

que esta he apensaõ dos bẽs da terra; sendo o commercio a cousa mais util para a conservaçaõ, & opulencia da vida, tambem he a mais arriscada; porque não he hũ só o risco que corrẽ, senão muytos, & entre todos, deixando outros, os principaes são tres; o primeyro he o risco do mar nas tempestades, & tormentas; o segundo dos inimigos, que ou o roubão, ou impedem; o terceyro dos que o meneão, que o podem defraudar, & por serem inimigos de casa são muyto mayores inimigos.

Começando pelo primeyro perigo, que são os insultos do mar, tanto mais para temer, quanto mais livre; porque o mar nem se governa por razaõ, nem se modera por rogos: o remedio que se busca em suas iras he igual ao risco de sua braveza; porque não ha outro remedio senão correrã discriçaõ das aguas, mas como a discriçaõ das aguas seja furia, naufragar na furia, não he escapar da
bra-

braveza : & quando o remedio que se busca, leva ao naufragio, que se teme, tanto he para temer o seu remedio, como o seu perigo. O Espirito Santo não fiando a expressão destes perigos de todos, diz que só os navegantes os podem relatar, & os que não navegão ouvir: *Qui navigant mare, enarrent pericula ejus; & audientes auribus nostris admirabimur.* Quem navega, relata para affombro, & para horror o que vio; & quem não navega, ouça com paffimo, & com admiração o que se relata; & que ha de ouvir? Ouvirá com verdade, mais diminuta, que encarecida, hũa semelhança muyto propria, & muyto natural do dia do Juizo; que he a cousa mais tremenda que se pôde relatar: ouvirá fuzilar os rayos, retumbar os trovões, condensar as nuvões, carregar os orizontes, perturbar os ares, empo-lar as ondas, bramir os vètes, desfayar os homẽs, amertecer o Sol, escurecer a Lua, & morrerem as es-

trellas.

Todos os que me ouvem sabem o que digo mais pela sua experiencia, que pela minha expressão; & á vista della todos julgão que he temeridade buscar ganancias tão cõtinentes em perigos tão certos; mas como a temeridade seria se nos faltasse a segurança, como temos a segurança, não ha que recer os perigos: destes nos assegura a Senhora não com outro titulo, nem com outra invocação, senão com a invocação, & cõ o titulo da Senhora da Ajuda: ella he a que ha de compor as furias do mar, para que não temamos as suas inconstancias; & com tal seguro tão certos temos os lucros da terra, como temos certas as ganancias do mar: esta foy huma das leys, com que Deos logo no principio fugeitou este elemento indomito ao império de sua Mãy Santissima.

Nos Proverbios de Salamaõ fallando esta Senhora de si mesma diz assim: *Quando circumdabat mari*

terminum suum, & legem ponebat aquis ne transirent fines suos, cum eo erant cuncta componens. Quando Deos formava o elemento do mar, & lhe punha as leys, para que não alagasse a terra, eu era a que ajudava ao mesmo Deos, & compunha as furias deste monstro indomito. Duas cousas temos q̄ advertir neste passo; a primeyra he, que ajude a Mãy de Deos ao mesmo Deos quando fabrica os mares; a segunda he, que Deos seja o que lhes ponha as leys, & a Senhora a que os compo- nha: & para que he esta Ajuda, & mais esta composição? He para outras duas cousas: a primeyra, para que a Senhora havendo de dominar o mar fosse com o titulo da Senhora da Ajuda: a segunda, para que assim como Deos com as suas leys segurava a terra, & os seus frutos da furia do mar, assim a Senhora com o seu dominio segurasse os navegantes, & os seus contratos das tempestades, & tormentas.

As leys, que Deos punha aos mares, erão para q̄ não passassem os limites contra a terra: *Ne transirent, &c.* mas na vasta campanha de suas ondas ainda lhes deyxava lugar para darem batalha aos pobres navegantes: os limites seguravaõ a terra, mas não seguravam os navegantes; & para que a terra, & os navegantes não corresse perigo, tenha o mar limites postos por Deos, para que a sua corrente não alague a terra: tenhaõ as suas furias composição posta pela Senhora da Ajuda, para que na sua braveza não naufraguẽ os navegantes: se faltassem os limites ao mar, as suas inundaçoens afogarião os frutos da terra; se faltasse a composição a suas furias, naufragaria em suas ondas o fruto do commercio: pois seja a Senhora da Ajuda, a que compoem os mares, para que fiquem seguros os frutos do commercio, assim como estaõ seguros os frutos da terra pelos limites de Deos. E se Deos to-

mou á sua conta segurar a terra das inundaçoens do mar, deyxando á conta da Senhora da Ajuda a segurança dos que navegaõ, foy para nos mostrar que não he menos poderosa nos effeytos a Ajuda de sua Mãy para segurar a nossa ganancia entre as inconstancias do mar, do que são poderofas as suas leys para nos segurar os bens na consistencia da terra: estando pois da nossa parte Ajuda taõ poderofa, seguros podemos buscar os lucros do cômercio entre as contingencias do mar, porque quem lhe foubе compor a furia, & moderar a braveza, quer q̄ sejamos venturofos no mayor risco, & seguros no mayor perigo.

E para apertar mais este ponto, & não ficar lugar a nosso reccyo, que se pudera dar por satisfeito só com o titulo de ter por si a Senhora da Ajuda, pois com este titulo começou a dominar, & fofsegar os mares; eu me não contento só com este titulo, & para que a

nossa defconfiança se anime, a nossa felicidade se alegre, & a nossa desgraça se converta em fortuna, até o mesmo lugar em que veneramos a Mãy de Deos, nos promette todo o bom successo. Bem pudera a Mãy de Deos com o mesmo poder, & com o mesmo titulo ser invocada em outro lugar, em outro sitio; mas ser invocada neste lugar, & neste sitio; assistir quando nos ajuda sobre as margens do nosso rio com os olhos nos nossos barcos, que entregamos ao mar quasi sempre taõ mal aparelhados, que mais parece que vão buscar o fundo, que o porto, nam carece de mysterio: & se me perguntarem qual he o mysterio, respondo, que estar a Mãy de Deos sobre o rio com os olhos nos nossos barcos que navegaõ, he para não termos que temer nem do mar, nem dos mesmos barcos: o que podemos temer do mar he a sua força; o que podemos temer dos barcos he a sua fraqueza; mas para que nem a força

ça do mar nos atemorize, nem a fraqueza dos barcos nos acovarde para não ir adiante, he tão proprio para nossa segurança o sitio em que nos assiste a Mãe de Deos, he tão favoravel a sua vista, que basta que desta Ribeyra estenda os olhos, para vermos bem logrados todos os nossos empregos.

A barquinha de menos força, que se lançou ás ondas, & q̄ podia correr mais risco na viagem, foy aquella em que navegava Moysés. Por obedecer ás tyrannias de Faraõ lançaraõ os pays a Moysés no rio Nilo metido em hũa cestinha de juncos Quem diria vendo ao pequenino argonauta do Nilo metido entre o risco das ondas, que namhia amortalhado nas faxas navegando em seu proprio naufragio? porque a corrente era forte, o curso arrebatado, a cestinha tão mal aparelhada, que não tinha de barquinha mais que fercalefetada: o menino tam pouco para fugir do peri-

go, que nem entendimento tinha para o conhecer, nem forças para o evitar; mas o que ninguem diria, dirci eu, & diriaõ todos aquelles, q̄ olhasssem para as ribeiras do Nilo.

No mesmo tempo em que Moysés navegava com tanto risco, estava nas margēs do rio sua irmã Maria seguindo com os olhos a pequena embarcação: *Stante* ^{Exod.} *procul sorore ejus, & confidente e ventum:* & Maria das margens do rio poem os olhos na barquinha de Moysés? pois ninguem lhe queira melhor fortuna: seguro navega, seguro corre ao porto, seguro leva a mayor felicidade: os olhos de Maria que o seguē, haõ de servir de espias para o puxar da corrente, & alar á praya: basta a vista de taes olhos, para navegar com segurança na evidencia dos perigos a restauração do povo, & as melhores esperanças de Israel, para depois se ver livre como se vio do cativeiro, restituído ás tuas terras, & ainda abundante cõ

as riquezas do Egypto, que tudo isto promettem os olhos de Maria; tudo isto lhe facilita eillar Maria sobre as margens do rio vendo navegar o cestinho; que não ha barco tão fraco, que se não fortaleça com a sua vista; nem mar tão bravo, que se não abrande com a serenidade de seus olhos.

A propriedade do passo para o nosso intento me livra de mais accommodação: só digo que são taes os olhos de Maria, que se não pôde esperar menos delles, quando só nelles temos tudo o que podemos esperar para todas nossas felicidades. A Igreja alumada pelo Espirito Santo na oração que compoz à Mãe de Deos depois de a saudar reverente: *Salve Regina Mater misericordie*, depois de a pehorar com os titulos, de que mais se agrada, chamando-lhe vida, doçura, esperança nossa: *Vita, dulcedo, spes nostra*; depois de lhe propor as desgraças, que como filhos de Eva padecemos nesta vida, que he des-

ter o entre lagrimas, & suspiros tão acompanhados de nosso sentimento, como perseguidos de nossa fortuna: *Ad te clamamus gementes, & flentes in hac lacrymarum Valle*; depois de tudo isto, tudo o que pede, & só o que pede, he que pecha em nós os olhos: *Illos tuos misericordes oculos ad nos converte*. Entende a Igreja como alumada com luz sobrenatural, que para se acabarem todas as nossas desgraças, & lograrmos toda a felicidade que neste mundo se pôde lograr, bastão os olhos de Maria: *Oculos ad nos converte*: estes são os que a Senhora tem postos no nosso commercio; por isso nos assegura o sitio em que a invocamos: estes tem postos nos nossos barcos, porque isso nos representa aquella sagrada Imagem com os olhos sobre o mar, que he o valle propriamente de lagrimas; porque nelles sam as mais continuas, as mais amargosas, & as mais salgadas: & quando os nossos barcos levão os olhos a Ma-

ria,

ria, seguros vão os nossos cabedães, & seguros voltarão; nem já terá que chorar a nossa muyta miséria, nem que sentie a nossa pouca fortuna favorecida com taes olhos, & tão boa vista da Mãe de Deos, porque nos seus olhos, & na sua vista tem tudo o que pôde desejar: *Oculos ad nos converte.*

Seguros assim do mayor perigo pouco temos que recear o menor, que são os inimigos: & para confirmação desta verdade não quero outra prova mais que a experiencia do que vimos não ha muytos mezes. O mayor poder com que o Arabio, a que podemos chamar inimigo commum da Asia, infestou os nossos mares, foy o poder do veram passado, dezoito barcos poz nas nossas costas: & q̄ fez com poder tão formidavel: Como a Senhora da Ajuda nos soccorreo, aonde nos achou prevenidos, o vencemos; aonde não tinhamos prevençãõ, ficamos defendidos: & isto como, &

de que sorte? Como ella costuma ajudar para a peleja, & da sorte que costuma amparar para a defensão. Dous titulos, ou duas imagens tem a Senhora nas escrituras, hũa imagem he a Arca do testamento, outra imagem he a torre de David: como Arca do testamento foy diante na peleja: como torre de David ficou defendendo, o que nós nam podiamos julgar que seria acometido: na peleja que tivemos foy Arca, que destrouçou a nossos inimigos: nas costas que estavam desarmadas, & sem resistencia foy torre, que defendeo as nossas terras.

E para que ninguem duvide da segurança com que affirmo que a Senhora da Ajuda foy a que nos soccorreo na peleja; he cousa admiravel, se bem pouco advertida, a q̄ succedeo na nossa Armada: de toda ella, quando se avistáraõ os inimigos, se escolheo o barco mais pequeno para ir diante, pelo pouco fundo, que demandava o rio: mas este bar-

Neste anno poz o Arabio nas costas da India dezoyto barcos de alto bordo.

Succes-
fo da
nossa
armada
do an-
no de
1695.
em que
foi o S.
Conde
de Villa
Verde
Viso-
Rey da
India q̄

quey-
mou
dous
barcos
Ara-
bios
em Ra-
japor.

barco o mais pequeno foy o primeyro que tocou, & não pode profeguir: apos este se seguio outro tambẽ escolhido, mas mayor, & mais possante; este foy o que entrou, o que cingio o inimigo, o que contendeo, & o que triunfeu: & que barco era este? Era o barco, Nossa Senhora; mas este, & não outro havia de ser; porque já he muyto antigo na Mãy de Deos ir diante dos soldados feis para alcançarem triunfos dos inimigos da Fé; já da conquista da terra da Promissaõ lhe estavam decretadas estas vitorias.

O modo com que o povo marchava antigamente para a conquista da terra da Promissaõ era levando diante de si a Arca do Testamento; desta sorte avistãrão a Cidade de Jericò, & desta sorte a renderão. Josuè naquelle tempo Capitão Gèral, & Governador do povo, de valor conhecido assim pelo que tinha, como pelo que herdava, era o que dava as ordens, o que

dispunha o necessario, & o que mandava não só aos esquadrões, mas tambem que a Arca fosse diante; porèm a Arca do Testamento era a que cingia os muros, a que batia a Cidade, & a que finalmente rendeo a fortaleza. Isto he o que succedeo em tão ao povo; & o que não ha muyto tempo nos succedeo tambem a nós: o povo venceo com a imagem da Senhora diante; os Portuguezes véceraõ com a Náo da invocação da mesma Senhora tambem diante: em hũa, & outra parte houve Capitaõ General que mandasse, que dispuzesse, & governasse, porque nas vitorias, ainda que sejaõ milagrosas, faz muito a assistencia de quem governa: em hũa, & outra parte ouve imagem da Senhora que cingisse, que batesse, & rendesse os inimigos de Deos; mas nem a Arca venceo sem ter a Josuè á vista, nem Josuè alcançou a vitoria sem que a Arca fosse diante: ambos concorreraõ, a Arca com o milagre, Josuè com a dis-

O Con:
de de
Villa
Verde
Vifo-
Rey da
India.

disposição : este foy o successo de hũa, & outra occasião; esta a vitoria , que em hũa , & outra se conseguiu pelo favor da Senhora da Ajuda.

Porèm se me differem que a imagem da Senhora que venceu não foy a imagem da Senhora da Ajuda, fenaõ a imagem da Senhora do Rosario : respondo que foy a imagem da Senhora do Rosario em quanto à invocação , & o nome; & que foy a imagem da Senhora da Ajuda em quanto ao exercicio , & aos effeytos: & assim havia de ser, para melhor se combinarem as circumstancias do passo com as circumstancias do successo: foy a Senhora do Rosario , porque esta era a invocação que tinha ; mas esta mesma Senhora do Rosario em quanto à invocação , & ao nome, foy a Senhora da Ajuda em quanto aos effeytos, & em quanto ao exercicio : do Rosario, porque assim se chamava; & da Ajuda , porque assim obròu : & este nem mais nẽ

menos foy o nome, & foraõ os effeytos da Arca do testamento imagem da mesma Senhora. O lugar em q a Arca venceu foy em Jericò; & a Arca em Jericò pela etymologia do significado, que he lugar das rofas, que nome podia ter mais proprio em razão de imagem, que ser imagem da Senhora do Rosario? E a mesma Arca na campanha foy a que ajudou ao povo; & pelos effeytos que obròu, o nome mais proprio desta imagem era ser imagem da Senhora da Ajuda ; & por isso ainda que a imagem fosse do Rosario em quanto à invocação, não deixou de ser da Ajuda em quanto aos effeytos , com que nos ajudou a conseguir a vitoria.

Vencido o inimigo em huma parte não deyxou de nos assustar em outras: com dezaseis barcos andou correndo as nossas costas ; não tinhamos nellas soldados para a resistencia, nem fortalezas para a defenfa : mas ò Filha de David, ò Mãe de Deos,

Deos, ò ajuda poderosissima dos fideis, que havia de ser de nós, se essa fortaleza incontrastavel, essa torre firmissima nos não defendesse, & amparasse? Se a nossa fé não he incredulidade, se a nossa correspondencia não he ingratição, assim o devemos confessar, assim o devemos agradecer. As figuras da Escritura como todas são enigmaticas, só então se conhecem, quando os effectos as explicão: húa destas figuras he a torre de David; & quem olhando para os effectos que vimos, não dirá que esta torre rodeada de escudos he a Senhora da Ajuda, que acudio á nossa defenfa, quando mais se podia temer o nosso perigo?

Varios pontos fez o inimigo com a sua Armada; o primeyro foy aos cabedaes que nos vinhaõ da China; o segundo à nossa Ilha de Anzediva; o terceyro às nossas prayas; o quarto à nossa barra: os cabedaes estavaõ sem defenfa, a Ilha com poucas guardas, as

prayas com pouca confiança, a barra com pouco perfidio; pois se as nossas fortas nos não defendêram, algũa força occulta nos amparou: assim o confesso, & digo que não foy outra, senão a força daquella torre. O mesmo anno em que nos metemos debayxo do amparo da Senhora da Ajuda para tratarmos da nossa restauraçam, foy o anno da mayor invasão do inimigo, & foy menor, ou nenhum o nosso dano: para que entendamos, que não haverá força que nos cõtrafte amparados desta torre, & defendidos de seus escudos, & o que neste anno experimentamos, experimentaremos sempre; pois quem assim nos começou a defender, não nos ha de desamparar.

E se me instarem com a perda do Sul, que parece desluzio a defenfa; duas repostas tenho para esta instancia: a primeyra he, que a defenfa do Sul não corria por conta da nossa torre: a defenfa da nossa torre

Na barra de Mangalor por medo dos Arabios que se chegá-

raõ á a-
quelle
porto
deram
fogo os
nossos
Capitã-
es a qua-
tro na-
vios de
remo q̃
podião
muyto
bem de-
fender
por est-
tarem
dentro
do rio.

toda consiste nos escudos de que se cobre: *Mille clypei pendent ex ea*: & que armas são os escudos desta torre? A mesma Escritura o diz: *Armatura fortium*: São armas, & defenſa dos fortes, dos alentados, & dos generoſos; mas não são armas, & defenſa dos fracos, dos covardes, & defanimados, que eſtes nem tem defenſa na torre, nem merecem ſer defendidos, mas caſtigados, & bem caſtigados, ou para emenda, ou para exemplo. A ſegunda repolta he, a que deram os noſſos meſmos inimigos, dizendo que nós, & não elles, nos cauſamos o dano; & tudo o que ſe podia chamar hoſtilidade foy obra de noſſas mãos, ou effeyto de noſſa fraqueza, que não pôde ter outro nome açãõ tão indigna; & os mayores inimigos do Eſtado foraõ neſta occaſiãõ os Portuguezes.

E quando nós meſmos ſomos noſſos inimigos: quando nós ſomos os que cauſamos o dano, havendo de ſer

os que impediſſemos as ruinas, eſte he o perigo, que mais ſe pôde temer para o noſſo contrato; eſta he a ultima deſgraça a q̃ eſtá mais arriscado. Que o contrato corra riſco no mar, iſſo he penſãõ de quem navega, nẽ ſempre o mar eſtá tormentoſo: que corra riſco nos inimigos, tal vay de guerra, nem ſempre os inimigos vencem: podeſe livrar do mar, & podeſe eſcapar dos inimigos; mas que corra riſco nos meſmos, que o meneaõ, eſta he a deſgraça mais inevitavel; eſte he o mar de mayores tormetas, porque ſempre ſe faz naufragio; eſtes são os inimigos mais para temer, que quando nada eſcalaõ, & ſaqueaõ.

Quando li o que paſſou no tempo de Salamaõ, deſculpey o que paſſou nos noſſos tempos na repugnãcia com que muytos mais obrigados, que voluntarios deraõ os ſeus cabedaes para o commercio. No tempo de Salamaõ, como ſe colhe das palavras que logo di-
rey,

rey, parece que tambem ouve Junta do Commercio, tambem ouve muytos que promettêraõ concorrer cõ os seus cabedaes ; mas depois não quizerãõ, & repugnáraõ : & qual foy a sua repugnancia? Agora vaõ as palavras: *Multi non causa nequitiae, non fœnerati sunt*: Muytos temerosos, & arrependidos não quizerãõ dar o seu dinheyro para o contrato : mas isto não foy por maldade sua , nem por não quererem concorrer para o bem commum : pois porque? *Sed fraudari gratis timuerunt* : porque temeram ser defraudados.

Temeraõ que dando o seu dinheyro para lucrar no particular , & augmentar no commum, fosse tam mal meneado pelos ministros daquela Junta, que entãõ se fez, que em lugar de lucrar o particular, & augmentar o commum, ficasse o particular sem lucro, & o commum sem augmento, & só os que meneavaõ o contrato com o proveyto. E se me pergütarem de que mo-

do se podia isto fazer ; pezo-me de chegar a este ponto taõ tarde , porque tinhãmos aqui materia para hum Sermaõ bem comprido. Os modos sãõ muytos, mas todos se reduzẽ a dous principios : o primeyro he, quando os da Junta tratarem o commum como se não fosse bem muito particular: o segundo , quando os da Junta esquecidos de sua obrigaçaõ, & da fé , que devein a Deos, & aos homens, por serem elles os que meneãõ, queyraõ mais para si , que para os outros , que he o que Deos já naquelle tempo tanto abominava : *Pondus, & pondus*, diz o Espirito Santo, *pondus, & pondus, mensura, & mensura, utrumque abominabile est apud Deum*. usar comsigo de hũa medida , & de huma regra, & de outra com os outros para enganar os interessados no mesmo contrato, tratando só de si , quem para si por razaõ do officio não havia de querer mais, que para os outros, he a maldade que Deos abomi-

Prov.
20.

na, & he a desgraça, que mais se pôde temer, & recear no moneo, & disposição de hũ commercio.

Mas graças a Deos, & graças á Senhora da Ajuda, que tambem nos livrou deste cuydado, tambem nos seguiu desta desgraça, & aonde podia ser mayor o perigo, foy mais admiravel o remedio. E qual foy o remedio? O remedio foy ser a nossa Junta taõ bem dirigida, & regulada, que guarda no seu cõmercio a mesma regra, que a Senhora guardou no seu contrato. A devoçãõ com que a nossa Junta buscou a Senhora da Ajuda para o patrocínio, tambem foy buscalla por regra para a imitação; por se rem a devoçãõ, & a imitação duas cousas inseparaveis, como diz Santo Agostinho: *Vera devotio est vera imitatio*: & sendo a devoçãõ da nossa Junta tam cordial como testemunha o aparato desta festa, & a grãdeza desta solemnidade, he a sua imitação taõ semelhãte, que hum, & outro com-

mercio se regula pelos mesmos dictames, hum, & outro cõtrato se governa pelas mesmas regras: nem se podia esperar outra cousa de ministros taõ zelosos, q̃ seguir nos contratos da restauraçãõ da India a mesma regra, que se guardou no contrato da restauraçãõ, & redempçãõ deste mundo.

Esta manhã vimos que o contrato da Mãy de Deos fora o paõ vindo de longe, que he o Sacramento: o livro da carregaçam deste contrato he o Evangelho de S. Joãõ: as addições particulares sãõ as que irey repetindo, & notando cada hũa de por si: diz a primeira: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, in me manet, & ego in illo*: Quem come a minha carne, & bebe o meu sangue, fica em mim, & eu fico nelle. Noto aqui, que naõ diz aquelles, que me comem, senãõ aquelle que me come: *Qui manducat*. Diz a segunda: *Sicut misit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem, qui manducat me, & ipse*

Joãõ.
6.

Ibid.

ipse

ipse Vivet propter me: Eu, & mais o Pay ambos vivemos pela mesma vida; & assim como eu vivo nelle, & elle em mim, assim tambem vivirá por mim aquelle que me come. Noto aqui mesmo, que não diz aquelles, senão aquelle: *Qui manducat.* Diz a terceyra, & ultima: *Patres vestri manducaverunt manna in deserto, & mortui sunt, qui manducat hunc panem, Vivet in aeternum:* Vossos pays comerão o maná no deserto, & morreram: aquelle que come este pão, ha de viver para sempre. Tambem aqui noto o mesmo, que fazendo Christo comparação dos muytos q̄ comerão o maná, não diga tambem aquelles que comem este pão, senão aquelle: *Qui manducat.*

Qual será pois a razão, porque nestas addições se diz sempre aquelle, & nam aquelles; porque se usa só do singular, & não se usa do plural, sendo tantos os que comem nesta Divina mesa, & os que lucraõ neste seberano contrato? Mas

não seria tam admiravel o commercio, se a razão não fosse tambem admiravel. A razão he; porque este pan era o contrato, que a Senhora nos trouxe, & nos quiz dar por regra: *Navis institoris de longè portans panem suum,* & vindo este commercio para todos universalmente, assim quer ser tratado, & meneado, como se fosse muyto particular de cada hum: este pão era todo para todos, & todo para cada hum; mas para que o ser para muytos não diminuisse o cuydado, de tal sorte seja para todos, que se trate como cousa muyto particular de cada hum: o bem, & o lucro, que delle se podia tirar, não era para hum só, todos, & cada hũ tinhaõ neste commercio os seus avanços, & mais os seus interesses; mas o para todos não se nomea; porque a universalidade com que se dá a todos não cauhã descuydo no particular: só se diz o cada hum, & o singular, para que a singularidade, & o ser bem muyto par-

particular avive a diligencia.

Sendo este o modo admiravel com que se mencou o contrato, para que nem o commum, nem o particular ficasse defraudado, não he menos admiravel a igualdade com que se repartio. Neste côtrato tambem ouve ministros para a repartição, assim como ouve Não para o emprego: mas na repartição, nem os ministros, pelo serem, tiverão entre si ventagem, nem os que não eraõ ministros, pelo nam serem, tiverão desigualdade, porque nem os ministros tiverão mais, nem os mais tiverão menos. A ultima Cea foy a primeyra vez que se repartio este côtrato: *Dividite inter vos*: & como se repartio? Levou mais João por ser o mais amado? ou Pedro por ser o mais zeloso? ou Diogo por ser dos mais favorecidos? ou Matheos por ser o mais intelligente na materia do commercio? Não: todos ficáraõ iguaes. Depois se repartio pelos que não eram ministros, & tiveram me-

nos hũs do que os outros? tiverão menos os Discipulos, que os Apostolos? menos os fics, que os Discipulos? menos os leygos, que os Sacerdotes? Não tiverão: todos ficáraõ iguaes.

E se esta igualdade senão guardasse entre os ministros, o menor dano, que aqui considero, he, que todos iriaõ a forro, & partido: porque se João fiado no amor quizesse mais alguma cousa, havia de dizer o zelo de Pedro que não merecia menos, & cõsentia João com Pedro; & já lá hia hũa parte, que por ventura não seria a mais pequena. Se o favor de Diogo se não contentasse só com o que lhe cabia na repartição, havia de allegar Matheos o seu talento, & a sua destreza, como quem se tinha creado na mercancia; & lá hia outra parte, & como elles eraõ os que andavaõ cõ as mãos na massa, lá lhes ficaria o pão nas mãos, & os mais morreriaõ á fome. O amor de João seria cobiça, o zelo de Pedro seria interesse, o fa-

vor de Diogo seria ufura, o talento de Mattheos seria rapina: pois para que isto não succeda, igualdade, & mais igualdade; nem mais para hũs, nem menos para outros: para o meneyo tratese o contrato como coufa muyto particular, & para a repartiçam divide-se como coufa muyto universal, & commua a todos.

Eu bem sey, que neste contrato do Sacramento tambem ha mais, & menos; porque quem entra cõ mais cabedal de graça sahe com mayores avanços de crecimentos, quem entra com menos graça, sahe com menos lucro; mas a sustancia do contrato sempre guarda a mesma igualdade, tanto para hũs, como para outros. Que lucre mais, quem entra com mais, & quem entra com menos, que lucre menos, he justo; mas que se não guarde a igualdade na sustancia, & forma do contrato, na repartiçãõ, & divisiãõ do commercio, isso não o pôde haver nos Sacramentos, nem em outro

qualquer contrato, q̃ guardar as mesmas leys. Mas se hũs levaõ mais, & outros menos, como se guarda a mesma igualdade? Guardase a mesma igualdade, porque o que entra com menos, ainda que leva menos, leva tudo o que lhe cabe, & tudo o que lhe pertence, porque lhe não pertence, nem cabe mais do que leva: & o que entra com mais, ainda q̃ leva mais, não leva mais do que se lhe deve, porque se lhe não dá mais daquillo que lhe cabe, & daquillo q̃ lhe pertence; & quando cada hum leva tudo o que he seu, & nada mais, nem nada menos, ainda que hũs levem pouco, & outros muyto, todos ficaõ iguaes, & satisfeytos: E este he o admiravel commercio da Senhora da Ajuda, & este o exẽplar que professa imitar a nossa Junta para ser o seu commercio admiravel.

E q̃ se seguirá de tudo isto? Seguirse-ha o q̃ no principio deste Sermaõ disse-mos, para acabar por onde começamos: seguirse ha a

mayor conveniência do nosso contrato, que he a nossa re-
 tauração por meyo desta Se-
 nhora, como já muitos secu-
 los antes reconhecco o grã-
 de juizo de Santo Agostinho fallando com a Mãe de Deos da mesma forte, q̄
 nós agora podemos fallar. *O Beata Maria, quis tibi dignè valeat jura gratiarum, ac laudum præconia rependere?* O Bendita entre todas as mulheres Maria Santissima, quem poderá como deve, & como vòs mereccis darvos aquelles louvores, que sejaõ justos encomios de quem com seu consentimento foy a melhor ajuda, que Deos teve para fazer a Junta da nossa humanidade com a sua divindade, & soccorrer deste modo ao mundo perdido, & arruinado? *Quas tibi laudes fragilitas humani generis persolvat, que solo tuo commercio recuperandi aditum invenit?* Com q̄ graças poderá a nossa fragilidade responder a vossos favores, pois se vê taõ obrigada, como aquella que nam

teve outro meyo de sua re-
 stauração mais que o vosso commercio?

Accipe itaque quascumque exiles, quascumque meritis tuis impares gratiarum actiones: Se não podemos o que devemos, recebey o q̄ vos podemos dar, que he a nossa gratificação muyto desigual a vossos merecimentos. *Cum susceperis vota, culpas nostras orando excusa:* Se este desejo vos agrada, recebey nosso affecto com piedade, & não culpeis, mas escusay nossos defeitos. *Admitte nostras preces, & reporta nobis antidotum recõciliationis:* Ouvy os rogos dos que chegamos a pedir vosso amparo, & recebeynos debayxo de vosso patrocinio. *Sit per te excusabile, quod per te ingerimus, fiat impetrabile, quod fida mente poscimus:* Vòs mesma desculpay a nossa ousadia, & sede medianeyra de nossos despachos: fazcy que alcancemos com ventura o que pedimos cõ vontade sincera. *Accipe quod ferimus:* Recebey o que

que vos offerecemos, que he esse nosso contrato, que para ser em tudo venturoso não necessita mais que de vosso patrocínio. *Redona quod petimus*: Concedeinos o que vos pedimos, que he o feliz augmento dos nossos empregos. *Excusa quod timemus*: Impedi o que tememos, que são as desgraças, que até agora nos perseguirão. Finalmente Maria Santissima, Santa Maria soccorrey as miserias que padecemos: *Succurre miseris*: acudi aos desmayos, q̄ nos opprimem: *Juva pusillanimes*: enxugay as lagrimas, que vertemos: *Resolve flebiles*: rogay por todo este povo, que he tanto vos-

so, & vos deseja tanto agradecer. *Ora pro populo*: Intercedey pelos Ministros da Igreja, que são os Pastores do rebanho de vosso Filho: *Interveni pro Clero*. Não fique fóra de vosso amparo aquelle sexo mais fraco, porém mais devoto: *Intercede pro devoto famineo sexu*. Ultimamente experimentem vossa ajuda poderosissima todos aquelles, que concorrem a celebrar vossas memorias: *Sentiant omnes tuum juvamen, quicumque celebrant tuam sanctam commemorationem*; alcançando nos muyta graça para todos penhor da gloria: *Quã mihi, & vobis, &c.*





SERMAM

DE

S. PEDRO

Na Sè de Goa anno de 1696.

Quem dicunt homines esse Filium hominis? Tu es Petrus. Matth. 16.



UM EXAME de muytas opiniões, & hũ fugeyto mayor que a opiniaõ de todos, he toda a historia do Euan-gelho, he toda a festa do dia. Das muytas opinioens, que se tiveraõ de Christo, he hoje o exame: do grande Apostolo, & Pontifice S. Pedro he hoje a festa: Christo foy o que examinou hoje as opiniões que delle ti-

nhaõ os homens; que atè Deos faz muyto caso do q̄ dizem, & do que diraõ: & a Igreja celebra hoje a S. Pedro como seu fundamento, & fundador; & não he a menor prerogativa de hũ Santo ter hoje o seu dia, quando no dia de hoje ouve tantas opiniões do ser de Christo; porque ou foy querer Christo ainda em quanto Deos medir comfigo a Saõ Pe-

Pedro; ou foy querello fazer mayor que todos. Era taõ grande o ser de Christo, que toda a opiniaõ lhe vinha curta, quando mais cuidava que o engrandecia: foy taõ grande a santidade de S. Pedro, que atè agora não ouve opiniaõ, que a pudesse igualar.

Perguntou Christo a seus Discipulos: *Quem dicunt homines esse Filium hominis?* Quem dizem os homens que eu sou? E foram tantas as opinioens, como foraõ os pareceres: *Alij Joannem Baptistam; alij autem Eliam, alij verò Jeremiam, aut unum ex Prophetis.* Senhor, responderaõ os Discipulos, hũs dizem que sois o Baptista, outros Elias, outros Jeremias, ou algũ dos Profetas, & Santos antigos: porèm tudo isto foraõ pareceres, & dizendo cada hum o que lhe parecia, todos diziaõ o que parecia Christo, nenhũ o que Christo era. Sendo esta hũa das pensoes de quem vive da opiniaõ, que nunca ha de ter de si mais, do que he o con-

ceyto, que delle se tem; esta he hũa das desgraças dos mayores fugeytos, que nunca haõ de ser o que saõ, senaõ o que parecem, & mais o que vos parece, se parece, & vos parece, tudo saõ; se naõ parecem, nem vos parece, nada saõ, & muyto menos ainda, senaõ apparecem.

Ninguem tratava mais com os homẽs do que Christo; ninguem tratava menos que o Baptista: Christo prègando nas praças, convertendo nos telonios, & santificando os banquetes: o Baptista todo entregue aos desertos, em companhia das feras, professando retiros, & fugindo de toda a communicaçãõ; mas porque pareceo aos homẽs, que era Christo o Baptista, ha de ser o Baptista Christo. Ninguem era mais affavel, mais humano, & mais benigno do que Christo: ninguem mais ardente, mais fogoso, & mais auflero do que Elias; mas parecia aos homẽs, que era Christo Elias; pois ha
de

Matth.
16,

Ibid.

de ser Elias Christo. Nem Christo era Jeremias , ou algum dos Profetas, & Santos antigos; mas parecia aos homês , que o era ; pois ha de ser Jeremias , ou algum dos Santos, & Profetas antigos. E se isto não parecêra entãõ aos homês, quem diriaõ os homês que Christo era? Diriaõ o que differaõ dahi a poucos dias: diriaõ que Christo era hũ fei-ticeyro , hum amotinador do povo, hum Profeta falso, hum rebelde a Cesar. Ha tal desgraça?

Mas se isto se pòde chamar desgraça, ninguem nesta parte teve mais desgraças que São Pedro, porque de ninguem se formáram mais diversas opiniões; & fenaõ, perguntemos quem he Pedro ainda aos mayores fugeytos. *Quem dicunt homines esse?* Hũs respondêraõ, *alij*, que Pedro he hum Abel na innocencia, Noè na restauraçãõ do genero humano, Abrahaõ no patrocinio da Fé, Isaac na obediencia, Jacob na vigilancia, Joséph no valimento, Moy-

fés na charidade, Fines na resoluçam, David no valor, Elias no zelo, Eliseo nos prodigios, & Josias na destruiçãõ dos idolos. Se perguntarmos mais, diram outros, *alij autem*, que Pedro he o mais fiel entre os Apostolos, milagre grande da terra, honra do Apostolado, gloria da Theologia, & boca de Christo. Se perguntarmos ainda mais, dirãõ outros, *alij verò*, que Pedro he o Sol da Igreja, Corifeo da virtude, Gigante da santidade, Bemaventurado na terra, canonizado em vida, Discipulo do Eterno Pay, Mestre do mundo, homem mais que homem, & com tantas apparencias de Divino, que tem nas suas disposições, como Vice-Deos na terra, o mesmo entendimento, a mesma vontade, & o mesmo poder com toda a Santissima Trindade. E se continuarmos a pergunta, não faltará quem diga, que Pedro como outro Josuè he o que manda na terra, & Deos o que obedece no Ceo, sendo elle

o que

o que decreta, & Deos o que se conforma; conformase com o entendimento, conformase com a vontade, & conformase com o poder, porque o que entende, o que quer, o que ordena, & manda Pedro, isso entende Deos, isso quer, isso manda, & isso ordena.

Aonde tantos disseram tanto, pouco lugar me ficava a mim para dizer alguma cousa de São Pedro, senão viße, que nestes ditos, como todos são de homens, o mesmo que succedeo com Christo, succedeo tambem com S. Pedro. Por mais que se disse de Christo, ainda ficou por dizer o que Christo era: & por mais que de S. Pedro se disse, ainda se não disse o que era Pedro, porque as excellencias de Pedro são mayores do que se cuida: & assim como para se saber quem era Christo foy necessario hũa revelação do Ceo definida por S. Pedro: assim para conhecermos quem era S. Pedro, foy necessario hum testemunho de fé dito por Chri-

sto. O que os homens nam disserão de Christo, disse-o S. Pedro com hũa certeza sobre todo o entendimento creado: *Tu es Christus*; & o que os mais nam disserão de Pedro, disse Christo com hũa verdade toda Divina: *Tu es Petrus*. Donde, se bê advertimos, Sam Pedro foy hoje o Prégador, que nos deu a conhecer a Christo; & Christo o Prégador, que nos deu a conhecer a S. Pedro: & quando as excellencias de São Pedro são tam grãdes, que para fallar dellas com acerto, he necessario hum Prégador Deos; desculpados ficarão os Jerros de qualquer Prégador homem, se não acertar no que disser.

Em hũa, & outra prégam, na de Christo a respeito de S. Pedro, & na de S. Pedro a respeito de Christo foy reparar S. Leão Papa, que assim como S. Pedro declarou a mayor dignidade do Salvador do mundo em lhe dizer que era Christo: *Tu es Christus*, assim Christo declarou a nayor excellencia

Serm. 3.
in anni-
vers. af-
sump.
sue.

lencia do Principe dos Apóstolos em lhe dizer que era Pedro: *Tu es Petrus. Sicut Pater meus* (diz S. Leão) *tibi manifestavit divinitatem meam; ita & ego tibi notam faciam excellentiam tuam, quia tu es Petrus.* Assim como meu Eterno Pay vos manifestou a minha grandeza, que vòs publicais chamandome Christo; assim eu vos manifesto a vossa excellencia, que toda consiste em serdes Pedro. Em tam poucas clausulas, ou para melhor dizer em tão poucas syllabas resumio Christo as grandezas deste feu Apóstolo; & quando Christo he o Prégador, quando Christo he o q̃ nos

declara a mayor excellencia de S. Pedro, tomando por materia, & por assumpto ser Pedro Pedro; que outro lugar fica a quẽ quizer discorrer com acerto sobre as prerogativas de S. Pedro, mais que continuar a mesma materia, & proseguir o mesmo assumpto: *Tu es Petrus*: Vòs sois Pedro? Mas como o Sermaõ de Christo foy tão breve, que não consta mais que desta grande, & pequena palavra, pequena nas letras, & grande nas excellencias, serà o meu empenho fazer hoje hum cômento ao Texto, para isso necessito de muyta graça.

Ave Maria.



*Quem dicunt homines esse Filium hominis?
Tu es Petrus.*

EM que S. Pedro fosse Pedro, dizia eu, consistia por testemunho de Christo a mayor excellencia do Principe dos Apóstolos: mas já vejo que todos repá-

raõ nesta que eu chamo a mayor excellencia de S. Pedro: & que havia de ser, se não o que era? perguntam todos. E tão pouco he isto? respondo eu: ser hum fugito

geyto o que he , permanecer sempre o mesmo, tanto por fóra, como por dentro; nem mudado pelo tempo, nem mudavel pelo costume; sem ser agora hum , & depois outro; mas tão constante , & igual a si mesmo, que seja o que he em toda a occasião, & em todo o tempo: não ha muyto que deste mesmo lugar ouvimos ponderar com singular agudeza esta singularidade de S. Pedro: em toda a Escriitura só delle se diz: *U-*

Marc.
14. *nus quidam*, hũ que era hũ: hum porque nunca foy outro; hum porque sempre foy o mesmo; hum porque nunca foy diverso; hũ porque sempre sem mudança: & achão que he esta pequena grandeza , & pequena excellencia de S. Pedro: Por certo que não sey homem nenhum, por mais dotes q̄ tenha da natureza, por mais mimos que tenha da fortuna, & outros attributos , q̄ no mundo fazem grandes, que possa contar entre os mais bẽs este, que entre todos devia de ser o mayor delles.

O Santo Job, que foy o homem mais experimentado no que he ser homẽ, fallando de todos sem excepção de estado , nem de pessoa , diz que todos estã cheyos de muitas miserias: *Homo natus de muliere, bre-* Job 14
vi vivens tempore, repletur multis miserijs. E se quizermos saber do mesmo Job, em que consistem estas miserias que elle chama muytas , todas se reduzẽ a nam ser o homem depois o que he agora, porque cada momento deyxã de ser o que he: *Qui quasi flos egreditur, & conteritur, & fugit velut umbra, & nunquam in eodem statu permanet.* A flor mais caduca, a sombra mais mudavel, he o retrato mais vivo, he a copia mais natural de todo o homem; porque assim como a flor agora he triunfo, & logo despojo; agora gala, & logo luto; agora estimaçam, & logo desprezo: assim como a sombra agora he grande, & logo poquena; agora subida, & logo decida; agora levantada, & logo caída; assim he o ho-

o homem sempre diverso em todos os instantes; sem que seja o tempo mais ligeiro no seu curso, do que he o homem na sua mudança, & por isso cheyo de miserias sobre miserias: *Repletur multis miserijs.*

Mas porque Job não fallando mais que ida mudança, ou fallando da mudança unicamente, não lhe chama só miseria, senão miseria dobrada: *Repletur multis miserijs*; deve de haver no homem diversidade de mudanças para poder haver multiplicidade de miserias? Assim he, & prouvera a Deos, que não fora assim. Huns se mudaõ como flor, & outros se mudaõ como sombra: porque huns se mudaõ pelo tempo, outros se mudaõ pela conveniencia: não são os tempos sempre os mesmos, & por isso os que em hum tempo eraõ huns, em outro tempo são outros: não se acha sempre a mesma conveniencia, & por isso ha muytos, que permanecem muyto pouco: huns deyxão de ser o que

eraõ, porque os faz o tempo muyto outros do que foraõ; outros não permanecem, porque os contrafaz a conveniencia muyto diversos do que devião ser: por causa destas duas variedades usou Job para explicar a mudança não só de hũa, mas de duas comparações: quando Job diz que a miseria do homem consiste na mudança, faz huma comparação da flor, & outra comparação da sombra: & não bastava hũa só comparação? Se a mudança não fosse mais q' hũa, sim bastava; mas como são duas as mudanças, também são duas as comparações: hũa mudança he a do tempo; outra mudança he a da conveniencia; & por isso hũa comparação he a da flor; outra comparação he a da sombra: a flor he a que está mais fugeyta ás variedades do tempo; a sombra como toda he hũa mèra dependencia do corpo que a fórma, he a que mais segue a sua conveniencia. Os que vam com o tempo, tem na flor o seu

seu retrato; os que seguem a sua conveniencia, tem na sombra o seu rascunho, & hús, & outros na mudança a sua miseria: *Repletur mal-tis miserijs.*

Comparando porèm a miseria, que he mudança do tempo, com a miseria, que he mudança da conveniencia, mais sofrivel acho a miseria que se faz pela mudança do tempo, porque a culpa do tempo pôde ser desculpa do fugeyto; a miseria insofrivel, & sem desculpa he a miseria da sombra: não fallo de todas, porque me lembro da que fazia S. Pedro; & que grande felicidade seria, se todas as sombras fossem como a sombra de Pedro! sombra que anima, sombra que alenta, sombra que melhora, sombra que levanta, & sombra que alem de fazer bons a todos, faz bês a muytos; esta sombra sim, q̄ he sombra de homẽ; mas que haja hús homẽs como sombras, tam accõmodados á sua conveniencia, & tam medidos pela sua dependencia, que não tem ac-

ção, que não seja de sombra! Fórma se a sombra pela interposiçãõ que faz hũ corpo opaco a hum corpo luminoso, & como toda a cõveniencia da sombra está em se esconder da luz, he de notar o como se accomoda ao corpo q̄ a fórma: não faz o corpo movimento, que ella não imite, nem acção, que não acompanhe: se o corpo se levanta, ella se põe muyto esfirada; se o corpo se inclina, ella toda se abate; se anda, não pára; se pára, não dá hum passo: ò valhate Deos por sombra, & como es mudavel! mas por isso hũ verdadeyro retrato da miseria.

E se esta he a miseria, que acompanha a todos os homẽs, qual será o homem, q̄ a não padeça? Aquelle, & só aquelle que he sempre o mesmo: pois esta he a prerrogativa grande, esta excellencia de Pedro: estar taõ fóra de semelhantes miserias, tam igual consigo mesmo, & tam desigual dos mais homẽs, que só Pedro seja o que he: *Tu es Petrus;*

mas

mas porque isto nam he só fer desigual aos mais homens, senam igualar-se, & medir-se por semelhança cõ Deos, levantemonos hum pouco da terra para alcançarmos esta Divina excellencia de Pedro. Ao principio dizia eu, que neste dia quiz Christo ainda em quanto Deos me lir consigo a S. Pedro, & não me arrependo de o ter dito. Quando Deos tomou as medidas a suas excellencias, & a perfeição por onde queria ser conhecido, foy lá no monte Oreb.

Manda Deos a Moysés que vá notificar a seu Povo a grande mercè q̄ lhe queria fazer em o livrar do cativeyro do Egypto; & porque nova tam grande não havia de conseguir facilmente o credito ainda daquelles mesmos, q̄hiaõ mais interessados no successo, pergunta Moysès a Deos: E se me disserem quem he o que me manda, que hey de dizer, Senhor? E que responderia Deos? *Sic dices Filijs Ijrael, qui est misit me*

ad vos. Dizeylhe Moysés, q̄ aquelle que he, vos ordena l he intimei a nova de sua liberdade. Aquelle que he? E Deos não tem outras excellencias por onde se pudesse definir? Deos não he eterno, não he immenso, não he infinito, não he omnipotente? Sim he, & tudo isto tem; pois porque se não dà a conhecer por alguma destas perfeçoens? Porque? Porque todas estas perfeçoens por isso se achão em Deos, comò dizẽ os Theologos, porque ser Deos o que he, he a raiz, & origem de todas: Deos por isso he immenso, por isso he eterno, infinito, & omnipotente, porque he o que he: donde se por impossivel Deos de yxasse de ser o que he, & tivesse algũa mudança, nem a sua infinidade seria sem limite, nem a sua immensidade sem medida, nem a sua eternidade sem tempo, nem a sua omnipotencia sem termo; antes o que he infinidade, seria limitada, o q̄ he immensidade, seria pequenez, o que he

eter-

eternidade, seria tempo, & o que he omnipotencia, seria fraqueza; & como Deos queria mostrar o muyto q era, & a grande excellencia, & perfeçãõ que tinha, por isso diz que he o que he, por que está ainda em Deos, se he que em Deos se pôde cõsiderar algum mais, he excellencia a mais Divina, a mais soberana, & a mais perfeita; enfim he ser Deos: & quando Christo define hoje a S. Pedro pelo que he, nam quero eu dizer que lhe dá essencialmente o ser Divino, porque isto he impossivel; mas digo, que de tal sorte o tira da esfera de homem, q lhe dá a mais perfeita semelhança comigo em quanto Deos: *Qui est: Tu es.*

Porém como esta semelhança fica ainda com maiores realces pela circumstancia em que Pedro foy definido de Christo, & Deos se definiu a si mesmo pelo q era, não he bem que deixemos sem ponderação esta circumstancia. Quando Christo definiu a S. Pedro pelo que era, foy quando lhe

entregou o governo universal de sua Igreja: *Tu es Petrus, & super hanc petram œdificabo Ecclesiam meam, & tibi dabo claves.* E este universal governo não era outro mais, que livrar as almas do cativeyro do peccado, & pollas na liberdade da graça, & por conseguinte resgatallas da tyrannia do Inferno, para as introduzir no Reyno prometido da gloria: & quem he o que té resolução, & poder para fazer hũa aççam tam grande? para livrar do cativeyro a quem muytas vezes vive contente da escravidam? para levar por hum caminho tam aspero, difficuloso, & estreyto, qual he o da Bemaventurança? para vêcer a resistencia dos vicios, que tem opprimidas, & tyrannizadas as virtudes para excitar os bons desejos quasi extinctos pelos máos habitos? em fim para livrar hum povo do cativeyro? Que ha de ser, senão aquelle que he? Na occasiam em que Deos veyo a livrar a seu povo do cativeyro de

Faraõ, & trabalhos de Egypto para o levar á liberdade da patria assistindolhe quarenta annos com especial providencia na asperezado deserto, como Governador Supremo, até o introduzir no descanzo da terra de Promissam, não disse outra cousa de si mais que a que temos ponderado; *Qui est.* Aquelle que he: & neste ser, nesta constancia, & nesta immutabilidade se fundou aquella grande machina, que Deos traçava para livrar o seu Povo, & por ser quem era, pode Deos fazer tantos prodigios, quantos lemos no sagrado texto succederão nesta liberdade.

O povo escolhido que Deos então governava, significa a todos aquelles, que são eleytos para a sua gloria; a liberdade do cativeyro he a que conseguem as almas, que se desatão das prissoens da culpa: aquella continuação no deserto, aquella fatio do manná, aquella repugnancia da viagem comprida, & dilatada,

não he outra cousa mais q̃ o tedio, que a nossa vontade tem ás cousas sobrenaturaes, & do Ceo, o muyto que se difficulta, & o muyto que custa seguir o caminho da virtude; & havendose de vencer todas estas difficuldades, havendose de governar as almas para as livrar da culpa, para lhes suavizar o defabrído, contêtar o desgosto, abrandar a dureza, moderar a repugnancia, regellas, & reduzi-las, dirigillas, & sustêtallas á parte mais essencial de quem as toma a seu cargo, & de quem ouver de sustêtar o que isto peza, não he outra mais que ser o que he, muyto constante, & muyto sempre o mesmo: & se me perguntarem a razam disto; entre outras, tres são as que me occorrem as mais principaes, & as que mais resplandecerão no Principe dos Apostolos. A primeyra he por causa da dignidade; a segunda, por causa do officio; a terceyra, por causa do modo com que se ha de exercitar o officio, &

& mais a dignidade; & porque tudo isto concorreo em S. Pedro, porque concorreo a dignidade suprema do governo espirital; o officio de Pastor do rebanho de Christo; & o modo, que foy com as chaves na mam; para melhor assentar o que havemos de dizer, he necessario sabermos primeyro quem foy S. Pedro antes do governo, para conhecermos como na dignidade, no officio, & no modo sempre continuou o mesmo.

S. Pedro foy aquelle homem tam desinteressado, q̄ a primeyra resoluçam foy deyxar tudo: taõ pouco amigo de subir, & de se engrandecer, que sendo superior entre os Apostolos, ainda entre elles se excitavaõ questioens sobre qual dos doze fosse o mayor: taõ esquecido de si, & de suas cousas, que sendo milagroso para os de fóra levantando a muytos, não se via hũ milagre destes nos de sua casa: taõ descuydado de seu cõmodo, & tam cuydado do do alheyo, que nunca pe-

dio cousa senão para o cõ-*Matth.*
mum, & se algũa vez se no-
meou na petiçaõ, fr. y para
se lançar ao mar em servi-
ço de seu Principe, & para
desembainhar a espada con-*Marc.*
tra seus inimigos, acome-
tendo com resoluçaõ de Pe-
dro hum esquadrão arma-
do: taõ amante de Deos, &
por consequencia de seu
proximo, que sendo exami-*Joan.*
nado tres vezes do amor fi-
cou graduado na charida-
de: taõ amigo da verdade,
que seguindo os mais a opi-*Matth.*
niãõ do povo, só elle dizia
o que entendia: taõ pouco
respectivo ás pessoas, que
nem por luzido, nem por
favorecido que fosse dos
grandes, deyxou a Malcos
sem castigo, só porque o via
culpado. Este foy Pedro an-
tes do governo; & depois
do governo foy outro? Foy
outro na dignidade, foy ou-
tro no officio, sendo os of-
ficios, & as dignidades as
que mais mudaõ as nature-
zas, & os costumes? O mes-
mo S. Pedro o ha de dizer
naõ com palavras, senam
com a primeyra açã, que

Matth.
19.

Marc. 9

Luc. 9.

exercitou.

A primeyra acção de S. Pedro depois de assumpto ao Pontificado, & á Prelazia universal da Igreja, foy aquella da porta do templo, nunca mais especiosa, que quando nella resplandecêraõ as acções de S. Pedro. Estava á porta do Têplo hum pobre, & vendo entrar a S. Pedro, pediolhe q̃ o foccorresse com algũa esmola: *Rogabat ut eleemosynam acciperet.* E qual seria a resposta de S. Pedro? *Aurum & argentum non est mihi; quod autem habeo, hoc tibi do, surge.* Meu irmaõ, eu não tenho ouro nem prata; & o que vos posso dar, he só aquillo, que tenho de meu, que he fazer que vos levãteis: *Surge.* Não tem esta resposta palavra, nem esta acçam circumstancia, que não seja digna de muyto particular reparo. Primeyramente diz S. Pedro que não tem dinheyro. Quantas dignidades ha de muyto menor esfera, em que muytos antes de as terem, mas só porque as ham de

ter, tem já á conta dellas mais do que valem as dignidades? E Pedro não tem dinheyro em hũa dignidade tam suprema? Não; porque na sua dignidade mostra q̃ he o que sempre foy. Pedro era aquelle homem, que tinha deyxado tudo; & como sempre foy o mesmo, mal podia agora ter cousa algũa: não largou as redes em Galilea, para as recolher em Jerusaleem; nem deyxou de pescar no rio, por vir pescar no alto; que isso não seria deyxar as redes, se nam mudar o lugar para ter melhores lanços, & mais que pescar; não seria largar as conveniencias, senão bufcallas aonde eraõ mayores; em fim deyxou por hũa vez tudo, & sempre ficou sem nada; porque ainda que acceytou a dignidade, como a sua dignidade não era para acceytar, tambem não era para ter: *Non est mihi.*

Diz mais que não tem dinheyro, porque ainda q̃ na escola de Christo nam era prohibida algũa quantidade moderada, assim para foccor-

Acter.
3.

Ibid.

socorrer as necessidades proprias, como para remediar as alheas, como afirma

Lib. 4. cap. 54. in Luc. 12. o Veneravel Beda: *Loculos habuiffse legatur, & à fidelibus oblata confer vans, & suorum necessitatibus, alijsque indigentibus tribuens.* Com tudo o dinheyro que está na mão do Prelado, não pôde o Prelado dizer que o tem, porque não he seu; & o que dá, nunca pôde ser em seu nome, como esmola, & obra de caridade, senão só como repartição, & exercicio da Justiça distributiva, com que se dá a cada hũ, o que he seu, por serem os pobres os acredores dos Prelados. Diz ultimamente que o que tem de seu lhe dá, que he levantallo: *Surge.* Em tudo obra Pedro como quem he; he fundamento, em que se estriba, & levanta o edificio da Igreja, de q̄ todos os fieis são partes; & toma sobre si todas as partes do edificio para as levantar; & quem assim edifica, não he muyto que levante grande fabrica: tomou a dignidade pelo pezo

para a sustentar; mas nam tomou a dignidade pela pêsão para se sustentar; & se Pedro assim o não fizesse, se Pedro posto por fundamento para sustentar sobre si o pezo da sua dignidade, quizeffe estar de cima, & sustentarse á custa da mesma dignidade; se lançado por fundamento no alicerse, quizeffe ficar no mais alto do edificio, & subir ao pinaculo do templo para luzir, para ostentar, & entronizar a pessoa, alem de cair em hũa grande tentação, faria cair, & faria aruinar todo o edificio, que lhe estava encomendado. Quando Christo poz a São Pedro por fundamento da sua Igreja, primeyro o examinou tres vezes da caridade, para que entendesse, que em tanto estaria em pé o seu edificio, em quanto a caridade não caiffe: & se Pedro quizeffe subir, & entronizar-se sobre a dignidade sustentando á custa della o luzimento, & a ostentação, não podia ficar em pé a caridade, senão caída, & pizada.

Lá fez Salamão hũ trono de admiravel fabrica, porque a estrutura, ou para fallarmos cõ nome mais proprio, ainda que menos de palacio, a offada era de marfim: *Thronum ex ebore grandem*, as colunas de prata: *Columnas argenteas*, as espaldas de ouro: *Reclinatorium aureum*, os degraos de purpura: *Ascensum purpureum*, & o pavimẽto ou o lugar em que se punhaõ os pès era de caridade: *Media charitate constravit*. Quando vi a fabrica deste trono, nunca me persuadi, que a caridade tivesse outra parte no edificio: trono de marfim, trono de purpura, trono de prata, & de ouro, he trono em que a caridade anda por debayxo dos pès; nẽ a caridade podia ter outro lugar em o trono de semelhante fabrica: para haver marfim no trono, era necessario tirallo da boca aos Elefantes; para haver purpura, era necessario sangrar hũ peyxe deste nome; para haver prata, & mais ouro, era necessario desentranhar a

Reg. 3.
10.

Cant. 3.

terra; & quando o que se gasta na fabrica de hũ trono, quando o que se gasta no luzimento, & ostentaçãõ de hũa dignidade, se tira da boca, se tira das veas, & se tira das entranhas, q̃ outra cousa ha de succeder, senaõ pizar-se a caridade: *Media charitate constravit*? Esta ruina da caridade he universal em todos os tronos, mas no trono Ecclesiastico he muyto particular, & muyto para temer, porque não pôde no trono Ecclesiastico haver gasto superfluo, que não seja em dano da caridade. Tudo o q̃ tẽ a Igreja he patrimonio dos pobres, & tudo o que se gasta superfluo, se lhe tira da boca, se lhe tira das veas, & das entranhas, & fazer ostentações á custa dos pobres, a pobre da caridade he a que fica de peyor partido. Graças a Deos, que não vemos no tempo de hoje semelhantes ostentações; mas por isso não vemos a caridade pizada: vemos sim muytos pobres semelhantes áquelle dos Actos dos

Apos-

Astor.

3.

Apostolos , que engrandecê as merces de Deos, porque tem Prelado , que lhes acode ao seu remedio: *Exiliens, & laudans Deum.* Vemos quem como Pedro soube tomar a dignidade pelo que tem de pezo , & conservar hũa moderação muito Apostolica para ser fundamento, que sustête a machina da Igreja , não porque fabrica, senão porque edifica: *Tu es Petrus, & super hanc petram edificabo.*

Se he parte muyto essencial ser o mesmô na dignidade, não he menos parte essencial ser o mesmo no officio de Pastor. A Esposa dos Cãtares considerando a seu Divino Esposo debayxo da metafora de Pastor , o que louvou nelle com singularidade foy ter os cabellos pretos : *Comae ejus nigrae quasi corvus.* Diraõ alguns attentando aos trabalhos do officio , que insinuou a Esposa a idade , porque a robusta, & a de mancebo he a mais capaz ; o que não tê a idade das cãs , porque a velhice he já muyto cansa-

Cant. 5.

da , muyto fria , & muyto fraca para acçoens alentadas , ardentes, & resolutas, quaes devem ser as de hum Pastor. Com tudo eu fundado mais no literal, que no allegorico, digo q̄ ser louvado o Pastor das eglogas de Salamaõ de ter os cabellos pretos, he para que entendamos , que assim como a cor preta não recebe outra tinta , nem outra cor, mas sempre he a mesma; assim quem tem o officio de Pastor, não se ha de deyxar dar tintas , nê mudar a cor, mas permanecer sempre na mesma fórma , & muyto semelhante a si mesmo. O officio mais arriscado á fazer mudar as cores he o officio de Pastor; porque ainda que o seu rebanho seja de ovelhas, tambem entre estasha quem tenha a testa dura, & armada: ain la que seja de ovelhas, he de ovelhas que são homês, q̄ he o peyor gado de guardar : porêm não he esta a mayor difficuldade : a mayor d'fliculdade está, em que o officio de Pastor não he só para apas-

centar, & dirigir as ovelhas; senão também para as defender; & isto de quem? De lobos, que são animaes atrevidos, de uíffos, que são animaes arrogantes, de leões, que são animaes poderosos; & muyto pretaha de ser a cor, que se não muda á vista destas feras; quero dizer, que quem ouver de contender com inimigos tão arriscados; há de ser muyto resolutivo, muyto côfante, & muyto sempre da mesma cor.

Nunca a soube mudar, nem perder S. Pedro ainda nos mayores riscos. Nam era ainda Pastor, mas já se enlayava para o cajado, & ouvindo dizer a seu Divino Mestre que naquella fatal noyte de sua Payxaõ havia de haver lobos, que assim lhe chama o Profeta Sophonias: *Judices ejus lupi vespere*, os quaes haviaõ de maltratar o seu rebanho: *Dispergentur oves*, investio com elles tão animoso, que se o mesmo Christo lhe não mandasse embainhar a espada, não havia de ser hum

só o Malcos da companhia, & porque Pedro não era diverso nas occasiões, sabendo que na campanha de Roma andava hum Leão, qual foy Nero, mais fera pelos costumes, do que homem pela natureza, o qual fazia preza nas ovelhas, que lhe estavão encomêdadas, deyxava a Palestina, & vem a Roma; & posto que morreo na defensão como bom Pastor, morreo triunfando, & depois de morto appareceo ao mesmo Nero com hum aspecto tão terrivel, que asombrado o tyranno, como refere Suetonio, sem saber a causa, morreo em breves dias, & com sua morte acabou a perseguição. Este he o officio trabalhoso de Pastor, tratar das ovelhas, & defendellas; lançarlhe o cajado para as encaminhar, & traçallo cõtra quem as quizer offender: quanto forem os inimigos mais ferros, & mais terriveis, mais grandes, & mais poderosos, tanto se ha de ver melhor a cor do Pastor mais viva, & mais acesa, para luzir

Sophon.

3

zir

zir melhor o seu valor.

Hum dos melhores Pastores que ouve no mundo foy David: & que fazia David? Por mais féras, que fossem as féras, nunca perdeu, nem mudou as cores: vinha o leão, & vinha o ufsó, & se lhe tomavão algũa ovelha pela cabeça, tiravalla da garganta pelos pès: se lha engulião pelos pès, arrácavalha das entranhas pelas orelhas. Tal vez acótticia que os leões, & os ufsos se armavão contra David, mas arcava David com elles, & não só lhes tirava a preza, senão tambem as garras. E se me perguntarem a razão porque estes dous Pastores David, & Pedro affim arriscavão as vidas por defender as suas ovelhas: a razão não he outra mais, que a que temos ponderado de ser o que erão: erão Pastores, & obravam como Pastores; contendiaõ, pelejavão, & não fugião, q se assim não obrassem, nam ferião o que erão, porque não seriaõ Pastores.

Declara Christo a obri-

gação do Pastor, & diz que o bom Pastor he aquelle, que defende as suas óvelhas, & se he necessario, tambem dá a vida por ellas: *Bonus Pastor animam suam ponit pro ovibus suis.* Porém aquelle que foge, quando vem o lobo, esse não he Pastor: *Qui non est Pastor, videt lupum venientem, & fugit.* Pois, (valhame Deos!) se Christo para exemplo do bõ Pastor poem por exemplo o Pastor, que não foge, & diz q este he o bom; para confusão dos máos Pastores, porque não diz que aquelle q foge he máo Pastor? Porque entre ser Pastor, & não ser Pastor, não ha meyo; ou ha de ser Pastor, ou não ha de ser Pastor: se defende, se acomete, se estima mais a vida das ovelhas, que a sua, & arrisca a sua vida para segurar a vida das ovelhas, este he Pastor; porém se foge, se deyxas as ovelhas em perigo, & elle se poem em seguro, não he Pastor. Entre o officio de Pastor, & os mais officios ha esta notavel differença, que em todos

Joan.
10,

dos os mais officios pôde haver máos, & bõs; pôde haver bom Superior, & máo Superior; bom Sacerdote, & máo Sacerdote; bom Ministro, & máo Ministro; bõ Juiz, & máo Juiz; bom Capitão, & máo Capitão; bom Soldado, & máo Soldado; mas he Soldado, he Capitão, he Juiz, he Ministro, he Sacerdote, he Superior, & ainda q̄ seja máo, não deixa de ser o que he, posto q̄ não seja, o que devia ser; donde em todos estes officios ha meyo entre ser, & não ser, porque pôde ser bom, & ser máo: porém no officio de Pastor se não fez a sua obrigação, se fugio dos perigos, se não guardou, nem defendeo, já deyxou de ser o que era, porque já não he Pastor.

Naõ me detenho na acõmodação do passo por satisfazer a hũa duvida, que aqui se pôde perguntar: E que ha de ter hũ Pastor para ser o que deve ser? Como não sey que Christo entregasse as tuas ovelhas a São Pedro senão depois de re-

petidas experiencias de seu amor; tambem não sey se poderá sem muyto amor de Christo haver Pastor, que seja Pastor: amor de Deos, & mais amor de Deos ha de ter o Pastor, que he Pastor. Dous exames fez Christo a São Pedro; o primeyro no dia de hoje, quando lhe entregou as chaves; o segundo em outro dia depois da sua Resurreyçaõ, quando

Math.
16.

Joan.
21.

lhe entregou as ovelhas; examinou-o da Fé: *Vos autem quem me esse dicitis.* Quando lhe entregou as ovelhas, examinou-o do amor: *Diligis me plus his?* E para que são estes dous exames? Se Christo acha fiel Ministro a S. Pedro, porque lhe não entregou as ovelhas, assim como lhe entregou as chaves? Porque o q̄ basta para se entregarem as chaves, não basta para se entregarem as ovelhas: guardar thesouros, & guardar ovelhas tudo he guardar; mas vay muyta diversidade de hũ guardar a outro guardar: guardar os

the-

thesoures está na segurança das chaves, & para a segurança das chaves. basta que lhe não falsifiquem as guardas, & isto faz a fidelidade: o guardar as ovelhas está no desvelo do Pastor, & se o Pastor não ama, o cuidado dorme; daqui vem, que para ser Ministro das chaves, bastalhe a S. Pedro, que seja fiel; mas para ser Pastor das ovelhas, não lhe basta a fidelidade, senão for muyto amante de Christo: & a razão desta razão he; porque as ovelhas, que ha de guardar o Pastor, não são ovelhas do Pastor, senão ovelhas de Christo, como logo declara o mesmo Senhor: *Pasce oves meas*; & como as ovelhas não são do Pastor, senão de Christo, he necessario que o Pastor ame muyto a Christo, para lhe guardar bem as suas ovelhas. Se as ovelhas fossen do Pastor, a conveniencia de lhe beber o leyte, lhe vestir a lãa, & ás vezes a pelle, poderia animar ao Pastor para a defensão levado do seu interesse: mas guardar

ovelhas, que se não ham de espremer, ovelhas que se não haõ de tofquear, & muito menos esfollar, em fim guardar ovelhas alheas, & sem lucro, antes com muyto risco, com muyto perigo, & com muyto trabalho, isto não pòde ser sem grande amor de seu dono: & sendo esta razão tam verdadeyra como he, bem se colhe que foy São Pedro o melhor Pastor, porque foy o mais amante de Christo: *Diligis me plus bis? Tu scis Domine, quia amo te.*

Assentada assim a dignidade, & mais o officio, resta só sabermos o modo como se ha de exercitar o officio, & mais a dignidade: com as chaves na mão, dizia eu: & assim o ensinou Christo, quando as entregou a S. Pedro: *Tibi dabo claves Regni Celorum.* E com que mysterio chaves? Para abrirem, & para fecharem? Isso não diz Christo: pois se o exercicio proprio das chaves he abrir, & fechar; porque se não ha de fechar, & abrir com estas chaves do

Ceo,

Ceço? Porque ainda que o exercicio proprio das chaves seja fechar, & abrir, tem contra si as chaves huma particularidade, que nam fervem com este exercicio nas portas do Ceo, nem nas mãos dos ministros Ecclesiasticos. As chaves com hũa volta fechoã, & com outra abrem, & podem abrir para dentro, & fechar para fóra; & que seria em hũ Ministro Ecclesiastico, a quem Deos entregasse as suas chaves, se lhe errasse as voltas? se em lugar de abrir fechasse, se abrisse para dentro para si, & para os seus, & fechasse para fóra, & para os de fóra? Que seria? Seria o que foy no tempo de Elias.

Com este exercicio de fechar, & abrir entregou Deos as chaves do Ceo a Elias: & que fez Elias? Fechou o Ceo de tal sorte, q̃ em toda Samaria não choveo hũa gota de agua, nem de orvalho, com que tudo perecia á fome, & no mesmo tempo vinha do Ceo a Elias o sustento duas vezes

no dia, huma de manhã, & outra de tarde: *Panem, & carnes mane: panem, & carnes vespere.* Reg. 3. 17. Samaria secca, Samaria perecendo á fome, todos mirrados, todos consumidos, & todos caindo de fraqueza: & Elias, quando todos os mais não tinhamo que meter na boca em todo o dia, elle muyto bem jantado, muyto abundante, & muyto bem provido; & seria bom para os mais este exercicio das chaves? Eu bem sey que tudo o que passou nesta occasião em Samaria foy castigo mandado por Deos; mas como poderia succeder, que contra o que Deos manda se usasse mal do proprio exercicio das chaves, não quer Christo, que as da sua Igreja sejaõ chaves para abrir, & chaves para fechar, que supposto não havia que recear em S. Pedro, nem em todos aquelles, que imitassem seu espirito; com tudo assim como havia de haver successores de Saõ Pedro, podia haver successores de Elias, & o espirito de Elias nam tem

tem lugar em tudo na Ley da graça. Mas se me disserem que podião ser as chaves para abrir, & que nam fossem para fechar, respondendo que esse exercicio nas chaves do Ceo seria ocioso; porque as portas do Ceo não se fizeraõ para estarem fechadas, senão abertas. Quando S. João vio a Cidade do Ceo, o que notou nas portas foy que nunca se fechavaõ: *Portæ ejus non claudentur*; & como a natureza das portas do Ceo he estarem sempre abertas, seria ocioso o officio das chaves: & Christo não quer ociosidades nos seus Ministros. Dõde não hão de ser as chaves nê para abrir, & fechar, para que se lhe não mudem as guardas; nem só para abrir, para que não haja officio ocioso. Pois para que hão de ser as chaves? Para atar, & desatar, diz Christo: *Quodcunque solveris, erit solutum, quodcunque ligaveris, erit ligatum.*

Grande materia para nos determos hum pouco; mas porque chegamos a el-

la tarde, não farey mais que resumilla. Não pôde haver melhor modo em hum Prelado, & em hum Pastor, que saber atar, & desatar: saber atar, para que não andem os vicios soltos; saber desatar, para que não estejaõ as virtudes presas: porêem porque o que serve de freyo para os vicios, serve de esporas para as virtudes, basta que os vicios se refreem, para que as virtudes corraõ: o freyo dos vicios não he outro mais que o castigo; & como se devem refrear, ensinou por modo excellente S. Pedro no castigo de Ananias, & Saphira. Peccou Ananias, & peccou Saphira, & a ambos castigou severamênte São Pedro. Tres circumstancias dignas de reparo concorreraõ neste caso; concorreo a culpa, concorreo o Prelado, & concorreraõ as pessoas delinquentes; a culpa era a primeyra; o Prelado era da Ley da graça; as pessoas eraõ authorizadas: *Viri nobiles*, diz Silveyra. Pois se a culpa he a primei-

ra,

ra, porque se não dissimula? se o Prelado he da Ley da graça, porque não perdoa? & se as peifooas são authorizadas, porque se não respoytao? Porque estas dissimulações, estas indulgencias, & estes respoytos, nẽ servem para a emenda, nem servem para a Ley, nem servem para o Prelado.

Dissimular a primeyra culpa he passar hũa carta de seguro para q̃ se cõmettão outras. Depoisque S. Pedro castigou a Ananias, diz o texto que todos ficãram com grande temor: *Et factus est timor magnus super omnes*. E o que foy temor á vista do castigo, seria atrevimento á vista da dissimulação: *Quia non profertur cito contra malos sententia, absque timore ullo filij hominum perpetrant mala*, diz o Espirito Santo: Porque se não castiga cedo a culpa, daqui vem, que os homens se atrevẽ a cõmetter novos delitos: a culpa castigase cedo, quando se castiga logo; castigase tarde, quando se mete tempo entre o cas-

tigo, & a culpa; & se a culpa castigada, só porque se castigou tarde, tira o temor aos homens para que pequẽ livremente; que serã a culpa dissimulada, a culpa que nunca se castigou? Esta não só lhes tirará o temor, mas lhes darã ousadia: as dissimulações de David foram ousadias de Absalaõ: nunca o filho se rebellãra contra o pay, se o pay com a primeyra noticia refreãra o orgulho, & castigãra o atrevimento do filho, & nem por isso seria menos pay.

A segunda circumstancia de ser Pedro hũ Prelado da Ley da graça, tambem não impede o castigo: o tribunal donde mais resplandece a graça, he o tribunal da confissão, & hũa das partes deste tribunal he não ficarem as culpas sem penitencia; porque não quer Deos que a sua graça se dê senão aos arrependidos, & não aos culpados; primeiro se ha de lançar a culpa fóra, para se introduzir a graça: ser criminoso, & sobre o crime receber a graça,

ça,

Alor.
5.

Ecclef.
8.

ça, essa não he a graça da nossa Ley. Zombarias da Ley chamaria eu a semelhãtes graças; nem pareça isto demasia, porque assim, lhe chamou S. Paulo. Quando S. Paulo quiz encarecer a justiça de Deos, que nunca deyxava as culpas sem castigo, a frase por onde se explicou foy dizer, que Deos não deyxava zombar de si; por estes termos escreve

Ad Gal.
lat. 6.

aos Galatas: *Nolite errare: Deus non irridetur.* Não haja culpas, que o castigo não ha de faltar, porque com Deos não se zomba: de sorte que no sentir de S. Paulo por isso os peccadores nam zombaõ de Deos, porque Deos não deyxava as culpas sem castigo, & se Deos as deyxasse sem castigo, bem se segue que até do mesmo Deos zombariaõ os peccadores: pois para que se não zombe da Ley, nem daquelles que estam em lugar de Deos, não se fação semelhãtes graças.

Porẽm dirá algum: Nem tudo se deve levar ao cabo, ainda que a culpa mereça

castigo, & a Ley o mande, algũ respeyto se deve guardar ás pessoas. Respeyto ás pessoas? E isso he o q̃ Christo manda guardar aos seus Pastores? Christo quando fez Pastor a S. Pedro, o que lhe mandou guardar, foraõ ovelhas; mas não lhe mandou guardar respeytos. O Pastor dos Pastores, exemplo, & modelo de todos foy o mesmo Christo, & o conceyto que d'elle tinhaõ ainda seus mesmos inimigos era, que não guardava respeytos a ninguem: *Non respicis personam hominum.* Mas por isso era Pastor, que guiava as ovelhas por caminho seguro: *Viam Dei in veritate doces.* Por isso era Pastor, que se fazia respeytar das suas ovelhas: *Oves meae vocem meam audiunt.* Pastor que guarda respeytos, não quer q̃ lhos guardem: & se quizer ser respeytado, não ha de ser respectivo.

He caso notavel que vindo huma companhia armada para prender a Christo, nenhum della se atrevesse

vesse com São Pedro, sendo que São Pedro fez o que fez ao criado do Pontifice: mas porque São Pedro fez o que fez, por isso todos se accommodáraõ, & todos lhe guardáraõ muyto respeyto: viraõ os Fariscos na resolução de Pedro, que quem sem respeitar ao amo castigava o criado, que obedecia no que não devia obedecer, tambem o castigaria a elle, se o tivesse á mão, porque mandava, o que não devia mandar, & que todos os da companhia iriaõ pelo mesmo fio, se Christo lhe não tivesse mão da espada; & tiveraõ respeyto a São Pedro, porque lho não viraõ ter a elle, se não a Christo: quem só respeyta a Christo, he muyto respeitado de todos: a Christo, & só a Christo respeito, & muyto respeito; aos mais, sejam quem quer que forem, respeyto, nem muyto nem pouco: observe-se o que Deos manda, & corte-se por onde se cortar, tanto pelos pequenos, como pelos grandes; tanto pelos

criados, como pelos amos. Malecs era criado: *Servum Pontificis*: Ananias, & Saphira eram senhores: *Viri nobiles*: & São Pedro tanto respeyto as culpas humildes, como respeyto os vicios authorizados; & se ouve respeyto de culpa, a culpa foy para castigar mais a dos grandes, & menos a dos pequenos; porque como os vicios nos grandes causam mayor dano, devem levar mayor castigo. Isto he ser Pedro, & obrar como Pedro Prelado, & Pastor universal da Igreja: *Tu es Petrus*.

Tenho acabado o meu commento, mas não tenho acabado, nem acabarey de dizer, se he commento do que passou no tempo de S. Pedro, se commento do q passa no nosso tempo; & como não he facil entre tanta semelhança achar diversidade, digo que he commento de hum, & outro tempo; porque ou he commento de hum Prelado dividido em dous pelas pessoas, ou he commento de dous Prelados

dos identificados em hum pela semelhança : & se he grande gloria para S. Pedro estar hoje gozando no Ceo o premio de suas Apostolicas virtudes ; não he gloria pequena estar vendo lá da Bemaventurança cá na terra imitado muyto ao natural o seu espirito Apostolico: digo ao natural, porque parece cousa muyto propria dos que são da familia de Christo semelhante imitação. São Paulo fez húa illação, em que prova q os seus Corinthios haviam de ser seus imitadores: *Ergo vos imitatores mei estote.* Por tanto Corinthios, vòs haveis de ser meus imitadores: & donde infere São Paulo esta consequencia? De nenhuma outra cousa mais, que de os ter gerado em Christo: *In Jesu Christo ego vos genui.* De sorte que a imitação Apostolica nos

mais he por impulso da graça ; a imitação Apostolica nos da familia de Christo he por força da geração, & por isso muyto natural. E para que todos os que temos o caracter Sacerdotal sejamos tambem de muyta gloria a nosso Pay, & fundador o Apostolo S. Pedro, lembremonos que todos somos parte desta pedra fundamental: *Attendite ad petram unde excisi estis ;* paraq da sua firmeza aprendamos a constancia , da sua immutabilidade o ser , do seu amor a caridade, do seu desinteresse o desapego, da sua humildade a sugeyçam, da sua resignação a obediencia, do seu zelo o que devemos ter da hõra de Deos; para termos na sua intercessão hum seguro da graça, & na sua imitação outro da gloria: *Quam mihi, & vobis prestare, &c.*

Alude a ser o Illustrissimo Primaz da Ordem de Christo.

Ad Cor.
rimb. 4.

ibid.





SERMAM

DE

N. SENHORA

DO

LIVRAMENTO

Em Daugim anno de 1696.

Beatus venter, qui te portavit. LUC. II.



Elebramos hoje a Rainha dos Anjos com o titulo, & invocação da Senhora do Livramento, & o primeyro que se vê livre de hũ grande trabalho he o Prégador. O mayor trabalho do Prégador he provar a materia de hoje, & como esta esteja tão provada nos exemplos

passados, & comprovada no texto presente, livre fica o Prégador deste trabalho. Se olharmos para os exemplos passados, acharemos que não ouve figura no Testamento velho, em que Deos como em imagem nos representasse a sua Mãy Santissima, na qual se não pudesse gravar cõ toda a proprieda-

priedade hũa letra que disse : *Esta he a Senhora do Livramento*: que já de tempo tão antigo ideava Deos nas sombras da ley escrita, o que havia de tirar a luz na Ley da graça : & assim vemos que em hũa occasião nos pintou huma torre de admiravel architectura assim na fabrica , como na fortaleza , porque era alta, & vistosa, igual , & bem lavrada : compassada nas batarias , cuberta nas retiradas , capaz na praça , & regular em tudo ; de cujas ameas se viaõ pendurados milhares de escudos para amparo, & para defenfa.

Em outra huma estrella sobre o mar , a cuja vista perdiaõ os ventos a força, quebravaõ as tempestades a furia:nem as ondas se encapellavaõ , nem se encruzavaõ as aguas ; tudo estava pacifico,& sossegado,tudo manso , & quieto , prometendo feliz viagem a quem a tomasse por guia de sua navegação. Em outra hũa grande maquina de madeyra , a que agora chama-

riamos não, que no diluvio universal conservava as esperanças do genero humano, quando correo a mayor tormenta. Em outra huma Cidade, em que os perseguidos, ou da desgraça , ou da fortuna achassem refugio em suas penas, & descanso em seus trabalhos. Em outra hum arco levantado nas nuvês, que fosse o mais certo final de se ver o mundo livre dos rigores, com que Deos o tinha castigado. Em outra finalmente, deixando por brevidade as Deboras, & Judis , as Estheres, & Abigaís , & outras infinitas imagês ; em outra digo hũa prodigiosa vara , que nas maravilhas, que por ella obrou Deos na liberdade do povo, foy hũ instrumento da Divina Omnipotencia, em que estava vinculado todo o poder supremo.

Estas são as imagens de Maria no Testamento velho, & estas as que com toda a propriedade havião de ter huma letra que dissesse : *Esta he a Senhora do Livramento*; porque ella he a que

Jesue.
21.

Genes.

Exod.4

Cant.4.

Genes.6

como firmíssima Torre de David fornecida, & armada de milhares de escudos tão promptos, & aparelhados para nossa defensão, como seguros, & impenetráveis a todos os golpes, nos livra de nossos inimigos: *Murus inexpugnabilis, & munimentum salutis*, diz Theostericto. Ella he a que como Estrella do mar nos encaminha nas tormentas deste múdo, nas quaes correriamos o mayor risco, se a sua poderosa intercessam nos nam livrasse de tão evidentes perigos: *Quibus auxilijs possunt naves inter tot pericula pertransire usque ad littus patriæ*, diz o Pontífice Innocencio III. Ella he a que como Arca de Noè livrou ao genero humano do naufragio universal, em que se afogou o mundo todo: *Ad instar Arce Noe fuit salvatio generis humani*, diz Ricardo. Ella he a Cidade de refugio para todos os q̄ se acolhem a seu amparo, & os faz viver na segurança de sua liberdade, na mayor felicidade, & no mayor des-

canço: *Civitas refugij, que confugientes ad se cives facit utriusque Jerusalem*, diz *Georg. Nicom.* Jorge Nicomediense. Ella he aquella Iris, & arco celeste, final de paz, & clemencia, porque pondo Deos os olhos em Maria desiste dos castigos, que merecem nossas culpas: *Arcus Cælestis est Maria, qua apparente subtrahit se Deus à flagellis intentis in peccatores*, diz S. Antonino. Ella finalmente he aquella vara omnipotente, aquelle instrumento das maravilhas de Deos, & do qual o mesmo Deos se ajuda para mostrar o seu poder em livrar aos homẽs do cativeyro da culpa para os restituir á liberdade da graça: *Maria est adiutoriũ Altissimi, quia juvat eum ad salvandum genus humanum*, diz Hugo Cardeal. *S. Antonin.*

E porque tudo isto, que na ley velha se representou em sombra, veyo a ser realidade na Ley Nova, he caso notavel o que succedeo no Euangelho deste dia, que he o Capitulo onze de Sam Lucas; para que vejamos com-

*Theost.**Innoc.*

3.

*Ricard.**Hug. Card.*

cômprovado no texto presente, o que vimos provado nos exemplos passados. A occasiã porque foraõ ditas as palavras, que tomey por thema, foy aquelle famoso milagre chamado vulgarmente do Demonio mudo. Pediram os Discipulos a Christo, que os ensinasse a orar: assim o fez o Divino Mestre ensinandolhes a Oraçã do Padre nosso, na qual propoz tudo o que deviamos de pedir, & por remate da mesma Oraçã, como se fizesse hum compendio, & hum epilogo de toda ella, a resumio em duas palavras, dizendo, que pedissemos a Deos nos livre de todo o mal: & para mostrar por obra a efficacia da Oraçã que ensinára de palavra, diz o texto que logo livrou a hum homem do peyor mal dos males, que era a opressã do Demonio: *Et erat Jesus ejiciens Dæmonium* Este successo por todas as suas circumstancias maravilhoso causou grande admiraçã nos circumstãtes: *Admirat.e sunt.turbae.*

Mas eu não me admiro tanto de sua admiraçã, quanto das vozes, que no mesmo tempo ouço levantar a hũa mulher no meyo das turbas: *Extollens vocem quædam mulier de turba, dixit: Beatus venter, qui te portavit.* No mesmo tempo em que Christo livra a hum homem da opressã do Demonio, nesse mesmo tempo levanta a voz hũa mulher: para que? para louvar a Christo da maravilha, que tinha obrado? Não; mas para louvar a Mãy do mesmo Christo Maria Santissima: *Beatus venter, qui te portavit.* Pois quando Christo faz o milagre, quãdo Christo he o que livra aquelle homem do mal que padece, então, & no mesmo ponto em que se faz o livramento, he que se louva sua Mãy Santissima? Sim: & não só com consequencia mysteriosa, & verdadeyra, senão muyto natural. Todo este milagre, todo este prodigio, & obra maravilhosa, era livrar aquelle homem do mal que padecia, & como

as acçoens do livramento são proprias da Mãe de Deos, ella he a que deve ser louvada: as admirações ferão para o Filho; mas os louvores haõ de ser para a Mãe; porque ainda que o Filho faça o milagre de livrar, à Mãe, & não ao Filho se hade attribuir o titulo do Livramento. Supposto pois da doutrina de Christo, que o verdadeyro livramento

ha de ser o livramento do mal, & supposto tambem que a prerogativa de livrar he muyto antiga, & muyto propria em Maria Santissima; para discorrermos em materia tam velha com algũa novidade, peçamos á mesma Senhora nos affilia com sua intercessam, para que nos não falte a graça.

Ave Maria.



Beatus venter, qui te portavit.

NAõ sey que poderia succeder neste miseravel mundo tão defeituofo, & falto de bens, depois que o peccado de Adão foy causa de todos nossos males se Deos com altissima Providencia o não proveffe de hũ remedio igual á sua necessidade. E qual será este remedio? Este remedio, senhores, não he outro mais que a Mãe do mesmo Deos. A Igreja allumiada pelo Espirito Santo contrapondo os males, que Eva introdu-

zio no mundo, sendo principio de todos, os que padecemos, com os bens que haviamos de conseguir por meyo de Maria Santissima, diz que esta nos restituiu o que aquella nos tirou: *Quod Eva tristis abstulit, tu reddis almo germine.* O que nos tirou Eva, foy aquelle estado felicissimo da innocencia, em que se haviaõ de lograr os bẽs puros, & sem mistura, fazendo que todo o bem, que neste mundo se logra, seja acompanhado de

*Eccles.
in Offi.
B. M.*

tan.

tantas desgraças , ou te-
guido de tantos pezares,
que em nada se ache gof-
to perfeito pela alternada, suc-
cessão, que tem os bñs com
os males.

*Risus dolore miscebitur,
& extrema gaudij lætus oc-
cupat.* Não ha risos sem la-
grimas , nem alegria sem
tristeza , disse o mais sabio
de todos os homens: mas
não era necessario que el-
le o dissesse , porque a mes-
ma experiencia tem ensi-
nado á custa de cada hũ es-
ta verdade. Os bñs ou são
da natureza , ou da fortu-
na : & quem ouve até ago-
ra tão filho da natureza , q̃
a não experimentasse ma-
drasta? Quem teve até ago-
ra tanto da sua parte a for-
tuna , que a não visse con-
traria? Nas produções da
natureza a variedade he o
melhor ornato : a fortuna,
da inconstancia fórma as
suas voltas; & quando a va-
riedade he o fruto da natu-
reza, & quando o voltar he
o curso da fortuna, como se
não haõ de alternar os bñs
com os males? como pôde

haver firmeza no vario, &
permanencia no inconstan-
te?

Esta variedade , & esta
inconstancia he a que nos
faz experimentar , que não
ha rosa sem espinhos , flor
sem desmayos , primavera
sem estio, veraõ sem inver-
no, dia sem noyte, luz sem
sombra, Sol sem eclipse, go-
fio sem pezar, descanso sem
fadiga , saude sem achaque,
vida sem morte, triaga sem
veneno , ouro sem fezes,
prata sem liga, vale sem mõe-
te , altura sem precipicio,
substancia sem accidentes,
quantidade sem pezo, qua-
lidade sem contrarios, lou-
vor sem lisonja , amizade
sem cautela, dignidade sem
cuydado, vitoria sem san-
gue , triunfo sem batalha.
Esta he a que nos faz expe-
rimentar, que não pôde ve-
stir Joseph hum pelote de
melhor cor , sem que lho
dispa a inveja de seus ir-
mãos; que não pôde lograr
Jacob da fermosura de Ra-
chel sem a deformidade de
Lia; que não pôde viver a
prudencia de Abigail sem a

rudeza de Nabal; que não pôde haver delicia, que não seja como a do favo da lança de Jonathas, que juntamente se leva á boca a doçura, & mais o ferro; que não pôde a funda de David derribar ao Gigante com o tiro, sem derribar o mesmo David com o estalo; que não pôde Absalaõ pezar os seus cabellos, sem ter a cabeça leve; & finalmente, q̄ não podemos neste mundo gozar os b̄s livres de todos os males.

Assim he, & assim será, se vivermos neste mundo sem nos valermos do remedio, ou se padecermos o que Eva nos tirou, & não gozarmos o que Maria nos restituio; porque sem o seu amparo tudo será desgraça, com a sua assistencia tudo será felicidade. *Ubi non est mulier, inmiscit egens*, diz o Espirito Santo por Salamaõ: O mal só se padece, aonde se padece a falta de hũa mulher. Esta mulher de quem aqui falla Salamaõ, he aquella mesma, a quem em outra occasião chama mulher for-

te: *Mulierem fortem*, figura expressa da Mãe de Deos: & que era o que fazia esta mulher, para que á sua vista se não padecesse o mal, & se lograsse o bem? Não se pudera dizer melhor a nosso intento. *Reddet ei bonum, & non malum*. O que fazia era dar o bem, & era livrar do mal: dar o bem, porque Maria he o principio de todos os b̄s, como lhe chamou Cryssippo: *Radix omnium bonorum*; & livrar do mal: *Et non malum*; porque ella he o remedio de todos os males, como afirma S. João Geometra: *Medicina agritudinum nostrarum*. Mas de que males? Na resposta desta pergunta he que está a novidade, que eu prometi ao principio: dos males que nos affigem, dos males que nos atormentaõ, & que conhedidamente são males? Não só destes: não só dos males, que são males, senão tambem dos males que são b̄s, & isto, se me não engano, he o que diz Salamaõ. Quando Salamaõ diz, que de Maria nos procede o b̄,

Prov.
31.

Cryssip.

S. Joan.
Geom.

Eccles.
37.

logo

logo nos adverte, que he bem sem mal: *Bonum, & non malum*. E para que he esta advertencia? para entendermos, que nos dava o bem, para que era necessario advertirnos, que nos não dava o mal? Era necessario, para que entendessemos que os bẽs deste mundo não só tem o dezar da companhia, & mistura do mal, mas que não ha bem neste mundo, que na mesma razão de bem, não seja muitas vezes mal: & aonde mais resplandece o titulo do Livramento da nossa bemfeytora Maria Santissima, não he só em nos livrar dos males, que são males, & q̃ andão de mistura com os bẽs, fenaõ tambẽ, & muyto mais em nos livrar dos males, q̃ são bens, & que na mesma razão de bem tem muytas razões de mal. Está proposta a novidade, mas ainda não está explicada.

Neste mundo não ha bẽ por grande, por feliz, & por estimado q̃ seja, o qual não tenha tres males; porque todo o bem neste

mundo, ou he futuro, ou he presente; ou he passado; se he futuro, esperase; se he presente, lograse; se he passado, perde-se: em quanto se espera, causa desejo; em quanto se logra, causa gofeto, & quando se perde, causa saudade; 'mas como não ha desejo sem ancia, não ha posse sem cuydado, & não ha saudade sem sentimento; tambem não ha bem que não tenha tres males: o mal da esperança em quanto he futuro; o mal do cuydado em quanto he presente; & o mal do sentimento quando se vê perdido: hum mal he o sentimento da saudade, q̃ nos deyxou a perda; outro mal he o cuydado da posse, que nos causa a preferença; outro mal, & mayor mal he o desejo da esperança com que nos atormenta a contingencia do futuro. Comecemos por aqui.

No futuro não ha distincão de bens a males, todos são males, porque todos se padecem: os males, porque se temem, & os bens, porque se esperaõ: para affligir o mal

o mal, basta que haja de ser: para molestar o bem, basta que não seja, & basta que se espere, porque na esperança consiste o seu mal. Algũs quizeraõ dizer que a esperança não era bem, nem mal, & a razão em q̄ se fundáraõ foy; porque se a esperança fora bem, havia de haver esperança no Ceo, aonde ha todos os b̄s; & se fora mal, havia de haver esperança no Inferno, aonde ha todos os males; & como n̄ no Ceo, nem no Inferno ha esperança, daqui vem, que a esperança não seja b̄, porque falta no Ceo; & não seja mal, porque falta no Inferno. Mas não haviam de discorrer assim, para discorrer com acerto: não haviaõ de julgar o que era a esperança pelo lugar aonde falta, senaõ pelo lugar aonde assiste, & logo conheceraõ, que a esperança não era o que elles diziaõ, que era não ser bem, nem mal; mas era juntamente mal, & bem. Qual he o lugar da esperança? He este mundo em que vivemos: logo a es-

perança he mal, & he bem. Provo. Quando Deos fabricou esta maquina universal, toda a dividio em tres partes, hũa superior, q̄ he o Ceo, outra inferior, que he o Inferno, & outra media, que he a terra; no Ceo poz todos os b̄s sem nenhũ mal; no Inferno poz todos os males sem nenhũ bem; & na terra, que he o lugar entre o bem sem mal, & o mal sem bem, poz o b̄, & juntamente poz o mal; & como a esperança seja coufa propria cá da terra, por isso participa de hũa, & outra coufa: participa do b̄, pelo que entretem o desejo; & participa do mal, pelo que afflige o cuydado; & se não está no Ceo he, porque não he toda bem; & se não está no Inferno he, porque não he toda mal; & só está na terra, por ser juntamente mal, & bem.

A grandeza deste mal, que a tantos abrange, & de que tãtos andaõ enfermos, ponderou quẽ melhor soube do bem, & do mal, porque tudo experimentou.

Affli-

Affligido Job pelo muyto que padecia, & tornando a culpa á noyte, em que fora concebido como a principio de suas penas, & querendose vingar da mesma noyte, qual cuydamos que seria o mayor mal, que contra ella descubrio o seu sentimento, & a mayor praga, que invctou a sua dor? *Per-*

eat nox, in qua dictum est, cõ-
ceptus est homo; expectet lu-
cem, & non videat, nec or-
tum surgentis aurora. Mal dita seja a noyte, em que fuy cõcebido; espere pela luz, & nunca amanheça; espere pela aurora, & nunca venha. A mayor praga, & o mayor dano, que Job achou contra a noyte, foy rogar-lhe que esperasse, para que a noyte experimentasse o que era sentir, & soubesse o que era padecer; rogalhe que espere pelo dia, & que espere pela luz, mas que nem chegue a luz, nem amanheça o dia, para que na dilacão da esperança padecesse quanto custa o esperar; & esta na sua estimacão era a mayor desgraça que podia succe-

der á noyte.

Mas agora entra aqui a minha duvida. E em que esteve nesta maldiçao a desgraça, se parece a mayor dita, que podia succeder á noyte? A praga, & a maldiçao de Job era rogar á noyte, que esperasse pela luz, & pela aurora, & que nem a aurora, nem a luz viessem; & isto não seria dita para a noyte? O mayor inimigo da noyte, he o dia, & mais a luz: em quanto não ha luz, conserva-se a noyte, em quanto não amanhece, persevera; mas tanto que amanhece o dia, & a luz reponha, fica a noyte perdida, & acabada: melhor logo lhe estava á noyte succeder-lhe a praga de Job, do que nam lhe succeder: esperar que amanhecesse, & não ver nunca a luz do dia, para se conservar, do que chegar a manhã, que a destruisse. Nam estava; & nisto mesmo, que parece felicidade, se vê melhor a desgraça de quem espera. Não duvidava Job cõ tantas experiencias do mal, que o nam era pequeno a luz,

luz, & que o era grande o dia para a noyte, porque com o dia, & com a luz se deitoe, se acaba, & se perde; mas pondo de hũa parte o mal, com que se acaba, & da outra o mal com que se espera: muyto mayor sem comparaçõ he o mal com que se espera, do que he o mal com que se acaba.

A razã he; porque o mal com que se acaba, se he tormento, he tormento que não dura; & se vos faz o dano de vos acabar, tambem vos faz o beneficio de o não sentirdes mais: o mal com que se espera he tormento, que dura, & na mesma duraçã aviva o q̄ molesta. O mal com que se acaba pòde livrar de tantos males, que mais seja felicidade pelos males, de que vos livra, do que desgraça pela dor que vos causa; o mal com que se espera, porque na sua dilaçã tem o tẽpo de affligir, como diz o Espirito Santo: *Spes, quæ differtur, affligit animam*, quãto mais se dilata, mais crece; & quanto mais crece,

mais impossibilita o alivio. O mal cõ q̄ se acaba, he mal dos males; porq̄ atẽ contra os males he remedio, & o q̄ he remedio dos mayores males, não pòde ser o mayor mal: o mal com q̄ se espera he mal dos bẽs; porque he contrario de todo o bẽ, & não pòde haver mayor mal, que aquelle, que tem a mayor opposiçã com o bem: & por isso não roga Job á noite, que padeça o mal com que se acaba, senã o mal com que se espera; porque o acabar poderia ser alivio, o esperar sempre era tormento mayor que o mesmo mal, como cantou aquelle grande, & desenganado espirito ao som das aguas do manso Lima, depois que deyxou as inquietações do Tejo: *Negra da minha esperança, que me doe mais que o meu mal*. Porém se esperar pelo mal, & não vir o mal, só porque he esperar, he pena que molesta, he tormento que afflige, he dor que martyriza; que molestia, que affliçã, & que martyrio será esperar pelo bẽ,

&

& não chegar, dilatar-se, & não apparecer.

A este mal, como vimos, chama o Espírito Santo afflicção da alma: *Spes, que differtur affligit animã*, porque este he o principio de todas as melancolias, & tristezas, & em havendo esperanças, estes são os seus effeytos. Húa tarde depois da sua Refurreyção appareceo Christo a dous Discipulos, q̄ hiaõ para a Aldea de Emaüs, & ainda que sabia a causa, como quẽ mais sabe não repara em perguntar, perguntoulhes porque estavão tristes: *Quis sunt hi sermones, quos confertis ad invicem ambulantes, & estis tristes?* E que responderiaõ os Discipulos? *Nos autem sperabamus.* Nós somos hūs homẽs, que temos esperanças. Pois se os Discipulos tinhaõ outras muytas razões para estarem tristes: se por húa parte os affligia o temor, por outra o desamparo, & por outra a faldade: se ainda não tinham enxuras as lagrimas pelos tormentos, pelas angus-

tias, pelas afrontas, & mais penas, que virão padecer o seu Divino Mestre; porque não daõ outra causa á sua tristeza, mais que as suas esperanças? Por isso mesmo: erãõ perguntados pelos effeytos, & responderãõ com a causa: para o seu sentimento não lhes faltavão motivos; mas para darem cabal razão de sua tristeza, não era necessario recorrer a outra causa, quando tinham a da esperança: *Nos autem sperabamus.*

Se esta pergunta, que então se fez junto a Emaüs, se fizesse hoje a muytos, que ou remidos, ou não remidos, todos esperão pela sua redempção, ou pelo seu remedio; bem creyo que havia de ter a mesma resposta. Porque vemos tantos descontentes, tantos desconfolados, tantos affligidos, tantos melancolicos, & tantos tristes? Porque todos esperãõ: espera o pleytcante pela sentença, & não ha consolação, que o sossegue: pois porque se desconso-la? Porque espera pela senten-

ça, & não chega a sentença: Espera o pretendente pelo despacho, & não acha contentamento que o segure: pois porque se descontenta? Porque espera pelo despacho, & o despacho tarda. Espera a parte pela demanda, & sempre anda affligida: pois porque se afflige? Porque espera pela demanda, & a demanda está parada. Espera o que milita, ou militou, pelo acrescentamento, pela passagem, pela gineira, pela vara, pelo cargo, pelo posto, pela praça, pelo foro, & tudo nelle sam melancolias, & tristezas: & porque? Porque espera, & não acaba de ter o que deseja. Eu não examino agora se estas esperanças são com razão, ou sem ella, que de ordinario os que mais esperão, são os que menos razão têm de esperar: não examino se tem por objecto o que lhes está bem, como tinham as esperanças dos Discipulos, ou o que lhes está mal, como tinham as esperanças da noyte de Job, porque hum exame seria

comprido, & outro odioso, & por esta causa ambos seriam mal aceytos: mas supposto que mal, vamoshe buscar o remedio, que he o que só importa: o remedio já eu disse qual era, & o torno a repetir: o remedio he a Senhora do Livramento, pois por sua conta correo o livrarnos deste mal: & como? perguntará alguém. E eu respondo:

Hum dos titulos de Maria Santissima he ser Mãe da esperança; este se dá ella a si mesma por Salamão: *Ego mater pulchræ dilectionis, & agnitionis, & sanctæ spei.* Pois se a mesma Senhora he a que mais nos aviva a esperança, como he a que nos livra dos males, que nos causa? Por isso mesmo, & nisso he que consiste a mayor excellencia do seu Livramento. A mayor excellencia, que S. Paulo considerou em Abrahão, foy vencer hũa esperança com outra esperança: *In spem Ad contra spem credidit, & reputatum est illi ad justitiam.* Ecclesi 24. E o mesmo digo eu no livra-

Sap. 12.

vramento de Maria Santissima : qual he a esperança de que he Mãy esta Senhora? He a esperança Santa: *Santæ spei*; ou como diz o mesmo Salamão em outro lugar, he a boa esperança: *Bonæ spei fecisti filios tuos*. E livrarnos do mal de hũa esperança com o bem de outra esperança, he applicar o remedio mais conveniente ao achaque; he receytar a medicina mais efficaz contra a doença: & se me perguntarem em que consiste a bondade desta esperança: a mesma Senhora no mesmo lugar em que se deu o titulo de Mãy da Esperança, nos ha de dar a resposta. *Ego quasi vitis fructificavi, & flores mei fructus*. Eu frutifiquy como vide, & as minhas flores sam frutos. Todos sabem, que nas flores se symbolizão as esperanças que se concebem, & nos frutos os bens que se lograão; & o bem desta esperança todo consiste em se juntarem as flores com os frutos, quero dizer, a esperança com a posse; porque

esta esperança nem atormenta com dilacões, nem martyriza com duvidas, & se tem o ser da esperança symbolizada nas flores, tambem tem a felicidade da posse significada nos frutos; & por isso esperança boa por todas as partes, & remedio de todos os males de qualquer outra esperança, porque quando se concebe, já produz, quando nasce, já se logra, quando promete, já dá, & não ha nella entreter o desejo como flor, sem que haja satisfazer o gosto como fruto.

Está provado o bem desta esperança, & o como nos livra da esperança que he mal, mas ainda não está dada a razão: a razão he; porque a esperança, de que a Senhora he Mãy, he aquella, que só se deve pôr em Deos, que nos dá os bens do Ceo, diz Menochio: *Santæ spei, qua bona Cælestia Deo nixi speremus*. E a esperança que se poem em Deos, tam longe está de ser mal, que he toda a nossa felicidade; & daqui se entenderá

Menoch. hic.

derá

derá o fentido, em que até agora falley: disse o mal da esperança, porque falley da esperança dos bês do mundo, & para nos vermos livres de seus males, não ha outro remedio mais que as esperanças dos bês do Ceo, que a Senhora do Livramêto nos offerêce: & a razão desta razão he; porque só na esperança do Ceo acharemos mudado em bem tudo o que tem de mal a esperança do mundo. A esperança do mundo he hū cuidado que nos perturba: a esperança do Ceo he hum descanço que nos soffega: *Cavo mea requiescet in spe.* A esperança do mundo he hū temor que nos acovarda: a esperança do Ceo he hum esforço que nos anima: *In Deo speravi, non timebo.* A esperança do múdo he hū dependencia, que nos cativa: a esperança do Ceo he hū izenção, que nos liberta: *Speraverunt, & liberasti eos.* A esperança do mundo he hū duvida, que nos inquieta: a esperança do Ceo he hū certeza, que nos se-

gura: *Immobiles à spe Evangelij.* A esperança do múdo he huma culpa, que nos condena: a esperança do Ceo he hum merccimento, que nos salva: *Gloriamur in spe glorie.* A esperança do mundo he hum inimigo, que nos acomete: a esperança do Ceo he hum escudo, que nos defende: *Clypeus est sperantibus in se.* A esperança do múdo he hū dor, que nos afflige: a esperança do Ceo he hū alivio, que nos sára: *In Domino sperans non infirmabor.* A esperança do mundo he hum depois que nunca chega: a esperança do Ceo he hum logo, que nunca tarda: *Veniens veniet, & non tardabit.* A esperança do mundo he hū tristeza, que nos martyriza: a esperança do Ceo he hū alegria, que nos conforta: *Latentur omnes, qui sperant in te.*

Finalmente a esperança do mundo he hum mal com tantas circumstancias de grave, que o julgou Jeremias pela mayor maldiçam, que podia succeder a quem
a pa-

Psal. 15.

Psal. 55

Psal. 21.

Ad Col. 1.

Ad Rom. 5.

Prover. 30.

Psal. 25.

Habac. 2.

Psal. 5.

Jerem. a padece: *Maledictus homo,* qui confidit in homine. A esperança do Ceo he hũ bem com tantas prerogativas de felicidade, que o julgou o mesmo Profeta pela mayor bençãam que podia conseguir hum fugeyto em tudo bem afortunado: *Benedictus vir,* qui confidit in Domino. E sendo este o bem que conseguimos por meyo de Maria Santissima, & aquelle o mal de que nos livramos pelo mesmo meyo, só aquelle homem, que viver enganado comfigo, & com o mundo, não trocará o mal pelo bem: só aquelle homem que amar o feu cativeyro, & aborrecer a sua liberdade, não tirará a esperança dos bens do mundo, para a pòr toda nos bẽs do Ceo, com huma esperança em tudo boa, como fruto de tal Mãe: *Bona spei fecisti filios tuos.* Esperando em Deos, que he sò o que nos pède dar o alivio sem pena, o contentamento sem pesar, a alegria sem tristeza, o descanso sem fadiga, a segurança sem temor, o sos-

fego sem receyo, a paz sem perturbação, a riqueza sem cuydado, a honra sem agravo, a grandeza sem inveja, a companhia sem emulação, a amizade sem cautela, a saude sem enfermidade, a vida sem morte, & todos os bẽs perpetuos daquella patria Celestial, em tudo perfeytos, em tudo grandes, & em tudo bẽs.

Muyto me tenho dilatado neste discurso, mas na brevidade dos que se seguem emendarey este erro. O segundo mal do bem he o cuydado com que se logra. Alguns quizerão dizer, que os gostos, que se lograõ nesta vida, eram as vesporas dos pezares: mas eu me não atrevo a dividir-lhe os dias, porque no mesmo tempo os considero jũtos. Melhor ajuizou quem disse, que os bẽs deste mundo não eraõ mais que hum trabalho para antes, & hum cuydado para logo; porque antes de se alcançarem tendes o trabalho de os adquirir; depois de os alcançar tendes o cuydado, com que

os lograis ; ou para melhor dizer, o cuydado com que os padeccis : & para q̄ ninguém duvide desta verdade, eu concedo a cada hum, que ponha hũ cravo na roda da fortuna, & se finjater, o que real, & verdadeiramente teve o mais opulento de todos os homens que foy Salamão ; & que he o que teve Salamão? *Omnia, que desideraverūt oculi mei, non negavi eis, nec prohibui cor meum, quin omni voluptate frueretur.* Teve o que parece incrível, se no lo não ensinasse a Fé : teve tudo o que se podia desejar, & tudo o que se podia gozar de riquezas, de abundancia, de magnificencia, & regalo: rodava o ouro em sua casa: (que não fallo na prata, que essa era tanta como as pedras da rua; por este termo o diz a Escritura) os banquetes eraõ continuos, & sempre reaes: as iguarias exquisitas, & preparadas para tal mesa: as casas de prazer nos sitios mais acõmedados para o descanso, & para o divertimento:

a grandeza, a ostentaçam, o luzimento, & magestade affombrava aos peregrinos, & ainda aos mesmos naturaes causava admiração: os cheyros, os aromas, & os perfumes era tudo o que cria a Sabea, tudo o que exhala a Panchaya, & tudo o que produz o Oriente; & para não especificar outras delicias, basta dizer, que cortou Salamão o que gozava pela medida do seu desejo.

Eno meyo de tudo isto, que he o que experimentava Salamão? vivia quieto? vivia sossegado? gozava seguro, & sem molestia, de todas estas felicidades, que não só erã conformes á grandeza de hum Rey, se não conformes ao coraçam de hum homem, que he o mayor encarecimento que podem ter? Nada menos: *Cum me convertissem ad univ[er]sa... vidi in omnibus vanitatem, & afflictionem animi.* No meyo de todos estes bens o que Salamão sentia era huma dor de coraçam; porque ainda que eraõ grãdes,

des, como todos eram de pouca dura, & fugeytos à menor contingencia, tudo em Salamão eraõ temores, & cuydados, tudo suspeytas, & duvidas, tudo imaginaçoens, & indicios, ou falsos, ou verdadeyros da ruina, que se lhe machinasse, ou pudesse machinar, & de todos aquelles infortunios possiveis, que costumão causar o odio, a inveja, a emulaçãõ, a infidelidade, o engano, a treyçaõ, a aleyvosia, & o veneno: & como podia ser bem, senam grande mal, o que metia no coraçãõ todo este tumulto de inquietações, & cuydados? Estas são as miseraveis felicidades deste mundo; estas as pertendidas miserias, estes os appetcidos males, que não conhecidos, ou não experimentados como são, se chamão bês; nos quaes de bem não conheço outra razaõ, senão que vossa piedade nos possa livrar do teu mal com outros bês em tudo verdadeyros, Poderosissima Senhora do Livramento.

Digo bês em tudo verdadeyros, porque em tudo quer que o teu remedio seja efficaz para os nossos males: vê que os gostos desta vida por terem o nome de bens nos arrastaõ o appetite, & nos cativaõ a vontade, & quer nos dar os verdadeyros bês, para nos livrar dos falsos, & fingidos: vê que se não logra no mundo bem sem cuydado, que moleste, & quer-nos livrar deste cuydado com os bens que nos offerece. *Mecum sunt divitiae, & gloria, opes superbae*, diz Salamão fallando em nome desta Senhora: Comigo estaõ as riquezas, as felicidades, & todo o bem que se pôde de-sejar; & porque saybamos o para que são estes bens, logo acrescenta: *Ut ditem diligentes me*: são para enriquecer a todos aquelles, q̃ se valerem do meu amparo, & que buscarem a minha protecçãõ. Eu não reparo em que a Senhora nos offereça estes bês, porque a sua piedade he muyto compas-siva das nossas miserias: o

Prov. 8.

Ibid.

que reparo he , que quando nos offerece as riquezas, tambem nos ajunta a gloria. Mas que tem estes bẽs com a gloria? Muyto: & não ferião os seus bẽs tão verdadeyro remedio de nossos males, senão tivessem muyto da gloria; o que tem os bens de Maria com a gloria he , que tẽ a mesma propriedade, que tem a gloria: a propriedade da gloria he fer hum bem que se logra sem cuydado , porque nem está fugeyta à contingencia do tempo, nem arriscada à violencia do roubo: nẽ teme os danos da emulação, nem os riscos de se perder; & esta he tambem a propriedade dos bẽs , que logramos por meyo da Senhora do Livramento, porque são bens que se logram sem cuydado, & com segurança , sem temor , & sem receyo, & em quanto nõs quizermos, ferão nossos, porque ninguem no los pòde tirar. Estou vendo que me pedem a razãõ. A razãõ he fundada na natureza dos mesmos bẽs.

Os bẽs que esta Senhora nos cõmunica, & dos quaes faz hum comprido catalogo neste mesmo Capitulo, são todos aquelles , que podem enriquecer nossas almas , & fazer nellas hum thesouro de merecimentos: *Ut ditem diligentes me, & thesauros eorum repleam* São o desejo da virtude, & o aborrecimento do peccado; a prudencia, & discriçãõ; o amor, & temor de Deos; a caridade, & fortaleza; a humildade, & resignaçãõ; a uniaõ, & conformidade cõ a vontade Divina; a igualdade, & justiça; a inteyreza, & verdade; a guarda, & observancia dos Mandamẽtos; o seguir o que nos está bem, & fugir do que nos está mal; & sendo estes bens tão verdadeyros, tão longe estão de nos inquietarẽ como cuydado, que todos elles são hũ descuydo de tudo aquillo, que não for bẽaventurança; tão longe estão de se perderem, que haõ de durar quanto nõs quizermos, & em quanto a nossa vontade for constan-

te, elles hão de ser seguros: tam longe estaõ de nos atormentarem, que não ha bem destes, que não tenha duas felicidades, diz S. João Chrystostomo; a primeyra pelo descanço que nos causaõ, a segunda pelos males de que nos livraõ: *Virtutem igitur cole, duplicemque habebis felicitatem, & quod à vitæ malitia abstinueris, & quòd virtutem colueris.* Fazey muyto caso destes bês, porque desta sorte lograreis duas felicidades; a primeyra, ficardes livre dos males desta vida; a segunda, gozardes o descanço da outra. Mas se alguem, o que não presumo, duvidar desta verdade, não tem mais que fazer experiencia; troque hús bês por outros; deyxé os do mundo, aceyte os q̄ Maria Santissima nos offerece; & se se achar enganado, eu prometo de lhe refazer o dano, & para isso tomo por fiadora a mesma Mãe de Deos, que estou certo me ha de desempenhar desta promessa com credito da minha verdade,

S. Ioan.
Chryf.

com grande felicidade de todo aquelle que se resolver a fazer esta experiencia.

O terceiro, & ultimo mal do bem he o sentimento de se perder: para prova desta maldade não he necessario allegar textos, nem Escrituras; o sentimento de cada hum he o mayor abono desta verdade: mas o mayor mal, que eu aqui considero, não he o sentimento da perda do bem, senão a perda do mesmo sentimento: perdemos os bens do mundo, & se quando os esperamos nos causaõ hum mal, quando os logramos outro, quando os perdemos, nos causaõ dous: o primeyro he o sentimento que nos deyxam, porque se perdêram; o segundo he a perda do sentimento que nos fica, que por nos ficar tambem se perde: o bem he perdido, porque o não temos, & se foy; o sentimento he perdido, porque sempre fica, & o bem nam torna: a perda do bem consiste em faltar o bem, & ficar o sentimento; a perda do

sentimento consiste em ficar o sentimento, & não vir o bem, que sentimos: eu me explico: Se o sentimento fora remedio da perda, seria a ganancia o sentimento, porque com elle comprovamos o bem, que se perdeu: mas como o sentimento não remedeia a perda, em termos o sentimento o perdemos; porque todo esse cabedal que metemos de affectos em nos doermos fica sem effeyto, & sem fructo, & vem a ser duas as perdas, como dizia; a primeira, a perda do bem, que foy, & já nám he; a segunda, a perda do sentimento que he, & não acaba.

Supposto isto, cuydará alguém, que quero persuadir a que não tenhamos sentimento. Não he isso o que quero: quero que tenhamos sentimento, & muyto sentimento; mas seja o sentimento da perda daquelles bens, que com o sentimento se podem recuperar: & quaes são os bẽs, que na minha dor têm o seu remedio? São só os do Ceo. Entre os

bens do Ceo, & os bens do mundo, ou para melhor dizer, entre a perda de hũs, & outros bẽs ha esta notavel differença: que depois de perdidos os bẽs do mundo fica o sentimento; & o pezar sem remedio: depois de perdidos os bens do Ceo, não temos outro remedio mais que o pezar, & o sentimento. Perdestes os bens do mundo, tivestes grande sentimento, fizestes grandes excessos, lamentastes vossa desgraça; mas os bẽs do mundo ficáraõ taõ perdidos como estavaõ. Perdestes os bẽs do Ceo, sentistes vossa pouca consideração, chorastes o vosso arrojõ, pezouvos de veras desta perda, & tendes outra vez tudo o que tinheis, alcãçais o que perdestes, & lograis agora a mesma felicidade, que lograveis antes. A razão desta differença eu não sey que seja outra mais que serem os bens do mundo o principio do pezar; & como dos bẽs do mundo nasce o sentimento, não pòde o sentimento ser o seu remedio:

medio: os bẽs do Ceo sãõ o fruto do arrependimento, & como o arrependimento he o que os produz, o mesmo arrependimento, & o mesmo sentimento he o que nos remedeia a sua perda.

E bastará só este sentimento para nos livrar desta perda? Quanto á efficacia digo que sim: quanto á facilidade digo que não: digo que sim quanto á efficacia, porque para restaurarmos os bẽs do Ceo bafia o pezar de os termos perdido, que não espera Deos por outra cousa para no los tornar a restituir, mais que pezarnos de veras de perda tam sensivel: digo que não quãto á facilidade, porque o mesmo Deos por sua altissima disposiçãõ deu nesta parte a sua Mãy Santissima a prerogativa de nos facilitar o remedio: & ainda que elle mesmo nos está convidando com o bem, elle mesmo nos mostra em Maria o caminho mais facil de o recuperar: & senãõ, vejaõ o q̃ succedeo á Magdalena. Ausente tinha a

Magdalena a seu Divino Mestre, que era o bem perdido, que chorava no dia da Resurreyçam, & como o remedio para achar a Christo he o sentimento de o perder, esta foy a causa para que a Magdalena recuperasse outra vez o bẽ perdido: mas como recuperou a Magdalena este bem? Bastou que Christo lhe fosse presente para o não chorar perdido? Não: primeyro lhe chamou o mesmo Christo Maria: *Dixit ei Jesus: Maria:* & foy advertir Santo Ambrosio, que Christo por quem aqui chamou, não foy por Maria a Magdalena, senãõ por Maria a Mãy de Jesus: *Maria vocatur, hoc est, nomen ejus accipit, quæ parit et vidit Christum.*

Joan.
2o.

Pois (valhame Deos!) se as lagrimas da Magdalena, se o sentimento de ter perdido a Christo bastãrãõ para que se lhe tornasse a restituir o bem, que perdẽra; porque não acaba de lograr este bem, sem que intervehna aqui Maria a Mãy de Deos: Pelo que já dissemos:

para restaurarmos os bens do Ceo basta o sentimento de os ter perdido; mas para a facilidade da sua restauração, & para sua cabal, & perfeita restituição, quer Deos que sua Mãy seja o meyo. Não he o pensamento meu, he de S. Bernardo: *Maria mediante venit ad nos Christus*: o sentimento he a causa, Maria he o meyo: o sentimento he o que merece, Maria a que intercede: o sentimento he o que move, Maria a que obriga: o sentimento o que nos leva ao bem, Maria a que no lo traz; & ella finalmente a que com toda a facilidade nos livra de hum mal tam grande como he termos perdido a Deos. A Magdalena perdeu a Deos quanto á presença, porque a morte lho tirou a seus olhos; nõs perdemos a Deos quanto á separação, que faz de nossas almas, porque a culpa nos dividio de sua graça: saybamos sentir, como devemos, esta perda, para não padecer taõ grande dano; & saybamos buscar

como devemos em Maria o livramento desse mal: deyxemos o sentimento que se perde, & que nos perde; & tratemos de sentir com hum sentimento com que se ganha, & nõs ganharmos: sintamos o q̄ se perde em perdermos a Deos, pois só isto he o que se deve sentir; que isto basta para recuperarmos a verdadeyra felicidade; & recorramos a Maria Santissima, por cujo meyo podemos conseguir tudo o que podemos desejar para alivio de todas nossas perdas.

Tenho acabado o meu discurso, & dirá alguem q̄ muyto mal acabado; porque vindo Christo sacramentado assistir, & honrar esta festa, sendo a parte mais principal della, não teve parte no Sermaõ. Mas não me culpem sem me ouvirem. He verdade que nam teve parte no Sermaõ, para que tivesse o todo, sendo a confirmação de todo elle: a este fim deixy sem ponderação o que agora não deve ficar sem reparo no nosso

the;

thema. Quando a mulher do Euangelho á vista do milagre, com que aquelle pobre homem ficou livre do mal, q̄ padecia, deu o louvor á Senhora, por lhe cõpetir a ella o titulo do Livramento, o que fez foy louvar seu purissimo ventre: *Beatus venter, qui te portavit*. E porque se ha de louvar seu purissimo ventre, quando se trata do Livramento? Porque seu purissimo ventre foy o que verdadeiramente nos trouxe o bem, que nos livrasse de todo o mal. Quatro males ponderey de que nos haviamos de ver livres por beneficio da Mãe de Deos: os males que andaõ de miſtura com os bẽs; & os males dos mesmos bens, que faõ a esperanza, o cuydado, & o sentimento; & de todos aquelles males he verdadeyro livramento o fruto do purissimo ventre de Maria. O purissimo ventre de Maria, ou se pòde considerar debaixo da metafora de Náo, como o considerou Salamaõ; ou debaixo da

metafora de monte de trigo, como o considerou o Pastor dos Cantares nas suas Eglogas; & o que nos veyo debaixo de huma, & outra metafora foy aquelle paõ do Ceo, que he o fruto do purissimo ventre de Maria; & este fruto digo eu, que he o bem com que a Senhora nos livra de todos os males, q̄ temos ponderado.

Assim como ponderey quatro males de que nos haviamos de ver livres; assim considero no Sacramento quatro bens, que nos livraõ de todos esses males. O primeyro bem he ser o Sacramento hum compendio de todos os gostos: *Omne delectamentum in se habentem*. O segundo, ser nesta vida hum penhor da gloria, que havemos de ter na outra: *Futura gloria nobis pignus datur*. O terceyro, ser hum bem, que ha de durar para sempre: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consumationem seculi*. O quarto, ser hum meyo para recuperar todas as perdas, pois com elle temos segura a

Eccles. in Offic.

Ibid.

Matth. 28.

ma-

mayor felicidade: *Qui manducat me, vitam eternam habebit.* Bendito, & muytas vezes bendito seja o purissimo ventre, que vos trouxe encerrado nove mezes, Defencerrado Senhor sacramentado: *Beatus venter, qui te portavit*; pois com hum taõ grande bem nos soube livrar de nossos males. Saõ os nossos males naõ logramos gosto sem a companhia do pezar, nem contentamento sem a companhia da tristeza, porque tudo no mundo he huma alternativa de riso com lagrimas, & de alivio com penas: no Sacramento acharemos hum bem em tudo perfeyto, aonde a alegriados que dignamente o recebem, he inexplicavel, o gosto excessivo, o contentamento suavissimo; aonde naõ ha culpa que afflija, nem o mal da culpa com a sua deformidade, nem o mal da pena com o seu rigor: o mal da culpa, naõ; porque he santidade infinita: o mal da pena, tambem naõ; porque este bem todo he do Ceo: *Panem Cæ-*

li dedit eis.

Saõ os nossos males as dilações da esperança: no Sacramento temos a esperança; mas taõ satisfeyta, & tam contente, que já logra o que espera, porque já goza na terra, o que se ha de gozar no Ceo: he o Sacramento hum penhor da gloria, que ha de ser; mas penhor que nos segura hum bem para depois, que nam ha de ser depois outro do que he agora. Entaõ ha de ser Deos visto; agora he Deos recebido: entam ha de ser gozado pelo conhecimento; agora he gostado pelas potencias: entaõ ha de ser presente pela assistencia; agora ligado pela uniaõ: entaõ havemos de estar cõ elle, & elle com nosco; agora estamos nelle, & elle cõ nosco: entaõ havemos de entrar nòs na sua gloria; agora entra elle em nossos corações: entaõ será elle o termo de nossa vista; agora he o sustento de nossas almas: entam dar-se ha Deos a ver; agora dá-se a comer: entaõ fará de si espelho;

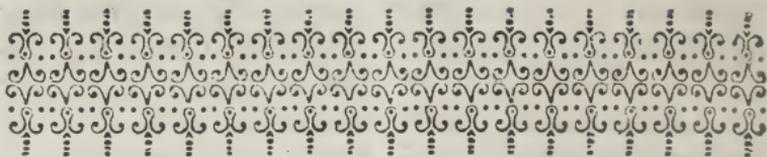
pelho ; agora faz de si prático : entam finalmente será todo o nosso alivio, porque em o gozarmos ficaremos bemaventurados , & livres de todos os males desta vida ; agora he toda a nossa consolação , porque em o esperarmos com tão seguro penhor está satisfeyta toda a tardança , que nos podia affligir , diz o Angelico

D.Tho.

Doutor: *De sua contristatis absentia solatium singulare reliquit.*

São mais os nossos males, o cuydado com que os bens se lograõ, por serem de sua natureza caducos. No Sacramento temos hum bem, que nos ha de durar até o fim do mundo; no qual nem a desgraça tem poder, nem as contingencias dominio; porque não está sujeyto á fortuna do tempo. Sam finalmente os nossos males, não nos deyxarem de si outra cousa os bẽs, mais que o sentimento de os termos perdido, sendo a mayor perda, a perda do mesmo sen-

timento. No Sacramento se recuperaõ com summa ganancia todas as perdas, se soubermos usar do sentimento : basta hum arrependimento verdadeyro, basta hũa dor sincera para aqui se nos communicar não só a graça, que he o principio de todos os bens, mas a mesma fonte da graça, que he Christo bem nosso, que aindaque encuberto se expoem a nossos olhos, & nos vem a buscar, para que logo daqui comecemos a lograr nesta vida, o que havemos de lograr na outra: na outra os bẽs sem males, sem esperança, sem cuydado, & sem perda; nesta os bẽs, que nos livraõ dos males, que nos satisfazem as esperanças, que nos sossegaõ os cuydados, que nos recuperaõ as perdas: nesta o bem sem mal por graça; na outra o bem sem mal por gloria: *Ad quam nos perducat Dominus omnipotens, Amen.*



S E R M A M

NA CASA PROFESSA DE GOA,
na occasiã em que Sua Magestade tomou a
S. Francisco Xavier por Defensor da India,
& mandou se celebrasse hũa festa, & foy is-
to no mesmo anno em que se perdeu Mom-
baça, 1699.

*Euntes in mundum universum predicare Euan-
gelium omni creaturæ. Marci 16.*



Mayor dita, que
podia lograr este
Estado depois de
tantas calamidades; & a ma-
yor fortuna depois de tan-
tas desgraças, não ha duvi-
da que seria a restauraçam
de todas aquellas perdas,
que hoje experimentamos;
& a recuperaçam de todas
aquellas felicidades, que já
passárao, não nos deyxan-

do de si outra cousa senão a
memoria de que fomos en-
tao, para mais sentirmos, o
que agora somos: esta di-
go, que seria a mayor dita,
& a mayor ventura; pois
não podemos negar, que
seria a mayor convenien-
cia, se consultarmos os de-
sejos, & as esperanças de
todos, & ainda a desespe-
raçao de muytos, que já daõ
a In:

a India por acabada , assim pela experiencia das perdas passadas, como pela mayor, & mais sensivel, qual he a perda de Mombaça: chamolhe mayor, por ser perda sobre perda; & assim como hũa pena sobre outra pena, he a mayor pena, assim hũa perda sobre tantas perdas he a mayor perda: & chamolhe a mais sensivel, por ser dor presente, & a dor presente he a dor, que mais lastima. Esta restauração pois que até agora não conseguimos, ou porque os remedios para ella não foraõ opportunos, ou porque não foram efficazes; esta havemos de achar hoje no glorioso assumpto, & no prodigioso termo, a que se consagra este culto, o grande Apostolo do Oriente São Francisco Xavier, & cuydo que ha de ser com tanta occasião no Evangelho do dia, como na causa, & no motivo porque a Xavier se dedica esta solenidade, que he o glorioso titulo, que o Serenissimo Dom Pedro

Segundo Rey de Portugal por carta sua manda dar a Xavier de Defensor da India; perêm como a India está perdida, será o titulo para Xavier obrigação de ser o seu Restaurador.

Vamos ao Evangelho. Christo como Rey Supremo havendo de sujeitar ao suave jugo de seu Imperio o mundo todo, & defender a verdade de sua doutrina, manda hoje a seus Apostolos, como soldados de sua milicia, á conquista de todo elle: este he o sentido não tanto allegorico, quanto literal das palavras, que propuz por thema. *Euntes in mundum universum predicate Evangelium omni creaturae.* Anday soldados meus, diz Christo, & com a efficacia de vossa pregação rendey, & avassallay o mundo todo, & defendey resolutos a observancia de minhas leys. Tudo isto que por si mesmo ordenou entã Christo a seus Apostolos, he o que depois por meyo de sua Igreja ordenou a Xavier, soldado tam-
bem

bem da sua companhia; mas sendo a ordem, ou o regimento de Christo o mesmo a huns, & outros soldados, foy no successo com huma grande differença entre Xavier, & os Apóstolos: porque os Apóstolos foram mandados por todo o mundo para dilatarem, & defenderem a Fé, que de novo haviaõ de prégar, & sem fazerem mais progressos, se contentáraõ com defender o que ensinavaõ; Xavier foy mandado á prégar, & a defender naõ a Fé que de novo havia de prégar, mas a Fé que depois de prégada estava perdida; & achãdo Xavier a Fé perdida, qual foy a sua resoluçaõ? A sua resoluçaõ foy restaural-la: era mandado a prégar com obrigaçam de defender o que ensinasse: *Euntes predicate*; mas como aquella Fé, de que Xavier era o defensor, estivesse perdida, passou a defensa de Xavier a ser gloriosa restauraçãõ.

Ainda que os alentados brios de Xavier eraõ iguaes no seu ministerio à préga-

çaõ do mundo todo; com tudo a parte que como a segúdo Apóstolo se destinou ao seu valor, foy esta immensa, & dilatada empreza do Oriente. E que cousa era o Oriente, quando Xavier aportou a elle? Era hũ vastissimo campo de batalha formado de gentios, & Portuguezes oppostos todos barbara, & cegamente á Fé; huns que a negavam com os entendimẽtos, porq̃ a naõ criaõ; outros q̃ a negavaõ com a vontade, porq̃ obrauaõ contra os seus dictames: de sorte que se entre os gentios, & Portuguezes havia diversidade de crença, naõ deyxavam huns, & outros de seguir a mesma Ley, que era a da natureza corrupta, & depravada, idolatrando tanto os Portuguezes em seus vicios, como os gentios em seus Pagodes: nos gentios estava a Fé perdida, porque aquelles gloriosos triumphos, de que se coroára em tempo dos Apóstolos, eraõ outra vez despojo da idolatria: nos Portuguezes, por cau-

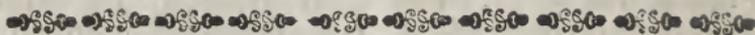
causa de seus vicios, se nam estava a Fé exterminada, estava morta; & posto Xavier nestas circumstancias com o titulo de Defensor da Fé, como a Fé estava tam perdida, a soberana empreza, que tomou no seu Apostolado, foy ser Apostolo Restaurador, o que felizmente conseguiu em tantos triunfos, quantas foraõ as almas que reduzio.

Esta foy entaõ a resolução de Xavier coroada de tantas vitorias, quando se lhe entregou a defenfa da Fé: & este mesmo será o successo agora, quando se lhe entrega a defenfa do Estado: entaõ era Xavier obrigado a defender as armas de Christo; agora empenhado a pelear pelas Quinas de Portugal: entaõ como Ministro do Euangelho era o Defensor da Fé, mas da Fé totalmente perdida; agora naquelle bastaõ, que valeroso empunha, & naquelle escudo das Armas Portuguezas, que abraça, he o Defensor do Estado, mas do Estado de

todo arruinado: mas assim como entam restaurou gloriosamente todas aquellas perdas; assim agora ha de restaurar com igual gloria as nossas ruinas: entaõ por meyo de sua Igreja, a quem assiste para os acertos, o destinou Deos com os poderes de Nuncio, & Legado por Defensor da Fé, para que o seu zelo o obrigasse a restauralla; agora por meyo de nosso Serenissimo, & zelosissimo Rey, cujo coraçãõ inclinou o mesmo Deos para tam grande acerto, o decreta com o cargo de Defensor da India perdida, para que debayxo de tam merecido titulo seja o Restaurador do Estado arruinado. Temos o assumpto, o qual naõ podia ser nem mais accommodado ao motivo porque Sua Magestade que Deos guarde manda celebrar esta solenidade, nem mais commodo á nossa esperança; & para que o discurso naõ falte a huma materia de tanto gosto, necessito de muyta graça.

Ave Maria.

Em;



Euntes in mundum univesum, &c.

Defensor da India Xavier, mas Defensor que nos ha de restaurar, dizia eu; & para proseguir esta materia, nem de balde pedi os esforços da graça, porque já he necessario começar a vencer difficuldades. Xavier Restaurador do Estado? E que partes pôde haver em Xavier para hũa empreza tam alhea do seu Instituto, & ainda da sua pessoa? Não he Xavier aquelle Religioso pobre, & tão desinteressado das couzas do mundo, que nem ainda a matalotagem precisa para o sustento quiz receber em Lisboa, quando se embarcou para a India? Não he Xavier aquelle Missionario, que por obrigação de seu Instituto não teve outro intento, nem o devia ter, mais que dilatar, & defender a Fé? Pois hum Religioso pobre sem mais aprestos, que o seu Brevia-

rio; hum Missionario zeloso, sem mais intentos que a propagaçam da Fé para huma empreza tão grande? Sim; porque não são pequenas aquellas partes para esta grande empreza, & o melhor fiador que podemos ter em Xavier para o fim que pretendemos da nossa restauração, he a sua Religião, & mais o seu desinteresse: estas foram as mais poderosas armas, com que antigamente se conquistou a India, & só com estas he que se pôde restaurar; mas a desgraça he, que não tiverão outro principio as nossas ruinas mais que a pouca Religião, & a muyta cobiça.

Pergunto: Quem trouxe os Portuguezes á India senão aquelle fatal, & sagrado destino de estender, & dilatar a Religião Catholica? Com que intento por mares nunca dantes navegados

gados entregáráo as vidas ás ondas, & o nome á immortalidade aquelles primeryros Argonautas do Oceano? As noffas historias o dizem: entre os ultimos abraços com que os pays daquelle tempo despediam a seus filhos para a India, & prevalecendo nelles o amor da patria ao paterno, os apartavam de si, cortando com honrada tyrânia os laços de sangue, a lembrança que lhes faziaõ não era que voltaſsem cheyos de riquezas, mas carregados de fama conseguida por defenſa da Fé, & por amor do Rey: em quanto durou eſte zelo da Religião, & eſte desprezo da fazêda, he que traziaõ os Portuguezes a ſoldo a fortuna; mas tam bem paga, que não havia contenda ſem vitoria, nem batalha ſem triumpho: a Religião, & o deſintereſſe nos conquiſtáraõ, o que entam logramos; & que muyto q faltando eſtes dous polos, em que ſe eſtribava a noſſa Monarchia, ſe arruinãſe o noſſo Imperio Aſiatico; &

ſintamos finalmente o catigo, por termos faltado às obrigações, com que nacemos?

O Profeta Iſaías o que pertendia do povo Hebreo era que ſe lembrãſſe do ſeu nascimento: *Attendite ad petram unde exciſi eſtis.* E ſe nós nos lembrarmos do noſſo, acharemos que nacceo Portugal nos Campos de Ourique entre os braços armados do mayor defenſor da Fé Dom Affonſo o Primeryro; mas de tal ſorte nacceo, que logo do berço ficou obrigado a ſatisfazer o beneficio de ſer Reyno com o deſempenho de ſer Miſſionario: aſſim o diſſe Chriſto ao noſſo invictiſſimo Monarcha naquella prodigioſa noyte, em que Portugal ſe dcytou Conda do, & ſe levantou Reyno: *Volo in te, & in ſemine tuo imperium mihi ſtabilire, ut deferatur nomen meum in* *Ex Teſtam. Reg.*

exteris gentes. De ſorte q a gloria ſingular de Portugal he q nacceſſe nas mãos de Deos, para que debayxo das armas Portuguezas ſe

arvorasse o braço das sagradas Quinas: mas como os Portuguezes sendo escolhidos para tam glorioso fim degeneraram de seu principio; por isso hoje se vem no cabo, & na ultima attenuação: pois nascer para gloria de Deos, & faltar a tão illustre nascimento, he buscar a sua mesma ruina.

Antiguamente sentia David do povo escolhido por Deos o mesmo que nós agora sentimos; que era ver reduzidos os Hebreos à ultima miseria, & attenuação:

Psalm.
57.

Ad nihilum redacti sunt. E para que não ignorassemos a causa de tantas desgraças padecidas, o mesmo Davida declara logo: *Alienati sunt à vulva; erraverunt ab utero.* Desdifferão os Hebreos do seu principio, degenerarão do seu nascimento, & ficarão destruidos, & arruinados. Foram os Hebreos escolhidos por Deos, para que o mesmo Deos fosse conhecido, & glorificado; & homens que nascerão para gloria de Deos, &

não obraõ conforme as obrigações, com que nascerão, não tem que esperar se não a sua ultima ruina: *Ad nihilum redacti sunt.* Desta sorte se arruinou o povo escolhido por Deos, & desta sorte nos temos nós arruinado. O mesmo que entãõ obrou Deos cõ os Hebreos, obrou tambem depois com-nosco: escolheo Deos aos Hebreos para a gloria do seu nome, & escolheo-nos a nós para exaltação da sua Fé: os Hebreos prosperos em quanto obrãõ conforme as obrigações, com que nascerão; & finalmente attenuados, & desfeytos, porque faltãõ a ellas: nós senhores do mundo, em quanto como a soldados de Christo nos capitaneava o zelo da Fé, depois dominados, & destruidos, tanto que nos faltou o zelo, & nos sobejou a co-biça.

Naõ necessita de prova esta verdade, quando a nossa experiencia he a sua confirmação: cotejemos os tempos passados com os presentes,

fentes , & na differença de huns , & outros veremos, que em quanto nos animou o zelo, vencemos o mundo; tanto que nos fugeytou a cobiça, ficamos despojo de nossos inimigos : & quando o zelo , & o desinteresse nos fizeraõ toda a Asia tributaria , o mesmo zelo, & o mesmo desinteresse nos pôde restaurar o que já perdemos. Não tem logo que pôr objecções a nossa desconfiança aos successos que esperamos do glorioso Defensor da India Xavier para a nossa restauraçam, pelo **ver Religioso, & pobre, zeloso, & desinteressado** ; antes muyto que se animar na experiencia de suas victorias , conseguidas só pelo seu zelo , & pelo seu desinteresse , pela sua Religiaõ, & pela sua pobreza: com estas armas restaurou a Fé perdida ; & com estas ha de restaurar o Estado arruinado. Taõ armada , & temerosamente defendida estava entaõ a Idolatria , como o podem agora estar todos aquelles, que se gloriaõ de

nos terem vencido : mas q̄ opposiçaõ fizeraõ entaõ todas aquellas armas , & todas aquellas defensas ? Todas aquellas defensas foraõ rendimentos , & todas aquellas armas foram despojos.

Discorramos brevemente pelo muyto que Xavier correu; & ou o sigamos nas suas navegações , ou o acompanhemos nos seus passos, acharemos que nunca desferio do porto senaõ para largar as velas a novas victorias; nunca saltou em terra senaõ para avançar a novos triunfos. Vamos do Cabo de Boa Esperança até o Cabo de Comorim; por todo o mar Indico, & Etioptico; daqui corramos a costa da Pescaria , o golfo de Bengala , os Estreytos de Malaca , & Sincapura : as grandes enseadas , em que se quebra a terra desde o Reyno de Siam até o Imperio da China : os intricadissimos canaes , que faz todo aquelle Arcipelago entre a confusaõ de suas Ilhas semeadas sem ordem, & nascidas

cidas sem numero. Saltemos com Xavier em Melinde, & Socotora; em Goa, & S. Thomê; em Macaçar, & Amboino; nas Javas, & nas Malucas; nos sessenta, & seis Reynos de Japão, & finalmente em todas as partes deste Oriente; & em todo elle veremos a Xavier conquistando Reynos para Deos, destruindo Pagodes, & Varelas, levantando tēplos, & altares; & acharemos, que tudo isto foy hũa continua batalha, & huma successiva vitoria: chamo-lhe vitoria successiva, porque se contarmos os seus triunfos, ha de exceder o curso das suas vitorias ao mesmo curso do tempo. O computo mais justo, que se dá ao numero das almas, q̃ rendeo ás leys do Evangelho, he hum milhaõ & duzentas mil, & se a dez annos cabem hum milhaõ, & duzentas mil almas, a cada anno cabem cento & vinte mil, a cada mez dez mil, a cada semana duas mil, & quinhentas, & cada dia trezentas, & cincoenta, & se-

te. Isto fez aquelle pobre Religioso defensor do Evangelho na restauração da Fé; & isto mesmo ha de fazer com as obrigações de defender a India na restauração do Estado, porque os progressos de Missionario lhe seguraõ os successos de Restaurador.

Passando porém ao interior de seu generoso espirito, ainda conheceremos melhor os seus talentos para taõ gloriosa empreza. Destinado Xavier para a expedição do Oriente, diz a sua vida que sonhava Xavier com hum agigantado Indio, ao qual hũas vezes sustentava em seus hombros, outras apertava, & unia rijamente a si entre seus braços. Aqui nos mostra Deos em Xavier o forte, o constante, o robusto, o desvelado, & ainda o venturoso: o forte na luta; o constante no trabalho; o robusto no pezo; o desvelado no cuydado; & o venturoso no vencimēto, com que sugeytava, & rendia naquella batalha sonhada

as contendas, que havia de ter acordado; & em tudo iſto a grande capacidade para o bom ſucceſſo da noſſa reſtauracão; porque não ſei que tem os ſonhos com os ſugeytos grandes, & muyto em particular cõ aquelles, que ſão deſtinados para ſemelhantes emprezas, pois a todos veremos ſonhando dormindo, as acções que hão de obrar acordados. Jacob o lutador ſonhando: Joſeph o Viſo-Rey, & Reſtaurador do Egypto ſonhando: os ſoldados de Gedeão, que haviaõ de conquistar o exercito dos Madianitas, & reparar as ruinas do povo naquella grande batalha, ſonhando: Pharaõ para acudir ao remedio, & neceſſidades de ſeu Reyno ſonhando: Salamaõ, em quem ſe havia de eſtabelecer a pacifica Monarchia de Iſrael, ſonhando: Mardocheo, que foy o principal instrumento da liberdade do povo, ſonhando: Nabuco, que havia de ſugeytar o mundo todo a ſeu Imperio, ſonhando: Judas

Machabeo, aquelle valeroſo reſtaurador da ſua nação; ſonhando: & Xavier, que não era deſtinado para menores emprezas, tambem ſonhando. A cauſa deſtes ſonhos em taes ſugeytos ainda que ſeja natural, quiz o Eſpirito Santo, que a ti-
Eccleſ.
 5.
Multas curas ſequuntur ſomnia. Os ſonhos ſão effeytos dos muytos cuydados; & como ninguem tem mayores cuydados que aquelles, que tem mayor capacidade; por iſſo nos grandes ſugeytos ſam os ſonhos de grandes couſas: aſſim o moſtrou Deos naquelles Heroes; & aſſim o moſtrou no mayor de todos o noſſo Defenſor Xavier.

Mas como eſte ſonho em Xavier aſſim como nos mais todo foy profetico, & hum vaticinio do futuro, não ha duvida, que aquelle corpulento Indio, como depois interpretáram os glorioſos ſucceſſos de Xavier, era todo eſte Oriente de tam deſmedido corpo, & eſtatura, quanto he o vaſ-

Geneſ.
 28.
Ibi. 37.
Jud. 7.

Geneſ.
 41.
 3. *Reg.*
 3.
Eſt. 11.

Dan. 2.
Mach.
 15.

to, o grande, o estendido, & q dilatado de todo elle; mas de que forte se representou esta immensa machina do Oriente a Xavier? De duas fortes confôrme aos diversos tempos, em que Xavier havia de lutar com elle: para o tempo de então dividido em varias feitas de Genticos, de Mouros, de Atheos; & para o tempo de agora dividido em tantas partes, & pedaços, como nossos inimigos nos tem levado: hũa parte nas mãos do Persa cõ o Reyno de Ormuz; outra nas mãos do Arabio com quasi toda a costa da Africa; outra nas mãos do Inglez; & outra nas garras do Leão Belgico: senão quizermos dizer, que este tem q todo, & nõs hum só retalho, que mal nos cobre, porque mal nos defende. Não pareça improprio dizer, que se representou a Xavier a India dividida, sendo a figura em que se representou hum só corpo, porque tambem a estatua de Nabuco era hũa só estatua, & com tudo nella se

representou o mundo dividido em cinco Imperios. E para que se representou a India assim dividida a Xavier no estado de então em diversas feytas, que todas fazião hum corpo formidavel contra a nossa Fé; & no estado de agora em diversos senhorios, todos diferentes, mas uniformes contra nõs? A razam foy, para que entam acordado Xavier, pondo os hombros a tam grande empreza, & tam pezada carga, a derribasse aos pès de Christo, & a unisse como unio na uniformidade de hũa Fé, & Religiaõ; & agora lançando-lhe os braços ajuntasse aquelles membros separados do corpo da nossa Monarchia, & os tornasse a reduzir a hum só Imperio. E teremos algum exemplo deste sonho, & desta visã? Temos a visã, & o sonho de Nabuco.

Sonhou Nabuco com aquella prodigiõsa estatua feita de varios metaes; por-
que a cabeça era de ouro,
os braços, & peyto de pra-
ta,

Daniel
2.

ta, o ventre de bronze, & as partes inferiores de ferro, & barro; & mandando Nabuco depois de acordado formar outra estatua, ordenou que toda fosse de ouro, sem aquella diversidade de metaes, de que a estatua sonhada se compunha. Ambas estas estatuas representavam o mesmo mundo: pois porque ha de ser a estatua sonhada dividida em metaes? E porque ha de ser a estatua, que Nabuco manda fabricar, sem aquella diversidade de partes? A resposta desta duvida mostrou o successo: porq̃ aqui hũa cousa se representava a Nabuco no sonho; & outra havia de fazer Nabuco acordado: o q̃ se representava no sonho eraõ diversos Imperios em todo o mundo; & o que Nabuco havia de fazer era de todo o mundo hum só Imperio: traçava Deos que Nabuco foisse o senhor absoluto do mundo todo, & que este ficasse sujeyto ao seu valor, & por isso sonhava como o mundo dividido,

para que o seu valor se animasse a sujeyto, como sujeyto, a todo o mundo.

Este nem mais, nem menos com aquella grande differença de sonho a sonho, & de sujeyto a sujeyto foy o intento de Deos no sonho de Xavier. Mostrou Deos a Xavier todo o Oriente dividido, assim nas feytas de entam, como nas partes, que hoje temos perdido: porẽm mostroulhe esta divisaõ assim na Fé, como no dominio, para que Xavier hũa cousa visse dormindo, & outra cousa obrasse acordado, dormindo a India dividida em feytas, & repartida em senhorios: para que a diversidade de das feytas se convertesse em hũa só ley: a diversidade de senhorios se unisse em hũ só dominio: as feytas convertidas em hũa só ley, reconhecessem as chagas de Christo: a diversidade de senhorios unida em hum só dominio obedecessem ás Quinas de Portugal: assim o conseguiu venturosamente na parte que tocava á

Fé, fazendo todo este Oriente Christão: & assim o ha de conseguir com o mesmo successo fazendo toda a Asia Portugueza.

Chegando porém a este ponto, parece que me estaõ arguindo cõ o mesmo principio por onde comecey: se as nossas perdas foram effeytos das nossas culpas, & as culpas continuam, como nos havemos de persuadir que ham de acabar as perdas? Os mayores soccorros, que tiveram sempre nossos inimigos, foraõ os que nõs mesmos lhes temos administrado em nossos vicios, pelos quaes se poz Deos da sua parte: pois se Deos està offendido, & nõs rebeldes: Deos irado, & nõs dãdolhe continua materia a nova, & justa vingança; que restauraçã podemos esperar, quando de nõs se espera taõ pouco a emenda? Como he possivel haver melhoras nas nossas cousas, se cada vez sam peyores os nossos procedimẽtos? Quẽ ha de atar a Deos as mãos para não continuar os mes-

mos castigos contra os que vivem taõ soltos nos mesmos costumes? O mais certo he, que Deos sempre ha de ser o mesmo, em quanto nõs naõ formos outros; porque Deos offendido he Deos inimigo, Deos inimigo he Deos da parte de nossos contrarios; & quando Deos he o que pelega contra nõs, naõ tẽ os seus golpes nenhum reparo. Confesso que he tam bem fundado este receyo, que à vista d'elle pòde desanimar a mais alentada esperança; porém na certeza de tudo isto tem muytas razoens a nossa confiança para esforçar o seu desejo na divina misericordia: & quem nos disse que contra todas essas culpas, que naõ ha duvida serem grandes, nam tinha ainda hoje Deos na ley da graça hum espirito como o de Moysés, que se opponha às suas iras; hum valor como o de Jacob, que prevaleça contra elle; & hũ merecimento como o de David, pelo qual haja de livrar este povo tanto seu da oppressã

preffaõ de seus inimigos. Pois se ninguem nos disse o contrario, saybamos de certo que tudo isto temos em Xavier, porque assim o diz o Espirito Santo, cuja verdade he infallivel.

Falla o Ecclesiastico de hum fugeyto destinado para a empreza de hũa restauraçã, & diz assim: *Qui scriptus es in judicijs temporum lenire iracundiam Domini, conciliare cor patris ad filium, & restituere tribus Jacob.* Virá occasiã, em que haja hum fugeyto, o qual esteja escrito no juizo dos tẽpos, para moderar as iras do Senhor, conciliar o coração do pay com o filho, & restaurar os tribus de Jacob. Estas palavras, que todas são enigmaticas, explicadas segundo as leys do enigma, que diz hũa cousa, & representa outra diversa, mas com semelhança, são a mais clara confirmação do que temos dito: vamos explicando. Primeiramente o juizo dos tempos não ha duvida, que he a luz, porque assim como o

entendimento no homem he, o que distingue os objectos, assim a luz no tempo he a q̄ distingue as accusas. Estar escrito nesta luz, he estar figurado, & representado nella; & este que está escrito, ninguem pôde duvidar que seja Xavier, se consultarmos a mesma luz, ou o mesmo juizo dos tempos.

Quando Christo apparece a nosso primeyro Rey Dom Affonso, como elle mesmo affirma no seu juramento, a primeyra cousa, que vio antes de ver a Christo, foy hũa luz da parte do Oriente: *Vidi subito à parte dextra Orientem versus micantem radium.* O grande Antonio Vieyra com outros affirma, que esta luz representava a Xavier; & assim havia de ser, pois vindo Christo a dispor a conversão da India conseguida depois pelos resplandores de Xavier, que outra cousa havia de ser aquella luz precursora da parte do Oriente, senão o Sol de todo elle escrito já com aquelles

*Ex juramento.
Reg.*

carac-

caracteres? O Senhor irado he Deos offendido de nossas culpas, & aggravado de nosso máo procedimento; mas esse mesmo Senhor irado he o mais amoroso Pay; porque he tam propenso ao perdão, que a qualquer rogo se dobra, a qualquer petição se inclina, a quaesquer lagrimas se enternece, & basta hum pequenino arrependido, para lhe abrandar o coração, & desfazer os rigores. O filho he Portugal, sempre tratado como tal assim nos mimos, como nos castigos; nos mimos pelos singulares favores; & nos castigos pela moderação; pois nos tem mostrado a experiencia, que se doeo sempre Deos do golpe, todas as vezes, que nos deu o açoite: tão propriamente filho, que quiz Christo tivesse por herança, & patrimonio em suas armas todas aquellas riquezas, com que comprou o mundo, & resgatou os homens: *Insigne tuum ex pretio, quo ego genui*

Ex eod. nus humanam enim, componam.

Os tribus de Jacob sam aquellas terras perdidas; porque assim como tudo quanto perdèram antigamente os Hebreos, foy ganhado por gente idolatra, & naçoens infieis; assim para que as nossas perdidas se pudessem explicar por esta semelhança, he cousa digna de reparo, que tudo quanto perdemos na India, o não ganhasse nação Catholica, senão inimigos da Fé, Gentios, Mouros, & Hereges. Desta explicação não só natural, & verdadeyra, mas a propria deste enigma bẽ se deixaver por testemunho irrefragavel, que Xavier escrito naquelles caracteres de luz, & avaliado no juizo dos tempos por unico Restaurador he, o que ha de abrandar em Deos todas aquellas iras, & rigores, que merecem nossas culpas; he o que ha de conciliar aquelle coração amoroso do Pay Deos ao afflicto filho Portugal; & o que ha de restituir aquellas terras perdidas, as quaes como outros tribus de Jacob

cob gemem debayxo do jugo infiel tyrãanamente oprimidas; porque elle he o prefagio, com que em sombra se representou naquella luz, quando se decretava a conversão Oriental; este o prefagio, com que realmente nascido sahio a luz no mesmo anno, em que o grãde Gama descobrio a India; este o prefagio, com que apertando rijamente aquelle Indio entre seus braços, mostra que ha de apertar igualmente com Deos, & com nossos inimigos: com Deos, até lhe render o coração, para que nos lance hua benção de sua misericordia; com nossos inimigos, até de huma vez os sujeitar ao nosso dominio: esta finalmente a certeza com que o Espírito Santo o decreve no juizo dos tempos tão poderoso para cõDeos, que lhe ha de tirar das mãos as armas, com que justamente nos castiga; & tão terri-vel para nossos inimigos, que nos haõ de largar, vendose apertados daquelles valentes braços, tudo, o que

injustamente nos tem levado.

Supposta a evidencia desta certeza, bem me persuado, que ninguem poderá duvidar de verdade patente: porẽm vejo q̃ me pergũtaõ todos: *Dic nobis, quando hæc erunt?* Quando será este bem? Quando será esta dita? Quando lograremos esta ventura? Eu não sou dos que prometem felicidades com dilaçam no comprimento dellas; porque sey, que não ha torcedor, que mais aperte, nem ancía, que mais moleste, que prolongar os desejos; pois entreter as esperanças não he alivio, senão tormento: *Spes, quæ differtur, affligit animam.* E por isso resolutamente digo, que o tempo da nossa restauraçam he o presente; & agora he a occasiã de a cõseguirmos. Este presente, & este agora he o de que todos duvidaõ. Agora quando da nossa parte faltaõ totalmente os meynos, & da parte opposita crescem sem medida as difficuldades? Agora quan-

Astor.

Prover.
13.

quando a perda presente nos destrôçou as náos, consumio a gente, & gastou o dinheiro, que he o nervo da guerra? Agora quando estamos faltos de soldados, de muniçoens, & de aprestos? Agora quando para o concerto de huma fragata quasi se empenha o Estado? Agora quando o soccorro presente, (graças a sua Magestade, que com tanto dispendio nos acode) agora digo quando o soccorro presente com ser tão grande na quâtidade pelo numero, & na qualidade pelo valor, & pela nobreza, ainda assim comparado com o de nossos inimigos tem menor proporção com elle, do que pôde ter hum pigmeo com hum gigante? Agora quando os povos da Índia querendo com o zelo que costumão ajudar o Estado com seus cabedaes, já não podem, porque a Junta: (mas não digo mais) & com este agora assim se haõ de escalar praças, assaltar muralhas, contrastar armadas, recuperar hum Estado de

tâtos Reynos, & effes Reynos tão estendidos, tam dilatados, & ainda tam defendidos assim das suas fortalezas, como dos seus soldados orgulhosos, & destemidos tanto com os nossos máos successos, como com as suas vitorias?

Sim: & torno a dizer que agora; porque todas essas difficuldades ao parecer impossiveis de vencer, só as pôde allegar quem não souber que cousa são os Reynos, & os Estados, & entre elles que cousa he o Reyno de Portugal. Todos os Reynos não são outra cousa mais que hum jogo da fortuna, que na mesa, ou taboa redonda deste mundo alternadamente se ganham, & se perdem; & o mayor jogador delles he a Sabedoria Increada: *Ludens in orbis terrarum*; que por fins altissimos de sua providencia varia as sortes, & os azares como lhe parece; mas de tal maneyra as varia, que depois que por sua Divina Misericordia escolheo para si o Reyno de Portugal,

fem:

sempre jugou com elle ás aveffas dos mais Reynos: com todos os outros Reynos jugou lançandolhe primeyro a forte, & depois o azar; com-nosco lança primeyro o azar, para depois nos dar a forte: & para fabermos a nossa boa fortuna, não temos que olhar senão para a nossa desgraça: vejamos quantas vezes nos temos perdido, & outras tantas acharemos, que quanto mais perdidos estive-mos, então nos vimos mais ganhados.

Não quero discorrer por todas as alternativas que tivemos de perdas, & de ganancias; mas só quero q̄ nos ponhamos cincoenta, & nove annos atraz nas vesporas de Xavier, quero dizer, ao primeyro de Dezêbro do sempre decantado anno de quarenta: quem na madrugada daquelle feliz, & venturoso dia olhaffe para Portugal feito preza entre as garras do Leão coroadado das Hespanhas, & o considerasse no cativeyro de sessenta annos, que por

dilatado passava já a ser natureza, sem forças para se poder ter, quanto mais para se levantar; o remedio da sua opressão por todas as partes impossivel; porque dentro faltáráo os meynos naturaes, & fóra não havia assistencias estrangeyras; presidado de Infantaria Hespanhola em tantas fortalezas, & Castellos; quem assim considerasse o nosso Reyno, que mal se poderia persuadir naquella madrugada, que sem arrancar hũa espada, nem disparar hum mosquete, havia de conseguir a sua liberdade ás nove horas da mesma manhã?

Porém esta he a fortuna de Portugal, que na mayor desesperação do que padece, tem mais presente o remedio que deseja. Aquelle grande Santo, & grande Portuguez S. Frey Gil nas suas Profecias o final mais certo, que nos dá das nossas melhoras, he, quando nos faltar toda a esperança de as alcançar: *Inspèratè ab inspèrato redimeris*. Quando for menor a esperança,

& mayor a desesperaçãõ; ou quando desesperadamente se virem acabar os Portuguezes, entãõ está perto a redempçãõ. Eu não sey que possamos chegar a mayor desesperaçãõ, quando as nossas cousas não só correm, mas totalmẽte se precipitaõ á ultima ruina; mas por isso mesmo se devem todos persuadir, que este he o tempo das nossas felicidades: & assim como nas vesporas de Xavier, quando menos se podia esperar, conseguimos o mais a que podião aspirar os nossos desejos; assim agora alcançaremos todas aquellas venturas, pelas quaes anciosamente suspiramos: se a desesperaçãõ daquelle tempo nos levou ao mais feliz estado: se depois daquellas vesporas tivemos o melhor dia: se quando nos faltava a esperança nos sobejou materia ao desejo: se quando Xavier na sua vespora nos deu a melhor festa; agora que nam he menor a desesperaçãõ; agora que a Xavier se repetem os dias

com nova obrigaçam de nos defender, seraõ iguaes as felicidades, & seram os dias como foram aquellas vesporas.

Eu não duvido que o nosso poder he pouco, & muyto pouco: mas se consultarmos a nossa experiencia nas grandes vitorias, com que temos assombrado o mundo, não devemos olhar para o pouco que podemos, senãõ para o muyto q' Deos quer: não para as nossas forças, senãõ para a sua vôtade. O titulo que Amos deu a Deos quando o considerou nas materias da guerra, foy de Senhor dos exercitos: *Dominus exercituum nomen ejus.* Amos 4. Porque em nenhúa cousa obra Deos mais despoticamente do seu dominio, que em dar vitorias: em outras cousas obrará Deos como infinito pelo poder; como Justo pela igualdade; como Santo pela perfeçãõ; porẽm na guerra obra como Senhor, por serem as vitorias unico effeyto da sua liberdade, pois as dá a quem quer, & como

como quer; assim o usou com-nosco em todas as occasiões que vencemos; & se a uniformidade com que Deos nos concedeo sempre tantas vitorias, he argumento para as muytas, que nos ha de conceder, sendo a experiencia havida pelas historias o espelho inculcado por Salamaõ, em que olhando para o passado se antevem os futuros; bem podemos segurarnos, que o melhor fiador para os nossos triunfos, he o nosso pouco poder; porque quando as batalhas são de Deos, como sam as nossas, pois todas são para a exaltaçam de sua Fé, que tam viva se conserva debayxo do nosso dominio; então se seguraõ melhor as vitorias, quando o nosso poder for mais pequeno.

Quiz Gedeão restaurar as terras de Israel destruidas, & occupadas pelos Madianitas, & ajütou trinta, & dous mil homēs; porém reconhecendo Gedeão, que o numero da sua gente era muyto desigual, porque

os inimigos eraõ tãtos como as areas: *Sicut arena, que est in littore maris*; o que Deos lhe disse foy, que era muyto o seu poder, & que com tanto numero não poderia vencer: *Multus tecum est populus*; non tradetur Madian in manu tua. Com este aviso manda Gedeão lançar bando, que quẽ fenaõ achasse com animo de pelear, sahisse logo do exercito: foraõ os que sahirão do arrayal vinte, & dous mil; & só dez mil ficaram com Gedeão: mas ainda achou Deos q̄ dez mil eram muitos: *Ahuc populus multus est*. Em fim por direcção, & disposiçãõ Divina assim se foraõ diminuindo, que não ficaraõ mais que trezentos, & com sós trezentos restaurou Gedeão as terras de Israel. Pois (valhame Deos!) são muytos trinta & dous mil, são muytos dez mil, & nam sam poucos trezentos? Com dez mil, & com trinta, & dous mil não póde vencer Gedeão; & póde vencer cõ sós trezentos? Sim: porque

Jud. 7.

Ibid.

Ibid.

quan:

quando as batalhas são por Deos, como era aquella, & são todas as nossas, pois todas são por sua causa; os muitos são embaraço, & os poucos são vitoria; os muitos não podem vencer, & os poucos podem triunfar: & a razão disto deu o mesmo Deos: *Ne gloriatur contra me Israel, & dicat, meis viribus liberatus sum.* Toda a restauração do povo queria Deos se attribuisse á sua protecção; & sendo o poder muito, cuidariaõ os de Israel, que o bom successo era conseguido pelo valor de seu braço, & não pelo favor Divino; & por isso dispoz que fossem poucos, para que se não attribuissem a sua gloria do vencimento, que toda era de Deos.

Naõ sey que em toda a Escritura se possa achar caso mais semelhante ao que de presente estamos vendo, assim no que somos, como no que Deos tem obrado, & ha de obrar. Naõ ha razão que mais beije a mão da sua espada, do que são os Portuguezes; aquelle na-

tural orgulho, & arrogancia com que naceraõ, os faz esquecer muyto do Author das suas vitorias; atribuin-do ao seu braço, o que só he obra da mão de Deos; & por isso dispoz o mesmo Deos, que quando podiamos estar mais confiados no nosso poder, cõseguissemos menos o nosso intêto. Qual cuidamos que foy a causa do pouco progresso, que estes annos fizeraõ as nossas armas? Cercou-nos o inimigo Mombaça: acudiram as nossas forças iguaes no numero das náos, superior no valor dos soldados: a porta por onde entráram ficou tam aberta em seu poder, como estava no nosso; porque nem elles a fecháraõ mais, nem a podiaõ defender melhor: todas as vezes que chegamos ás mãos naquelle cerco ficamos superiores; em todos os assaltos que nos deraõ os derrotamos: pois porque nam entráraõ as nossas fragatas? Porque não saltáraõ em terra os nossos soldados em taõ repetidos soccorros?

Seria

Seria isto por desatenção das disposições passadas? O acerto daquellas disposições he muyto patente. Seria por remissão dos Cabos? O valor dos Cabos he muyto conhecido. Pois porque não vécemos? Por isso mesmo; porque tinhamos naturalmente muyto partido, & muytos meyo para a victoria: & por essa mesma causa permittio Deos que se dobrassem as difficuldades; que se fortalecessem nossos contrarios; que nos ficassem superiores em tudo, & nós em tudo inferiores, & tam diminuidos na falta de tam valerosos soldados, como são mortos até o presente; porque só poucos, & inferiores no partido podemos conseguir a victoria: se então venceassemos, poderia cuydar alguém, que era valor da terra, o que só ha de ser valia do Ceo: pois para que ninguem cuyde, que de outra parte nos vem as nossas melhoras, creção todas essas difficuldades, & diminua-se o nosso poder; porque só desta forte temos

seguro o bom successo.

Porém se a victoria ha de ser de Deos, que parte ha de ter nella Xavier? Muyta, & muyto grande; porque até nisto cõcorre a maravilhosa circumstancia da victoria de Gedeão. A victoria de Gedeão foy dada por Deos, mas conseguida pelo valeroso pulso de Gedeão: *Per manum meam liberabis Israel* Vòs Senhor, dizia aquelle generoso Capitão, vòs Senhor livrareis o povo; mas o meu braço ha de ser o instrumento desta restauração: a victoria será vossa; mas a contenda ha de ser minha: vossos seram os golpes, com que se ha de destruir este inimigo; mas todos haõ de ser executados por este valente braço, que vòs mesmo escolhestes para defenõa do povo. E se então escolheo Deos a Gedeão para executor desta singular maravilha, em quanto o constituiu defensor do povo; sendo certo, que todos os acertos dos Reys saõ effeytos particulares da Divina Providencia, tam-

bem agora por resolução do Serenissimo Rey de Portugal escolheo a Xavier para Defensor da India; para que o nosso pouco poder fortalecido do seu prodigioso braço consiga triumphos immortaes: esta he a bem fundada esperança, q̄ lemos na carta de Sua Magestade escrita ao Excellentissimo Senhor Viso-Rey, para cujo tempo se guardáraõ estas felicidades; & para que nas clausulas da mesma carta fique melhor expressada esta verdade, eu aquero repetir por coroa deste discurso: diz pois assim.

São tantos, & tão grandes os beneficios, que esse Estado deve a Deos nosso Senhor pela intercessão do Bemaventurado São Francisco Xavier, sendo o seu sagrado corpo aquelle, que sempre o livrou das invasões de seus inimigos, & que animará aos Portuguezes para que venção com a gloria de Deos, & das armas de Portugal; & desejando eu de algum modo

mostrar o meu agradecimento, & a minha particular devoção para tão grande, & prodigioso Santo, me resolvi a tomar por Defensor do Oriente ao seu glorioso Apostolo S. Francisco Xavier; & vos ordeno que na Igreja, em que está o seu sagrado corpo, façais celebrar huma solene festa com assistencia do Cabido, Camera, & Nobreza dessa Cidade; & que no Sermaõ se declare que aquella celebridade he em obsequio do Santo Apostolo Xavier, ao qual tomo por Defensor do Oriente; & nas mais Cathedraes do Dominio desta Coroa, entrando tambem a do Administrador dos Rios, fareis celebrar a mesma festa. Com tam grã de Defensor tereis razão de não temer os inimigos desse Estado; & de esperar que os mayores perigos serãõ para fazer mais gloriosos os triumphos, pois se vê empenhado na defensão do Oriente aquelle valente braço, a q̄ a poderosa mão de Deos vinculou o seu poder. para
exal-

Para
Henri-
que Ja-
quez de
Maga-
lhães, q
chegou
neste
anno à
India.

exaltar o seu nome, & con-
fignar a seus inimigos. Até
aqui a carta.

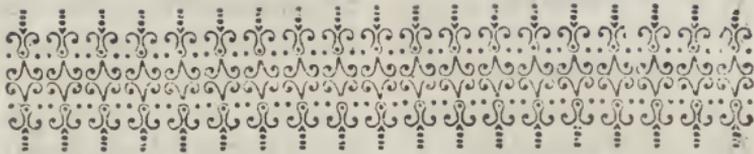
E se no conceito de nos-
so tam zeloso, como pru-
dente Monarcha, aquelle
valente braço de Xavier he
o que ha de menear as nos-
sas armas, não confiem os
nossos soldados no seu va-
lor; nem os nossos Cabos
nas suas disposições; nem o
illustissimo General, que
temos, nas suas experien-
cias decoradas em tantas
ocasioens no mar, & na
terra; mas todos ponhão
hũa firmissima confiança no
prodigioso Defensor da
India, animados de hũ ca-
so semelhante, que lhe suc-
cedeo em sua vida. Quando
por instancias de Xavier se
armaraõ em Malaca oyto
pequenos navios cõtra ses-
senta velas do Achem, &
por orações do mesmo San-
to se alcançou aquella estu-
penda vitoria, que affom-
brou aquelles mares; as ra-
zoens, com que o Cabo da
empresa D. Francisco De-
ça correndo os navios ani-
mava os seus soldados, eraõ

estas: Pelejay senhores, &
amigos como soldados de
Jesu Christo, & por sua Fé:
lembrayvos, que o nosso
bom successo corre por cõ-
ta do Padre Xavier, pois
elle foy o Author da glo-
ria, que esperamos venci-
do; nem duvidemos da vi-
toria, pois elle a prometeo;
& posto que ausente, o te-
mos presente em suas ora-
ções. Estas mesmas razões
quizera eu hoje se imprin-
missim no coraçam de to-
dos, pois a semelhança
da occasiam ha de fazer
semelhante o successo: &
se algum pela desgraça de
se nos queymar huma não
ha poucos dias, duvida
do feliz fim que esperamos,
sayba que tambem na occa-
siao da batalha, que referi-
mos, se perdeu a principal
embarcação; porẽm esta
falta suprio a diligencia de
Xavier mais por suas ora-
ções, que por outros me-
yos, & que este mesmo su-
plemento nos dará agora;
porque não he agora me-
nos poderoso do que era
então; antes agora tem ma-
yores

yores obrigaçoens ; & por isso todos constantes, & animosos a derramar o sangue em defença da Fé nos offereçamos resolutos diante daquelle sagrado tumulo, & saybamos, que aquelle he o monte donde nos haõ de vir os auxilios: a Arca do Testamento, a cuja vista ficarám destroçados nossos contrarios : o pro-

piciatorio em que acharemos propensa a Divina misericordia para pelejar, para vencer, & para triunfar; & finalmente a mais poderosa intercessão para contender com esforço, o mayor merecimẽto para Deos nos communicar sua graça, & a mayor valia para conseguir os triunfos da gloria: *Ad quam nos, &c.*





SERMAM

NA FESTA DO

S. CRUCIFIXO

COM O SACRAMENTO EXPOSTO,

No Convento de Santa Monica de Goa,

anno 1700.

Confestim vidit... Et plebs ut vidit, dedit laudem
Deo. Luc. 18.



ER, & não ver, & tudo por milagre, he o que hoje venera a nossa Fé, he o que hoje applaude a nossa devoção: & por isso, Divina, & humana Magestade, por isso em vossa presença, que debaixo dessa cortina naturalmente nem podeis ver, nem ser visto: & a vossos olhos,

que sobre o madeyro dessa Cruz vos deyxais ver, & nos vistes, concorreremos hoje reverentes, tanto para admirarmos vossos prodigios, como para louvarmos vossas maravilhas, com muyto mayores obrigações do que antigamente fez o povo de Judea pela occasião, que referem as pala-

vras que tomey por thema. A occasiã porque antiga-
 mente se deram a Deos os louvores, de que faz memo-
 ria o nosso Euangelho, foy aquelle milagre, com que
 Christo deu vista a hũ cego: *Confestim vidit... Et
 plebs ut vidit, dedit laudem
 Deo.* Vio o cego, & vio o povo: o povo vio o milagre;
 & o cego vio por milagre: os olhos do povo tiveram
 por objecto a vista do cego; a vista do cego foy effeyto
 do milagre de Christo: & bastou este milagre visto,
 & este milagre com que se vio, para que todo o povo
 desse repetidos louvores ao Author deste prodigio: &
 quando hoje se dobram os milagres; quando de huma
 parte se expoem o milagre de não ver no Sacramento,
 & da outra se oppoem o milagre de abrir os olhos
 aquelle Santo Crucifixo, q̄ virã os nossos antigos, &
 celebramos todos os presentes em obsequio, & ve-
 neraçam daquella sagrada imagem; que pède fazer a
 nossa devoção, & o nosso

agradecimento, senão do-
 brar os louvores, quando se
 dobra o motivo delles?

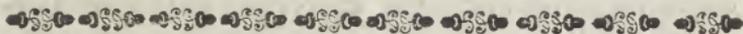
Digo que se expoem, &
 que se oppoem hum, & ou-
 tro milagre; porque isto he
 o que passa naquelle altar,
 & naquella tribuna: na-
 quelle altar temos a Chri-
 sto sacramentado, & real-
 mente vivo; & ainda que
 esteja reduzido ao menor
 indivisivel daquella hos-
 tia, nem as partes estaõ cõ-
 fusas, nem as potencias
 desordenadas: cada poten-
 cia tem a ordem, que lhe
 deu a natureza; & cada par-
 te o lugar, que se deve à or-
 ganizaçam de hum compo-
 sto em tudo perfeyto, em
 tudo cabal, & em tudo pro-
 porcionado: naquella Cruz
 temos a Christo, mas a
 Christo só na representa-
 ção da sua imagem; porque
 nem as partes alli são pro-
 prias, nem as potencias ac-
 tivas: nem a ordem he na-
 tural, nem a composiçaõ he
 organica: mas he só huma
 obra da arte por emulaçaõ,
 ou imitaçam da natureza:
 no Sacramento temos a
 Chri-

Christo em a realidade ; no Crucifixo temos a Christo só por semelhança : & aonde Christo havia de ver , q̄ he aonde assiste real , & verdadeiramente , lhe tira o milagre a vista : aonde Christo não havia de ver , que he aonde assiste só por semelhança , & representaçam , lhe abre o milagre os olhos.

A' vista pois daquelles olhos fechados , & daquelles olhos abertos , o que determino , por me não afastar das circumstancias que hoje concorrem , nem da opposição , que vemos em hum , & outro milagre , he excitar hũa questaõ , ou discutir hum problema ; & pôdo de hũa parte aquella sagrada imagẽ com os olhos abertos , & da outra aquelle sacrosanto mysterio com os olhos fechados , averiguar em que fórma nos o-

briga mais Christo , se quando nos vê naquelle Crucifixo , se quando nos não vê naquelle Sacramento ; & como Christo ha de ser o que ha de competir hoje consigo mesmo , nam ha que temer aggravos na vitoria , porque não pôde haver affronta na competencia : de si para si haõ de ser hoje os excessos , de si para si haõ de luzir hoje as ventagões ; & se ouver triumpho na contenda , será o triumpho de vencedor para gloria de vencido : para tudo ser com acerto necessito muyto dos esforços da divina graça ; a fonte della he o Sacramento , o meyo para a conseguir he a intercessam de Maria Santissima Mãe de Deos sempre pura , & sempre immaculada desde primeyro instante de sua Conceyção.

Ave Maria.



Confestim vidit... Et plebs ut vidit, dedit laudem Deo.

ENtrando na nossa que-
stam para averiguar-
mos adonde nos obriga
mais Christo , se quando nos

R 4 vê,

vê, ou nos não vê; & pon- do defronte em competen- cia igual hũ, & outro myf- terio; de hũa parte o myf- terio do altar, & da outra parte o myfterio da Cruz, entre logo o Sacramento como mayor empenho, q̃ podemos descobrir debay- xo daquelles accidentes. O Angelico Doutor S. Tho- más com todos os mais, que falláram daquelle soberano myfterio, diz que o Sacra- mento foy a obra, em que Christo mostrou o feu ma- yor amor: *Unde ut arētius*

In Offic.
de Sa-
cram.

hujus charitatis immensitas fidelium cordibus infigere- tur, in ultima cœna, quando Pascha cum Discipulis cele- brato transiturus erat de hoc mundo ad Patrem, hoc Sa- cramentum instituit. Para q̃ a caridade immensa do amor de Christo ficasse mais firme, mais estreyta, & mais intima com os homẽs, na- quelle tempo em que havia de passar deste mundo para o Padre, o que fez, foy in- stituir o Sacramento do al- tar. E em que esteve aqui esta immensidade? Esteve,

(diz o Anjo das Escolas, co- mo tam grande interprete do coração de Christo nos segredos do Sacramẽto) es- teve nas circumstancias do tempo: porque nestas cir- cumstancias do tempo fa- zia Christo por amor dos homẽs o mesmo que fazia por amor do seu Eterno Pay: o que Christo fazia por seu Eterno Pay, erõ partirse do mundo para ficar cõ elle no Ceo; o q̃ fazia pelos homẽs, era ficar tambem no mun- do para se não apartar del- les na terra: & neste par- tir, & neste ficar nem o a- mor do Pay podia mais, nẽ o amor dos homens podia menos; porque se hum o le- vava para o Ceo, outro o deyxava na terra.

O amor natural, & essen- cialmente he hum extremo que não fofsega, nem def- cança, em quãto não chega a unir-se; & por isso para alli corre, para alli caminha, & para alli propende, para on- de o leva a sua inclinaçam: o amor, que Christo tinha ao Pay, buscava a sua uniaõ no Ceo; & a mesma uniam

na

na terra buscava o amor, que tinha aos homês : se ficava com os homês, não hia ao Ceo buscar a uniaõ com o Pay : se partia para o Pay, faltavalhe na terra a uniaõ com os homês : para se unir com o Pay era forçoso deixar os homês ; para se unir com os homês era forçoso deyxar o Pay ; & vendo-se Christo combatido destes dous affectos entre si tam encontrados, como distantes, em que forçosa, & necessariamente havia de buscar hum termo, que amava, & deyxar outro, que tambem amava, como se corresse igual parelha no feu coração o amor do Pay, & o amor dos homês, para não deyxar o Pay, foy para o Ceo ; & para nam deyxar os homês, ficou na terra : para mostrar que o amor que tinha ao Pay era immenso, partio deste mundo para o Ceo : *Transiturus de hoc mundo ad Patrem*. E para mostrar que tambem era immenso o amor que tinha aos homês, ficou com elles no Sacramento : *Hoc Sa-*

cramentum instituit.

Bem sey que parecerá desigual, & sem proporçam esta medida, mas para que assim o não pareça, ouçamos o que diz David fallando do mesmo amor, & não em outra circumstancia, senam na mesma em que Christo se'deyxou com-nosco. Considerando David a vinda de Christo á terra, & a subida de Christo ao Ceo, diz que foy o summo, & o mais, que podia obrar, tanto em decer do Ceo para a terra, quanto em subir da terra para o Ceo: *A summo celo egressio ejus, & occurfus ejus usque ad summum ejus*. He certo que quando o Divino Verbo deceo do Ceo, o que veyo buscar á terra foraõ os homês, os quaes já dede a eternidade, & antes de serem, eraõ as suas delicias: *Deliciae meae esse cum filiis hominum*; & quando subio da terra, o que buscava no Ceo era o Pay: *Iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem*. A este decer, & a este subir he que David chama o summo, & o mais a que

Psalm.
18.

Prov 8

Joan.
16,

a que Christo podia chegar. E taõ grande cousa acha David, que foy o decer, como o subir? Sim: porque neste subir, & neste decer considerava David a natural propensaõ, & inclinaçaõ do amor de Christo, que era unir-se: & como a sua propensaõ o trazia á terra, & a mesma propensaõ o levava ao Ceo, a hũa, & outra deu a mesma medida; porque sendo tanta a diversidade dos extremos, não lhe achou differença nos affectos: assim no Ceo, como na terra o via ficar, & partir-se; apartar-se, & unir-se; deyxar-se a si, quando nos deyxava a nós, que era ir sem deyxar; porque em quanto buscava os homens, não deyxava o Pay; em quanto buscava o Pay, não deixava os homens, & tam unido com os homês, como unido com o Pay: *Sicut tu Pater in me, & ego in eis*; & achou que, ou decesse para os homens, ou subisse para o Pay, sempre era summo o seu amor: em quanto estava no seyo do Eterno Pay,

& dahi buscava os homens, era summo; em quanto estava com os homês, & dahi buscava outra vez o Pay, também era summo: mas tam immenso amor, & tam summamente grande a respeyto do Pay, porque sem deyxar o Pay buscava os homês; como grande, & summamente excessivo a respeyto dos homens; porque sem deyxar os homens buscava o Pay: *A summo usque ad summum*; & porque a resoluçaõ de ir, & ficar he aquelle ardentissimo affecto, que veneramos no Sacramento, por isso no Sacramento foy o amor summo, & foy immenso tanto a respeyto do Pay, como a respeyto dos homens: *Hujus charitatis immensitas*.

Ainda que o immenso por ser infinito não admita sobre si excessos, não exclue de si as igualdades: immensas, & infinitas sam as Divinas Pessoas, immensos, & infinitos são os seus attributos; mas nem as Pessoas, nem os attributos deixaõ de ser entre si iguaes;

&

& assim como huma Pessoa Divina acha igualdade na outra ; assim o amor de Christo no Sacramento acha igualdade no amor de Christo na Cruz. Querendo Christo explicar qual fosse o mayor amor , & onde chegava, lá he foy pòr o termo naquelle fim, do qual se não pòde passar , que he a morte; & disse que não podia haver mayor amor, que chegar a dar a vida por aquelle q se ama: *Maiorē hac dilectionem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis.* Bastava que assim o dissesse Christo para ser mais certo que a mesma evidencia: mas por não saltarmos á razaõ desta certeza ; a razaõ digo que he; porque as balizas do amor ainda mais perfeito são que amemos aos outros, assim como nos amamos a nós: se desejo os bẽs, se desejo as fortunas, & se desejo as felicidades para mim, estas mesmas, se he que quero bẽ, devo desejar para quem amo ; & para ser o amor perfeito , & igual, não sou o-

brigado a mais: pòrẽm morrer pelo que se ama , não he amar como me amo , senão amar com mayor excessõ; porque he querer mais a outro, do que me quero a mim, antepoendo o bem alheyo a todo o bem proprio , pois não ha bem de que me não prive cõ a morte ; & por isso o morrer pelo que se ama he o mais aonde se pòde subir , & o mais aonde se pòde chegar ; de sorte que daqui por diante não ha mais por onde correr; aqui he q o amor poz as suas colunas, & escreveo õ seu *Nõ plus ultra*: Até aqui; & não mais: *Maiorem nemo.*

E porque o mesmo Christo , que definio a maioria do amor, tambem a provou, & confirmou ab exemplo morrendo ; esta foy a causa porque na Cruz dando a vida disse aquellas palavras: *Consummatum est*: Já tudo está perfeito, & consummado ; porque em morrer pelos homẽs já mostrey que os amava o mais que se podiam amar. Toda a vida de Christo foy sempre hũ continuo

tinuo exercicio de seus ardentissimos affectos , porque nos amou tanto á custa das suas fadigas, tanto a dispendios do seu sossego, tanto adisvelos do seu cuidado, que em trinta, & tres annos de idade não teve hũ instante de descanso. Lá o veremos nascido em hum presépio chorando nossas ingrátidoens; dahi a oyto dias vertendo sangue por nosso resgate; dentro de dous mezes peregrino, & desterrado para nos restituir a patria; & em todo o tempo, que viveo, sempre cansado, & sempre affligido; mas sempre mais cuidadoso, & sem descanso; sempre passando de hũ extremo a outro extremo; & como se tudo o que obrava por nós na vida lhe parecesse pouco, só na Cruz achou que consumava o seu amor; porque só com a morte chegava ao mais a que se podia chegar: *Maiorem dilectionem nemo habet.*

Estes são os dous extremos mais affectuosos, pelos quaes em igual competen-

cia nos obriga Christo, assim quando no altar se sacramenta para ficar cõ nosco, como quando na Cruz se sacrifica para morrer por nós. No Sacramento grande, infinito, & immenso: na Cruz tão immenso, tão infinito, & tam grande, que nem o grande amor do Sacramento o excede, nem o infinito o vence, nem o immenso se lhe avanteja; porque não pôde haver outro mayor que morrer. Mas nesta que parece igualdade, que direy Crucificado Senhor? Por mais que o vosso divino amor no Sacramento se mostre tam excessivo, & tão immensamente amoroso, nem eu posso deixar de dizer, nem elle me pôde negar, que nessa Cruz venceis todo aquelle excessivo, & toda aquelle immensidade para mais nos obrigardes: & porque? Porque ahi vedes, & alli nam vedes: naquelle Sacramento fechais os olhos, & abristes os olhos nessa Cruz.

Eu não duvido, que o amor de Christo em quanto a sus-

á substancia seja sempre o mesmo em hum, & outro mysterio, porque em ambos nos ama Christo com hũ amor infinitamente perfeyto; & não seria perfeyto infinitamente, se em hũ mysterio pudesse ser mayor, & menor no outro; se em hũ pudesse ter augmentos, & no outro pudesse soffrer diminuiçõs. O amor para ser perfeyto nem se ha de poder augmentar, nem ha de poder diminuirse; se se pòde diminuir, não he firme; se pòde augmentarse, nam he grande; & amor pequeno, & inconstante nunca pòde ser perfeyto: & por isso o amor de Christo como seja perfeytissimo, sempre he igual a si mesmo sem augmentos, porque he summo; sem diminuiçõs, porque he constante. Com tudo este ver, & não ver; este amar com os olhos fechados, ou com os olhos abertos, posto que na substancia seja o mesmo, he porèm com hũa circumstancia tam grande, que nos effeytos faz sobir muyto de ponto o

amor daquelle Crucifixo, pelo que representa, comparado com o amor do Sacramento. Peni sey, que parecerá isto tam novo como he antigo dizerse que o amor se pinta cego, cu com hum veò pelos olhos: porèm quem assim o pinta, não lhe conhece a natureza; quem lhe poem o veò pelos olhos, não poderá dizer, que seja muyto desvelado: pintallo cego he ir tam longe do que he amor, como do vivo ao pintado; porque a viveza só lha podem dar os olhos; por elles respira, por elles exhala, & por elles vive.

Quando Absalaõ levantado o seu desterro tornou de Gessur para a Corte de Jerusalem, foy com hũa condiçãõ, de que poderia affitir presente na Corte, mas que não poderia ver a David: *Faciem meam non videat*; & nestes termos que diria Absalaõ, o qual arrependido das suas travessuras, queria mostrar o muyto que amava a seu pay David? O que disse foy, que

2. Reg.
14.

ou

Ibid.

ou havia de ver a David, ou havia de morrer: *Obiecto ergo ut videã faciem Regis; quòd si memor est iniquitatis meæ, interficiat me.* De duas huma., dizia este Principe para se mostrar amante de seu pay: ou hey de ver a David, ou hey de morrer. As palavras de Absalão seriam fingidas; mas o sentido, ou o sentimento he muyto verdadeyro em quem de veras ama; porque estar presente, & naõ ver o que se ama, se o amor o sofre, he pequeno; & se he grande, mata. Absalão aindaque naquelle tempo estava mal visito, pertendia ser bem avaliado, & fez consigo este discurso: O preceyto de David prohibe que lhe veja o rosto; mas se eu estando presente viver cõ este preceyto, que amor pòde fer o meu? Se vivo, he certo que amo pouco; & para mostrar que amo muyto, he necessario morrer: pois para que conheça hum pay, que me deu a vida; que a naõ posso conservar com este rigor, & que viver sem

ver he impossivel: ou ver, ou morrer. Lembrame sobre este passo, & sobre esta resoluçã o que escreveo S. Paulino ao grande Padre S. Agostinho: eraõ estes dous Sãtos por extremo amigos, & escrevendose de parte a parte diz assim S. Paulino: *Dum æquo animo fero quòd te non video, intolerabile est ipsam appellare tolerantiam.* Tenho paciencia, he verdade, amigo Agostinho, no rigor, & no tormento de vos naõ ver; mas naõ ha cousa, que mais me apure a paciencia, nem mais infosfrivel que este mesmo sofrimento. Este foy o mais encarecido modo com que explicou a pena de naõ ver este Santo amigo a outro amigo tambem Santo, entendendo que semelhante paciencia ou desacreditava o seu affecto, se lhe naõ acabava a vida; ou que a vida naõ podia durar muyto oprimida de taõ duro, & peizado sofrimento.

E que sendo taõ grande, tam immenso, & tam excessivo o amor de Christo no

Sa-

Sacramento, & que ainda assim conserve a vida amados, mas não nos vende. Não fey se por esta causa está Christo vivo no Sacramento, mas com apparencias de morto; porq̃ amarnos, & ter sofrimento para nos não ver, bem pôde ser com amor vivo; porém não pôde ser com amor que não pareça morto: o que fey com tudo he, que o Sacramento por antonomasia se chama o Myſterio da Fé, por ser tam contrario á razão, que nos não veja Christo quando nos ama, que se a Fé nos não cativára o entendimento, ou lhe negariamos o amor, ou lhe negariamos a vida: hũa, & outra cousa confessamos com toda a firmeza; pois nem da vida, nem do amor duvidamos: porém a nossa Fé com os olhos fechados taõ agradecida áquella substancia, como queyxosa daquelles accidentes, nam acha tanta difficuldade em crer contra o que vemos, quãta em crer que não somos vislos. O que vemos sam os acciden-

tes, & que debayxõ daquelles accidentes esleja real, & verdadeiramente o corpo de Christo encuberto, nam he esta a difficuldade maior; porque quem sendo Deos pode encobrir o ser Divino debayxo da nossa humanidade, que muyto q̃ sendo Deos, & homem se possa cobrir com aquella nuvem branca? Mas que sendo tam immensamente grande o seu amor, que sendo summo, & que sendo infinito tape os olhos, & nam veja aos que ama, he o ponto mais difficultoso, em que a Fé necessita de vencer todas aquellas repugnancias, que tem da sua parte a mesma experiencia. Quem ouve até agora que pudesse entregar o coração, sem que este se rendesse pelos olhos? Quem pode tapar a vista, se chegou a descobrir o peyto? He verdade que Christo o pode fazer no Sacramento, porém mostra que o não pode fazer na Cruz, & por isso todas aquellas difficuldades, que aos olhos fechados vence

a Fé

a Fé no Sacramento sobre o credito de seu amor, pafsaõ a ser amorofas evidencias nos olhos abertos de Christo Crucificado naquella imagem; o qual para acreditar o mayor excesso das fuas finezas não podia buscar mais qualificado abono, que darnos em seus olhos duas testemunhas de vista.

Digo que para acreditar as fuas finezas este foy o mais qualificado abono; por que se he licito comparar o Divino com o humano, & o immenso com o limitado, este, & não outro foy o mayor credito que achou o amor mais encarecido nas Escrituras. O amor mais encarecido nas Escrituras foy o amor de Jacob. E Jacob taõ valente na luta, como nos affectos, o que sentia de si quando mais se empenhava a manifestar a quãto chegavaõ os seus mayores extremos naquelles annos, em que servio de pastor a Labão pay de Rachel, o modo por onde se explicou foy dizer nos, que era tan-

to o que amava, que não podia fechar os olhos: *Fu- Genes. giebat somnus ab oculis meis.* 31.

Pois se Jacob nos quer encarecer o muyto que amava a Rachel, porque não allega os primeyros sete annos de serviço tam mal pagos; o sofrimento das femrazões de Labão; a resolução de tornar a servir de novo não menos q̃ outros sete annos, entre a esperança do premio, & o temor do engano; o muyto que velava de noyte, & se desvelava de dia apascentando mais cuydados em seu peyto, que ovelhas nos valles de Haran? & finalmête porque nam diz, que depois de tam custosas experiencias de seu coração, & da sua vontade, que ainda mais amára, senam fora para tam grande amor tam curta a vida? Nada disto encarece, nada disto allega, & só pondêra nam poder fechar os olhos? Sim: porque achou que tudo o mais ficava a perder de vista em comparação do encarecimento de seus olhos, & em dizer que

que estes se não podião fechar, dizia tudo; & se assim o não dissesse, não diria nada.

Este foy o encarecimento de Jacob; & da mesma forte vemos nos effeytos semelhante, porèm mayor encarecimento naquelle Crucifixo: porque Jacob por si, & verdadeyramente vivo, he que obrava estes extremos; Christo não vivo, mas depois de morto; não em si, mas na sua imagem milagrosamēte he que obra estas finezas: Jacob em não fechar os olhos vécia o sono; Christo em abrir os seus venceo a morte. A morte dizem que he imagē do sono, & o sono imagem da morte; & se me perguntarem em que se parecem estas duas imagēs, respondendo, que se parecem em que a morte, & mais o sono ambos nos fechaõ os olhos: mas assim como em Jacob não teve este poder o sono, porque o vécia o seu amor; assim tambem o não teve a morte em Christo Crucificado, porque o seu amor venceo a morte. Agora qui-

zera eu que entrando no mais intimo daquelle sacario, penetrassemos bem o que se encobre debaixo daquelles accidentes: alli se deyxou Christo para satisfação de seu amor, & para alivio do nosso: para desfogo das suas finezas, & para remedio das faudades: para estar com-nosco em quanto Sacramento, & para estar em nós em quanto Communhaõ: para nos fazer companhia pela assistēcia que tem; & para se identificar cõ-nosco pela uniaõ que obra: alli apurou tanto o que nos queria, que para memoria, & para brazaõ de todas suas maravilhas instituío aquelle mysterio, paraque reduzidas todas em hum compendio, soubessemos que nem a Christo lhe ficava mais que dispender, pois se dava a si mesmo; nem a nós mais que desejar, pois fóra de Deos tudo o mais he nada, & só Deos he tudo.

Porèm se Christo ouvesse de encarecer o muyto que nos amava, bem creyo,

que pondo de parte todos estes excessos tão grandes, que só elle, que os obrou, os pôde avaliar como merecem; bem creyo, torno a dizer, que como outro Jacob lá iria buscar a seus olhos o mais qualificado dos seus extremos: assim me persuado que o faria; porque assim no lo deyxou escrito quem mais conhecimento teve dos segredos do seu coração. Aquella pastora das Eglogas de Salomão, por outro nome a Alma Santa, encarecendo os disvelos, que custava a seu Divino Esposo, disse q̄ eraõ tam grandes, que a buscava por montes, & por outeyros: *Ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles.* Assim se explicou em frase pastoril, & estylo camponez aquella pastora, dando-nos a entender que pelos montes, & pelos outeyros se encarecia o mais subido, & o mayor auge a que chegavaõ os affectos do seu Esposo, superiores a todos aquelles, que nam fossem seus; porque assim como os

montes saõ os que mais se levantaõ da mais terra; assim o amor de seu Esposo era tam eminente sobre os mais, como saõ eminentes os montes sobre os valles.

Parece, que neste excesso, & ventagem o tinha bastante encarecido, pois o tinha posto no mais alto; mas naõ contente com esta mayoria lá lhe foy achar outro realce mais levantado: & qual cuydamos que seria? *En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras, prospiciens, per cancellos.* O realce foy vcr: *Respiciens, prospiciens,* porque achou, que aindaq̄ o amor do Esposo em ser sobre os montes era o mayor, não julgou que bastava este excesso para ser o mais encarecido: o mayor encarecimento naõ estava tanto na grandeza dos montes, quanto na vista dos olhos: explicado pelos montes exceedia a qualquer amor, que naõ fosse seu; examinado nos olhos vencia-se a si mesmo. Grandes foraõ as finezas do Esposo explicadas
pe-

Cant. 2.

Ibid.

pelos montes; & grandes sobre todo o encarecimento as que Christo obrou, ou no monte de Sião consagrando seu corpo; ou no monte Calvario sacrificando a vida: em hum, & outro monte tão grandes, que não póde haver cousa maior: mas o realce de todas não esteve nos montes, esteve nos olhos: nos montes foraõ mayores que todas aquellas, que não forẽ suas; nos olhos abertos, & em querer ver anciosamente as almas, que amava, foraõ excessivo, & ventagem de si mesmas.

Destá sorte no lo deyxou encarecido a Esposa dos Cantares: mas porque o seu encarecimento não só foy historico, senão tambem profetico; a historia do seu tempo foy profecia do nosso, a qual se veyo a comprir neste lugar, & naquella sagrada imagem. A Esposa dos Cantares ainda que seja o exemplo de todas as almas Santas, neste passo em que se pinta encerrada, & recolhida, he o mais natural re-

trato de hũa alma Religiosa; que dentro de quatro paredes não vê outra cousa mais que o Ceo, nem he vista de outra parte mais que de Deos: isso significa aquella parede, & aquella gelozia do texto: *Post parietem nostrum prospiciens per cancellos*. O Esposo dos Cantares tambem não he outro mais q̃ Christo verdadeyro Esposo de nossas almas; porẽm com esta circumstancia, que neste passo não he Christo em toda a parte, senão unica, & propriamente neste lugar; porque só neste lugar, & nam em outro o achamos vendo, & tornando a ver por aquellas grades, & gelozias. Olhemos agora para aquella parede, & para estas paredes: detraz daquela parede está hũa alma retirada, & escondida a tudo o que era mundo; & só patente aos olhos de seu Esposo: *Ego dilectio meo, & ad me* Cant. 7
conversio ejus. Detraz destas paredes não está hũa, senão muytas Esposas, que furtadas aos olhos dos homens

saõ só agradável objecto dos Divinos. Olhemos para a gelozia dos Cantares, & para as grades do coro: em ver por aquella gelozia mostrava o Esposo seu mayor affecto: em ver por estas grades mostrou Christo os seus mayores extremos, pagando com esta amorosa vista a tantas Esposas, que com reciproca correspondencia não querem ver, nem ser vistas de outros olhos, podendo dizer cada hũa dellas: *Ego dilecto meo, & ad me conversio ejus.* Ditofas huma, & mil vezes ditofas almas; pois chegarão a lograr no agrado dos Divinos olhos as mayores demonstrações do amor de Christo, que vendose na pureza de seus affectos não hũa, senão muytas vezes, repetio as suas vistas vendo, & tornando a ver: *Respiciens, prospiciens.* Se com isto ficão mais obrigadas a Christo na Cruz, do que a Christo no Sacramento, eu o não decido, porque o deixo ao juizo dos seus mesmos affectos: & só digo

que se Christo no Sacramento he o seu Esposo, porque o recebem; que Christo na Cruz he o seu amante, porque as vê; pois este foy o titulo que lhe deu a Alma Santa, quando se considerou objecto de seus olhos.

Bastava o que fica ponderado para desempenho do que prometti; porém como a nossa rudeza, & grossaria não pôde alcançar o fino de tantos extremos, se lhes não mostra a conveniencia; a conveniencia que temos em sermos o emprego dos Divinos olhos nos fará mais patente o quanto obrigados estamos á sua vista, quando nella, & por ella se deyxar ver mais liberal o seu amor. O amor definido pelos seus effeitos não he outra cousa mais q̄ querer o bem para aquillo que se ama; & que bem poderá haver de que os olhos Divinos não sejam principio, & que Deos nos não comuniquar por aquellas duas fontes de sua misericordia? Se pertendemos o mayor bem

bem dos bens, o qual só se pôde chamar bem, que he a graça; pois por ella nos cõservamos na amizade, & uniaõ com Deos como filhos adoptivos seus, herdeyros de sua Bemaventurança; & nessa graça pretendemos o mayor bem da mesma graça, que he o durar, & perseverar atè o fim da vida, para que dure, & persevere, os olhos Divinos lhe daõ a permanencia, em quanto nos confirmam na observancia de seus preceytos: *Instruam te in via hac, qua gradieris, firmabo super te oculos meos.*

Se desejamos o bem que se segue depois da graça, quero dizer a gloria, aonde o alivio he sem pena, o contentamento sem pezar, a alegria sem tristezas, o descanso sem fadiga, a segurança sem temor, o sossego sem receyo, a paz sem perturbaçam, a riqueza sem cuydado, a grandeza sem inveja, a companhia sem emulaçaõ, a amizade sem cautela, a vida sem morte, & todas as felicidades da-

quella Patria bemaventurada, nos olhos de Deos he que se cifra toda esta gloria: *Glorificatus sum in oculis Domini.* Se queremos na cegueyra, & ignorancia deste mundo, que nem o falso nos engane, nem a cavilaçaõ nos minta, nem o arrojo nos precipite, nem a inconsideraçã nos arraste, & com hũa regra certa, & que não pôde errar, queremos distinguir o bem do mal, o proveytoso do nocivo, o conveniente do cõtrario, os olhos de Deos nos ensinarão a sciência mais infallivel para os acertos: *Oculi Domini custodiunt scientiam.* Se pelas offensas, que temos cõmettido, nos achamos rãos no Tribunal Divino, & certos do crime, incertos do perdaõ tememos como culpados, porque sabemos o mal, que temos feyto, & não sabemos se estamos absoltos da pena, & queremos que Deos deponha os seus rigores, modere as suas iras, & que esquecido do castigo nos receba compassivo, & aplacado,

Jerem.
 24. *Ponam oculos meos super eos ad placandum.*

Se perseguidos da fortuna nos acompanha a desgraça, nos desconsola a tristeza, & nos affligem os successos, porque são adversos, & contrarios a nossas esperanças; nem acabamos de conseguir o que desejamos, ou porque se nos nega o posto, ou porque nos falta a justiça, ou pelo que perdemos no mar, ou pelo que não achamos na terra, & por isso andamos tristes, & angustiados, desconsolados, & affligidos; todas estas angustias, & afflições ficam remediadas com que Deos olhe, & nos veja:

i. Reg.
 1. *Si respiciēs videris afflictionem meam.* Finalmente se no estado presente tememos o que he muyto para temer, & que he razão todos temamos, & sintamos todos o mal, que toca a todos, quando os nossos infortunios são tão successivos, & as desgraças se encontraõ hũas com outras;

porque humas são, porque nos perdemos, & outras porque nos não sabemos remediar; se tememos, digo, sermos acometidos de nossos inimigos, que já a sua ousadia, & a nossa remissão lhes tem dado atrevimento para nos virem buscar a nossas casas, & o receyo bê fundado nos faz perceber os ultimos estragos, em que ficaremos victimas de seu odio, & despojos de sua vingança; porque as nossas forças não são bastantes para nos defender, a nossa attenuação sobeja para nos arruinar; naquelles olhos temos dous muros firmísimos, & inexpugnaveis para nossa defesa, & para nossa segurança: *Muri tui coram oculis meis.* *Isai.*
 49.

Todos estes bens são effeytos de vossos olhos, & todos são certísimos indícios do muyto que nos amais quando em nós os pôdes. Mas que diremos crucificado Senhor? Que diremos quando nos vemos cercados de tantos males, senão que apartais de nós a vista?

vista? Lembra-me a mim que quando escolheste os Portuguezes para instrumentos de vossa gloria, & para estabelecerdes nelles o vosso Imperio, dissestes, que na sua attenuação lhe havieis de pôr os olhos, & os havieis de ver: *In ipsa attenuata iterum respiciam, & Videbo.* Este só favor nos bastava para nos vermos na mayor felicidade: mas o q̄ hoje experimentamos he, que a nossa attenuação já veyo, & que a vossa vista ainda não chegou. O mayor castigo com que ameaçaveis antigamente o vosso povo, era o não olhardes para elle: *Avertam oculos meos à vobis.* Este foy então o vosso ameaço; & este he agora o nosso castigo: então se pronunciou a sentença, agora se executou a pena; porque vòs já parece que não vedes, ou que nos não quereis ver. Pois meu Deos,

Isai. 64

Ne irascaris Domine satis, basta já tanto rigor, cessam tantas iras, & ponde termo á vossa vingança, ainda que justa, & justissima. Lem-

brayvos da vossa promessa, & esqueceyvos das nossas offensas: *Ne ultra memineris iniquitatis nostrae.* Vede meu Deos, & meu Senhor: *Ecce respice,* & vede que supposto todos somos culpados, que com tudo isso todos somos povo vosso: *Populus tuus omnes nos.* E sendo nós povo vosso, será decente à vossa piedade, será conveniente à vossa honra, & será decoroso á vossa cleyção, com a qual nos escolheste para vòs, que permitais nossa ruina, que dissimuleis em nossas perdas, & que vòs mesmo nos castigueis com tanta vehemência: *Numquid super his continebis te Domine, tacebis, & affliges nos vehementer?* Se para nos amparar basta o vernos, vede, & amparai-nos: *Protector noster aspice Deus.*

Ibid.

Ibid.

Ibid.

Ibid.

Psalma

63.

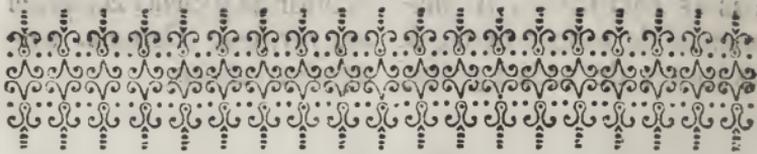
Mas se me differdes que não merecemos a vossa visita, porque nos fizemos indignos da vossa protecção; está muyto bem Senhor, & por isso não olheis para nós, já que nós o não me-

recemos ; mas não deyxéis de olhar para quem o nam desmerece : olhay Senhor por aquellas grades , que tendes muyto que ver ; & olhay que se não virdes , te-reis muyto mais que sen-tir. Supponhamos Senhor que por nossa desgraça , & por vòs apartardes de nòs os olhos , que tomòs rên-di-dos , & conquistados ; & se o formos , que vos parece que será? Vòs o sabeis mui-to bem ; mas ainda affimeu vo lo quero dizer : todos os que assaltarem essas fracas muralhas , que nos defen-dem , que sem vòs não ha fortaleza que não seja fra-ca ; todos os que entrarem os nossos muros , a primey-ra investida que haõ de fa-zer , será contra este sagra-do claustro , em que está de-positada a vossa honra em tantas Esposas vossas. Não pondero às consequencias desta desgraça , porque só a imaginação de ser possível causa horror , causa pânico , & causa assombro ; pois o que faz assombro , pânico , & horror á nossa considera-

ção , como não meterá com-payxam á vossa ternura? Nam he o vossò coração tão duro , que se não abrande ; não he tão esquivo , que se não enterneça ; não he tam isento , que não tenha ze-los : zelay pelo que vos to-ca á vossa honra ; zelay pe-lo que vos pertence ao vos-so decoro ; & zelay pelo que deve zelar o vossò amor : pelo muyto que tivestes a nossas almas , & para que nenhum outro affecto as profanasse , quizestes mor-rer nessa Cruz , dando a vi-da por aquelles meismos , q̄ nella vos pregáraõ com tres cravos : & pelas almas , que só por vossò amor se crucificáram com vosco com tres votos , que fareis? Fareis Senhor pelo affecto que vos merecem , pela cor-respondencia que vos guardaõ , pelo respeito com que vos veneraõ : fareis pe-lo amor que vos tem , & pe-lo amor que lhe tendes , que todos sejamos o emprego de vossos olhos , que sam a origem de todas as felici-dades , o principio de to-das

das as fortunas. , o ma- penhor da gloria: *Ad quam*
nancial de todo o bem, & nos perducatur *Dominus om-*
as fontes de toda a graça, *nipotens. Amen.*





SERMAM

DO APOSTOLO

SAMPAULO,

O QUAL TODO HE ALLEGORICO,

*Prègado no Collegio de S. Roque na Cidade de
Goa, anno de 1705.*

Tibi dabo claves Regni Cælorum. Matth. 16.

QUAMOS hoje com as
chaves na mão a-
quelle grande ho-
mem, que melhor soube me-
near o montante da Fé (o
Apostolo, digo, São Paulo).
Tibi dabo claves; & se bem
parecem encôtradas as in-
signias com que a Igreja no
lo representa armado na es-
tampa daquelle altar, & cõ
que a mesma Igreja no-lo

pinta sem armas no Euan-
gelho deste dia; naquella
estampa empunhando a es-
pada, & neste Euangelho
usando das chaves: são com
tudo estas duas tão contra-
rias insignias muyto seme-
lhantes nos effeytos; por-
que na mão de S. Paulo tan-
to servio a espada de abrir
caminho para o Ceo, quan-
to serviraõ as chaves de a-
brir

brir as portas da Bemaventurança. Dondè os golpes daquella espada, & as voltas daquellas chaves nem fizeraõ mais, nem obráraõ menos; porque ou fosse cortando, ou desfechando, tudo o que fizeraõ foy abrir. Sò poderá parecer a alguém menos arriscado o abrir das chaves, do que o abrir da espada: porque a espada corta quando abre; as chaves abrem sem cortar: para abrir cortando he necessario grande pulso; para desfechar abrindo, qualquer movimento da mão basta: eu com tudo considerando a difficuldade, que tem o uso de hum, & outro instrumento, me venho a persuadir, que muyto mayor he o risco, que se encontra no uso das chaves, do que o risco, que se pôde temer no exercicio da espada.

E para que ninguem me diga que esta proposição he de quem não sabe o que peza aquella Cruz, devemos advertir, que no sentir de Ugo Cardeal, & Laueto, as chaves neste lugar nam

significaõ outra cousa mais que o poder, & o saber, para abrir, & mais fechar as portas do Ceo, & que o poder das chaves foy cõmettido a S. Pedro, como Principe, & Prelado universal da Igreja; & o saber abrir com ellas foy cõmettido a S. Paulo, como a Doutor das Gentes, & Apostolo o mais zeloso da conversam do mundo. *Claves*, dizem estes dous Authores, *sunt potentia, & scientia discernendi, qua dignos recipere, & indignos excludere a Regno: Petro quidem dicitur præcipuè collata clavis potentie ligandi, & solvendi, Paulo verò scientie.*

E deixando as chaves em quanto significaõ o poder, razaõ porque com espectralidade pertencem a São Pedro, como Principe, & Prelado universal, & tomando-as pela razaõ do officio, com que todos ajudados da Divina graça podem usar dellas em proveyto seu, & do proximo, razam pela qual pertencem com especialidade a S. Paulo; digo que

que o mais arriscado modo de abrir he o das chaves: assim como nas chaves ha duas voltas, assim ha tambem dous officios: com hũa volta fechoã, & com outra volta abrem; & sendo para isto necessarias na fechadura guardas, este he o mayor risco dos dous officios das chaves; porque se podem mudar as guardas, & errar as voltas no abrir, & mais no fechar: pôde o que as tem abrir para si, & para os que são seus; & pôde fechar para os outros, & para os que por seus não julga: & q̃ desgraça seria, se aquelle a quem se entregáraõ as chaves, lhe contentásem tanto as guardas, ou se embarcasse tanto nas voltas, que para si tudo tivesse aberto, & para os outros tudo fechado; para os que não fofsem seus tudo aferrolhado, & todos a sete chaves; & para os seus tudo de par em par, & muyto á vontade de cada hum, para cada hũ fazer, o que quizesse?

E se me differem que toda esta desgraça se evitaçõ

a ultima clausula do nosso thema: *Claves Regni Caelorum*, que estas chaves sam do Ceo, & naõ da terra, & que nas chaves do Ceo naõ ha que temer desigualdades: respondo que tambem Elias teve em hũa occasiam as chaves do Ceo, & o que com ellas fez Elias, foy fechallo, & aferrolhallo de tal forte, que em tres annos, & meyo ficou de bronze: *Quando clausum est Caelum annis tribus, & mensibus sex.* E citando tam fechado para os outros, nam estava assim para Elias: para toda Samaria estava o Ceo fechado, a terra em hum perpetuo estio, secos os trigos, & as fontes secas, despídos os montes, & os valles despídos, sem haver hũa gota de agua, ou hũa folha verde: mirrava-se o vegetativo nas plantas, o sensitivo nos animaes, & se pudesse ser, atè o racional se mirraria nos homens, sem haver vida, ou cousa vivente, que naõ estalasse á sede: & no mesmo tempo estava Elias muito abundante com

o que

o que Ihe vinha de parte muyto superior que era o Ceo: *Panem, & carnes mane, panem, & carnes vesperè.* Nam falte a Elias o regalo, que vay pouco que os de Samaria não tenham que comer, nem quem lhes dê hũ bocado.

Porém ainda isto não he nada; o que mais pôde admirar he, que até o mesmo Christo, em quem estava o poder proprio, & natural para abrir, & mais fechar, se mostrou á nossa rudeza proprietario em hũa occasião, pois disse, que não havia de abrir senão para os seus: *Non sum missus nisi ad oves, quæ perierunt domus Israel.* Bem sey, que o q̄ passou nestes dous successos foy mysterio: mas o que foy mysterio em Christo, & em Elias, pôde ser em outros abuso: o que aqui foy disposição Divina, pôde ser em quem não tiver o espirito de Elias, & o zelo de Christo, por mais que o queyra fingir, & por mais que se queyra cubrir com elle, payxaõ, & vingança; & a

razão disto he; porque ainda que as chaves sejam do Ceo, & muyto do Ceo, algũs homẽs, a quem se entregão, são da terra, & muyto da terra; & homẽs tanto da terra com tantos poderes do Ceo quando nada nada será huma ira de Deos.

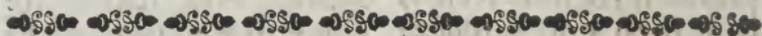
Não o digo eu, disse o antigamente São Gregorio Papa: *Multi cum regiminis curam suscipiunt ad lacerandos subditos inardescunt.* Muytos com semelhante poder tudo o que obraõ he estrago, tudo o que executaõ he ruina, porque o dominio, que exercitaõ, he destroço com que assolam: *Terrorem potestatis exhibent, & quibus prodesse debuerant nocent.* O final por onde se conhece, o que podem, he o terror com que procedem; & devendo ser proficuos, são nocivos: *Et quia charitatis viscera non habent, Domini videri appetunt, Patres se minimè recognoscunt; humilitatis locum in elationem dominationis immutant.* Como Ihe faltaõ as entranhas da caridade

*D. Greg.
ex Hom.
17. in
Euang.*

ridade, tudo nellas he soberania de dominantes, & nada cômiseraçam de pays, & o que devia solidar a humildade, desvanece a soberba: *Et si aliquando extrinsecus blindiuntur, intrinsecus se viuunt.* Se alguma vez com fingida brandura se mostram no exterior suaves, lá no coração tudo são ferezas: *De quibus aliàs Veritas dicit, qui veniunt ad vos in vestimentis ovium,*

intrinsecus autem sunt lupi rapaces. Em fim são aquelles, de quem falla Christo, que disfarçaõ bravezas de lobos com pelles de ovelhinhas mansas: sendo pois estas as desgraças, que podem haver no exercicio das chaves, para sabermos como S. Paulo soube usar dellas com ventura, necessito da graça, que nos abra o discurso.

Ave Maria.



Tibi dabo claves Regni Cælorum.

SE lançarmos os olhos por todo este mundo racional, acharemos, que a todos aquelles, aquem Deos com a luz da razão communicou o lume da Fé, entregou tambem as chaves do Ccc; porque ninguem ha, que o não possa abrir, & que o não possa fechar; & se lançarmos os olhos por toda a Republica Christãa, acharemos o modo de abrir, & o modo de fechar complicado variamente: vere-

mos hús, que attentos unicamente á sua salvaçaõ, só della trataõ: estes abrem, & não fechaõ: abrem para si, porque se salvaõ; não fecham, porque não impedem a salvaçaõ alhea.

Veremos outros, que descuydados de tudo o que he Bemaventurança, como se não ouvera outra vida mais que a presente, só desta trataõ, & totalmente esquecidos do que devem ás obrigaçoens de Christãos,

mor-

1. ad
Corint.
9.

morrem como se o não foram: estes fechaõ, & nam abrem: fecham, porque se perdêram; não abrem, porque não foubirão usar dos meynos da sua salvação. Outros veremos, que indifcretamente zelosos se empregam na salvação dos proximos, sem nunca tratarem da sua, aos quaes alludia S. Paulo: *Ne cum alijs predicaverim, ipse reprobis efficiar*: estes abrem, & fecham; mas abrem para os outros, porque os proximos entraõ na gloria; & fechão para si, porque elles ficam fóra da Bemaventurança. Outros veremos, q̄ em caso de se haverem de fechar as portas do Ceo para algũs, tratam de ver se as podem abrir para si, ainda que se fechem para os mais: assim o fizeram as Virgens prudentes do Euangelho, de quem falla S. Lucas: estes abrem para si, & em certo modo fecham para os mais; porque com risco da propria salvação não procuram a salvação alhea.

Ha mais outros, a quem

Christo chama cegos, & guias de outros cegos, os quaes sem attenderem ao precipicio da sua cõdenação levão cõsigo muytos á mesma ruina: estes fechão para todos, & para ninguem abrem: não abrem, porque se perdem; & fecham, porque arrastão comsigo a muytos imitadores dos seus exemplos. Ha finalmente outros, que tratando com tigual cuidado da salvação alhea, & da propria, elles, & os mais se salvão: estes para ninguẽ fechão, & para todos abrẽ: desta sorte abriraõ os Apóstolos, & todos aquelles varões Apostolicos, que lhes succedêram no zelo, os quaes á custa de seus suorres, & suas peregrinações carregados de despojos entrãram triunfantes na Bãventurança, ou seguidos, ou precedidos de innumeraveis almas por seu meyo convertidas.

Estes, se me não engano, são todos os modos, que pôde haver no uso das chaves do Ceo, os quaes podemos reduzir a seis classes:

a pri-

a primeyra dos que só para si abrirão: a segunda dos que não souberão abrir para si: a terceyra dos que abrirão para os outros, & para si fecharão: a quarta dos que na contingencia do fechar, & do abrir abriram para si, ainda que se fechasse para os mais: a quinta dos que para si, & para os mais fecharão: a sexta dos que abrirão para si, & para os mais. Abrir só para si he cautela: não abrir para si he descuydo: abrir para os outros, & fechar para si, he ignorancia: não abrir para os mais na contingencia de fechar para si, he temor: fechar para todos he arrojão, he precipicio: & abrir tanto para si, & com o mesmo cuydado para os outros, he zelo, he virtude, & he perfeição. E sendo este o modo de usar das chaves, vendo hoje com ellas a S. Paulo na mão, o não vejo em nenhuma destas classes, a que temos reduzido todos os modos de saber abrir com ellas.

Mas como assim hũ San-

to, que não deu ventagões a nenhum outro, ou na perfeição propria, ou no zelo da conversão, & salvação do mundo, que se nam ache no concurso de tantos, que souberão usar das chaves em beneficio das almas? Que se não ache com os acutelados, que só attendêrão á propria salvação, passe; pois foy Santo para todos: *Omnibus omnia factus sum.* Que se não ache com os descuydados, quem sem perdoar a diligencia, nem a disvelo foy o mais solícito no caminho da Beaventurança, está bem. Que se não ache com os indifcretos, quem como Mestre da mais alta sabedoria governou todas as suas acções pelos dictames da razão mais ajustada, não ha duvida. Que se não ache com os temerosos, quem tinha tal resolução, que ainda na contingencia do proprio risco procurava que se segurasse a salvação do mundo: *Optabam anathema esse à Christo pro fratribus meis,* não me admira. Que se não ache

1. ad
Corint.

9.

Ad
Rom. 9.

ache

ache entre os cegos, & precipitados, quem pelos passos seguros do Ceo soube guiar aos homẽs, he razãõ; mas que se não ache entre os varões Apostolicos o Apostolo por antonomasia? Que não esteja junto com São Pedro, quem com igual zelo foy inseparavel nas mesmas acçoens? Sim, & mais não deve causar admiração: porque no particular de abrir com as suas chaves foy S. Paulo muyto singular, & por esta razam se não acha com os mais, quem de todos foy diferente. Soube abrir como Apostolo, he verdade; mas com modo tão particular, & tão proprio do seu zelo, que assim como excedeo aos mais: *Abundantiùs omnibus illis laboravi*, assim foy diverso de todos.

Os Apostolos, & todos aquelles varões Apostolicos, que foram gloriosos imitadores dos seus exemplos, o mais a q̃ chegarão, & o mais q̃ fizeram foy, que com o mesmo cuidado, com que abrião para si, abrião

tambẽ para os mais; S. Paulo de tal sorte abriu para os mais, como se não abrisse para si: eu me explico: era tão grande o zelo, que ardia no coração de S. Paulo, para salvar o mundo, que se por impossivel depẽdesse do risco proprio a salvação alhea, nam duvidaria S. Paulo de se expor a todo o risco, com tanto, que os proximos se salvassem: desta sorte entendem os Expositores o que de si nos deyxou escrito o mesmo Apostolo: *Optabam anathema esse à Christo pro fratribus meis*. Se for possivel, q̃ se perca Paulo, para que o mundo se salve, não importa nada, que se nam salve Paulo, com tanto que o mundo se nam perca: & quem atẽgora com semelhante zelo abriu as portas do Ceo? Quem como S. Paulo abriu para os mais, como se nam abrisse para si, quando nesta supposiçãõ só pertendia a salvação dos proximos, aindaque a sua se não conseguisse? Por testemunho irrefragavel do mesmo Apostolo

Ad
Rom. 9.

I. ad
Corint.
15.

tolo sabemos, que trabalhou mais que todos: *Abundantiùs omnibus laboravi*; por estes immensos trabalhos, por estas gloriosas fadigas o sublimou Deos a tantos graos de gloria, quantos foram os merecimentos heroycos de suas virtudes; mas tudo obrou S. Paulo com tanto desinteresse do premio, com tanto gosto no servir, com tanta gloria no padecer, que como se fora de si esquecido, as suas glorias eraõ as penas, o seu timbre era o servir, & o seu premio era a salvaçõ das almas; & isto porque? Porque tudo quanto obrava, & padecia, era pela salvaçam dos proximos: *Omnia sustineo propter electos, ut & ipsi salutem consequantur.*

O quanto tenhaõ de heroyco as circumstancias, q̄ concorrem em taõ apostada, como extraordinaria resoluçã, para S. Paulo afirmar que trabalhára mais que todos, & isto para salvar aos proximos, se pòde conjecturar medindo, &

ponderando todas aquèllas difficuldades, que devia vencer, pois reduzido a estes termos, em que quasi esquecido de si mesmo todo se empregava no bẽ alheyo, se via combatido de tres violencias, todas grandes, todas fortes, & todas quasi insuperaveis, que eraõ deixar as glorias, padecer as penas, & buscar á custa de tantas fadigas, & trabalhos o alivio para outros: deyxar as glorias combatia o gosto; padecer as penas combatia o sensitivo; querer que outros gozassẽ o fruto de seus trabalhos, combatia o interesse proprio: para deyxar as glorias, havia de cortar pelo alivio; para padecer as penas, havia de apurar o sofrimento; & para que os outros se salvassẽ á custa dos seus trabalhos, havia de despir toda a propriedade; & neste vigoroso combate, nesta animosa contẽda, em que podia esmorecer o entendimento, em q̄ podia desmayar a vontade, em que podia oprimirse a alma,

alma toda, he que se esforçára a fineza, he que se alétava o zelo, he que se animava a caridade de S. Paulo, para ter nas suas penas a gloria, no seu desinteresse o premio, & nas suas aflições o bem dos proximos. Tudo nos dirá o mesmo S. Paulo.

Quem visse aquellas incansaveis, mas gloriosas fadigas, com q̄ o Apostolo das Gentes sempre vigilante, & sempre cuydadoso, sempre solícito, & sempre applicado sem sossego, se quietação, & sem descanso se empregava no caminho da perfeição, he sem duvida, que se havia de persuadir, fazendo comparação de Sam Paulo com os mais Santos, que o fim a que se dirigiam passos tanto de Gigante no caminho do Ceo, era unicamente para ir subindo de virtude em virtude até chegar ao monte de Sion, que he a Bemaventurança: *Ibunt de virtute in virtutem, videbitur Deus eorum in Sion*. Porém quem ouvise a S. Paulo no meyo de todos estes

trabalhos, he certo que mudaria de conceyto, quando por boca, & testemunho do mesmo Apostolo entendesse, que não era este o unico fim, mas que tudo offerencia, & tudo obrava aquelle tão desinteressado, como zeloso espirito pela salvação dos proximos: *Omnia sustineo propter electos, ut & ipsi salutem consequantur.* 2. ad Tim. 2. Defenganem-se, diz S. Paulo, os que avaliaõ os meus empregos, & os medem com aquella estimação, com que medem as obras dos outros, & saybaõ, que tudo o que padeço, lá vay dirigido á salvação dos proximos.

Eu não sey nestas circunstancias, nas quaes por modo tão diverso vejo a S. Paulo abrindo com as suas chaves, se diga que foy isto exceder só aos mais, ou se a crescente que foy gloriosa emulação, com que S. Paulo quiz imitar a Christo no mesmo motivo de padecer. Tudo foy: foy excessão aos mais, como mostraõ as ventagões, com que tão se adiantou a todos; & foy glori

riosa emulação, pois isto he o que resolutamente affirmo o mesmo Apostolo. Escreve S. Paulo aos Filipenses, & diz assim: *Sequor autem si quomodo comprehendam, in quo & comprehensus sum à Christo Jesu.* Eu de tal forte vou seguindo, & imitando as acçoens de Christo, que me animo quanto posso a copiar em mim quanto obrou, para me fazer em tudo hũa perfeyta imagem daquelle Divino exemplar. Mas aonde esteve esta propria, & verdadeyra imitação? Esteve em que Sam Paulo na salvação das almas obrasse pelo mesmo motivo, que Christo obrou.

Christo desde primeyro instante de sua concção até o ultimo periodo do tempo, em q̄ espirou na Cruz, tudo foy padecer, & tudo foy merecer: encarnado no v̄tre de sua purissima Mãe padecco a clausura de nove mezes: tanto que sahio ao mundo, logo começou com a pobreza, & desemparro do presépio, com o ri-

gor, & desabrigo do tempo, com o desconhecimento, & ingratação dos homẽs a fazer hum penoso ensayo do que depois havia de padecer, que foraõ os desterrados da patria, as perseguiçoens de Herodes, o jejum de quarenta dias, as peregrinações continuas, as injurias, as afrontas dos proprios, & dos estranhos, as prizões, os açoutes, os cravos, a Cruz, a lança, & todo aquelle mar de penas de sua Payxaõ; & isto tudo, porque, ou para que? Para nos salvar a todos: de forte que em tudo, o que obrou Christo, eraõ os homens todos o fim porque obra-va: *Christus pro omnibus mortuus est.* Pois este tudo, & este para todos era o fim, a que S. Paulo anhelou por imitação de Christo: *Omnia sustineo propter electos.* Este obrar, este padecer todo, & para todos, em Christo foy exemplo, em Paulo imitação; em Christo caridade, em Paulo correpondência; em Christo fineza, em Paulo desempenho.

Ago.

Agora se entendera melhor aquelle texto, que só á vista desta imitação, desta fineza, & deste descompenho tem a propria, a natural, & verdadeyra intelligencia. *Adimpleo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea.* Eu, diz S. Paulo, encho em mim tudo aquillo, que faltou á Payxaõ de Christo A Payxaõ de Christo em tudo foy perfeyta; porque na execuçam foy contumida: *Consummatum est*; no rigor das penas completa: *Saturabitur opprobrijs*; no merecimento, & no valor infinita; & no termo adequada, porque foy por todos, & para todos: *Pro omnibus mortuus est.* Pois se a Payxam de Christo por todas as suas partes foy infinitamente perfeyta, & o infinito tem tudo o que pôde ter, que he o que lhe faltou? Da parte de Christo nada; mas da parte dos homês faltoulhe haver quem repctisse, & quem imitasse tão grande fineza, & tão soberano exêplo; & isto he o q encheo, &

o que supprio S. Paulo; porq applicando todos os seus trabalhos á salvaçam dos homês, repetio em quanto ao motivo a Payxaõ de Christo; & imitou em quanto á fineza o seu exêplo. Esta he a energia, com que falla o texto; porque aonde a nossa vulgata verte, *Adimpleo*, encho, lê o original, *Reimpleo*, encho outra vez: Christo ercheo a Redempção, & salvaçam dos homês satisfazendo por elles não só com sufficiencia, mas com superabundancia; S. Paulo encheo outra vez repetindo, aindaque nam encheffe satisfazendo. A Payxaõ de Christo toda, & para todos em ordem ao merecimento: os trabalhos de S. Paulo todos, & para todos em ordem á imitação.

Esta he a verdadeyra razão, porque eu dizia ao principio, que nos não devia admirar, não acharmos entre os mais Santos a Saõ Paulo no modo de abrir cõ as suas chaves; porque quẽ se adiantou tanto a todos,

que se fez semelhante a Christo, não he muyto que ficasse deffemelhante dos hemês, pois se por todos morreo Christo, por todos trabalhou S. Paulo: Christo morrendo fez que para todos se abrissem as portas do Ceo; S. Paulo padecendo trabalhava, porque nenhum ficasse de fóra: *Omnia sustineo propter electos, ut & ipsi salutem consequantur.*

Os que leraõ, ou tem noticia do incomparavel pezo de trabalhos, que por amor dos proximos sustentou este Atlante da Igreja Catholica, & vendo o muyto a q̃ se estende, & o muyto que abraça este todo: *Omnia sustineo*, com razaõ poderám dizer: & nam bastaria menos? logo ha de ser tudo? Não bastaria para o ardente zelo, & caridade de S. Paulo, que fosse hũa parte dos seus trabalhos, que ainda sendo parte, não havia de ser pequena, quando o todo era tão immenso: padeça embora pela salvação dos proximos aquellas tant

compridas, & dilatadas peregrinaçoens: *In itineribus jepe*, em que caminhando tantas distancias a pé, & descalço sem nunca ter descansão, & raras vezes abrigo ao Sol, á chuva, aos rigores, & inclemencias do tempo, correo tantas Provincias, & tantos Reynos, que quasi se cansa a penna de S. Lucas, para nos descrever tam comprido itinerario: & se aos caminhos da terra quizer acrescentar as viagens das suas navegaçoẽs tão frequentes, como arriscadas, entrem tambem neste roteyro os perigos, que experimentou no mar: *Periculis in mari*; que basta dizermos, q̃ foram no mar, para dizermos muyto: as tempestades tremenda, & furiosamente armadas: os ventos conjurados, & implacaveis: a não gemendo com a violencia do temporal, que hũas vezes a subia a topetar com as gavesas nas estrellas, outras a despeinhava a romper com a quilha as areas mais profundas: os mareantes no espan-

Ad Gal.
lat. 11.

tofo choccar do combatido baixel acudindo sem tino, & obrádo sem acordo, por que em cada balanço esmo recia hũa vida, & em cada onda se bebia hũa morte: os bayxos roncando temerosamente ao perto; mas a terra tam longe, que quanto menos se podia ferrar o porto com as ancoras, tanto mais se apartava da esperança o remedio, & finalmente por alivio de todas estas molestias, sustos, & temores naufragar tres vezes, ficando hum dia, & hũa noyte debayxo das ondas sumergido: *Ter naufragium feci; nocte, & die in profundo maris fui.*

2. ad
Cor. 11.

Naõ bastaria esta parte? Naõ, diz S. Paulo; ha de ser tudo: *Omnia*. Está bem: mas se o fogo daquelle zeloso coração se naõ apaga com tanta agua, & debayxo das ondas vapora incendios appetecendo mais trabalhos, não bastará que padeça as perseguiçoens daquelle espirito maligno: *Stimulus carnis*, que com nome de

2. ad
Cor. 11.

Angelus Satanae, dandolhe hũa, & outra bofetada: *Qui me cclaphizat*, o que pertende, o que anhela, & o que procura he o descredito, & a deshonna, he a injuria, & a afronta do Apostolo; tanto assim, que o reduzio a taes termos, & a taes apertos, que nos naõ ha de negar o mesmo Apostolo, que quasi'chegou a vacillar a sua constancia, & o seu sofrimento, & por mais alentada que era a sua paciencia, com repetidas instancias pedio a Deos olivrasse de tão importuno, como domestico, & terrivel inimigo: *Ter Dominum roga vi, ut diceret à me?* E que sabe o que seria, se Deos com especial graça o nam fortalecesse, & animasse: *Sufficit tibi gratia mea?*

E se quer ainda mais, ofereça, & padeça, por acudir a seus proximos, & os sustentar no caminho da salvação, ver-se perseguido dos seus mesmos com tanto excessõ, que a commiserançaõ, que achou nos esrañhos, lhe faltou nos pro-

prios; pois contra a conjuração dos proprios o defendêraõ os estrangeiros; & o que he mais, criminado, & accusado pelo Principe dos Sacerdotes, que feyto parte, & fiscal nos Tribunaes, & diante dos Ministros Romanos allegava contra toda a verdade, razão, & justiça ser o Apostolo hum homem pestilente, & o principal motor de todos os desafossegos, que padecia o Judaismo, & que só tirando do mundo a semelhante homẽ poderia haver quietaçam: *Invenimus hunc hominem pestiferum, & concitantem seditionem omnibus Judæis in universo mundo.*

Ainda não basta; haõ de ser esses trabalhos, & ham de ser todos, diz S. Paulo: *Omnia*; haõ de ser as misérias, & as pobreza; as fomes, & as sedes; os desempãros, & enfermidades; as afficções, & as dores; as angústias, & as penas; os diavelos, & os cuydados; as neves, & os frios, & todas as mais incommodidades

do tempo, & da necessidade: *In labore, & arumna; in vigilijs multis; in fame, & siti; in jejunijs multis; in frigore, & nuditate.* Haõ de ser as perseguições, as invejas, as iras, os odios, as tyrannias, as cavilações, as treyções, os testemunhos, as calumnias, & accusaçoes falsas contra a innocencia, contra a verdade, & contra a razaõ: & isto de quem, ou por quem, pelos ladroens: *Periculis latronum?* Sim, mas he pouco: pelos gentios? *Periculis ex gentibus?* Sim, mas não admira: pelos povos barbaros, & infieis: *Periculis in civitate?* Sim, mas não he nada. O que he muito, o que admira, & o que faz pasmar, he que ham de ser pelos do mesmo sangue, & pelos que eram irmãos na mesma profissaõ, que falsos, & fementidos se armaõ contra o Apostolo: *Periculis ex genere, periculis ex falsis fratribus.* Em fim ha de ser tudo: *Omnia sustineo propter electos.*

Porẽm se tudo ha de ser servir, & padecer por bem dos

dos proximos, & por lhes abrir as portas do Ceo, que he, o que espera para si o Apóstolo? De Deos muyto, dos homês nada. De Deos muyto; porque quanto menos cuydava de si, tanto mais se mostrava Deos cõ elle folicito, & cuydadofo: *Reposita est mihi corona justitiae, quam reddet mihi Justus Judex.* Padeça, & sofra todas essas afrontas, & odios; todas essas calumnias, & falsidades: padeça ver-se feyto alvo da tyrannia, objecto da vingança, & assumpto dos mayores desprezos, que como padece pela salvaçãõ dos proximos, & porque se não perca huma alma, nem saya fóra do caminho da perfeçãõ, & para que se abraõ as portas da Bemaventurança, & se fechem as entradas do inferno; que Deos como Justo Juiz lá está medindo todos esses trabalhos, lá está pezando esses pezares, & lá está avaliando essas penas, para dar a cada hum, o que he seu. Terá o Apóstolo o premio da sua paciencia,

logrará o fruto das suas fadigas, mas isto dado por Deos, & só por Deos, que dos homês nada espera, não era bem, que esperasse: serve por servir, & no servir he que tem toda a sua recõ-pensa.

O grande merecimento fica muyto mayor ainda no desinteressẽ: servir por premio he conveniencia; servir por servir he fineza: quem serve pelo que lhe haõ de dar, contrata; quem serve por servir, obriga; & a melhor paga do que se obra he a mesma aççãõ, que se executa, sendo a virtude o mais honrado premio: *Ipsa quidem virtus pretium sibi.* *Claud.* & não he tam pouco generoso o Apóstolo, que se haja de persuadir, que as suas aççoens lhas podiaõ pagar os homês. Quanto mais, que para o Apóstolo saber o como costumaõ satisfazer beneficios ainda os mais obrigados, nam lhe era necessario lêbrarse de Joseph vendido por seus irmãos, os quaes amava ternamente; nem de David perseguido

do por Saul depois de tantos empenhos, em que o meteo o seu valor, arriscando a vida por quem lhe desejava beber o sangue: batava, que olhasse para si: batava, que consultasse a sua mesma experiencia.

Quem mais servio que Sam Paulo, quem mais padeceo, & quem melhor obrou? Lá o veremos humas vezes ir navegando em serviço da Religião, em credito da Fé, & para sossego dos proximos. Lá o veremos saltar outras vezes em terra, mas não para buscar alivio, & divertimento; mas para satisfazer as obrigações do seu Apostolado, bautizando, & convertendo almas; tratando com os infieis, para lhes mostrar a cegueyra dos seus erros; fazendo da pratica familiar, disputa dos mysterios da Fé: se lhe contarmos o tempo da sua vida, não haverá instante que não gastasse em prégar, doutrinar, & ensinar, sem nunca furtar o corpo a tam penoso exercicio; não acharemos, que ti-

veisse outras horas de descanso mais que aquellas, que gastava em tratar do bem do proximo, ajudando, & soccorrendo a todos, & tomando como proprias as afflicções alheas: *Quis infirmatur, & ego non infirmor? quis scandalizatur, & ego non furor?* Compassivo com os pobres, caritativo com os necessitados, & todo para todos: *Omnibus omnia factus sum.* E depois de tanto trabalhar, & de tanto servir afrontado, & injuriado, & perseguido, & obrigado a recorrer a Roma por sua defeza: *Cæsarem appello*, contra as calumnias de sedicioso, & perturbador, q̄ se lhe impunhaõ: pois que podia S. Paulo esperar dos homẽs, quando na propria experiencia tinha aprendido á custa de tantas molestias, o como elles pagam a quem serve?

Digo que não esperava, nem tinha que esperar dos homens; & que só de Deos esperava muyto; porẽm ainda neste particular, não sey que

Ad Gal.
lat. II.

que esculpulos vejo na generosidade de S. Paulo, que até para com Deos se deyxá considerar mais ambiciofa do serviço, que do premio. Que he o que fazia o Apóstolo? Servia a Deos no que padecia, & no que obrava pela salvação do mundo; & neste padecer, & neste servir quaes eram os impulsos daquelle coração; quaes eram os affectos, ou os desejos daquelle vontade? *Libenter gloriabor in infirmitatibus meis. Mibi autem absit gloriari nisi in Cruce Domini nostri Jesu Christi.* Tudo, o que desejava, & appetecia, erão penas, & mais penas, erão trabalhos, & mais trabalhos; mas com esta circumstancia, que nas penas, nos trabalhos, nas afflicções, & na Cruz tinha S. Paulo a sua gloria: *Libenter gloriabor in infirmitatibus.. Absit gloriari nisi in Cruce.* A Cruz, & os trabalhos sam aquellas chaves, com que se abre a Bemaventurança; por aqui se entra ao descãço, & por aqui se faz pa-

rente aquella eterna felicidade; & tendo S. Paulo por descanso os trabalhos, que padecia pelos proximos, & por gloria a Cruz, que levava por bem das almas, q̄ podemos dizer á vista desta resolução?

Poderá dizer algũ á vista della, & considerando a S. Paulo depois de muyto servir com novos trabalhos que padecer, que dava fundamento para se julgar que servia a Deos, como quem servia aos homens. Quem serve a Deos, serve a quem pelo que obra lhe ha de dar o alivio: quem serve aos homens, serve a quem pelo q̄ merece lhes ha de acrescentar as penas. O premio com que Deos remunera os trabalhos de quem o serve, he o descanso da gloria: a satisfação, que acha quem serve aos homens, he verse condemnado a mayores angustias. Quê serve a Deos, leva a Cruz para por ella subir à Bemaventurança: quem serve aos homens, carga com o pezo de muytas afflicções, para depois se
ver

ver crucificado : & servin- do Sam Paulo a Deos com tantas fadigas , & suores, com tanto pezo de afflicções, & de angustias , & no cabo de tudo isto acharse com a sua Cruz , & com os seus trabalhos por gloria; porque nos não parecerá que servia a Deos , como quem servia aos homēs ? A satisfação , que costumam dar os homens , o premio, que alcança , quem os serve, são as penas, são os trabalhos, & são as afflicções; & estas penas, estes trabalhos, & estas afflicções erão a gloria de S. Paulo, erão o que mais desejava depois de tanto padecer : *Libenter gloriabor in infirmitatibus. Absit gloriari nisi in Cruce.*

Com tudo, ainda que assim possa parecer , eu nam digo tanto ; mas digo que para S. Paulo se fazer mais semelhante a Christo , & mais diverso, & deffemelhãte dos mais Santos , assim devia obrar , assim devia padecer. Os outros Santos quando padecem , ou pela propria salvação , ou pela

salvação dos proximos, levão a Cruz nos hombros, & os olhos na Bemaventurança, & a Bemaventurança para onde caminhaõ lhes diminue o pezo da Cruz q̄ levaõ : Sam Paulo levava a Cruz com os olhos na mesma Cruz , porque posta de hũa parte a Cruz , & da outra a Bemaventurança, chegou a deyxar a Bemaventurança, por levar a sua Cruz. Os outros Santos levam a Cruz para alcançarem a gloria , ou para si , ou tambem para os mais : a Cruz he o meyo , & a gloria he o fim: Sam Paulo, ouve occasião , em que chegou a trocar os termos , & fez da gloria meyo , & da Cruz fim; porque sobindo á gloria, deyxou a gloria, & veyo á terra a continuar com os seus trabalhos , & com a sua Cruz : esta foy hũa vocação singular, com q̄ Deos o escolheo : os outros Santos , que Deos escolhe, depois de passarem os trabalhos, & levarem a Cruz, lá os sobe ao Ceo, aonde ficaõ gozando o premio dos seus mere-

merecimentos: *Tollite jugum meum super vos, & invenietis requiem.* A S. Paulo tambem o escolheo para a gloria, mas com esia differença, que depois de estar na gloria, ainda veyo á terra a levar a sua Cruz.

Na occasião, em que Christo desceo á terra para converter a S. Paulo, & o escolheo para hum ministerio de tanto pezo, & de tão to trabalho, como era o Apostolado das Gentes, nesta occasião pois, que algũs querem que seja a mesma, em que foy arrebatado ao terceyro Ceo, aonde vio aquella gloria ineffavel, q̄ a sua mesma eloquência nos não pode explicar, disse Christo fallando do mesmo Apostolo: *Vas electionis est mihi iste. Ostendam illi quanta oporteat eum pro nomine meo pati.* Paulo he o meu escolhido, & por isso lhe quero mostrar o muyto, que ha-de padecer. Não reparo em que Christo venha do Ceo á terra a buscar a Sam Paulo, acção de q̄ podemos conjecturar, que fez por

hũ só S. Paulo tanto, como fez pelos mais homens todos. A viagem que o Divino Verbo fez do Ceo à terra, foy por todos: *Qui propter nos homines, & propter nostram salutem descendit.* E vindo do mesmo Ceo a buscar a S. Paulo, como nam diremos, que fez nesta decida por S. Paulo só, o que fez por todos? porque emfim Christo era o melhor pastor, & Paulo nesta occasião a ovelha mais perdida.

Mas o que reparo he, que quando S. Paulo he escolhido para padecer, o leve Christo á gloria, que he o lugar, & o termo donde todos acham o descanso de suas penas, & o alivio de seus trabalhos; padeça primeyro tudo, o que tem que padecer, & depois irá como vaõ os mais a descansar; mas ir ao lugar do descanso, estar na gloria, & depois deyxar a gloria do Ceo, para vir á terra a levar a Cruz? Sim; porque esta he a prerogativa unica, & singular de S. Paulo, sair da gloria do Ceo para

os trabalhos da Cruz, quando os mais sahem dos trabalhos da Cruz para a gloria do Ceo. Sair dos trabalhos da Cruz para o descanso do Ceo fazem os outros Santos, & o fez no Calvario o bom Ladrão; mas sair do descanso do Ceo, para vir a levar a Cruz na terra, & abrir com aquella chave a Bemaventurança, isso só S. Paulo entre os mais Santos o chegou a fazer; & só hũa santidade tão crescida, & tam agigantada como a sua podia deyxar as delicias do Ceo pelos rigores da Cruz; mas por isso mesmo diverso dos mais Santos, & por isso mesmo muyto semelhante ao Gigãte de mayor santidade, & do mayor zelo Christo bem nosso.

Falla David da vinda de Christo ao mundo, & ainda que a Fé nós ensina q̄ veyo feyto Menino, o Profeta Rey afirma, que partira do Ceo como Gigante: *Exultavit ut Gigas ad currendam viam*. E porque razão usa aqui o Profeta desta que parece impropriedade de

fallar? Se Deos quando vê se faz Menino, porque lhe chama Gigante? Porque pondera David o lugar donde partio o Divino Verbo, & o fim para que veyo: *A summo Caelo egressio Iesus, & occursum ejus usque ad summum ejus*? Partio do summo do Ceo, do seyo do Eterno Padre, & do lugar da sua gloria, & veyo ao mundo a padecer o summo do abatimento, & o mais a que podia chegar a paciencia: deixou a gloria do Ceo, para sofrer os trabalhos, & levar a Cruz na terra; & pareceolhe a David esta acção de tão excessiva santidade, que se persuadio o Profeta a não podia explicar bem, senão usasse de algum termo expressivo da mayor grandeza, & por isso chamou a Christo Gigante; porque deyxar o alivio da gloria pelas afflicções da Cruz; fazer degraº do descanso para o trabalho, he só de hum Gigante da santidade: *Exultavit ut Gigas, &c.*

Estes foraõ os excessos da;

daquelle Gigante da fantidade infinita, & pelos mesmos passos o foy seguindo tambem o nosso Gigante da fantidade creada : do terceyro Ceo , que na melhor opiniaõ he o summo, *A summo Celo* , veyo a buscar a Cruz , & tudo o que se podia padecer : *Et occurfus ejus usque ad summum*. Atè aqui podia chegar a bizarria de hum peyto resolutivo a seguir , & imitar a Christo , & como daqui por diante não ha mais por onde passar, pois temos chegado ao summo , tambem a mim me não fica mais que dizer.

Este he o Santo , que como Padroeyro celebramos todos os Filhos da Companhia, & este he o que na India nos deu o nome de Paulistas : & se alguem cuydar, como eu algum dia cuydava, que aquelle glorioso appellido de Apostolos , com que em Europa nos honra a devoçaõ, ou estimaçaõ Portugueza , se diminuo com o de Paulistas , que na India logramos , engana-se: porq̃ tam longe esteve de se

diminuir , que se acrecentou : pois assim como Sam Paulo se adiantou aos mais Apostolos no que obrou, assim nós na India como Paulistas ficamos com vantagens aos Apostolos de Portugal imitando a Sam Paulo. A obrigaçaõ dos Apostolos só foy tratarem dos outros , como tratáraõ de si : o zelo de S. Paulo emulando mayores empregos chegava a tratar mais dos outros, que de si; & este he o timbre , & deve ser em nós a obrigaçam de Paulistas.

Chamo-lhe obrigaçam, porque he dobrada a divida que temos de encher as medidas de tão grande nome, quando assim no lo deixou escrito no seu exemplo o nosso grande Patriarca: assim no lo deyxou intimado na sua imitaçam o nosso grande Padroeyro: ambos não reparáraõ no proprio risco, com tanto que os homens se salvassem : gloriosos incentivos são estes, para nos animarmos á mesma empreza tão como Filhos de

de Ignacio, quanto como patrocinados de Paulo, para desta sorte merecermos o nome, que logramos. Mas quando algum de espirito menos heroyco, & menos resoluto, não suba a esfera de Paulista, & se contente como o zelo de Apostolo, ao menos não deça tanto, que degenerede hum, & outro glorioso appellido. Bem sey

que quem assim obrar, será por muyta fraqueza de espirito, mas anime-se em Deos, que logo poderá tudo: *Omnia possum in eo, qui me confortat.* Nem S. Paulo como tam interessado na salvação do mundo faltará com a sua intercessão para os soccorros, nem com a sua valia para a graça, peñhor da gloria, &c.





SERMAM

DE

N. SENHORA

DAS

BOAS NOVAS

EM OCCASIAM QUE SE ESPERAVAM
do Reyno pelas guerras presentes: com o
Sacramento, sendo Mordomo o Viso-Rey
da India Cayetano de Mello de Castro.

*Prègado na Freguesia de Saõ Pedro,
anno de 1705.*

Ne timeas Maria: Ecce concipies, & paries.

LUC. I.



O tempo, em que
todos ou suspira-
mos, ou esperamos
as noticias nas nossas ma-

yores felicidades a que po-
dia aspirar o nosso desejo,
que muyto que já de ante-
maõ como preludio das nos-

U

fas

las venturas nos chegasse hum dia, em que festejássemos as boas novas, quando passão tantos, em que não fazemos mais, que lamentar novas tristes? Mas aonde se havia de celebrar esta fortuna, senão nesta casa, & com as circunstancias, que hoje concorrem nesta solemnidade, tanto da parte do Ceo, como da parte da terra? Eu! me explico, & será como o passo mais proprio, que podem ter as mesmas circunstancias.

A melhor, & mayor nova, que recebeo antigamente o povo Hebreo, foy, quando teve a noticia da sua liberdade. Aparece Deos a Moyfès no meyo de huma Çarça toda abrazada em incendios, & toda illela entre os ardores do fogo: *Apparuit ei Dominus in flamma ignis*; & se quizermos saber qual era o motivo desta maravilha grande, que assim lhe chamou Moyfès:

Genes.
3.

Ibid.

Vadam, & videbo visionem hanc magnam, acharemos que não era outra mais que aquella felicissima, & espe-

rada nova da liberdade do povo tantas vezes prometida pelos Oraculos Divinos. Pois para hũa boa nova tanta concurrencia de prodigios, tanta variedade de personagens: Moyfès, fogo, Çarça, Deos, & Deos não de qualquer sorte, senão Deos escondido, & Deos disfarçado, porque aonde a nossa vulgata lê: *Apparuit ei Dominus*, tem outra versão: *Apparuit ei Angelus Domini*? Sim; que quando Deos quer communicar hũas novas boas, & felices, assim dispoem os annuncios, assim dá noticias dos successos; & tudo isto devia concorrer, para que os Hebreos lograssem a fortuna prometida, & todas aquellas felicidades vaticinadas.

Moyfès era aquelle grãde homem, a quem Deos com poderes amplissimos tinha entregue o governo do povo, & o tinha feyto seu lugar-tenente no Egipto: o fogo era aquelle amoroso, & ardente affecto; em que Deos se abrazava para

para se unir com a nossa humanidade : a Çarça era aquella purissima Virgem, & immaculada Senhora, a quẽ nunca tocou o incendio da culpa : & Deos disfarçado era aquelle mysterio escondido, em que Deos encuberto a nossos olhos se manifesta á nossa Fé na mayor maravilha da sua omnipotencia, o ineffavel, & venerando Sacramento do Altar : & concorrendo hum Capitão Geral do povo, cõcorrendo a Encarnaçam do Divino Verbo, concorrendo Deos sacramentado, & concorrendo Maria Santissima, por cujo meyo faz Deos os mayores prodigios, por cuja intercessam obra as mayores maravilhas, & por cujo respeyto concede os mayores favores, que havia de succeder, que se podia esperar, senão toda a felicidade, toda a vètura, & a nova mais desejada, que finalmente havia de ser a confirmação de todas as promessas, o complemento de todas as desejadas Profecias, & a execução de

todos os suspirados vaticinios, em fim a nova mais feliz de tudo, o que se podia desejar?

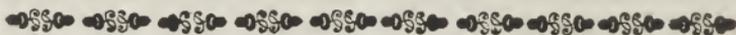
Naõ sey verdadeyramente, se no que tenho dito expliquey aquella maravilha grande, que antigamente se vio no monte Oreb; ou se descrevi o maravilhoso prodigio, que hoje se vê neste Templo : tudo foy: expliquey, o que então se vio, pelo que agora se vê; porque o que agora se vê na realidade, he explicação do que então se vio naquella sombra, & o que no monte Oreb foy imagem, he neste Templo exemplar. Promettidas por Deos ha muytos seculos, vaticinadas pelos Oraculos ha muytos annos estam tambem as nossas felicidades, & para boas novas de futuro, para feliz annuncio dos successos, que esperamos, assim como no monte Oreb concorreo a figura, assim corre hoje aqui, o figurado: hum Capitão Géral com o pezo do governo sobre os hombros : o fogo do amor

Divino aceso naquella Çarça; quero dizer, o mysterio da Encarnação do Divino Verbo nas purissimas entranhas de Maria Santissima: *Ne timeas Maria: Ecce concipies, & paries;* & Deos, mas escondido, & sacramentado naquella custodia, para que á vista do concurso de todos estes prodigios, & maravilhas, que aqui se representaõ, não possa haver desconfiança q̄ duvide, de que teremos novas muyto felices, muyto ditosas de successos prosperos, & de felicissimos progressos, quando vejamos compridas as divinas promessas, & experimentemos a verdade de todos aquellos Oraculos, que vaticinárão as nossas melhoras.

Se as boas novas, Senhor, as desse quem as deseja dar, occasião era esta, em que se

podia dilatar o affecto na accommodação de tantos vaticinios, que confirmados pelo que já foy, mostrariaõ com a mesma certeza o que ha de ser; & quando o assumpto não contentasse pela sóma, creyo que não descontentaria pela materia: mas como as boas novas não as dá quem só as deseja dar, & só as pòde dar, quem as segura, callarey o que sinto, aindaque sacrifique á violencia de hum receyo toda a inclinação de hũa vontade; & só mostrarey, que debayxo do patrocinio da Senhora das boas Novas, terãõ as nossas tanta segurança, & tanta felicidade, quanta podemos desejar; para assim o fazer recorramos á fonte da graça por intercessão da mesma Senhora.

Ave Maria.



Ne timeas Maria: Ecce concipies, & paries.

Que não dá boas novas, quem as deseja dar, & só as pòde dar boas, quem as segura, dizia eu, & o diz

o diz tambem a experiencia de todos : a quantos, & com grãde defejo se derão boas, que depois as tiverão tristes ? a quantos se defejáraõ felices , que as experimentáraõ desgraçadas ? Porque importa pouco que as novas sejam boas no defejo, & que sejam felices na vontade, se na realidade nem felices são, nem são boas. Daqui vem, que faltando a segurança da felicidade, & da bondade nas novas, tanto se temem as que sam boas, quanto se temem as que sam más : as más temem-se pelo que podem ser ; & pelo que não podem ser, se temem as boas. Como neste mundo tudo he contingente, não nos podemos segurar no bem, nem nos podemos segurar do mal : antes como de ordinario he. o bem tão raro, & o mal tão continuo, mais fundamẽto tem a nossa duvida para temer a desgraca, do que tem a nossa confiança para esperar a felicidade. A variedade, com que se alternão os successos, nem na prosperidade

promette subsistencia, nem permanencia nas ditas. O dia dos gostos he a vespora dos pezaros, & aonde acaba o riso começaõ as lagrimas; sendo tão natural esta variedade, que tiraria o ser às cousas, quem lhe tirasse a mudança : são pensoes da terra, que Deos nos poz cá neste mundo, aonde tudo he vario, aonde tudo he inconstante, & de tão pouca duração.

Aquillo que os antigos chamárão fado, & nós ainda agora chamamos fortuna, erraremos, se cuydarmos que he outra cousa mais que a Providencia Divina, que sem violentar as causas segundas deyxá correr os successos naquella varia resolução, com que tudo, o que ha neste mundo, está fugeyto a hũa perpetua alternativa ; donde applicado Christãmente todos aquelles attributos, cõ que a gentildade pintou esta sua fingida Divindade, veremos praticado por disposiçãõ Divina o que ella erradamente ideou na figu-

ra do fado, ou da fortuna. Pintavase pois a fortuna cõ o mundo em hũa mão, sobre o qual estava tambem huma cornucopia symbolo das felicidades: na outra mão tinha hũ leme: a figura era hũa mulher com azas nos pés, & estes postos sobre hũa roda, que sempre corria, & que se movia sempre: & que outra cousa era esta figura mais que hũa expressa imagem, com que a Divina Providencia dispoem as cousas cá da terra? nã quaes como não ha firmeza, por isso todas estão sobre hũa roda; porque o mundo volta; as felicidades correm, o leme a cada instante se vira, & quando carrega todo, então nos deyxá mais arriscados a darmos pordavante: & finalmente com aquellas azas tudo voa, tudo foge, & tudo desapparece, porque ordenou a Divina Providencia, que não ouvesse na terra prosperidade firme, nem felicidade segura.

E reduzindo esta generalidade universal a termos

mais particulares, & nã quaes a fortuna sobre varia inconstantissima, ainda nas circumstancias presentes têm mayor força a contingencia, & mayor fundamento a desgraça, para que as novas nos não foffeguẽ; nem nos segurem os annũcios. As novas, que na presente occasião esperamos todos, são as novas dos felices successos: & como haõ de vir essas novas? Haõ de vir com a data da campanha, & hãõ de fer escritas pela guerra com sangue nas folhas das espadas. E na campanha aonde as bandeiras vitoriosas mais firmes seguem o vento vario, que as move; na guerra, que trabuca, & poem por terra muralhas de marmore, & ainda que fossem de bronze, ou de diamante abalariãõ ao seu vayvem; na campanha aonde Marte precipitado de toda a sua furia he muyto mais inconstante, muyto mais vario, & muyto mais instavel que a mesma fortuna, na guerra, em que qualquer accidẽte des-

com-

compõem toda a substancia de hũa empresa, qualquer descuydo por pequeno que seja malogra os mayores successos, que firmeza, que segurança se pôde esperar? Contra este receyo, que na presente occasião parece bẽ fundado, já eu ao principio disse, que concorrendo, & estando da nossa parte aquella soberana Carça, não podiamos duvidar da nossa felicidade; mas para de todo ficarmos na certeza da melhor ventura,

Respondo, que não ha certeza, nem ha segurança, que se possa esperar, se o lharos para a imagem da fortuna correndo sempre, sempre voltando, & voando continuamente de huma para outra parte: mas se tirarmos os olhos da fortuna, & os puzermos em quẽ sabe, & pôde pizar a sua inconstancia, & ter mão na sua roda, que he Maria Santissima, temos muyto que esperar, porque temos nella a segurança. O adagio antigo entre os Romanos, para explicar a felicidade

constante de hum sugeyto, era dizerse, que tinha posto hũ cravo na roda da fortuna, porque pregada a roda ficava immovel. E quem diremos que faz immovel esta roda, senão quem de tal forte a soube pizar que a deyxou firme? Voltemos de huma roda a outra roda, da roda da fortuna á roda da Lua.

O mesmo que nas letras humanas achamos explicado pela fortuna, lemos nas Divinas letras symbolizado pela Lua, que andando sempre em hum perpetuo movimento ora chea, ora minguate, ora crescendo, ora diminuindo, he hũa perpetua variedade, hũa continua inconstancia: & se perguntarmos a San Joaõ no seu Apocalypse, q̃ he o que observou na Lua, dirnos ha que observou hum prodigio, & huma maravilha, que foy huma mulher, que trazia a essa Lua debayxo dos pès: *Luna sub pedibus ejus*. Ninguem pôde duvidar, que esta mulher era figura expressa da Mãe

Apoc.
12.

de Deos; & o que se pôde duvidar, he só em que consistio este prodigio, & em que esteve esta maravilha. Esteve a maravilha, & o prodigio, diz o Doutissimo A Lapidem, em q̄ sendo a Lua figura da variedade, & da inconstancia, que experimenta tudo o que ha neste mundo, teve tanto poder Maria Santissima, que a pode deter, & fazer parar dando firmeza ao vario, & estabilidade ao inconstante do seu movimento, & do seu curso: *Quasi basis fulcit, & sustentat... ipsa cuncta temporalia, & omnem creaturarum mutabilitatem despicit, ac pedibus calcit.* Fez do que era roda base, & do que era inconstante firme; porque o que no tempo he movimento, o que nas creaturas he mudança, tudo pelos poderes de Maria fica immovel: & assim havia de ser para ser prodigio: estar sobre a Lua, & deyxar correr a Lua com a sua natural inconstancia não podia causar admiração, quando este era o modo ordinario, &

natural da Lua: & só podia ser maravilha, quando contra a natureza da mesma Lua ouvesse quem dominasse tanto sobre os seus influxos, que não deyxasse movimento á sua variedade.

Ainda não temos dito tudo, porque ainda nos resta quando, em que tempo, ou occasião se obrou este prodigio. He reparo do mesmo A Lapidem para mayor maravilha, & para mayor prodigio deste prodigio em ordem ás presentes circumstancias: foy isto, como he agora, na occasião em que se tratava dos successos da guerra: *Agitur enim hic de bello*: para que entédamos, que sendo as cousas do mundo todas varias, & os successos da guerra ainda mais varios, he tal o poder de Maria, que faz immovel o mais vario, & que faz permanente o mais inconstante, & que só ella, por mais contingentes, que sejaõ os successos, os pôde annunciar seguros.

Mas porque nada disto se

se obrou sem as mesmas circumstancias, que hoje concorrem, he necessario advertirmos mais, que os poderes daquella prodigiosa Mulher sobre a inconstancia da Lua foram tambem naquella conjunçam, em que se via Mãy, & em que se via diante do trono de Deos; & qual he o trono de Deos, em que se mostra mais humano para conceder favores? Quando he Maria Mãy para obrar prodigios? O trono das Divinas misericordias he aquelle soberano mysterio do Sacramento: Maria he Mãy, quando concebe em suas purissimas entranhas ao Divino Verbo: & tudo isto he o que hoje vemos junto assim naquellê altar, como nesta solemnidade: naquellê altar a Christo sacramentado, & na solemnidade deste dia a Maria pela Encarnação feyta Mãy de Deos homem: *Ecce concipies, & paries*; pois sendo o titulo de Mãy tão soberano para obrigar a hũ Filho ou encerrado no ventre,

ou exposto naquelle soberano trono; que inconstancia se pôde temer, & que desgraça se pôde recear, quando he tal a valia de Maria diante daquelle trono, quando são taes os seus poderes a respeyto de hũ Filho concebido em suas purissimas entranhas, que não haverá variedade na natureza, que não esteja sujeita ás suas disposições? não haverá roda na fortuna, por mais violento que tenha o seu impulso, que não pare, & que se não detenha a tam poderoso Imperio?

A hũa Senhora Franceza, que era na Corte a mais bem vista; & que nella tinha o mayor poder, se peidio em huma occasião a sua valia para certo despacho; & vendo que o negocio era de pouco momento, & que sem muyto empenho se podia acabar, respondeo que a sua intercessão não era para cousas tão pequenas, & que facilmente se podiam conseguir, senão para materias, ou difficiltozas, ou impossiveis de alcançar. Es-

ta reposta, que aqui foy hũa affectada ostentação sem fundamento, he em Maria prerogativa propria, & muyto devida aos seus privilegios: alli não havia poder para o difficultoso, & menos o poderia haver para o impossivel: porque aquella valimento não chegava a ter força de preceyto, ou de obrigação, & quando muito chegaria a ser rogo: Maria póde obrigar como Mãy, & como Mãy póde mandar: & quando mande, & quando obrigue, nam será já esta a primeyra vez, que Deos como Filho esteja fugeyto á obediencia de tal Mãy, porque já do Evangelho nos consta a sua fugeyção; & então não era menos Deos do que he agora, nem agora he menos Filho do que era então, porque então, & agora sempre Deos he Filho, & sempre Maria he Mãy. Donde veyo a dizer S. Gregorio Nicomediense, que os rogos de Maria para com Deos são imperio, as petições são decretos, & as execuções

obediencias: porque se gloria tanto este Filho de obedecer a sua Mãy, que não despacha as suas petições como graça, senão como divida: *Tuam enim gloriam Creator existimans esse propriam, & tanquam Filius ea exultans, quasi solvens debitum implet petitiones.* E por isso aindaque seja contra todos os decretos da fortuna, que he o mais difficultoso nos successos contingentes; aindaque seja contra todo o concurso das causas naturaes, que he o mais impossivel na ordem da natureza, huma Mãy de Deos tudo póde, hũa Mãy de Deos tudo obra; nem na Lua haverá mudança que não páre, nem na guerra armas, que se nam rendam, quando Maria dispoem, & quando Maria se empenhe. Com tudo porque a guerra a todos poem medo; & quando algum se preze de tão animoso, que negue o temor, não poderá negar o receyo, que he outra casta de medo mais honrado, & cu quizera, que nem o re-

Greg.
Nicom.
Orat. de
oblat.
Virg.
Deip.

ceyo,

ceyo, & muyto menos o temor, tivesse lugar nesta occasião, apertando mais este ponto, bem sey que o titulo, que o Profeta Amos deu a Deos, foy o de Senhor dos exercitos: *Dominus exercituum nomen ejus*; porque em nenhũa materia usa Deos mais livremente do seu dominio do que nas vitorias; porque as dá a quem quer, & como quer, sem que seja necessario por se da parte dos mais mosquetes: & tambem sey, que naquelle trono do Sacramento he aonde Deos se mostra sempre vitorioso do mundo, como advertio Santo Agostinho: *Eucharistiæ Sacramento totus mundus subjugatus est*. Porém nada d'isto pôde encontrar a nossa felicidade, para não estarmos seguros das boas novas: porque ainda que Deos seja o Arbitro da guerra, ainda que o Sacramento seja o que vence, sempre Maria com o titulo de Mãe he a que poem de cerco ao mesmo Deos dos exercitos, & o mesmo Deos dos exercitos,

ou fóra, ou dentro do Sacramento sitiado com tam apertado cerco, ha de conceder os triunfos, a quem Maria determinar as vitorias: parecerá, que digô muyto, mas em dia de boas novas bem pôde ter lugar esta grande novidade.

Creavit Dominus novum super terram. Creou Deos, diz o Profeta Jeremias, creou Deos sobre a terra hũa cousa nova, & tão nova, que nem no mundo se vio outra igual, nẽ no Ceo se considerou podia haver outra semelhante; & qual seria esta cousa nova, & tão nova? *Femina circumdabit virum*. Foy, diz o Profeta, q hũa mulher poria de cerco a hum Varão. O Varão de quem aqui falla Jeremias he o Divino Verbo encarnado: & chama-se Varão na sua conceyção, para distincção da conceyção dos mais homens. Todos os outros homens quando se concebẽ, & quando se geraõ, não só lhes falta o serem homens, mas nem ainda chegam a serem meninos, porque an-

Jeremi.
31.

tes de se lhes infundir a alma racional, não são mais que huns corposinhos vegetativos, ou sensitivos, mas homens não: porém não he assim o Divino Verbo encarnado; porque Christo desdo primeyro instante de sua conceyção foy sempre Varão perfeytissimo, não só com todas as potencias d'alma, & do corpo, senão tambem com o uso dellas quanto permittia o lugar: & esta he a razão, porque o mesmo Christo a differença de todos os que nascerao de mulher se chama homem, homem: *Homo, & homo natus est in ea*; porque não só he homem em quanto á natureza, senão tambem homem em quanto ás operaçoens: deste homem pois no sentido moral nunca menino, deste homem sempre homem, & homem Deos, he que falla Jeremias, quando diz que huma mulher o havia de pôr de cerco: *Mulier circumdabit virum.*

E porque usa aqui o Profeta pela palavra cercar,

ou pôr de cerco, termo não só novo, & inaudito, mas ao parecer improprio? Diga que se ha de conceber, q se ha de gerar, & que ha de nascer; que isto he o que disse tambem Isaías, & da mesma frase usa o nosso Euangelho: *Ecce Virgo concipiet, & pariet... Ecce concipies, & paries.* Mas que Deos se ha de cercar, & que se ha de pôr de cerco, nome proprio da milicia nos assedios? Sim; porque alludia aqui o Profeta aos termos por onde se explicava Amòs, quando considerava a Deos Senhor, & Arbitro da guerra: era Deos o Deos dos exercitos, era o que trabucava o mundo, era o que conquistava os Reynos, & os Imperios fazendo delles hum jogo vario da fortuna; *Ludens in orbe terrarum.* E a hum Deos das batalhas só lhe detem os progressos quem o cerca, & obriga a partidos; & como Maria Santissima na Encarnação pela prerogativa, q logra de Mãy, he a que dispocem das vitorias, por isso

he

Psalms.
86.

Isai. 7.

Prov.
8.

he que põem a Deos de cerco, para que rendido a seus rogos, vencido da sua intercessão, & ainda do imperio, & poder de Mãy deyxе lograr os triunfos sem mudança, a quem Maria segura constantes, & sem variedade as fortunas.

Assim obriga hũa poderosissima Mãy a hum Deos encarnado posto de cerco, em que se deyxа render de quem tanto pôde; & pela mesma razaõ se vê tambem de cerco naquella trono do Sacramento, em que dá leys ao mundo, para obedecer a quem reconhece com privilegios de Mãy. Ao Sacramento da Eucharistia chamaõ os Theologos, *Extensio Incarnationis*, Encarnação dilatada, & estendida; porque Deos encerrado naquella custodia he o mesmo, que encarnou naquellas entranhas, & tam Filho daquella Mãy naquella trono, como o foy sempre no sagrado claustro, em que foy concebido: donde se por respeyto da Encarnação deyxа a Maria

dispor dos triunfos, pela mesma razaõ no trono do Sacramento lhe deve conceder todas as vitorias, porque naquella custodia não he menos Filho, do que o foy em feu purissimo ventre: elle será, o que fugeite o mundo, mas a vitoria sempre será da parte que tiver por si esta Mulher forte, & tam forte, & tam poderosa, que chega a obrigar não só pedindo como inferior, senão mandando como Mãy: & se isto de mandar, que agora digo, & disse já, parecer muyto, não he doutrina minha, he de S. Pedro Damiaõ: ouça mos o devotissimo Padre.

*Accedit ad aureum illud se Veritatis tribunal non ro-
gans, sed imperans, domina,
non ancilla.* Vòs Soberana Rainha, quando no trono de vosso Filho representais que faça o q̄ vòs quereis, não o fazeis como subdita, senão como Senhora; não pedis por favor, mas ordenais, & mandais com imperio, o que quereis que faça; & assim se executa. E dan;

*S. Petr.
Dam.
apud
Vieyra
10m. 2.
Rosar.
Serm.
28.*

dando a razão este tão douto, como devoto Santo, porque assim se deve fazer, çõclue com estas palavras, que não tem resistencia: *Quomodo enim potestati tue obviare potest potestas illa, que de tuis visceribus traxit originem?* Porque nam pôde ser, que encontre os vossos poderes aquelle poder, que tomou o ser de vossas entranhas. Grande, & fortissima razão, que parece foy talhada para o nosso caso! Para vencer o mundo todo, tudo pôde o poder de Deos naquelle seu tronõ, em que Maria como Mãy o poem de cerco; mas nõ sentir de S. Pedro Damiaõ só huma cousa parece que não pôde: *Quomodo enim potestati tue obviare potest potestas illa?* que he deyxar de seguir a vontade de sua Mãy, & porque se lembra, que recebeo o ser daquellas purissimas entranhas, que por estar cercado nelas, não trata já de resistir, mas todo se entrega a partidos, & se rende ao arbi-

trio de huma Mãy vencedora.

De todo este discurso bem se deyxaver a segurança, com que já daqui nos podemos alegrar com as boas novas, quando em Maria Santissima temos tão bom annuncio dos successos; mas porque animos acustumados a desgraças sempre duvidaõ das venturas, & aindaque todos estão certos, que empenhando Maria o seu poder, será infallivel a nossa felicidade; com tudo, com que certeza podemos segurar este empenho, quando o nosso procedimento tam pouco merece o favor? & nesta supposiçãõ, em que sem duvidar do poder ha tantas razoens para duvidar do empenho, quantas sabemos que ha para o não merecermos; como não temeremos a contingencia, & porque não teremos receyo, que se malogre o nosso desejo, & se frustre a nossa esperança, principalmente quando as noticias, que ha pouco recebemos, não sam de qua-

qualidade que nos não deixem muitas duvidas? Pósto pois neste caso (q̄ he o lanço mais apertado) que não succeda o que esperamos, ainda nos pôde ficar confiança para esperarmos boas novas? Digo que sim; mas isto como? O como he, que na contingência de hũa, & outra fortuna prospera, & da fortuna adversa, o que devemos fazer he, que se os successos forem felices, havemos de temer, & se forem desgraçados, havemos de esperar: & para que? Vay agora a consequencia: para sempre as novas serẽ boas; porque o temor na felicidade as fará seguras, & a esperança na desgraça as fará felices.

Affim a consequencia, como o antecedente, parecem termos implicados: temer quando forem prosperos os successos, & quando forẽ adversos esperar? Alegrar nas fortunas, & desesperar nas desgraças, são os dous effeitos mais naturaes do coração humano; & muito mais se o coração for

Portuguez, o que por boa razão não devia de ser affim. Deo-nos Deos hum coração tam grande, que não cabẽdo nos limites do nosso Reyno, teve ousadia para se estender ao mundo todo: mas com todo este coraje, tanto nos enche, ou nos incha qualquer prosperidade, tanto nos defanima qualquer desgraça, que defamentimos o coração; que temos: sendo pois a alegria no prospero, & a desesperação no adverso os mais naturaes effeytos do coração, esperar no adverso, & temer no prospero, será trocar os affectos da vontade. Assim he; porém affim deve de ser para conseguirmos, o que esperamos. O dia da melhor nova, diz S. Bernardo, foy aquelle, em que o Anjo embayxador deu noticia á Mãe de Deos da Encarnação do Verbo, & neste dia tam feliz he que foraõ os temores, he que foraõ os sobressaltos no coração da Senhora: *Netimeas Maria*; & a razão d'isto deu São Atanasio; porque

Genes.
28.

que não he tanto para temer a grandeza do perigo que nos ameaça, quanto a grandeza do bem, ou da felicidade, que se logra: *Timor enim non solum ex mali imminentis consideratione, sed etiam ex magnarum rerum aspectu incutitur.* Adiante daremos a razam de tudo, vamos agora á prova.

A Jacob lançou o Ceo hũa escada por onde subio á mayor grandeza: alli se vio o mais sublimado na descendencia, o mais bem afortunado na dita, & finalmente com huma victoria taõ grande, que chegando a lutar com Deos, teve tanta ventura, que venceo: com tudo, que effeytos causou esta felicidade, & esta victoria em Jacob? *Terribilis est locus iste.* Espanto, receyo, cuydado, desafossego, & temor. O que nõs tambem esperamos he hũa, & muytas victorias: eu as considero cõseguidas com grande ventura; porẽm advirtamos, que não ha victoria, em que a fortuna não

arrime a sua escada, por onde os vencedores sobem a colher as palmas: mas oh que temor nos deve causar a mesma escada! pois não tem degrao, pelo qual assim como se sobe, se não possa descer: & como as mesmas palmas, q se colhem, estaõ taõ perto dos cocos, nam pôde haver victoria, que não ponha espanto. Os mesmos vencidos, que por hũa parte servem ao triunfo, por outra devem causar grande temor, principalmente sendo leões; & hum leão ainda depois de morto mete medo; porque aonde os leões acabam, tambem acabarãm os homẽs, por mais homẽs que sejaõ; & o que succedeo a leões vencidos, pôde succeder a homẽs vencedores.

Deste modo nos devemos haver na felicidade temendo a vista da mesma ventura. E na desgraça como nos haveremos? Esperando, dizia eu, & assim o disse tambem hum homem taõ grande, como experimentado em ambas as fortunas, & de tam dilatado

cora-

coraçam, que era cortado pelas medidas do coraçam de Deos: *Singulariter in spe constituisti me* Eu, dizia David, sou muyto singular na minha esperança: & em que esteve a singularidade da esperança de David? *Quod solus Deus hominem in solitudine constitutum, hoc est, ceteris carentem praesidijs constituat in spe.* Esteve esta singularidade da esperança de David, diz Lorino, em que por mais contraria que fosse a fortuna, por mais infelices, q̄ fossem os successos, sempre a sua esperança era firme, sempre forte, & sempre resoluta: via-se perseguido de Saul, fugitivo da Corte, mal avaliado no exercito, desamparado de todos, só comfigo, & sem mais companhia que a das suas desgraças, mas quanto mais desgraças, mais esperança.

Affim temia Jacob, & affim esperava David; David perseguido da desgraça, & Jacob favorecido da fortuna: & que se seguiu do temor de Jacob, & da espe-

rança de David? Seguiose, que Jacob temendo confirmou a sua felicidade, & David esperando melhorou a sua fortuna: esta he a consequencia, que se segue, quando affim se teme, & quando affim se espera. A quem temia Jacob na sua felicidade? Em quem esperava David na sua desgraça? David esperava em Deos, & temia a Deos Jacob; & o temor de Deos, & a esperança em Deos obráráo estes prodigios: & porque? Porque o temor de Jacob vendose tão favorecido faria, que se não esquecesse do agradecimento, que devia a tantas merces: a esperança de David na sua desgraça faria, que se não apartasse da Divina vontade, para a ter propicia no arrependimento; & quem se lembra de agradecer beneficios, para que a ingratição não malogre o favor, quem se chega a Deos na desgraça, para que a fortuna mude o semblante, oh como fica seguro, de que a prosperidade continue, & de que se

se acabe a desgraça! & tenho dado a razão do que acima prometti.

A razão, senhores, porque nos bons successos devemos temer, & porque nos máos devemos esperar, he, para que o temor nos faça agradecidos a quem devemos os favores; a esperança nos faça chegar a Deos, para que se não aparte de nós a sua vontade: com o agradecimento obrigaremos a Deos para que não desista do favor; cõ a uniaõ com Deos faremos, que a sua vontade não persista nos castigos. Ainda não acabamos de entender a causa, & o motivo, porq̃ Deos nos favorece, & porq̃ Deos nos castiga: os castigos, & os favores Divinos sendo entre si taõ encontrados, sempre caminhaõ ao mesmo fim, que he o nosso bem: mas este bem, que por meios tam diversos procura Deos, nós somos a causa de se não conseguir: sendo os favores do Ceo, não reconhecemos o beneficio para agradecermos a mercê: sen-

do os castigos dados por Deos, não recorremos ao mesmo Deos para que modere o rigor, & por isso os favores duraõ pouco, porque a nossa ingratitude os impede: por isso continuaõ os castigos, porque a nossa contumacia os incita: temamos pois nas mercês do Ceo para as reconhecermos como recebidas da mão de Deos, para lhe darmos infinitas graças por ellas, que eu fico, que sejaõ perpetuas: mas se o mesmo Ceo offendido nos não cõceder o favor, sirva-nos a desgraça para a emenda, & o castigo para melhorar a vida, & he sem dũvida, que movido Deos da sua piedade á vista do nosso arrependimento nos dará felicissimos successos, & nos servirá este temor, & esta esperança de segurarmos as boas novas: & porque?

Agora vay a ultima consequencia não menos admiravel que a passada: porque com este temor, & com esta esperança não será possível, que nos falte o em-

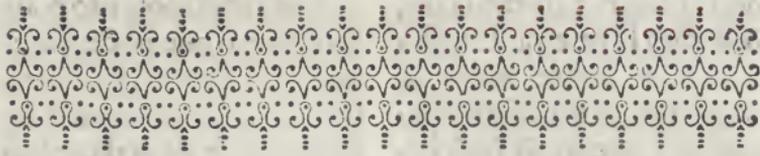
empenho da Senhora, que era o que nos fazia duvidar. Huma das cousas, que Maria Santissima affirma de si no Ecclesiastico, he ser Mãy do temor, & da esperança, que na frase da Escritura val o mesmo, que ser Mãy dos que temem, & dos que esperão: *Ego mater pulchrae dilectionis, & agnitionis, & timoris, & sanctae spei.* De sorte que o temor, & a esperança, o que obraõ em nós, he o fazernos filhos da Mãy de Deos, & he tal este titulo, que por elle fica obrigada a mesma Senhora a empenhar o seu valimento para que tenhaõ bom successo as nossas cousas. Duvidavamos das boas novas, nam porque duvidassemos do poder desta Senhora, mas porque duvidavamos se usaria do seu empenho, para nos alcançar as nossas felicidades: mas como o titulo de Mãy nos segura o empenho, já não podemos duvidar do bom successo: & quem nos diz isto? Não menos que o Espirito Santo.

Numquid oblivisci potest Isai. 49. mulier infantem suum, ut non misereatur filio uteri sui? Por ventura, diz o Espirito Santo por Isaias, poderá huma Mãy esquecerse de seu Filho para lhe nam procurar tudo o que for de commodo seu? Nam será possível: *Numquid potest?* Pois se nenhũa Mãy o poderia fazer, porque o fará hũa Mãy tam amorosa, como Maria Santissima? Não pôde Christo no sentir de S. Pedro Damiaõ faltar ao que esta Mãy lhe pede; & poderá faltar esta Mãy ao de que nós filhos seus necessitamos? Não por certo: *Numquid potest?* O titulo de Filho, & titulo de Mãy todo se funda naquelle correlaçõ, ou correspondencia, que tem estes dous extremos Mãy, & Filho: pois se Christo como Filho de Maria não nega o que ella pede, Maria sendo Mãy nossa, como negará o que nós lhe pedimos? Nam será possível: *Numquid potest?* Mas será certo, & infallível, que sejaõ taes os

notios successos, & tão boas as novas que delles teremos, como podemos desejar. Assim o espero Senhor fiado, & seguro no amparo de tal Mãe, & já daqui dou a V. Excellencia o parabem, pois não será possível, que não empenhe to-

do o seu poder vendose obrigada do zelo da devoção, & da assistencia, com que he celebrada, para nos alcançar com a sua valia muytas felicidades, & com a sua intercessam muyta graça, penhor da gloria, &c.





SERMAM

DE

NOSSA SENHORA

DA

CONCEYÇAM

DEBAYXO DO TITULO DO

LIVRAMENTO,

*Prègado em hũa Capella particular da Senhora
D. Francisca Anna de Lancaastro,
[Anno de 1706.*

*Liber generationis IESU Christi... Mariæ de qua
natus est IESUS. Matth. 1.*



AM he cousa nova, posto que seja grande, & singular, que o livro da geraçõ

de Christo sirva de elogio á Concevçãõ de Maria, que he o soberano titulo, pelo qual a devoçãõ particular

desta illustre casa consagra, & dedica hoje esta Capella á Bendita entre todas as mulheres, a purissima Virgem da Conceyção Naõ he, digo, couza nova porque de muyto tempo a esta parte tem determinado a Igreja honrar a Mãy concebida sem macula com o mesmo Euangelho, em que lemos a Conceyção do Filho, no qual nũa pode haver peccado: para que na semelhãça de hũa, & outra Conceyção, se bem com aquella differença que vay entre o creado, & increado, & do limitado ao infinito, reconheça a nossa piedade, em quanto o naõ venera a nossa Fé, o singular privilegio desta purissima creatura, a Mãy de Deos, concebida nas luzes da graça, assim como o purissimo fruto de seu ventre foy concebido nos resplandores de toda a santidade: *In splendoribus sanctorum genuit te*: o Filho por natureza concebido sem culpa; a Mãy por privilegio concebida sem macula.

Naõ sendo pois isto couza nova; o que pòde parecer novo, sendo igualmente singular, & admiravel, he q̄ havendose de dedicar hoje esta Capella á purissima Conceyção de Maria, seja com obrigação de que nam só concorra o mysterio da Conceyção, como Orago, senão tambem a invocaçam da Senhora do Livramento, como assumpto da mesma solenidade; quero dizer, que se devem juntar hoje na mesma festa o titulo de immaculada, que foy o privilegio singularissimo, unicamente concedido á Mãy de Deos, & a invocação de Senhora do Livramento, que he aquelle sollicito cuydado, cõ que a mesma Senhora continuamente exercita o seu patrocinio, acudindo, soccorrendo, & amparando a todos, os que devotamente recorrem á sua singular protecção. Que a Senhora fosse livre em sua Conceyção, esse he o mysterio, & isso he, o que não he novo; mas que Maria concebida sem macula seja tam-

tambem por este myfterio antigo, a que nos livra, & que da sua Conceyção se siga o nosso livramento, esta he a novidade.

Porém com tudo isto se representar assim, digo que nemo livro da geraçam de Christo seria tam proprio para os elogios da Conceyção de Maria; nem a Conceyçam de Maria seria tam parecida á geraçam de Christo, se no mesmo livro não achassemos o mesmo titulo, & na mesma geração a semelhança. Que he o que nos relata o livro da geração de Christo? Relatanos aquella comprida serie de Progenitores, donde segundo a carne trouxe á sua origem, & a sua descendencia o Divino Verbo, sendo concebido nas purissimas entranhas de Maria Santissima: & para que, ou para que fim foy esta geração? Para nenhum outro, como ensina a Theologia com o Anjo das Escolas Santo Thomas, mais que para ser Christo Redemptor, que nos livrasse do ca-

tiveyro do peccado; tanto assim, que se não ouvesse peccado, não encarnaria, nem seria concebido, & gerado o Divino Verbo: de sorte que o fim proprio, o fim unico, & particular para ser concebido o Divino Verbo, não foy outro mais que o nosso livramento, & esta a obrigação com que foy gerado segundo a carne.

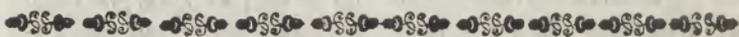
Chamolhe obrigação, porque assim lhe chamou David fallando nos proprios termos do nosso livro, que he o primeyro Capitulo de S. Mattheos, & em nome do mesmo Christo: *In capite libri scriptum est de me, ut facerem voluntatem tuam, Deus meus volui, & legem tuam in medio cordis mei.* No principio do livro, diz Christo fallando com seu Eterno Padre por boca de David, & no primeyro Capitulo delle (como se já então estivera ditando a historia, & o exordio de nosso Evangelho) no principio do livro está escrito de mim, que faça a

Psalms
39.

vossa vontade, Deos Pay, & Senhor meu; & porque esta vontade se não ha de executar de qualquer sorte, senão como preceyto vosso, em quem está o poder para mádar, & em mim a obrigação para obedecer; daqui o aceyto logo, irey ao mundo, ferey gerado, & concebido, & juntamente obrigado a livrar os homês do cativeyro da culpa, & este será o unico motivo de tomar a sua natureza fazendome homem como elles. Esta foy a obrigação do Divino Verbo feyto homem, & sendo Christo gerado com esta obrigação, para que a Mãy fosse seme-

lhante ao Filho na sua Conceyção, era bem que fosse obrigação sua o nosso livramento: Christo gerado, & concebido para nos livrar, como diz o nosso livro: *In capite libri... Liber generationis JESU Christi*; & Maria concebida em graça: *Mariae, de qua natus est JESUS*, para ser a Senhora do Livramento, como provará o discurso; & para que seja com acerto, a mesma Senhora, que desde primeyro instante de sua Conceyção sempre foy chea de graça, nos alcance parte de tão copiosas enchentes.

Ave Maria.



Liber generationis JESU Christi, &c.

O Brigada, dizia eu, que ficava Maria Santissima, sendo concebida sem peccado, a ser na sua Conceyção a Senhora do Livramento, não só porque nella ficou livre da culpa por favor especial de seu Filho,

que para isso escolheo tal Mãy, toda pura, & immaculada: *Mariae, de qua natus est JESUS*; senão tambem que para mais se assemelhar, & parecer a tal Filho, o mesmo era ser gerada, & cõcebida livre da ley do

do peccado , do que correr por sua conta o nosso livramento: porêm como aquellas verdades , que não chegam a ser materias da Fé , só se podem provar pela semelhança do que está expresso nas Escrituras; daqui vê que para conhecermos os singularissimos privilegios desta soberana creatura, andou Deos ideando desde principio do mundo nos seculos passados aquellas varias, & diversas imagões, em que se representassem tam superiores , & tão admiraveis prerogativas ; razam porque chegou a dizer São João Damasceno que todas aquellas grandes matronas, que dentro da successão dos mesmos seculos , ou a graça , ou a natureza, ou a fortuna fizeraõ singulares, forãõ a sombra deste Sol , forãõ a figura desta verdade, & foram a representaçam deste exemplar, & prototy-
po. Deyxãdo porêm aquellas figuras , em que se representavam a prudencia como Abigail , a fortaleza como Judith , a fecundida-

de como Lia , a fermosura como Rachel, & outras innumeraveis , porque sam sem numero as perfeições desta benditissima entre todas , & mais que todas as mulheres ; só tratarey do que se representou em Esther como imagem propria, que symboliza, & declara a izençaõ daquella ley universal, que condenou a todos os descendentes de Adam, ficando unicamente exceptuada Maria Santissima. Tinha ElRey Assuero conderado á morte a todos os Hebreos com ley tam universal, & irrevogavel, q̄ por universal se estendia a todos , & por irrevogavel a nenhũ perdoava : estavaõ já passados os decretos, & firmados com o anel, & sello Real , & publicado o dia da execuçaõ, de que aos mesmos conderados nam era licito appellar.

Eis-que aparece neste tempo Esther , & porque poderiaõ julgar , como julgãõ , os que ponderando só a força da ley para todos universal , sem ponderar a digni-

dignidade da pessoa de Esther condecorada com o titulo de esposa de Assuero, quem Esther ficava exceptuada daquella ley; que diria o mesmo Assuero? *Quid habes Esther? Ego sum frater tuus; noli timere: non morieris: non enim propter te, sed pro omnibus hac lex constituta est.*

Esther
cap. 15.

Que vos afflige Esther, ou que vos molesta? Se he por estar decretado que morraõ todos os Hebreos, entendey que a ley, que foy para todos, não se estende, nem se ha de praticar com vosco: todos morrerão, mas só vós ficareis livre; porque aindaque sejais parte d'elle todo em quanto ao sangue, a não deveis ser, nem fereis em quanto ao rigor da sentença.

Este o successo tão sabido, & tantas vezes ponderado, em quanto o mysterio da Conceyção tinha duvida, que necessitasse de prova; mas o que não está ponderado, sendo digno de particular reparo, he o modo, com que se ouve Es-

ther vendose livre, & izenta de tão universal decreto:

Si inveni gratiam in oculis tuis ô Rex, & si tibi placet, dona mihi animam meam, pro qua rogo, & populum meum, pro quo obsecro. Supposto que se dignou a vossa grandeza, supremo Monarca, (disse Esther) que me não incluisse a ley, que contra todos se promulgou, devendo ao vosso amor esta singularidade, o que vos peço he, que sejaõ livres os Hebreos.

Esta foy a petição de Esther, & esta a que nas presentes circunstancias nem se devia fazer da parte de Esther, nem se devia de esperar da parte de Assuero; não se devia esperar da parte de Assuero, porque o que podia suppor este Rey á vista de tão singular beneficio, era hum continuo, & multiplicado agradecimento, que em parte fosse satisfação de tão grande duvida: não se devia fazer da parte de Esther, porque a obrigação em que se achava, o que pedia era, que

reco-

reconhecesse tam finalada mercè como tinha recebido ; mas ficar Esther izenta da ley , & logo no mesmo ponto em que se vio izenta empenhar toda a sua protecção no livramento do povo ; & o que he mais, aceitar Assuero a sua supplica, & condescêder aos seus rogos despachando a petição ? Sim : & porque ? Porque neste caso nem Esther, nem Assuero obravaõ pelo que craõ, & só obravaõ pelo que representavão.

Se Assuero obrasse como Rey que era dos Persas , & dos Medos , o que pertenderia seriaõ agradecimentos á sua benevolencia, que isto he o que fazem os homens, & quanto mayores homens ainda fazem mais, porque querẽ que tudo se lhes deva. E se Esther obrasse como quem tinha apreendido as politicas da mayor Corte, que entãõ havia no mundo, tudo da sua parte seriaõ rendimentos, & obsequios, & ainda lisonjas, pelo muyto que se via favorecida, & privilegiada,

que he a doutrina dos palacios ; mas Assuero condenando, & excluindo, cõdenando aos Hebreos, & excluindo a Esther, obrava como Deos, que condenou a todos, & só livrou a Maria: Esther izenta, & excluida da ley obrava como Maria excluida, & izenta do peccado; & por isso havia de condescender Assuero com os rogos de Esther; porque não ha petição que Deos não despache a Maria; & havia de ser Esther na sua izençaõ, a que procurasse, & conseguisse o livramento do povo; porque isso he o que faz Maria, quando se vê izenta do peccado.

O decreto mais absoluto, o decreto mais irrevogavel, & universal, q̃ Deos promulgou justamente offendido pela desobediencia de Adão, não falsamente calumniado como os Hebreos, mas verdadeiramente culpado como transgressor, foy que morressem todos seus filhos pelo peccado; o dia da execuçaõ desta ley, & o termo preciso para

para se encorrer em hũ decreto tam terrivel , & com nenhum dispensado , he a quelle primeyro instante, em que se começa a viver:& como contra este decreto, & esta ley nem podia haver apepllação, que a suspêdesse, nem embargos que a revogassẽ; não deyxou de haver fundamẽto para se cuidar, que atẽ Maria Santissima ficaria cõdenada na sentença', que a ninguem exceptuava : mas como não era decente , nem convinha , que a que havia de ser Esposa, & juntamente Mãy de Deos , fosse primeyro escrava do Demonio , & a que nos havia de communizar a vida da graça , fosse primeyro morta pela culpa : o mesmo Deos declarou a sua mente , & explicou o seu decreto affirmando , & protestando , que a ley , que era para todos , não era para sua mãy Santissima: *Non propter te, sed pro omnibus hæc lex constituta est.* Contra todos se fulminou a sentença da morte: *Morte morieris*; mas

deste todo se exceptua Maria : *Non morieris* ; que he Maria a excepção sobre humana das leys de Deos: & como não ha outra creatura , que seja semelhante a Maria nos seus privilegios, não pode ser Maria como as mais creaturas nas suas desgraças; & por isso a desgraça da morte da culpa, q̄ abrangeo a todos naquella ley universal, não abrangeo a Maria : *Non propter te, sed pro omnibus hæc lex constituta est.*

Isto he o que disse Deos livrando da culpa a sua Santissima Mãy a Virgem immaculada ; & que diria a mesma immaculada Senhora vendose concebida em graça ? Disse o mesmo que ouvimos a Esther : *Si inveni gratiam in oculis tuis.* Já que Deos , & Senhor meu, já que achey tanta ventura no vosso agrado , que vos dignastes de me exceptuar de hum decreto taõ rigoroso , em que como Filha de Adão seria comprehendida, se a vossa benignidade me não livrasse , & quizes-

tes

tes por vossa misericordia que principiaſſe a vida pela graça, quando todos nãſcem, & ſe cõcebem na morte do peccado, ſendo em minha Conceyçaõ pura, immaculada, & livre de toda a culpa; elegendome logo no meſmo inſtãte para Mãy de voſſo unigenito Filho; & porque eſte Filho voſſo, & juntamente meu, nãõ ha de ſer concebido para outro fim mais que para livrar ao mundo da culpa; ſeja tambem a minha Conceyçaõ motivo, para que fique ao meu cuydado livrar os homẽs dos males que padecerem, & ainda dos rigores de vossa juſtiça, quanto for licito que o permitta a voſſa misericordia inclinada a meus humildes rogos: *Da mihi populum, pro quo obsecro.* Affim orou, & intercedeo a immaculada Senhora, & affim o concedeo o Supremo Monarca; porque affim o experimentamos continuamente da piedoſa protecçaõ de Maria Santiffima, em tal fõrma, & com tão prodigioſos effeytos,

que chegou a dizer S. Fulgencio, que ſe o ſeu patrocinio nãõ foſſe o que ſuſtẽtaſſe a todo eſte mundo electromãtar com tudo o que nelle ſe inclue, nãõ poderia ſer livre de huma total ruina: *Cælum, & terra jam diu ruiffent, ſi non Maria precibus ſuſtarentur.* E nãõ experimentarmos huma universal deſgraça em todo o creado, he favor eſpecial do Livramento deſta Senhora immaculada: nãõ particularizo por hora eſta materia, porque quero, primeyro que adiantemos o penſamento, proſeguir o meſmo paſſo, que ainda nãõ acabamos de ponderar.

Si inveni gratiam in oculis tuis, da mihi populum pro quo obsecro. Já que achey graça em voſſos olhos, ſeja eſte o motivo de livrar o povo, dizia Eſther fallando com Aſſuero: & a immenſa graça que Maria achou, & de que foy prevenida em ſua Conceyçaõ, he tambem o motivo, que allega a Deos para livrar os homens; mas que he o que inclue eſte

S. Fulg.
in Mi-
tholog.

motivo, & qual o cabedal de graça, que encerra, para Maria conseguir o nosso livramento, pois he certo tem grande differença com o que representa Esther que supposto diziamos, & he opiniaõ de S. Joã Damasceno, São Gregorio Nicomedienfe, Santo Anselmo, S. Bernardino, & outros, q̃ assim como Assuero representava a Deos, assim a Rainha Esther representava a Rainha dos Anjos, naõ só por hũa, senaõ por muytas prerogativas; saõ com tudo estas muyto desiguaes, por serem as de Esther sumamente excedidas pelas de Maria.

O nome de Esther quer dizer a fermosa como a Lua: *Pulchra ut Luna*; & este he tambem o titulo de Maria, mas naõ he só fermosa como a Lua, senaõ como a Aurora, & como Sol. Esther entre todas foy a mais amada de Assuero: *Adamavit eam Rex plusquam omnes mulieres*. Maria como a bendita entre todas, foy a mais amada de Deos; mas com

hum amor tanto mayor, & mais perfeyto, quãto pôde fer o Divino em comparaçaõ do humano: Esther era Rainha de hũ Imperio, que supposto fosse grande, naõ se estendia a toda a terra; Maria he Rainha coroadada de todo o universo, & Senhora de todo o creado: Esther libertadora do seu povo; & Maria libertadora de todo o genero humano, no mesmo sentido, em q̃ he a sua Corredemptora. Finalmente Esther, & Maria ambas com graça: *Si inveni gratiam in oculis tuis*; mas Esther com a graça de hum Rey homem, Maria com a graça de hum Rey Deos; & bastando só esta differença para fer a graça de Maria incomparavelmente muyto mayor q̃ a de Esther, porque hũa era humana, & outra Divina; tem ainda outro mayor excessõ, a que Maria recebeo no primeyro instante de sua Conceyçaõ, para fer o motivo do nosso livramento; porque se naõ ha de comparar só cõ a graça humana, senaõ tambem

bem com a Divina; & assim como a graça de Esther, a respeito de Assuero, era mayor que a graça de todas aquellas, que o Rey amava; assim a graça de Maria no seu primeyro instante excede a graça de todas as mais creaturas, em q̄ Deos depositou o seu amor.

Isto he o que nos ensina a Theologia, & isto o que nos deyxou escrito David: *Fundamenta ejus in montibus sanctis.* Considerando David em Maria aquelle edificio sobre-humano, que havia de ser morada digna de Deos, & vaticinando como Profeta o primeyro instante de sua Conceyção, que foy a primeyra pedra desta fabrica sobrenatural, diz que os seus alicerces estavam fundados sobre os montes; & porque haõ de estar os alicerces desta soberana machina sobre os montes? Porque os montes de quem falla aqui o Profeta, são todas aquellas creaturas, que lograõ a graça de Deos, em que consiste toda a santidade, pela qual se le-

vantaõ as almas justas da terra, & se avizinham ao Ceo; & foy tanta a graça de que foy dotada Maria Santissima em sua Conceyçam, que he o principio, ou o alicerse deste edificio; foy taõ alto logo, & taõ subido o cumulo de perfeçoens desta purissima creatura, q̄ não ouve, nem no Ceo, ne na terra monte; quero dizer, não ouve santidade, nem perfeção nos Santos da terra, que são os homẽs justos, nem nos Santos do Ceo, que são os Anjos, a que esta Senhora não excedesse em sua Conceyçam, sendo a sua graça em numero muyto mayor que a graça de todos.

Porẽm como nem o todo se conhece senão pelas suas partes, nem o numero senão pelas suas unidades, q̄ cousa será ter Maria Santissima logo em sua Cõceyção mais graça que todos, entrando neste todo não só os homẽs todos, senão tambem todos os Anjos? Não ha duvida que a immensidade deste innumeravel numero excede

cede os mayores computos; & será taõ difficuloso de lhe tirar a soma, como de conhecer o grande cabedal com que a Senhora da Conceyção entrou no nosso livramento. O Santo Job querendo numerar os Anjos deyxou as contas em aberto, por ser tam excessivo o seu numero, que o naõ comprehende toda a

Job 25. Arismetica humana: *Numquid est numerus militum ejus?* Haverá por ventura quem reduza a numero aquella immensa multidam de Espiritos Angelicos? Naõ; porque, como affirma S. Dionysio Areopagita, saõ mais que todas as creaturas; mais que as estrellas no Ceo, & que as flores na terra; mais que as arvores nos montes, & que as plantas nos valles; mais que os homens que foraõ, saõ, & haõ de ser; & mais que todos os viventes, ou racionais, ou sem-razão, tanto assim, que dividido o mundo em partes, o mar em gotas, em areas as prayas, & o ar em atomos, sobre todo

este numero he o numero dos Anjos. Agora pois em caso que nem hum Anjo tivesse mais que hum grao de graça, excedendo Maria na sua santidade a multidão de todos estes Espiritos Angelicos, quanta seria a graça? seria sem medida? Naõ ha duvida; & he isto muyto? Ainda naõ he nada para o que he.

Os Anjos assim como se excedem huns aos outros nos dotes da natureza, assim se vaõ excedendo tambem nas perfeições da graça; & na mesma fórma, que os numeros crescem, & o dous excede a hum, o quatro a dous, & o yto a quatro; assim crescem, & assim se vaõ vencendo aquelles Espiritos entre si desde primeyro Anjo do infimo coro até o mais abrazado Serafim da suprema Hierarchia, & sendo tantos os Anjos, que excedem a todo o numero, & tãta a graça de cada hum computada desta sorte, toda ella he muyto menos que a graça de Maria no primeyro instante da

sua

sua Conceyção. Expliquemos mais, & seguindo o exemplo daquelle que para calcular a grandeza de hũ Gigante lhe tomou a medida a hum só dedo, reduzamos esta immensidade ao menos, que pôde ser, nam para a conhecermos, porque isso nos he impossivel, mas para admirarmos o que he.

Supponhamos que nam ha no primeyro Anjo mais que hum grau de graça, no segundo dous, & no terceiro quatro, & que nesta fórma se vão excedendo huns aos outros, que he a mesma fórma, em que huns, & outros, & todos ficão excedidos de Maria, & calculemos o limitado numero de trinta & dous: quantos graos de graça cuydamos que haverá no ultimo Anjo deste numero, tendo o primeyro hum, o segundo dous, & o terceiro quatro, procedendo nesta fórma de excessão até o ultimo? Computem bem o que monta de numeros, & acharão, que só neste limitado numero

se acham no ultimo Anjo destes trinta & dous duzentos & quatorze milhões setecentos, & quarenta & oytto mil trezentos, & setenta & quatro graos; pois se só em trinta & dous excedidos nesta fórma, & cõ a menor graça que o primeyro pôde ter, vem a sair taõ grande a soma; que soma não fairá subindo de hũ Anjo até milhões innumeraveis de Anjos, & não de hũ, mas de innumeraveis graos de graça sempre grandes, sempre mayores, sempre multiplicados, & sempre excedidos pela summa, pela immensa, & pela sem medida graça de Maria?

Supposto que bastava, o que está dito, não deyxemos de ajuntar a este excessão, com que Maria se avantejou, & ficou superior aos montes do Ceo, o excessão, & ventagens, que faz aos montes da terra, que são os Sãtos de todas as tres leys; ajuntemos Adão com noventa e cinco annos de aspera, & rigurosa penitencia; Abel com todos os mais innocen-

tes; a Enos, a Seth, ao extatico, & arrebatado Enoch, a Noè o mais justo, que naquelles tempos ouve no mundo; Abrahaõ, Isaac, & Jacob, que foraõ aquelles tres mirosos de Deos; & não fique de fóra, nem Job, nem Melchisedech, q̄ he tudo o que mais avultou na ley da Natureza. Na ley Escrita ajuntemos a Moyses, Josue, Gedeão, Samtiel, & aquelle grande homem, & grande Rey David, & venhaõ com elle os dous successores, que foraõ a excepção dos Reys, Josias, & Ezechias; venha Elias, Jeremias, Ezechiel, Daniel, Judas, Eleazaro com todos os Macabeos, & aquelles altos montes, que foraõ mais proximos á Cõceyção, Joachim, Anna, & Joseph o Esposo da Virgem.

Na Ley da Graça ajuntemos hum, & outro Joaõ, o Precursor, & o Euangelista; Pedro, & Paulo, hum homem sobre todos os homens da terra, outro homẽ, que foy, & veyo lá do terceyro Ceo; ajuntemos as

Magdalenas com todas as suas lagrimas, os Agostinhos, os Bernardos, os Marcarios, os Arsenios, os Domingos, os Franciscos, os Ignacios, os Antonios, os Xavieres, as Monicas, as Catharinas, as Claras, & hũa Teresa, nome, & coração singular no agrado de seu Divino Esposo; em fim ajuntemos os Patriarcas, os Profetas, os Apostolos, os Martyres, os Confessores, as Virgẽs, & todos aquelles Justos, que ouve do principio do mundo até agora, & ha de haver de agora até o mundo se acabar; & ponderemos a que altura de graça não subiraõ todos estes montes; pois sobre toda ella he a graça de Maria: *Si inveni gratiam*; & que sendo tanta, toda ella empenhe para livrar os homens: *Da mihi populum!* Oh homẽs felicissimos! oh bema Ventura das creaturas!

Agora perguntará a nossa devoção, que he o que faz Deos á vista deste empenho? Que he o que faz Maria com tantos impulsos

fos da graça? Nòs com grãde dita nossa o experimentamos: Deos moderando todos aquelles rigores, que justamente podia usar contra nòs; Maria solicitando com tanto cuydado o nosso livramento, como se ella fosse a que mais necessitasse delle. Antes de ser concebida esta purissima creatura, quem poderá cõtार os castigos, que a Divina Justiça executou no mundo? depois de concebida, & apparecer diante do Divino agrado, quem poderá numerar as misericórdias, que usa com os homens?

Pareceme neste caso, que estou vendo Assuero na fórma, que o descreve a Escritura antes, & depois de apparecer Esther: antes, quando fulminou a sentença contra os Hebreos, todo accefo em iras, todo arden-do em chaminas, eram os dous olhos duas officinas, em que se forjavaõ muytos rayos; & todo o rosto era hum Veiuvio, & hũ Mongibello de incendios: *Erat-*

que terribilis aspectu; cum- Esther
que elevasset faciem, & ar- cap. 15.
dentibus oculis furorem pe-
toris indicasset. Porẽm de-
pois que appareceo Esther,
todo pacifico, todo brando,
& todo piedades: *Spiritum*
regis in mansuetudinẽ, por-
que lhe não ficou acção li-
vre para o castigo; depois
de ver a Esther: mas assim
como Esther privilegiada da
ley atou as mãos de Assue-
ro; assim Maria izenta do
peccado ata, & prende as
mãos a Deos, para não usar
os rigores, que costumava,
que senão fora Deos immu-
tavel, poderamos dizer que
era outro hoje, do que foy
antigamente: antigamentẽ
o Deos das vinganças li-
vremente executadas; hoje
com as mãos presas para a
justiça, porque já se acabá-
rão aquellas vinganças.

Esta grande diversidade
foy aquella, que ponderou
já David no Psalmo noventa
& nove. Entra o Profeta
Rey neste Psalmo, & a grã-
des vozes começa a exclamar:
Deus ultionum Domi-
nus, Deus ultionum liberẽ

egit. Homens sem temor adverti, que Deos he o Deos das vinganças, & que sempre obrou livremente, sem haver, quem lhas pudesse impedir. E que novidade nos diz aqui David, se a todos era patete, o que Deos podia obrar, & que ninguẽ podia impedir as suas execuções? A novidade toda está nos termos por onde se explica, *liberè egit.* Deos he, o que sempre obrou livremente nos castigos: obrou, & já não obra? Obrou antigamente, obrou de preterito, & não obra agora, não obra de presente? Não; porque appareceo Maria toda pura, & toda immaculada empenhando toda a sua graça no nosso livramento, & atãdo as mãos a Deos, para que não proceda com aquelle rigor antigo nas suas execuções.

David como Profeta, & tão grande Profeta conhecia todos os tempos passados, presentes, & futuros, & vendo a diversidade de huns a outros, conhecia, o que Deos obrava, & o que

deyxava de obrar: se olhava para o passado, via o Paraíso perdido, & a todo o genero humano condemnado á morte por hum só peccado; ao mundo todo alagado no diluvio; via a sua nação assolada tantas vezes, & cativa; cativa no Egypto, cativa em Babylonia, cativa nos Assyrios; se olhava para o presente, via a terra assolada, & destruida com peste, fome, & guerra, que foraõ as tres pragas do seu tempo, & isto por menos culpas, do que hoje se cõmettem; porẽm se olhava para o futuro, & punha os olhos naquelle principio de toda a nossa felicidade, que foy o primeyro instante, em q̃ Deos já escolhia esta grande Menina para Mãy sua, via tudo pelo contrario, via que cessavaõ todos os rigores, via que o Deos das vinganças era o Deos das misericordias, via finalmente o que havia de dizer S. Bernardo, que havia de fazer Maria quanto quizesse de Deos: *Cum de Deo pro nobis*

bis facias quidquid tuæ placuerit voluntati. E per isso combinando tempos com tempos concluía , que as vinganças de Deos só eraõ no tempo passado , porque apparecendo Maria, logo no primeyro instante acabavaõ os rigores, & começavão as piedades ; assim o explica Santo Antonio: *Qua apparente subtrahit se Deus a flagellis intentis in peccatores.*

S. Anton. in opusculo. B. M. 38.

Destá sorte obra Deos em vendo a immaculada, & cheia de graça Maria Santissima: & como obrará Maria Santissima com toda aquella graça ? & que faráõ aquellas enchentes ? Já o disse. Obra, & corre ao nosso livramento com tanto cuydado , como se ella fosse a que o buscasse; são taes os impulsos daquela graça, q̃ o que nõs haviamos de fazer buscãdo folicitos a sua protecção , para nos vermos livres, & seguros, faz Maria como se fosse a mais necessitada do bem, que nos communica. A Pastora do livro dos Cantares he Ma-

ria verdadeiramente a Pastora do gado branco , porque todo o seu rebanho se veste de candura, & fallando o Divino Esposo dos peytos virginaes desta piedosissima, & amorosissima Mãy sua, & nossa, diz que são semelhantes a dous cabritinhos montezez ambos gemeos, & ambos filhos da mesma Mãy: *Duo ubera tua sicut duo hirculi capreae gemelli.* He esta comparaçam pastoril propria daquelle estylo, em que Salamaõ como Pegureyro do Carmelo compoz as suas eglogas.

Cant. 4.

Mas com ser Salamaõ o Author da poesia , não só parece pouco accommodada a semelhança , senão ainda contraria ao que quer dizer : os filhinhos são os que buscaõ os peytos, mas os peytos não buscaõ os filhinhos ; são os peytos como duas fontes , ou duas esponjas , que espremidos docemente vaõ destillando o licor com que sustentam a vida; donde da parte dos peytos está o leyte , que he o sustento , da parte dos filhos

lhos a fome, ou a sede impaciente, com que os buscão, & tiraõ por elles com ancia: pois se os affectos nos filhos são tam diversos, porque são os que buscão; seus effeytos nos peytos são tão contrarios, porque são os buscados; como nos diz Salamaõ, que os peytos da Senhora são semelhantes naõ aos que daõ sendo buscados, senaõ aos que buscaõ, & aos que recebem?

Por certo que senaõ podia exprimir, nem encarecer com mais admiravel antithese, & côtradicaõ o gofsto, a ancia, o desejo, & o disvelo, com que a Senhora nos communica os seus favores; para que vissemos que se os filhos sedentos, & famintos correndo, & saltando, como fazem aquellos animalinhos alegres, & brutinhos innocentes, buscão os peytos da Mãe com tanto gofsto, & ancia; muyto mayor he a ancia, & o gofsto com que a Mãe de Deos, & nossa nos busca, nos ampara, nos favorece, & li-

berta; & para que ninguem cuyde que esta he Maria em qualquer invocaçã, advirtam que propria, & particularmente o he no mysterio da Conceyçaõ; porque a Pastora de quem aqui falla Salamaõ, he a toda fermosa: *Tota pulchra es*; he a unica, & singular entre todas as creaturas: *Una est columba mea, amica mea, speciosa*: he a toda pura immaculada: *Et macula non est in te*; que são todos aquelles attributos proprios, & particulares, & aquelles titulos singularissimos, & muyto especiaes de Maria em sua Conceyçaõ, porque neste mais que em outro algum mysterio se obrigou a ampararnos, & a communicarnos aquelle cuydado solcito de ser a nossa libertadora, & a que toda se empenhaffe no nosso livramento.

Infinita materia feria esta, se eu agora quizesse descer ao particular deste cuydado, & singularizar as acções particulares deste livramento de Maria, porque

S. Bern.

que faltaria o tempo, & fo-
bejaria a materia. S. Bernar-
do fallando universalmente,
diz que tudo o que re-
cebemos da Divina libera-
lidade he ministrado pelas
mãos de Maria: *In tantum
enim Deus dilexit eam, ut
nihil nos habere voluerit,
quod per manus eius non
transiret.* E S. Germano di-
vidindo este universal em
tres especies, ou este todo
em tres partes, diz que o
favor especial, cõ que Ma-
ria nos livra, consiste em
tres admiraveis circumstan-
cias; a primeyra he, livrar-
nos do mundo para o Ceo,
& da terra para a gloria; a
segunda dos males para os
bens; a terceyra do pecca-
do para a graça: *Nullus est
qui salvus fiat ô Sanctissima,
nisi per te; nemo est qui libe-
retur à malis, nisi per te; ne-
mo est cujus misereatur gra-
tia, nisi per te.* Se quizermos
passar do cativeyro do pec-
cado para a liberdade da
graça; da oppressão dos ma-
les para a felicidade dos
bens, & das inclemencias
da terra para as delicias do

S. Ger-
man.

Ceo, Maria he, a que com a
sua intercessão nos facilita
a graça, Maria he, a que cõ
a sua protecção nos segura
os bñs, & Maria, a que com
o seu patrocínio nos alcan-
ça a gloria.

Vio David subir a Chri-
sto para o Ceo, mas tam-
bem vio, que o acompanha. *Psalms*
va Maria: *Surge Domine in* 131.
*requiem tuam tu, & arca
sanctificationis tue.* Porque
Christo como Senhor da
gloria he, o que nos abre as
portas da Bemaventuran-
ça; Maria, como poderosí-
sima intercessora, he, a que
nos facilita a entrada, &
esta he a que temos segura,
recorrendo como devemos
ao seu patrocínio. E que
descuydo será o nosso, se
nos naõ aproveytarmos de
tam solícito cuydado? He o
mundo aquelle desterro, a-
onde suspira cativa a nossa
liberdade; he o Ceo aquella
Patria, aonde respira quie-
ta, & fofsegada a nossa fel-
cidade; pois que fazemos,
se devendo aquella ser a
nossa perpetua saudade por
aquellas ineffaveis delicias,

que lá nos esperão, vivemos no lugar, onde tudo são misérias, & desgraças, sem lembrança daquelle bẽ que lá nos aguarda, & sem defengano dos males, que cá nos affligem?

Bem sey, que para voar taõ alto nos impede a carga da nossa natureza oprimi- da pela culpa, a quem faltando a graça faltam tam- bem aquellas azas com que o espirito sobe a Deos; po- rêm tambem esta falta su- pre o cuydado de Maria, livrandonos da oppressão de nossos vicios; porque Maria he aquelle refrige- rio, ou orvalho do Ceo, que fecunda a secura, que o incendio da culpa costum- ma causar em hũa alma; dis-

*S. Petr. se-o S. Pedro Damiaõ: Re-
Dam. frigerium, & ros gratie
contra incentiva vitiorum.*

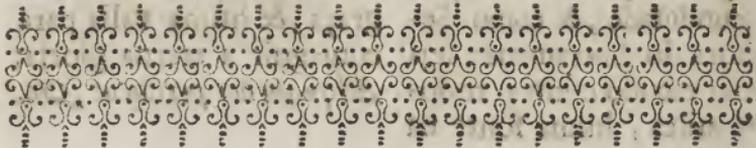
E como entre todos os ma- les que nos podem succe- der, o mayor mal de todos he o peccado, tambem Ma- ria he, a que como Medi- cina do Ceo nos livra dos males da terra; he pensa- mento de Saõ Joaõ Geome-

*tra: Medicina egritudinum
mstrararum.* Assim o devemos *S. Ioan.
Geom.* esperar todos desta piedo- sissima Senhora, & muyto em especial quem com tam- ternos affectos lhe tributa este culto, lhe consagra este applauso, & lhe dedica esta solemnidade. Oh ditosos affectos, que sendo tam- bem empregados, como saõ em hum mysterio de tanto a- grado para Maria Santissi- ma, como he o de sua pu- rissima Conceyção, no qual mais q̃ em todos se gloria, por ser o privilegio singu- larissimo a ninguem mais concedido; & em hũa invo- cação, em que tanto se mos- tra a piedade desta Mãe a- morosissima dos peccado- res; sendo, digo, estes affe- ctos tam- bem empregados, como saõ na Senhora da Conceyção, & Livramen- to, alcançarão que a mesma Senhora, como immaculada em sua Conceyção, mas já nella escolhida para Mãe: *Maria, de qua natus est JESUS*, não falte com a suc- cessão a quem tanto vena- ra as suas prerogativas, &

os privilegios da mayor
fecundidade, & como Se-
nhora do Livramento seja
hum escudo contra todos
os males, huma fonte na

communicaçam de muyta
graça, & huma valia para
conseguir a eterna gloria:
Ad quam nos perducatur, &c.




S E R M A M
 D E
S. CAYETANO,
 Prègado na sua Igreja, anno de 1707.

*Querite primum Regnum Dei, & justitiam ejus,
& hæc omnia adjicientur vobis. Matth. 6.*


UM cuydado, & hum descuydado, he o tudo que se nos encomenda no Evangelho presente para conseguirmos o Ceo; & he o nada, que obramos na terra para alcançarmos a Bemaventurança. Trocamos tâto os termos ao q̄ devemos, & não devemos procurar, que o q̄ havia de ser cuidado, he esquecimento, o que havia de ser esquecimêto, he disvelo. Eu me explico. Encomenda Christo neste Evangelho, que o nosso primeyro cuydado seja buscar os bês do Ceo: *Querite primum regnum Dei.* E porque os bens da terra não merecem as nossas diligencias, nos adverte, que nenhum desles nos deve levar as atençaens, porque fica por conta da sua Providencia o que

que ha de ser, nollo provi-
nimento: *Hec omnia adjici-
entur vobis.* De sorte que
fendo a mesma Providen-
cia Divina, a que ordena-
damente dispoem, o que
pertence á vida, & o que
convem á salvaçõ; para-
que o cuydado da vida não
embaraçasse os meys da
salvaçõ, decretou que o re-
medio da vida correffe por
sua conta, & que por nossa
diligencia ajudada da sua
graça correffe a materia da
salvaçõ.

Mas quantos são os que
seguem este dictame, &
quantos, os que não encõ-
trão esta disposiçõ? Para o
que pertence ao Ceo, dor-
mindo, & sem acordo; para
o que pertence á terra, ve-
lando, & desvelados. Suc-
cede nesta materia a quasi
todos, o que succedeo a Ja-
cob. Em hũa occasiã vio o
Santo Patriarca hũa esca-
da, que chegava até o Ceo,
em outra se vio á braços cõ
o Anjo lutãdo: & que reso-
luçõ tomou Jacob ao pé
da escada com o Ceo á vis-
ta, & com Deos que o con-

vidava para a gloria? Como
se ouve com o Anjo na lu-
ta, & na contenda, que com
elle teve? Ao pé da escada
esleve Jacob dormindo to-
da a noyte; & com o Anjo
lutando, & contendendo a
noyte toda. Pois quando o
Ceo lança hũa escada a Ja-
cob para subir por ella; quã-
do Deos o chama, quando
os Anjos lhe assistem, & so-
licitos o guião para a Bem-
aventurança, então se des-
cuyda Jacob, então descan-
sa, & dorme? quando se vê
em braços com hum Anjo,
então cansa, sua, & trabalha
hũa noyte inteyra, & ain-
da com nova resoluçõ de-
termina continuar a con-
tenda até conseguir o que
pertendia? Sim; & porque?
Porque subir pela escada
era buscar a gloria do Ceo:
contender na luta era se-
gurar o morgado da terra,
diz o grande Abulente: *Nõ
dimittam te nisi benedixeris
mibi; id est, confitearis bene-
dicticnes Esau meas esse de
jure.* E esta he a razã? Ra-
zã não; sem-razã sim:
mas assim he: pois se pela
esca-

elcada se subia a hum Reyno, que ha de durar para sempre, aonde as felicidades são eternas, as riquezas immensas, o goſto ſem pezar, o alivio ſem pena, em fim tudo gloria, & iſto baſta para dizer tudo: ſe naquella luta o mayor premio a que podia aspirar Jacob eraõ quatro palmos de terra, & poucos rebanhos de ovelhas, & taõ poucas alfayas, como foraõ, as que depois levou a Egypto, que não paſſavaõ de humas pelles, hũas mantas, hũs pelotes de pano da ferra, hũas çamarras, & gualteyras, hũas eſcudelas de pao, & hũs tarros de cortiça, mas aindaque foſſem os theſouros de Creſſo, & todos os bens da terra, tudo iſſo era nada comparado cõ o Ceo: & por tão pouco, ſuar tanto; & por tanto, não obrar nada; trabalhar pelos nada da terra, dormir, & deſcançar, quando devia ſolicitar o tudo do Ceo? Sim; que iſſo he ſer homem, & obrar como homem: & ſuppoſto que em Jacob não foy de-

ſeyto, ſenão myſterio, em nõs he engano, he erro, & he cegueyra tão continua, & tão experimentada como ordinaria no mundo.

Porẽm quem havia de desfazer eſte engano, quẽ havia de emendar eſte erro, & alumiar eſta cegueyra enſinada já como doutrina pelos hereges, & praticada dos Chriſtãos por coſtume? Quem havia de moſtrar o verdadeyro modo de uſar da Divina Providencia, ſenão aquelle ſublime eſpirito, aquelle coraçam deſinteressado, aquelle imitador dos Apoſtolos, que ſervindo continuamente aos proximos nunca ſe achou digno de recompensa? aquelle não ſó exemplo, mas exemplar da pobreza Euangelica; aquelle; mas quem ferá aquelle? Vòs Sãtiſſimo Patriarca, vòs Cayetano Thianeo Illuſtriſſimo, Fundador da eſclarecida Familia dos Clerigos Regulares da Divina Providencia; vòs que naſceſtes neste mundo como prodigio grande da graça para cre-

credito da mesma Provi-
dencia, que andava mal a-
valiada, & por isso o que
melhor foubestes usar del-
la deixando tudo pelo Ceo,
para vos não faltar nada:
este foy o vosso instituto,
este o patrimonio grande,
que deyxastes a vossos Fi-
lhos, & este será tambem o

meu assumpto; que não po-
derey proseguir com acer-
to, sem que a vossa valia
empenhe a Mãe de Deos
Maria Santissima, & imma-
culada, de quem fostes tão
mimoso, para que nos al-
cance a graça.

Ave Maria.



*Querite primum Regnum Dei, & justitiam ejus,
& hæc omnia adjicientur vobis.*

DEyxar todo o cuyda-
do da terra, & bus-
car unicamente a Deos, foy
aquelle altissimo fim, a que
o grande Patriarca S. Caye-
tano singularmente dirigio
os elevados affectos do seu
coração; & se me não en-
gano, esta foy a causa da-
quelle singular, & inaudi-
to prodigio, que lhe succe-
deo. Fervorosamente occu-
pado em ternissimos affe-
ctos com Deos estava S.
Cayetano, quando com sua
ve violencia se lhe arran-
cou do peyto o coração, &
se vio visivelmente subir ao

Ceo. Se a materia nos per-
mittisse ponderar este pro-
digio, & o modo extraordi-
nario com que Deos nesta
ocasião conservou a este
seu grande servo, substitu-
indo, & suprimdo o mesmo
Deos a vida de Cayetano
na falta de todos os meyo-
& instrumentos della, &
côtra todas as disposições,
& causas da morte; só en-
tão se entenderia bem, quã-
do se comprehedesse a pro-
digiosa anatomia do corpo
humano; a dependencia, &
harmonia de todas as suas
partes; o artificio admira-
vel

vel com que occulta, & invisivelmente na officina de nossas entranhas estiam continuamente trabalhando os instrumentos, que nos sustentão, bebendo os alentos desta fonte, sem a qual não se podem conservar, nem durar os espiritos vitaes; mas como nam tratamos por hora dos prodigios, que Deos obrou em Cayetano, senão do muyto que Cayetano obrou por Deos; basta saber, que não tendo o seu coração nada na terra, por estar solto daquellas cadeas, que doce, posto que enganosamente, nos prendem, só podia voar para o Ceo, para se unir com o que singularmente desejava, que era a Deos; & só a Deos singularmente digo, porque este he o nome mais proprio para acção tão unica.

David, que foy tão valente no braço, como nos affectos, dizia de si que vivendo neste mundo fora muyto singular entre os mais:

Pfalm. Singulariter sum ego donec
140. transeam. E em que esteve

esta singularidade de David? por ventura no zelo, com que se expunha a todo o perigo por defender o povo? na paciencia, com que tolerava as injurias? na confiança, que punha no Ceo em todos os acontecimentos, & em outras mais virtudes, que exercitava? Não; porque dado caso, que todas juntas se não achassem em grao tão superior em outros, como se achavam em David; divididas porém se virão em todos aquelles Santos Patriarcas, Moysés, Josué, Gedeão, Jacob, & nos mais, q̄ venerarão as duas leys da Natureza, & Escrita. Pois em q̄ esteve esta singularidade? O mesmo David o dirá: *Quid Pfalm. mihi est in Celo, & à te quid 72. Volui super terram?* Esteve em que tudo o que não fosse Deos, era nada para David: a terra hum nada, & o Ceo outronada: a terra hū nada cá de bayxo; & o Ceo hū nada lá de cima; mas para David tudo nada, ou fosse o tudo do Ceo, ou o tudo da terra, porq̄ só a Deos que-ria;

ria ; & esta foy a sua singularidade, porque só esta he, a que podia ser.

Punha David os olhos naquelles grandes Santos da ley antiga, & supposto q̄ em todos estes admirava o heroyco das mais virtudes, & nellas, ainda que os excedesse, lhes ficava semelhante, não reconhecía esta izêção particular, pela qual ficava muyto diverso de todos, & por isso muito singular ; mas olhava David para o passado, que se olhasse para o futuro, & como Profeta puzesse os olhos em Cayetano, veria para credito da graça, & para asombro da natureza, o quanto lhe excedia Cayetano: & se David tirou a Cayetano o ser primeyro neste desapego; Cayetano tirou a David o ser unico: mas assim como David por esta prerogativa teve hum coração talhado pelo molde do coração de Deos; assim cortou Deos o de Cayetano pelas mesmas medidas, porque o que Deos quer de nós, isso queria Cayetano de Deos.

Te, & non tua, diz Santo Agostinho: *Te, & non tua*, diz S. Gregorio. Quer-nos Deos a nós, & não quer o nosso: os nossos bês, as nossas fortunas, as nossas felicidades, não são as que movem a vontade de Deos; nós sem outros bens, nós sem mais nada, somos o emprego do coração Divino: & para o coração de Cayetano não desdizer destas medidas, & não ficar fóra desta regra; dos bês que liberalmente lhe tinha dado o mesmo Deos, das fortunas que por seus talentos podia conseguir, das felicidades a que podia aspirar, de tudo abriu mão, tudo deyxou, porque *Deum, & non sua*, queria a Deos, & não queria mais nada.

Pareceme que todos julgão, que em não ter, & não querer nada o nosso Santo, obrou muyto: não ha duvida; porêm ainda isto não foy o mais: não só largou o que tinha, não só se reduzio a não querer nada, mas passando adiante chegou á ter menos que nada. *Inven-*

Senec.
Epist.
120.

tus est, qui aliquid concupisceret post omnia. Ouve quem depois de ter tudo, ainda desejou alguma cousa. Isto se disse de hũ Monarca, que se não contentou cõ hum só mundo, que dominava, porque ainda appetecia mais Imperios que reger; mas porque não deve ter o vicio mayor esfera, que a virtude; ouve pelo contrario quem para desempenho da mesma virtude, depois de não ter nada chegou a ter menos que nada; & foy Cayetano Santo. Aonde chegava a mais heroyca pobreza, que antes de São Cayetano a ensinar com seu exemplo se professou, era deyxar tudo, & não ter nada; isto he o que fizeram os espiritos mais resolutos, que pelos apertos da pobreza seguirão a Christo: porém S. Cayetano ainda fez mais; porque não só deyxou tudo, & ficou sem nada, por buscar a Christo, senão que a mais de não ter nada se adiantou o seu espirito. Quem deyxar tudo, & fica sem nada, ou isto seja

por resolução heroyca da virtude, ou por força da desgraça, ainda tem alguma cousa; & que será o que tẽ, quem não tem nada?

A esta duvida responderá aquelle feytor, ou Ministro da fazenda, de quem falla Christo por S. Lucas no Evangelho desta Domingo. Diz Christo que havia hum feytor, a quem por dar contas menos ajustadas tirou o Senhor do officio, & com elle lhe tirou tudo o q̃ tinha; porque alem do officio não tinha mais nada, & depois de despojado de tudo o que tinha, ficoulhe alguma cousa? Ficou: & que foy? Foy, ou trabalhar, ou pedir, ou furtar; porque estes foraõ os tres caminhos que lhe propoz a sua industria depois de não ter nada, para ter alguma cousa. De sorte que não tendo nada, ainda lhe ficou muyto, porque lhe ficou com que pudesse remediar a sua necessidade, & a sua pobreza, ou com o suor de seu rosto trabalhando, ou com o sangue nas faces pedindo, ou
sem

fem elle , porque se lhe não fazia a face vermelha furtando. Eu não reparo em q̄ este homem tendo tres modos de sustentar a vida, pedindo, trabalhando, & furtando , escolheffe o ultimo; porque em fim era homem, q̄ meneava a fazenda de seu Senhor: mas deyxando este modo illicito tão praticado entre os que sam de semelhante officio , & resumindome aos dous primeyros, em que sem culpa , antes cō grande merecimento se pōde sustentar a vida; estes são os que ficam , aos que nam tem nada, & com resolução heroyca deixáraõ tudo por amor de Christo , porque lhes fica poder trabalhar, & poder pedir.

Por seguir a Christo deixáraõ tudo os Apostolos; mas não deyxáraõ o trabalho de suas mãos para acudir com este subsidio á propria necessidade ; pois o grande Apostolo das Gentes S. Paulo se gloriava deste exercicio: *Argentum, & auram, aut vestem nullius concupiui, sicut ipse scitis;*

Al. 20.

quoniam ad quæ mihi opus erant, & his, qui mecum sunt, ministraverunt manus istæ.

Cujo exemplo seguirão depois os Paulos , os Antonios , os Hilariões , os Pacomios , & todos aquelles grandes homens, que antigamente povoáraõ os desertos da Palestina , da Tebaida , & do Egypto ; que supposto deyxáraõ tudo, não largáram esta industria, que veneramos canonizada por Santa. Por seguir a Christo deyxou tambem tudo hum Agostinho, hum Bernardo, hũ Domingos, hũ Ignacio, hũ Nolasco, & aquelle sobre todos pobre , & pobrissimo o Serafico Patriarca ; mas todos elles com louvavel resolução pedindo esmola tanto para exercicio da humildade propria, quanto da caridade alhea ; & não foy este modo de obrar pequena parte para serem collocados nos altares.

Tudo isto era virtude, & grande virtude nos mais Santos; mas perdoem hoje os mais Santos para glo-

ria de Cayetano; que se elle se contentáraõ só com o mais grande, Cayetano aspirou ao mais heroyco, & até dos meyoos que nos mais eram perfeçãõ se privou, emulando mayores empregos a sua pobreza: *Amulamini charismata meliora;* porque nemo trabalhar, nẽ o pedir lhe era possível: trabalhar para sustentar-se, não; porque resignado todo na Providencia Divina, qualquer outra industria era contraria a esta total resignação; alem de' que o disvelo do culto Divino, & do bem do proximo nam lhe deyxava tempo livre para outro exercicio; continuo na assistencia aos Officios Sagrados, perpétuo no cõfessionario, nas Missões, & nos empestados: o Sol o deixava, quando se punha, á cabeceyra dos enfermos, & moribundos, & alli o tornava a achar, quando nascia: os dias inteyros se lhe gastavaõ em praticas pias, cõ que reformava a vida dos proximos. Pedir tambem não, porque lhe tapou a bo-

ca o seu Angelico Instituto, & como nem pedir, nem trabalhar podia, foy a sua pobreza a mais extrema, porque foy o seu nam ter menos que nada. Queremos agora prova deste desapego; queremos exemplo deste nada, & menos que nada? Pois não ha: porque foy S. Cayetano o primeyro exemplo, para ser o exemplar de todos.

Reparo que ensinando hoje Christo o mesmo, que depois praticou com sua vida o nosso grande Patriarca; ensinando, digo, a cõfiança na Divina Providencia, que consiste em largar todo o cuydado das cousas da terra, renunciando a industria toda de as procurar, o exemplo, que allegou, & que propoz a seus Discipulos, foy o das aves do ar, & o das flores do campo: *Respicite volatilia Cæli, quoniam non serunt, neque metunt, neque congregant in horrea.* Olhay Discipulos, diz Christo, para as aves do ar, as quaes não semeaõ, nem segam: não lhes inter-

Math.
6.

interrompe o sono o cuydado da lavoura para lançar a semente á terra ; nem as molesta o calor do Estio na fega para prouer os celheiros: *Considerate lilia agri, quomodo crescunt, non laborant, neque nent.* Ponde os olhos nas flores do campo, que sem fiar, nem tecer se vestem da melhor primavera, que nunca cortou no mundo o mais rico Monarca: delle Salamaõ.

Neste modo de intimar a perfeição entra agora a minha duvida: Se Christo quer ensinar a seus Discipulos hũa virtude, & tam grande virtude, porque não busca nos homẽs, & em taõ grandes homẽs, como até alli tinha havido, o exemplo para a imitação ; & só o busca nas flores, & nas aves? Sey eu q̃a cada passo se nos propoem na Escritura por modelo a caridade de Moyses, a paciencia de Job, a Fé de Abrahão, a conformidade de Tobias, a obediencia de Isaac, a prudencia de Abigail, o zelo de Elias, & a constancia dos Ma-

cabeos, pois para todas estas virtudes ha exẽplo nos homens ; & não ha nos homẽs, senão nas aves, & nas flores o exemplo de huma confiança pura, & heroyca, qual hoje ensina Christo? Sim ; porque aindaque em todos aquelles Santos ouve muyto que fiar, & que confiar da Divina Providência ; aquelle total desapego das cousas da terra ; aquella exacta resoluçam de as procurar ; aquelle fechar da boca para não significar pedindo a sua necessidade, nunca se achou em outro fóra de Cayetano : elle he o que como ave do Paraíso, remontado todo da terra, não soube que cousa era industria para procurar o sustento ; elle o que como flor do campo nunca teve boca para pedir. Da Rosa ouve quem disse com metaphora poetica, que exhalava por boca de carmin suspiros de ouro : suspiros de amor ternissimo para com Deos ; suspiros de caridade ardẽte para com o proximo, que taõ o ouro mais puro da

piedade Christã , & Religiosa, se ouviaõ continuamente da boca de Cayetano; mas pedir nunca se ouvio.

Porẽm se me instarem os que tem noticia da vida do nosso Santo que tambem pedio : digo , que sim ; mas que pedio ? Pedio que lhe não dessem. Em Napoles quiz o Conde de Opido cõ piedade discreta , mas com discursõ muyto encontrado aos dictames de Cayetano , que aceytasse hũas rendas para sustento dos seus Religiosos:pediolhe o Santo que tal não intentasse, porque era cõtra o seu Instituto ; & vendo que instava o Conde com caridade importuna, fechou o Convento , & fugio. Em Verona lhe assistia o Bispo daquela Cidade com largueza ao seu sustento , & dos mais companheyros , que incansavelmente trabalhavaõ no bem das almas ; pediolhe que tratasse de coartar a sua liberalidade ; & temendo este zeloso Prelado , que se continuasse, fu-

guria Cayetano , emendou a sua virtude. Ha tal resoluçaõ de Cayetano? Ha tal desapego? Deyxar tudo, não ter nada , & menos que nada , porque nem pedir podia ; & agora pedir, mas pedir que lhe não dem, & reduzir-se com isto à mais extrema pobreza? Parece-me, que com isto quiz o nosso Santo empobrecer tambem os seus Prégadores, para não terem com que provar o heroyco das suas acções, por ser tam unico nellas, que nos não deyxou paralelo para os seus elogios: eu assim o confesso, pois não ha por onde correr, nem discorrer, & só ha muito com que nos suspender, & admirar : mas já que Sam Cayetano adelgaçou tanto os primores de seu elevado espirito , tenha paciencia, se afinarmos hum pouco o discursõ examinando o fim, & o motivo , que teve neste modo tão extraordinario de obrar.

Não hũa , senão muytas são as razões , que me occorrem á vista desta resoluçaõ,

lução, teria o nosso Santo todas fundadas na sua vir- tude, & na sua inclinação; a primeyra, porque quiz experimentar o quâto mor- tifica pedir, & o quanto cu- sta não receber. Deyxar tu- do, como fez Cayetano, & como fizerão os mais San- tos, supposto que seja acção grande, he ainda muyto menos que o pedir; assim o ponderou o mayor enge- nho dos pulpitos, que quasi começou, & acabou com o seculo passado: & a razam aponta elle: porque deyxar he grandeza; pedir he su- geyção: deyxar he despre- zar; pedir he desprezar-se: deyxar he abrir as mãos proprias; pedir he beijar as alheas: deyxar he comprar- se; porque quem deyxar li- vrase: pedir he vender-se; porque quem pede cativa- se: deyxar he acção de quem não tem: & quanto vay de não ter a ter, tanto vay de deyxar a pedir. Estas são as suas razoens, & tam- bém ponderadas como suas: po- rêm se ao pedir acrescen-

tamos a repulsa de não re- ceber, ainda isto he cousa, que mais custa; porque se no pedir ha huma grande mortificação, em não rece- ber ha outra mayor.

Entra Christo no Horto a fazer huma petição a seu Eterno Pay, & os effeytos della foram tristezas, an- cias, & angustias: *Cæpit Je- sus pavere, & tædere*: con- tinua por diante, & quando finalmente experimentou o que já sabia, que era não ter despacho, porque assim es- tava determinado por de- creto Divino, que he o que sentio: *Factus est sudor ejus tamquam guttæ sanguinis decurrentis in terram*, foy tal a violencia desta nega- ção; foy tanto o que lhe cu- stou esta repulsa, que che- gou a suar gotas de sangue. A tanto como isto chega o pedir, & não alcançar, que o sangue que costuma acu- dir ás faces quando se pe- de, rebenta fôra das veas quando se nega: porêm a- inda chega a mais no sentir de Job esta mortificação: *Abstulisti quasi ventus desi-*

Luc. 22

Ibid.

Job 30

derium meum, nunc autem marcescit in memetipso anima mea. Vês Senhor me não concedestes o que pedia, & por esta causa se me está secando esta alma dentro em mim mesmo. De sorte que he tal a mortificação do pedir, & não receber, que ou ha de custar gotas de sangue, ou desmayos da alma; & para se formar hũa quinta essencia da pena, aqui se destilaõ da alma os alentos, & do coração o sangue.

Etudo isto he o que quiz voluntariamente experimentar Cayetano como o seu modo de pedir: porque pedindo que lhe não dessem esmola, na petição destilou o peço o sangue; & na negação, que pertendia, apurou a alma o sofrimento: se pedisse para receber esmola, remediava a necessidade com o dispendio de se envergonhar; mas pedindo para não receber, padecia a vergonha, sem a necessidade de achar o remedio: porque quem pede que lhe dem esmola, a cepta o

que custa o pedir pelo que tem de remedio; quem pede para lhe não darem, toma o remedio pelo que tem de custoso: quem pede para receber, faz da necessidade virtude, porque pela virtude da humildade acha remedio ao que padece: quem pede, que lhe não dê, faz da virtude necessidade, porque sem remediar o que padece, exercita a mayor virtude: quem pede, ainda que pede com o risco de lhe negarem, sempre leva a esperança de lhe concederê, & com a esperança de receber suaviza o desabrido do pedir: S. Cayetano buscou tal modo de pedir, que lhe ficasse impossivel o esperar; porque ou quizessem, ou não quizessem, sempre lhe haviaõ de negar: porque se lhe davaõ o que pedia, negavaõ-lhe a esmola, se lhe davaõ a esmola, negavaõ-lhe o que pedia.

Mas não disse bem: nam foy assim; porque este modo de pedir não dizia bem com a sua inclinação: desejava São Cayetano tanto o me-

merecimento dos proximos, que para estes terem sempre que merecer enge-nhou a sua caridade hum modo de pedir, que nunca lhe pudessem negar; & ou concedendo, ou não concedendo o que pedia, sempre a caridade alhea tivesse o seu merecimento; & esta he a segunda razaõ, que considero neste modo tam extraordinario, com que pedio São Cayetano; & por isso pedio que lhe não dessem; porque se lhe davam a esmola, usavaõ com elle de caridade; se lhe não davam, usavaõ de compayxam, & sempre com merecimento.

Os pobres, ou sejaõ de espirito, como sam todos, os que deyxáraõ tudo por amor de Christo; ou sejam de corpo, como são todos, os que pedem por costume; ou sejaõ pobres, ou pedintes, sempre são para exercicio da nossa caridade; & para merecimento da nossa compayxam: porèm nem sempre a compayxaõ, & a caridade tem com estes po-

bres o seu exercicio, & o seu merecimento; porque se lhe damos esmola, merecemos, & se lhe não damos, não merecemos: o dar esmola he virtude, & o não dalla, posto que não seja sempre peccado, nam he virtude, & muytas vezes pode ser vicio: isto tem a pobreza dos mais, que a respeyto della podemos, & não podemos merecer: a pobreza de Cayetano nam foy assim; para que nunca a seu respeyto ouvesse vicio nos proximos, & sempre se exercitasse a virtude, pedio Cayetano, que lhe não dessem esmola, porque ou dando, ou negando, sempre se usava de misericordia: a esmola concedida a Cayetano era fruto da caridade, & commiseraçam, com que se acodia á sua necessidade: a esmola negada era fruto da piedade, & compayxaõ, com que se acodia ao que mais desejava; mas sempre com acio da misericordia, de quem são filhas legitimas estas virtudes.

Daqui entendo eu agora

a razão de chamarem a São Cayetano caçador das almas, porque lhes armou cõ tanta destreza, que nenhuma lhe podia escapar. O caçador perito o primeyro que observa he o caminho por onde lhe pòde escapar a preza, & este he, o que occupa a sua diligencia, para que lhe não escape. O caminho certo por onde as almas vão ao Ceo he o da caridade com os pobres, & o caminho certo por onde vão ao Inferno he o da falta da caridade: este, & não outro motivo se ha de allegar no dia do juizo para huns serem predestinados, & outros condenados: *Venite benedicti, quia dedistis.. Ite maledicti, quia non dedistis*. Porque dèstes, & não dèstes, dirá Christo, huns ireis para o Ceo, & outros para o Inferno: os que deraõ esmola, para a gloria; & os que a não deraõ, para a pena: & para que ninguem no dia do Juizo pudesse fer rero da pobreza de Cayetano, de tal sorte soube a sua destreza armar aos homẽs,

que no caminho do Ceo, para todos se salvarem, lhes armou com o laço da esmola não pedida, senão voluntaria: no caminho do Inferno para nenhuns se condenarem, lhes armou como laço de não darem esmola; porq̃ dando, & não dando, todos davaõ; hũa esmola, que se não pedia; outros a não esmola, que se pedia: & aqui verdadeiramente he que se cumprio aquella Profecia de Ozeas: *Traham eos in vinculis charitatis*: Que viria tempo em que os homens seriaõ prezos com os laços da caridade; porque os soube dispor S. Cayetano de sorte, que ninguem pudesse escapar, nem por hum, nem por outro caminho, porque a sua caridade em todos prendia.

A terceyra razaõ, que será tambem a ultima, por nos não dilatarmos mais, foy, porque renunciando desta sorte tudo o que podia receber, lhe não pudesse faltar nada: assim o experimentou, quando em Napoles

Matth.
25.

Osee
11.

poles começou hum Con-
vento sem dinheyro, nem
para o edificio, que era sum-
ptuoso, nem para os Reli-
giosos, que eram muytos;
& porque tinha humas ca-
sas, que por amor de Deos
lhe deraõ, podendo licita-
mente vendellas, para se a-
judar do preço, renun-
ciou-as em quem lhas tinha
dado; & desta sorte teve
com que levar adiante a o-
bra: considerou os gastos
do edificio, & o preço das
casas; & porque o preço
não chegava, renunciou o
preço que lhe davaõ para
ter com que edificar: este
modo de edificar tambem
não tem exemplo; porque
atè agora ninguem o fez;
mas tem doutrina, porque
assim o ensina Christo.

Qual será o homem, diz
Christo, que havendo de
levantar hum edificio, não
lance primeyro os compu-
tos aos gastos da obra para
medir o que tem, com a-
quillo de que necessita:

*Luc. 14. Quis enim ex vobis volens
turrim edificare, non prius
computat sumptus, qui ne-*

*cessarij sunt, si habeat ad per-
faciendum? E qual será o
Rey, que havendo de fazer
guerra, não faça primeyro
resenha da gente, que tem
para sair em campanha: Aut
quis Rex iturus committere
bellum adversus alium Re-
gem, non sedens prius cogi-
tat, si possit cum decem milli-
bus occurrere ei? E se isto he
o que se considera, & se de-
ve considerar prudente-
mente nos gastos do edifi-
cio, & no estipendio da mi-
licia; por tanto vay agora
a consequencia de Christo:
Sic ergo omnis ex vobis, qui
non renuntiat omnibus, que
possidet, non potest meus esse
Discipulus. Quem não re-
nunciar tudo o que tem,
não pôde ser meu Discipu-
lo.*

Ha tal consequencia? de
computar o que falta para
a torre, & o que falta para
o exercito, se ha de colli-
gir, que ha de renunciar
cada hũ o que tem? Quem
quer levantar o edificio, se
não tem materiaes para a
obra, que os ajunte; quem
quer fazer guerra se nam
tem

tem dinheiro para os soldados, que o busque, está bem; mas que renuncie o que tem? Sim: porque assim o ensina quem se não pôde enganar: & para que ha de renunciar o que tem? Para ter o que lhe he necessario. Diz Santo Agostinho: *Sumptus ad turrin edificandam, & decem millia bellantium nihil est aliud, quàm ut renuntiet quisque omnibus.* Para ter com que edificar a torre, & pagar aos soldados he que se ha de renunciar; porque o cabedal que possuido nam chega, renunciado sobeja; que estes são os milagres, que obra quem confia como deve na Divina Providencia.

E estes foram tambem os que obrou S. Cayetano, renunciando o que tinha para edificar tantos baluartes da Fé, quantos sam os Conventos da sua Religião Sagrada; & para alistar tantos soldados, quantos sam seus generosos Filhos, que continuamente estam fazendo guerra ao Infer-

no: como bom fundador soube computar os gastos, que se farião em tantas fortalezas firmíssimas, que são as muralhas da Igreja Catholica, & com os presidios que as defendem tam numerosos, como são os seus Religiosos, verdadeyros imitadores de seu Santissimo Patriarca, aos quaes nunca podem faltar as pagas, porque renunciando o que tem, & o que podem ter, tem consignadas nas rendas da Divina Providencia as melhores ajudas de custo tam certas, & tão seguras, que não faltam, nem podem faltar: quem as buscar em outra parte, não he muyto que experimente faltas; quem aqui as buscar, sempre as tem seguras: esta he a diversidade, que vay dos que confião na providencia humana, ou na Providencia Divina: para ficar bem, ou mal provido, basta confiar em si, ou confiar em Deos:

Psalm. 22. Dominus mihi regit, & nihil mihi deerit, dizia David: Deos he o que com sua

Pro-

Providencia me governa; & por isso nada me pôde faltar: mas se a David o governasse a providencia humana, que seria? Seria o contrario, porque tudo lhe faltaria.

He notavel o modo com que Christo instruiu a seus Discipulos quando os mandou fazer, o que fizeram sempre, & fazem hoje gloriosamente os Religiosos da Divina Providência, porque a instrucção que lhes deu quando os dedicou ao serviço dos proximos, & bem das almas, foy, que nenhuma cousa tivessem para provimento, nem para vestir, nem para o mais necessario, nem menos bolsa, ou dinheyro para o cõprarem: *Nolite possidere aurum, neque argentum, neque pecuniam in zonis vestris, non peram, neque duas tunicas.* Com este roteyro foraõ os Discipulos, prẽgãrãõ, fizeram prodigios, assistiram aos enfermos, tratãrãõ dos corpos, & das almas, curando, & convertendo a muytos, & quando

voltãrãõ lhes fez o Divino Mestre esta pergunta:

Quando misi vos sine sacculo, Luc. 22. & pera, numquid aliquid defuit vobis? Quando vos

mandey sem provimento, & alforje, faltouvos alguma cousa? *At illi dixerunt, Nihil.* E elles responderãõ: Nada Senhor. Assim havia de ser, porque em não levarem provimento, levãõ hum credito aberto na Divina Providencia.

Isto assim posto, que lhe diria o mesmo Divino Mestre a huns Discipulos tam bem providos sem subsidios humanos? *Dixit ergo eis: Sed nũc qui habet sacculum, Ibid. tollat similiter & peram.*

Pois anday outra vez, se quando vos mandey sem alforje, & bolsa nada vos faltou, agora levay bolsa, & alforje, & tratay de vos proverdes. Quem não repara nos diversos termos que agora usa Christo? Parece-me que em boa consequencia, o que lhe devia dizer, era: Supposto que quando fostes sem provimento nada vos faltou, da-
qui

qui por diante deveis ter sempre a mesma confiança na vossa pobreza, & na minha providencia: mas dizerlhe agora, que levem bolsa, & alforje? Sim; & porque? Porque queria Christo que os Discipulos, que até alli sem provimento não tinhaõ padecido faltas, porque a confiança em Deos era o seu viatico, as padecessem agora com o provimento, que levavaõ; porque na propria diligencia agenciárão os meyo de as padecerem, diz Sam Chrystostomo: *Et quidem quando nec calceamenta, nec zonam, nec baculum, nec æs, nullius passi sunt penuriam; ut autem marsupium concessit eis, & peram, esurire videntur, & sitire, & nuditatem pati.* Quando não leváraõ nada, tudo tiveraõ; quando se provêrão, tudo lhes faltou: para desta forte aprenderem a segurança que leva, quem se fia na Providencia Divina, para não padecer faltas: & como vay arriscado a soffrelas, quem se fia na sua in-

dustria, & que o alforje mais bem provido he o que se não leva, o que se não procura, & o que se deyxas: & não he o que se leva, o que se busca, & o que a nossa diligencia sollicita.

Este foy o modo com que São Cayetano se ouve com Deos na materia de sua providencia: & como se ouve a Divina Providencia com o nosso Santo? Tarde chegamos a este ponto; mas emendarey na brevidade deste discurso os erros do passado. *Hæc omnia adjicientur vobis.* A quem poem todo o cuydado na Divina Providencia, diz Christo, que tudo se lhe ha de acrescentar; & que ferá este tudo, que a Divina Providencia acrescentou a Cayetano? Será por ventura o mundo todo, ou tudo do mundo? Não; porque o ter, & dominar verdadeiramente o mundo, não he lograllo, nem possuillo, se não deyxallo, desprezallo, & não o ter, como diz São Paulo: *Nihil habentes, & omnia possidentes.* Nada te-

2. ad
Corint.
6.

mos,

mos, & tudo possuimos; & por isso possuimos, porque não temos; & tudo isto tinha já São Cayetano, quando se resolveo a largar todo o cuydado da terra, & buscar a Deos: *Querite primum Regnum Dei.* Pois que tudo he este? Digo senhores resolutamente para gloria de tam grande Patriarca, & tam grande Santo; que lhe deu Deos tudo o que deu aos mais Santos, & tudo o que não deu aos mais, & reservou só para si, que quem foy tam liberal com Deos, não havia de achar da parte de Deos menor correspondencia.

Deos não só predestinou aos Santos para a gloria, que haviam de lograr no Ceo, senão também para os beneficios, que haviaõ de obrar na terra: dõde vem que não só por si immediatamente, senão também por meyo dos mesmos Santos, que com especial providencia destinou para o nosso remedio, aco- de ás nossas necessidades;

& por causa deste paternal cuydado experimentamos com grande fortuna nossa aquella favoravel assistencia nas materias, que patrocina como particulares advogados nossos: mas como este patrocínio se não estende a todas ellas, fica proprio de cada hũ aquelle cuydado, que por privilegio especial lhe foy cõcedido. Isto he, o que nos deixou advertido S. Paulo, que no modo de obrar ordinario não concede Deos tudo a huns, mas que reparte os privilegios, que concede, como melhor lhe parece: *Dividens singulis prout vult*, & por isso nem todos obraõ os mesmos prodigios: *Numquid omnes virtutes? numquid omnes gratiam habent curationum?* E assim vemos que para os coxos, & aleyjados fez particular advogado a Santo Amaro; para os cegos, & tortos, que são peyores cegos ainda, a Santa Luzia; para os empestados a São Roque; para os venenados a São Bento; para os rudes,

Ad Corint. 12.

Ibid.

rudes, & faltos de entendimento, a Santo Agostinho; para as cousas perdidas a Santo Antonio; para resuscitar mortos a S Francisco Xavier: em fim assim foy repartindo a protecção por todos, que de cada hū fosse proprio acudir com o remedio a este, ou áquelle necessitado em particular.

Porém com Sam Cayetano não repartio assim, senão que ampliou tanto a sua protecção, que não ha miseria espiritual, ou corporal, q̄ se padeça, que não ache o remedio prompto na sua compayxaõ, & piedade. Do seu Emperador disse por encarecimento o Panegyrista Cortesão: *Et que divisa beatòs efficiunt, collecta tenes*: Que tinha Honorio recópiladas, & juntas em si todas aquellas excellencias, & prerogativas, que repartidas bastavão para fazerem a todos os mais gloriofos, & bema-fortunados: mas o que aqui foy lisonja, he em Cayetano verdade certa, & experimentada nos prodigios.

cõtinuõs, & nas maravilhas succedidas, de q̄ estaõ cheas as historias, como beneficiados os homẽs; que pudemos dizer sem encarecimento, que assim como a Moysés subdelegou Deos toda a sua omnipotencia, quando o constituiu Vice-Deos de Faraõ: *Ecce constitui te Deum Pharaonis*, assim a delegou também em Cayetano, se bem nelle com mayor extençãõ; porque se não limitáraõ a hum só Reyno, senão ao mundo todo as maravilhas; que a mesma Omnipotencia tem obrado, não fogeyra, mas obsequiosa á vontade de Cayetano, para ser o protector, & bemfeytor universal dos homẽs. Exod. 7.

Qual será o lugar em que se venera, que não appareção por gloriosos trofeos da sua piedade diante das suas imagens, como alampadas mais resplandecentes, os pês dos coxos, as mãos dos alcejados, os braços dos tolhidos, os olhos dos que receberão vista, as cadeas dos que conseguiraõ

raão liberdade, as amarras dos que escapáão dos naufragios, as mortalhas dos agonizantes, que ou nam consentio que morressem, ou depois de mortos fez q̄ resuscitassẽ: obrigando a mesma morte, que a innumeraveis enfermos que já mastigava, os não engolisse; ou engolidos já, como outra balea de Jonas, os vomitasse? E não he isto ser Cayetano hum compẽdio, em que se cifraõ as maravilhas de todos os mais, pois só elle obra, o que obráão os mayores homẽs, que veneramos? E não he isto concederlhe Deos todas aquellas excellencias, que repartio pelos outros? Porém ainda Deos se nam contentou com isto; porque lhe não deu só tudo, o que era prodigioso nos mais, senão que tambem lhe deu, o que a elles nam concedeo, & reservou só para si: & que excellencia será esta particular? Eu a direy.

Como obraõ os mais Santos os seus prodigios?

Obraõ os prodigios, quando devotamente lhe pedimos a sua protecção: para este effeyto achou a devoção Catholica os votos, as promessas, as romarias, as novenas, & todos aquelles modos, que religiosamente observamos nas nossas deprecações: de sorte que para reconhecimento do beneficio quer Deos, & que rem os Santos serem primeyro invocados, & que preceda a nossa petição ao seu favor; & só desta sorte experimentamos o seu patrocinio: assim obrava tambem Cayetano, para ter tudo o que tinham os mais; mas não obrava sempre assim: a muytos que totalmente ignoravam, quem era Cayetano, ou por falta de noticias, que nam tinhaõ, ou pelas não poderem ter por incapacidade, porque tinham totalmente perdido o uso dos sentidos, deu milagrosamente saude: a outros se offerceo para o seu remedio, quando mais descuidados estavaõ de invocarem o seu favor; & nif-

to digo eu que concedeo Deos a Cayetano; o que não concedeo aos mais, & reservou só para si; porque não esperou que lhe pedissem, mas remediou sem ser rogado.

Deos aindaque espera que lhe peçaõ, & a isso nos exhorta varias vezes: *Petite, & accipietis: pulsate, & aperietur vobis*, nem tudo o que nos dá he, porque nós lho pedimos; antes se computarmos os beneficios, que recebemos, serião raros os que nos concede, que não sejaõ effeitos da sua misericordia, sem que intervenha para elles a nossa rogativa, do que sejaõ aquelles, que impetrou a nossa petiçam. Esta era huma das grandezas, que David mais admirava na Divina misericordia:

Misericordia ejus præveniet me. A misericordia Divina he a que se anticipa, porque he Deos tam prompto ao nosso remedio, que aindaque nos manda pedir para nos despachar, nem sempre espera para conce-

der, senaõ que preoccupa com o seu remedio a nossa necessidade. Esta he a misericordia Divina: & esta he a piedade de Cayetano, socorrer sem ser rogada, ou invocada a sua protecção.

E o ser esta, & obrar nesta fórma ponderou já hum Historiador da sua vida; porque se he caridade, diz este Historiador, & compayxaõ Divina fazer bem, prevista só a necessidade das creaturas, sem attender ás petiçoens, & aos rogos; em Sam Cayetano he tambem agradecida a correspondencia. Recebeo neste mundo esmola, & beneficios dos homens, sem que abrisse a boca para pedir, ou solicitar a caridade alhea, publicando sim com rendimentos obsequiosos, o que sem pedir lhe davaõ: primoroso estylo, que sempre observam seus agradecidos filhos; & assim era bem, que para desempenho desta obrigação adiantasse o nosso Santo os favores, sem esperar que os soli-

Joan.
16.

Psalms.
58.

solicitasse, ou pertendesse a supplica: & se recebia de graça os subsídios sem pedir, tambem agora reparada de graça as mercês sem que lhas peçaõ.

Ah prodigioso Cayetano, que este he o mais accommodado titulo, que para gloria de Cayetano reconhece a minha devoção: prodigioso com tantas vètagens aos mais, como tem sempre mostrado em suas acções. Se eu agora começasse outro Sermaõ, que grande materia me daria o modo, com que obrou tantos prodigios em beneficio nosso! & não deyxaria de censurar o pouco, que os reconhecemos: mas como nunca o seu intento foy querer satisfazam dos homens, tambem tem motivos para não estranhar o nosso descuydo, por nam dizer ingravidam: & toda ella não será bastante, para que o seu coração nam seja sempre o mesmo; &

paraque a nossa confiança não tenha na sua benevolencia razoens para esperar, que continue os beneficios, assim para os devotos, que o rogarem, como para os descuydados, que se esquecerem: mas que poderemos nós pedir? Vòs Santissimo Patriarca sabeis muyto bem o de que todos necessitamos; & nós não acabamos de conhecer, o que devemos pedir, que por ventura será o que menos nos convem: donde resignados na vossa vontade representamos a nossa miseria, paraque tenha della compayxam a vossa piedade; que como he tam prompta em acudir, nam duvidamos, que conseguiremos, o que nos falta, empenhando vòs a vossa intercessão, que confessamos he grande valia para com Deos, paraque obrigado della nos conserve em sua graça, penhor da gloria, &c.

FINIS, LAUS DEO.



APPROVAÇOENS.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

POr mandado de V. Illustrissima vi este livro de Ser-
mões varios, prégados na India pelo M. Reveren-
do Padre Mestre Manoel de Sá, Religioso da Compa-
nhia de JESUS, & nelles não encontrey cousa alguma
contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes, antes muy-
to que admirar nelles, pois que no subido, & solido de
seus discursos bem nos mostra ser humdos grandes en-
genhos que ennobrece a Companhia de JESUS. Este he
o meu parecer, V. Illustrissima disporá o que for servi-
do. Carmo de Lisboa 30. de Mayo de 1709.

Fr. Manoel da Esperança.



ILLUSTRISSIMO SENHOR.

POr mandado de V. Illustrissima vi este livro de Ser-
mões varios, prégados pelo M. Reverendo Padre
Mestre Manoel de Sá, Religioso da Sagrada Companhia
de JESUS, & nelle não acho cousa alguma, que se oppo-
nha aos bons costumes, nem á verdade de nossa Santa Fé
Catholica. Isto he o que sinto, salvo meliori, &c. Lisboa
Mosteyro de S. Anna 20. de Julho de 1709.

Fr. Manoel de S. Joseph, & S. Rosa.

LICENÇAS.

Vistas as informações, pode-se imprimir o livro de Sermões varios, de que trata esta petição, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa 23. de Julho de 1709.

*Haffe. Monteyro. Ribeyro. Rocha.
Fr. Encarnação. Barreto.*

Podem-se imprimir os Sermões de que trata a petição, & depois de impressos tornem para se dar licença que corraõ, & sem isso não correrãõ. Lisboa 2. de Agosto de 1709.

Bispo de Tagaste.

Que se possaõ imprimir vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impressos tornarãõ á Mesa para se conferir, & taxar, & sem isso nam correrãõ. Lisboa 7. de Agosto de 1709.

Oliveyra. Carneyro. Costa. Botelho.

Visto estar confôrme com o Original, pôde correr estes Sermoens. Lisboa 14. de Março de 1710.

*Moniz. Haffe. Monteiro. Ribeiro.
Rocha. Fr. Encarnação. Barreto.*

Pode correr. Lisboa 15. de Março de 1710.
Bispo de Tagaste.

TAxaõ este Livro, em trezentos reis. Lisboa 17. de Março de 1710.

Duque P. Oliveira. Lacerda. Costa. Andrade. Botelho.

LICENSING

1. The license shall be issued to the holder of the license for the purpose of the license.

2. The license shall be issued to the holder of the license for the purpose of the license.

3. The license shall be issued to the holder of the license for the purpose of the license.

4. The license shall be issued to the holder of the license for the purpose of the license.

5. The license shall be issued to the holder of the license for the purpose of the license.

6. The license shall be issued to the holder of the license for the purpose of the license.

7. The license shall be issued to the holder of the license for the purpose of the license.

ALPH 2144711
05-29915

17114
1712

GOA, INDIA

SÁ, Manoel de. *Sermões varios, prégados na India a diversos assumptos, & offercidos no primeyro sermão ao Senhor Cayetano de Mello de Castro, Viso-Rey, & Capitaõ Geral da India.* Ato. [8], 369, [2] pp. Woodcut Jesuit device on title page and numerous woodcut headpieces and initials. Contemporary ownership inscription on front fly-leaf. Contemporary calf, gilt spine, with table of contents pasted on front cover. Lisboa. A. Pedrozo Galraõ, 1710.

FIRST EDITION of this important collection of fifteen sermons held at Goa between 1687 and 1707, which include numerous relations to local Indian affairs. The tenth sermon is on Francisus Xavier that was delivered on the occasion of his election as "Defensor Indiae" in 1699. Father de Sá went to India in 1680 and later he became Patriarch of Ethiopia.

Innocencio VI, 100, 1262; Streit VI 117; DeBacker-Sommervogel VII, 354.

